



JÉSSICA ANITELLI

ELA E SUAS SEMELHANTES SÃO AS ÚNICAS
CAPAZES DE LIBERTAR O MAL

O
CONSELHO

Livro 3

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

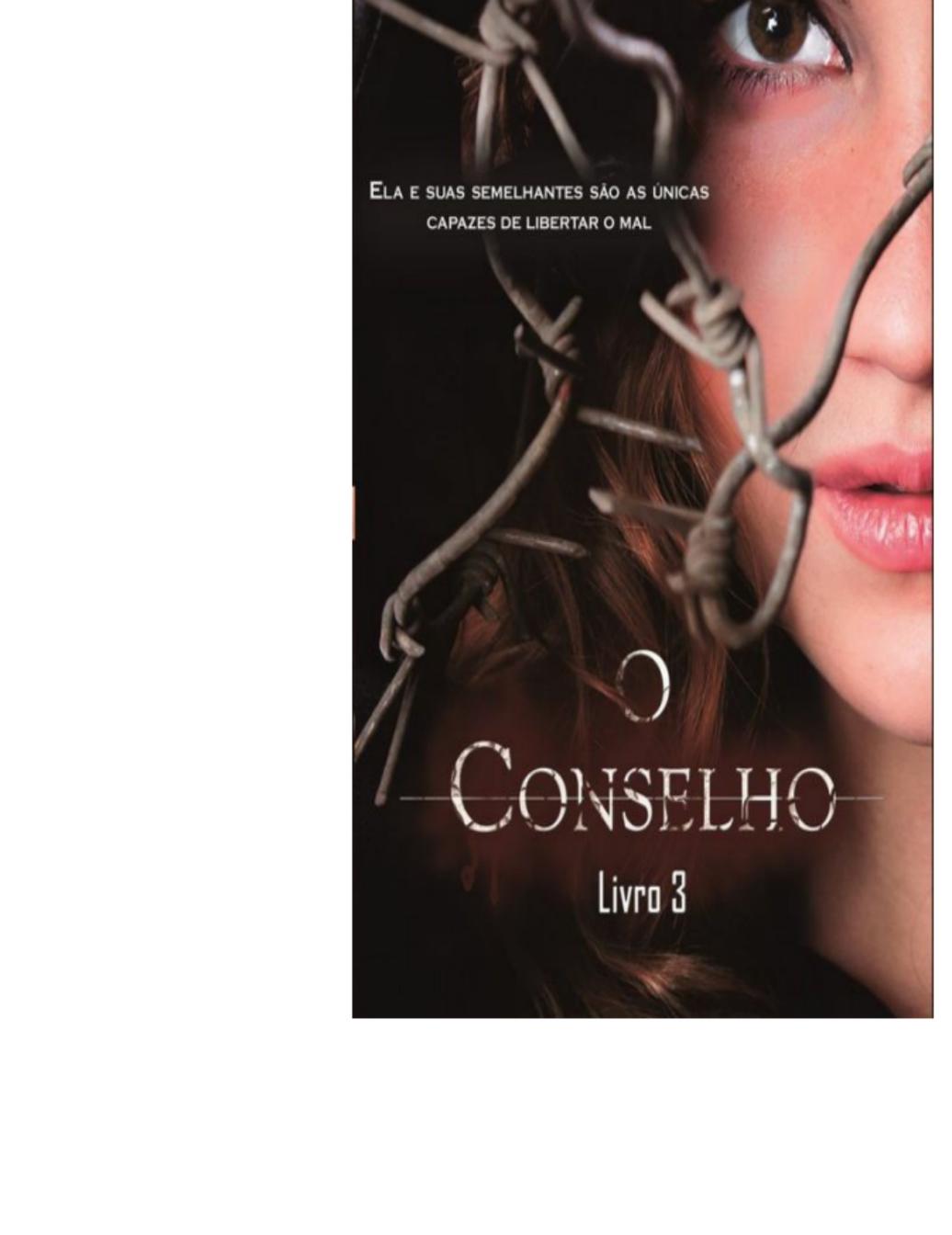
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



The book cover features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the right. Her face is partially obscured by several strands of grey, twisted barbed wire that crisscross the foreground. The background is dark, making the woman's skin and the wire stand out. The text is positioned in the upper and lower portions of the cover.

ELA E SUAS SEMELHANTES SÃO AS ÚNICAS
CAPAZES DE LIBERTAR O MAL

O
CONSELHO

Livro 3

O CONSELHO – LIVRO 3
JÉSSICA ANITELLI

Copyright © Jéssica Anitelli
Todos os direitos reservados
Edição Digital
- 2014 -

Capa: Livia Lorena
Revisão: Janaína Ogawa
Diagramação: Jéssica Anitelli

O Conselho

1ª edição

AVISO!

A obra *O Conselho* é cem por cento nacional, e seu compartilhamento em PDF ou em qualquer outro formato, tanto por e-mail quanto por grupos, não é autorizado pela autora. A distribuição gratuita não ajuda na divulgação, apenas prejudica o autor. O incentivo deve se dar por meio da compra do e-book, que está com preço acessível.

Antes de ler qualquer livro em PDF informe-se de como adquiri-lo legalmente, assim você está ajudando o autor a continuar com o seu trabalho e incentivando a literatura nacional para que cresça ainda mais.

A cópia parcial ou total dessa obra é proibida.

Diga não à pirataria!

Sumário

PARTE I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

PARTE II

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[A autora](#)

[Outras obras da autora disponíveis na Amazon:](#)

PARTE I
CAÇA ÀS BRUXAS

Capítulo 1

Seria um caminho sem volta? Será que retornaria para a sua cidade em breve? Realmente estava preparado para enfrentar o Conselho Internacional dos vampiros? Eram perguntas sem respostas, só conseguiria sanar suas dúvidas no momento em que estivesse lá, frente a frente com aqueles tidos como os mais poderosos do mundo. Por ser um vampiro de um pouco mais de 100 anos, não conhecia os membros do Conselho, responsáveis por todos os outros espalhados pelo mundo. A única coisa que sabia era que Miguel tinha contato com eles, no entanto, nem mesmo o líder brasileiro possuía tanta certeza assim de que poderiam sair vitoriosos. Tinham como parceiros os seres da noite mais fortes do país, mas infelizmente não poderiam levar todos e deixar suas terras desprotegidas, precisavam de gente no Brasil para garantir a segurança dos demais e até mesmo dos humanos, que não sabiam de nada.

Dias após a morte de Nelson, Augusto e Samantha deixavam a cidade de Leme e se encaminhavam para São Paulo. Nesse momento, o ex-líder do pequeno município do interior paulista conduzia o veículo que os levaria para o prédio do Conselho na região central da capital. Porém, antes de saírem de Leme, decidiu passar em um lugar. Precisava garantir alguma vantagem. Fazer o que Miguel havia lhe pedido meses atrás. Só que algo ainda o incomodava em relação às criaturas. Não sabia o que era, mas um mau pressentimento teimava em percorrê-lo.

O veículo foi estacionado na Rua Maria Aparecida Arrais Koch ao lado de uma escola. Logo que o casal desceu, encaminharam-se para a imagem de Nossa Senhora, localizada do outro lado da Avenida, em frente a uma rotatória. Graças à vegetação que encobria o local, ambos não eram vistos pelas poucas pessoas que passavam naquele horário. Quando pararam atrás da proteção de pedra, que mantinha a imagem em segurança, Augusto fez as presas crescerem e com elas perfurou a própria mão. Passou o sangue que começava a escorrer por uma das pedras em formato retangular. Segundos depois, um buraco se abriu. O vampiro pegou Samantha pela mão e colocou a outra dentro do espaço aberto. Logo em seguida materializaram-se em um túnel escuro, úmido e fétido. O caminho foi percorrido calmamente pelos vampiros. Após alguns minutos de caminhada, o túnel se alargou e tochas iluminaram o ambiente. No centro da sala circular avistava-se a pedra negra que foi usada para o ritual de Henrique. O casal andou até ela e se sentou, no instante seguinte cinco criaturas encapuzadas surgiram diante de seus olhos.

— Que bom que você voltou, Augusto — disse uma delas.

— Não sei se é bom, mas preciso perguntar algumas coisas — falou o vampiro se levantando para ficar no mesmo nível que os seres do submundo.

— Pode falar.

— Daqui a alguns meses, eu e mais alguns vampiros iremos à Inglaterra para tentar tomar posse do Conselho Internacional. Quero saber se tem como vocês nos ajudarem com isso e se consigo entrar em contato com vocês estando lá.

— Você quer muita coisa, não se esqueça de que tudo tem um preço.

— Não me esqueci e estou disposto a um acordo caso seja do interesse de vocês.

— É ótimo ouvir isso — a criatura sorriu mostrando os dentes pontiagudos. — Temos apenas um único pedido a fazer: queremos que você nos liberte do submundo.

Augusto estarreceu. Nunca pensou que aquela proposta seria jogada para a negociação. Engoliu em seco. Hesitou um pouco. Por fim, perguntou:

— Como eu faço isso?

— Causando sofrimento — respondeu outra criatura. — Precisamos que você proporcione esse sentimento aos humanos, com isso eles sentirão raiva, revolta, sede de vingança. E isso nos deixa mais fortes.

— Mas como vocês vão sair? Os humanos sofrem todos os dias e nem por isso vocês conseguiram deixar esse lugar.

— Você precisará da ajuda de outros seres. E além disso, você também precisará fazer com que o feitiço que absorve energia boa e nos mantém aqui não exista mais.

— Entendi perfeitamente tudo até esse ponto, contudo, como faço para acabar com esse feitiço?

— Ainda não sabemos exatamente, mas para tal tarefa precisaremos de humanos mágicos.

— O quê? — perguntou indignado. — Como assim não sabem? E onde vou arrumar um humano mágico?

— Iremos pesquisar. Volte daqui a três meses.

— Não posso ficar esperando a vontade de vocês. Precisamos partir para a Inglaterra.

— Se você quer nossa ajuda terá que esperar, e além do mais, você é um vampiro, tem todo o tempo do mundo.

— Tudo bem — bufou. Sabia que não adiantaria discutir com eles. — Volto daqui a três meses — olhou para Samantha dizendo com os olhos que iriam embora.

— Quando vier, nos traga alguns corações de recém-nascidos.

Augusto apenas meneou positivamente a cabeça e depois deixou o lugar acompanhado por Samantha. Ela ameaçou dizer algo, porém ele lhe tapou a boca e indicou com o dedo o próprio ouvido, sinal de que os seres do submundo ouviriam sua conversa. Quando se viram do lado de fora, atrás da imagem de Nossa Senhora, Samantha perguntou:

— Você realmente vai tentar trazê-los para esse lado?

— Ainda não sei, preciso falar com Miguel sobre isso.

— O que eles são capazes de fazer estando do lado de cá?

— Primeiro eles irão nos ajudar a tomar o Conselho, mas é o depois disso que me preocupa. Não sei quando eles foram presos no submundo e não sei o porquê exatamente. No entanto, sei que deve ter sido por alguma razão, e aposto que deve ser muito boa para que eles continuem trancafiados.

— Como você os descobriu?

— Eu sonhei com eles. Foi logo depois que Henrique morreu, acho que até no mesmo dia.

No sonho eu via essas criaturas e via também perfeitamente como chegar até elas. Na época não tinha a imagem da Santa, apenas uma caverna onde se localizava a entrada do túnel. Eu conseguia chegar até eles, mas eles não conseguiam sair, mesmo não havendo, literalmente, uma passagem lacrada.

— Mas então, por que foi colocada a Santa?

— Parece que o feitiço que os mantém presos começava a enfraquecer conforme os anos passavam. Foi aí que colocaram a Santa. Infelizmente nunca soube quem mandou colocá-la lá. Sobre a prisão das criaturas, também não sei exatamente o que aconteceu. Miguel contou-me algumas coisas, entretanto, não entrou em detalhes. Talvez ele fale algo hoje — fez uma pausa enquanto andavam em direção ao carro. — Foram os seres do submundo que me mandaram ir para a Europa alegando que eu conseguiria mais poder dessa forma, e realmente conheci Laurent, e graças a ele possui essa habilidade.

— Talvez eles já tivessem tudo planejado: a transformação de Nelson, a morte de Henrique, sua vontade de reviver seu irmão, e até o nascimento de Beatriz.

— E até sua traição — disse, completando a fala dela. Samantha desviou os olhos. — Já pensei sobre isso, só que desisti, não tem como ter certeza dessas coisas e quanto mais eu penso, mais raiva sinto. Só o fato de cogitar que eu fui usado como uma marionete por eles me deixa furioso. Vou conversar com o Miguel e ver o que ele acha. Com certeza sabe muito mais do que me contou sobre as criaturas já que é o vampiro mais antigo deste país.

Encaminharam-se para o veículo que rapidamente foi ligado e conduzido para a Rodovia Anhanguera, levando-os para São Paulo. A viagem foi rápida, demorou um pouco menos de três horas. Logo que entraram na Marginal Tietê o trânsito ficou lento, pois havia acontecido um acidente mais adiante. O vampiro respirou fundo e apoiou o cotovelo na janela. Como odiava aquela cidade. Na opinião de Augusto, os vampiros não deveriam viver em grandes centros metropolitanos, e sim isolados em pequenas cidades ou até na zona rural. Porém, Miguel teimava em permanecer com a sede do Conselho naquele lugar.

O tráfego ainda continuou lento, ficando livre após um longo tempo e afinal conseguiram

chegar ao destino desejado. Assim que deixaram o carro no estacionamento, o casal andou até o elevador, descendo, logo em seguida, no saguão do edifício do Conselho. No mesmo instante em que Augusto começou a caminhar, todos ali presentes se calaram para observá-lo passar. Já era do conhecimento da maioria dos vampiros a habilidade dele e a empreitada sem volta que estavam prestes a traçar. A poucos metros da recepção, avistou Breno e Anderson, vampiros que foram até Leme e retornaram com o rabinho entre as pernas. Os dois engoliram em seco com a aproximação dele. Augusto os fitou friamente e os cumprimentou com um leve movimento com a cabeça. Eles retribuíram e mais nada fizeram. Quando se aproximou da moça do balcão, avisou que Miguel o aguardava. Ela pediu para que esperasse um instante enquanto entrava em contato com ele. Samantha parou ao seu lado achando graça ao perceber o olhar de todos sobre eles. Via que Augusto não gostava nem um pouco daquilo. Ele realmente era um homem muito reservado. Cerca de um minuto depois, foram avisados de que poderiam subir, pois o líder do Conselho os aguardava. Direcionaram-se para o elevador com destino ao último andar.

Na imensa sala de reuniões onde entraram, com uma decoração escura e uma grande mesa retangular, viram Miguel e outros vampiros, todos pareciam esperar pela presença deles. Augusto cumprimentou a todos com um aceno de cabeça e acomodou-se em uma das várias cadeiras vazias, Samantha sentou-se ao seu lado.

— É bom vê-lo, Augusto — falou Miguel. O outro nada respondeu, apenas encarou o líder. — Com você aqui poderemos dar continuidade ao nosso plano.

— Antes de você me explicar como andam os preparativos, tenho uma informação e uma pergunta — disse Augusto. — Primeiro quero perguntar: o que você realmente sabe sobre as criaturas do submundo além daquilo que me contou meses atrás?

Miguel colocou uma mão no queixo e apoiou o cotovelo na mesa em uma pose pensativa, franziu o cenho e olhou para várias direções, como se estivesse vasculhando suas memórias em busca da resposta. Após alguns minutos falou:

— Já ouvi falar deles sim, só não me recordo exatamente o quê. Lembro que procurei não me meter nesse assunto, pois envolvia outros seres, e isso não tinha nada a ver com os vampiros. O que me lembro, vagamente, é que esses seres trouxeram alguns problemas para os humanos e que estavam atrapalhando o equilíbrio, como te disse. Mas por que a pergunta?

— Lembra que você me pediu para conversar com elas e perguntar sobre uma possível ajuda para a nossa empreitada pela Inglaterra? — Miguel confirmou com a cabeça. — Pois bem, não sei se existem outros, mas há um quinteto dessas criaturas presas em Leme, e foram elas que me ajudaram a trazer o Henrique de volta — explicou isso mais para os outros presentes do que para o próprio Miguel que já tinha ouvido aquela história. — Antes de vir para cá, passei lá e perguntei se eles poderiam nos ajudar com nossa missão na Europa. Disseram-me que sim, porém a moeda de troca seria a liberdade deles. Por isso perguntei novamente sobre tal assunto,

pois não possui conhecimento acerca dessas criaturas, só sei que com o apoio deles teremos uma grande vantagem.

— Como disse, não me envolvi nesse assunto na época, mas posso procurar informações sobre o tema — fez uma pausa para pensar. — Se não me engano eles estão presos por todo o país.

— Então existem mais?

— Creio que sim, porém não tenho certeza, preciso averiguar. Vou ver se consigo entrar em contato com alguma bruxa.

— Bruxa? — perguntou Samantha, incrédula.

— Sim — falou Miguel sorrindo. — Foram elas que os prenderam no submundo há muito tempo — fez outra pausa. — Acho que elas estão quase extintas, morreram quase todas quando aprisionaram aquelas criaturas. No máximo deve ter sobrado alguns descendentes, que é bem possível que nem saibam de seus próprios poderes.

— Então são as bruxas os humanos mágicos que eles citaram — falou ela pensativa. — Vai ser algo difícil encontrá-las? — indagou Samantha.

— Creio que sim, mas darei um jeito. Entrarei em contato com alguns conhecidos para ver o que descubro.

— Deve haver algumas delas em Leme, já que lá existem seres presos — comentou Açucena, pronunciando-se pela primeira vez.

— Você não conhece nenhuma? — perguntou Miguel fitando Augusto, este meneou negativamente a cabeça. — Vai ser um problema.

— As criaturas disseram que iriam pesquisar sobre como libertá-las. Provavelmente vão procurar pelas bruxas também — disse Augusto vasculhando os bolsos da calça e pegando um maço de cigarros.

— Você acha que eles conseguem fazer isso estando presos?

— Tenho certeza — acendeu um cigarro e deu uma tragada. — Eles conseguiram jogar uma maldição na família do Henrique estando lá embaixo. Talvez seja até fácil nos dar a localização de algumas bruxas.

— Se você diz isso, por mim tudo bem. Por hora vamos esperar o que as criaturas têm a nos dizer e só depois disso daremos continuidade ao plano — todos assentiram.

O líder do Conselho retirou do bolso da camisa uma chave que jogou para Augusto.

— Mandei preparar esse quarto para vocês. Fica no décimo andar. Podem ficar à vontade — Augusto agradeceu com um aceno. — Os outros podem se retirar, a reunião acabou por hoje.

Todos se levantaram e deixaram a sala. Enquanto saíam, Miguel colocou os cotovelos sobre a mesa e apoiou a cabeça nas mãos. O silêncio predominou por instantes ao seu redor,

entretanto, logo ouviu passos vindo em sua direção. Açucena parou ao lado e lhe acariciou os cabelos castanhos.

— Você está bem?

— Estou sim.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não adianta mentir para mim? Eu o conheço melhor que você mesmo — puxou os braços dele fazendo assim com que levantasse a cabeça e afastasse um pouco a cadeira da mesa para que ela sentasse em seu colo. — Não precisa mentir pra mim.

— Eu sei, me desculpa — beijou-a levemente. — É que esse negócio dos seres do submundo me deixou um pouco preocupado. Já tivemos problemas demais por causa deles antigamente.

— Por que você não contou a verdade para eles?

— Você quer que eu conte que essas criaturas estão no topo da cadeia alimentar? Não sei se é uma boa ideia.

— Eles não podem fazer nada contra nós, não é?

— Parece que não, mas e se eles descobrirem um jeito nesses anos que passaram lá embaixo? Será que vale a pena arriscar toda a nossa espécie para isso?

— Faz assim então: depois que conseguirmos reunir as bruxas, podemos perguntar sobre isso, elas devem saber de alguma coisa. Se não houver nenhum risco, nós os soltaremos, caso haja, partiremos para a Inglaterra sem eles.

— Você tem ideia de que eles seriam de grande ajuda?

— Eu sei, Miguel, mas vamos com calma, tudo bem? Não precisa ficar ansioso ou preocupado, vamos apenas esperar — beijou-o no pescoço. — Tenho certeza de que as coisas vão se encaminhar como devem ser.

— E lá vem você com suas premonições — sorriu para ela.

— Você esqueceu que sou uma delas também? — retribuiu o sorriso e o beijou calorosamente.

Capítulo 2

Augusto e Samantha se encaminharam para o quarto que Miguel indicara. Logo que entraram, depararam-se com uma grande cama de casal e móveis luxuosos. A vampira adorou aquilo. Andou pelo cômodo admirando a decoração toda em mogno. O tapete vinho combinava perfeitamente com a cor avermelhada do estofado de duas poltronas e com a cor da roupa de cama. Ela direcionou-se até uma mesa ao canto, na qual havia algumas bolsas de sangue. Pegou duas taças e as preencheu com o líquido. Com os objetos em mãos, caminhou até seu amado, que sentara-se em uma das poltronas e estendeu um para ele.

— Que cara é essa, Augusto? — perguntou sentando-se na poltrona ao lado.

— Você não percebeu? — respondeu, sorvendo um gole de sangue.

— Perceber o quê?

— O Miguel estava mentindo sobre as criaturas do submundo. Aposto que ele sabe muito mais do que nos falou.

— E como você sabe que ele estava mentindo?

— Pelo jeito dele. Por mais que Miguel seja o vampiro mais antigo desse país, ele ainda é muito jovem. Sei que na época em que ele nasceu, assim como na minha, não existia essa coisa de adolescente e jovem adulto. Contudo, com a modernidade, ele se encaixou nela. Ele é apenas um jovem com muitas responsabilidades. E quando eu perguntei sobre os seres do submundo, o olhar dele mudou.

— Acho que apenas você viu isso.

— A Açucena também percebeu. Apesar de achar que ela também conhece a história toda — passou as mãos pelos cabelos. — Não sei o que seria desse Conselho sem ela.

— Por que diz isso?

— O Miguel não é tão estável emocionalmente quanto aparenta ser. Ele é orgulhoso ao extremo, impulsivo e mimado — sorriu com esse último termo. — Quem o mantém sob controle é a índia, não o deixando cometer besteiras. Se não fosse ela, aposto que Miguel já teria invadido o Conselho Internacional há muitos anos sem ao menos ter um plano traçado.

— Não sabia que ele era desse jeito. Me pareceu ser tão centrado.

— Pois é. Às vezes acho que ele é pior que o Henrique — suspirou. — E agora tem aquele índio, o Caramuru. Nunca o tinha visto antes, só sabia que o Miguel o mantinha trancafiado, pois ele é, ou era, totalmente descontrolado — fez uma pausa para pensar. — Só espero que Açucena não morra nessa missão, senão aqueles dois vão acabar se matando e matando a todos nós.

— Pode-se dizer então que ela é o eixo de equilíbrio não só do Miguel e do Caramuru, como também de todo o Conselho?

— Sim — bebeu em um único gole o resto de sangue.

— Às vezes fico impressionada como você sempre consegue saber de tudo — colocou sua taça ainda pela metade sobre uma mesinha de centro e andou até Augusto.

— Não é que eu sei de tudo, eu apenas observo muito bem as coisas — assim que ela se aproximou, ele ficou em pé e a pegou pela cintura. Acariciou um pouco os longos cabelos negros dela antes de beijá-la. — Quer fazer alguma coisa hoje? Ainda temos um bom tempo antes da alvorada.

— Nossa! Quem é você e o que fez com o Augusto careta que eu conhecia? — riu do próprio comentário.

— Aquele imbecil morreu. Sou uma versão melhorada dele — sorriu.

— Estou vendo mesmo. E é bem melhor — beijou-o. — Vamos sair para conhecer alguns bares, faz tempo que não faço isso.

— E posso saber quando foi a última vez?

— Na década de 70, quando ainda era humana. Viajei ao Rio de Janeiro para fazer companhia a uma prima minha que tinha acabado de se casar, pois o marido dela ficaria alguns meses fora — olhou para cima e sorriu ao se recordar do passado. — Aquela cidade era maravilhosa naquela época.

— Era mesmo e ainda é. Quem sabe não te levo lá depois que toda essa história acabar. Falando sobre isso, você nunca me contou sobre sua vida humana. O que fazia? Como era?

— Muito me admira que você esteja interessado nisso — comentou impressionada. — Bem, eu nasci em Ribeirão Preto. Minha família não era rica, mas vivíamos bem. Passei a maior parte da minha vida lá, ajudando minha mãe com as tarefas de casa e cuidando do meu pai e dos meus dois irmãos. Nada de mais. Por incrível que pareça, eu era uma mulher como a sociedade mandava ser. Eu até cheguei a casar. Foi com um rapaz filho do dono de uma das maiores fazendas da região. Sabe como é, sempre fui linda e com isso consegui conquistar o moço — riu. — Minha vida de casada também foi a mesma coisa de sempre: cuidar da casa e do marido. Foi nessa época que conheci o Rio. Entretanto, com o passar dos anos, as coisas foram mudando para pior. Meu marido queria um filho e eu não engravidava. E como sempre a culpa era minha. Ele dizia que eu não queria lhe dar o filho varão que tanto desejava. Foi horrível. Mais alguns anos se passaram e cada vez mais ele me tratava com indiferença. Até que um dia ele não chegou para jantar. Com o avançar das horas, decidi me deitar. Fui acordada com ele abrindo violentamente a porta do quarto e entrando cambaleando de bêbado. Ele me puxou da cama e começou a dizer várias coisas, principalmente de eu não querer ter um filho. Depois disso me espancou — abaixou a cabeça e fitou os pés. Augusto a pegou pelo queixo e a fez olhar para ele. Beijou-lhe o nariz. Samantha respirou fundo para prosseguir. — Ele bateu muito em mim. E depois, ainda não

satisfeito, me jogou para fora da casa, só com a camisola no corpo. Falou que não queria me ver nunca mais, que eu era uma ingrata. Eu estava tão machucada que quase não conseguia andar. Me arrastei pela noite fria sem saber para onde ia, pois não me tinha restado nada. E só de pensar no que as pessoas falariam à respeito do ocorrido, me deixava ainda mais envergonhada. E foi nessa noite que conheci o Nelson. Ele disse que iria me ajudar, desde que eu concordasse em fazer o que ele pedisse. Não entendi de início, mas aceitei. Eu me encontrava em um estado tão deplorável, tanto física quanto psicologicamente, que qualquer coisa que me oferecessem eu aceitaria. Nelson me contou que era um vampiro e que procurava uma moça bonita para um trabalho e que eu era perfeita para aquilo. Como eu estava desolada, sem casa e sem marido, resolvi ir para Leme com ele. Bem, o resto da história você conhece.

— E então ele te mandou ir atrás de mim para me conquistar.

— Isso.

— Você foi muito imprudente. Eu poderia tê-la matado naquela noite. Era apenas uma humana.

— Eu sabia muito bem o que poderia acontecer. Ainda bem que você não me matou — acariciou o rosto dele. — Em vez disso você me amou muito naquela noite. E quando eu disse que queria ficar ao seu lado, você nem hesitou em me transformar.

— Eu sei. Você me encantou. E como poderia matar uma mulher tão linda? Acho que foi por isso que depois me isolei de você.

— Por isso o quê?

— Eu estava apaixonado, mas eu não queria aquilo. Não queria me sentir fraco e preso a um sentimento como esse.

— E lá vamos nós voltar a esse papo de novo — beijou-lhe o pescoço. — Não consigo ver problema algum em amar. É tão bom amar e ser amado.

— Só agora eu sei disso — encostou seu nariz ao dela e após alguns segundos se beijaram. — Bem, vamos parar de falar de passado. Nossas vidas humanas não merecem ser lembradas — deu-lhe o braço para que ela passasse o seu. — Nunca saímos juntos. Hoje eu vou lhe mostrar alguns lugares interessantes.

— E você conhece alguns lugares interessantes? — perguntou incrédula e enlaçando-lhe o braço.

— Por mais que eu seja reservado e indiferente em relação a algumas coisas, ainda sim precisava me divertir um pouco.

— Então o senhor vinha se divertir bem longe de casa, não é? — encarou-o com os olhos cerrados. — Aposto que pegava várias vagabundas nessas suas aventuras por São Paulo.

— Várias — riu.

— Então é verdade?

— Claro que não, Samantha. Talvez eu saísse com algumas no começo do século, mas eram sempre mulheres da elite. Só que depois eu parei com isso.

— E por que parou?

— O Conselho ficou mais rígido com a regra de não podermos manter contato com humanos. Até precisei matar uma humana que tinha engravidado de mim — fez uma pausa e acariciou a bochecha da vampira. — E também porque eu conheci você depois de um tempo — encostou seus lábios na testa dela. — Por mais que eu fosse insensível e frio com você, nunca a trai.

Samantha engoliu em seco. Aquilo era como uma facada em seu peito. Enquanto ele fora fiel todos esses anos — por pior que fosse seu jeito, ele ainda era fiel — ela o traiu várias vezes com Nelson. Isso sem contar quando saía para pegar qualquer homem que visse na frente, seduzindo-o apenas para se sentir desejada, pois Augusto a havia magoado. Respirou fundo e tentou não pensar naquilo. Estavam começando do zero e apenas isso importava. Deixaram o quarto e encaminharam-se para as ruas da capital paulista; a cidade que nunca dormia. Deveriam aproveitar o momento de folga, pois quando dessem início à empreitada de posse do Conselho, tudo ficaria muito mais sério do que agora.

Capítulo 3

Os três meses de espera pelo encontro com as criaturas do submundo se arrastaram. Augusto ficara impaciente, um defeito que nunca teve e que agora se impregnara nele. Miguel ainda entrou em contato com outros vampiros pelo país, no entanto, nenhum deles sabia onde encontrar uma bruxa — isso quando sabiam que elas existiam — e não conheciam ninguém que soubesse. Aquilo o frustrou. Queria tanto resolver esse problema logo e achá-las para dar continuidade aos seus planos... Mas pelo andar da carruagem, ainda demorariam muito para partir rumo à Inglaterra e finalmente dar o tão esperado golpe no Conselho Internacional.

Um dia antes de completar os três meses, Augusto informou Miguel de que no dia seguinte iria à Leme ao encontro das criaturas. O líder do Conselho avisou que iria junto, pois precisava perguntar algumas coisas a elas.

Logo que anoiteceu, os vampiros deixaram a sede, em um único carro, e se dirigiram para Leme. Ao volante foi Miguel e ao seu lado, Açucena. Augusto e Samantha ficaram no banco traseiro. Antes de saírem da capital paulista, pararam em um hospital próximo. Augusto foi o único que desceu do veículo e, usando sua velocidade, adentrou o lugar. Só parou quando encontrou um corredor deserto próximo às escadas. Apurou sua audição para algum choro de criança e conseguiu ouvi-lo. Fez uso mais uma vez de sua velocidade sobrenatural e encaminhou-se para o andar desejado. Alcançou mais um corredor vazio. Andou calmamente prestando muita atenção ao odor humano, notando apenas um. Antes de chegar até a sala que almejava, adentrou outra e abriu um pacotinho de papel pardo que encontrara sobre uma bancada, revelando assim alguns instrumentos cirúrgicos. Pegou o bisturi e o colocou no bolso da calça. Depois disso, aproximou-se sorrateiramente da porta de outra sala e a abriu. Dentro do cômodo encontrou uma jovem mulher responsável pela maternidade naquele horário. O vampiro não foi ouvido ou sequer percebido. A mulher não viu o que a atacou, apenas perdeu a consciência quando ele quebrou seu pescoço.

Augusto arrastou o corpo da jovem para fora e a levou para um quartinho onde ficavam os materiais de limpeza. Encostou a mulher na parede e antes de sair, cortou-lhe o pescoço com o bisturi e sorveu uma boa quantidade de sangue, sempre tomando cuidado para não manchar o rosto ou as roupas. Após a refeição, acomodou o objeto cortante na mão da vítima e se retirou. Retornou à sala na qual estavam alguns recém-nascidos. Não pensou muito, só apanhou o primeiro que viu. Enrolou-o na manta e saiu velozmente do prédio. Quando chegou aos fundos do hospital, colocou a criança no chão. Sem nenhum esforço, abriu o tórax dela com as mãos e retirou o pequeno órgão pulsante. Vasculhou os bolsos e encontrou um saco plástico onde o depositou. Por fim, enrolou o bebê morto e o jogou dentro de um saco de lixo próximo. Olhou ao

redor e avistou uma torneira não muito longe e aproveitou para lavar as mãos do sangue. Em poucos segundos já adentrava o carro. Miguel deu a partida e afastaram-se do local do crime.

O líder do Conselho não respeitava, nem por um instante, os limites de velocidade da rodovia. Com isso, chegaram à Leme em menos de duas horas. A saída que usaram os levou diretamente para a avenida na qual se localizava a imagem de Nossa Senhora. O carro foi estacionado em uma rua quase desabitada, pois de um lado havia um imenso terreno repleto de mato alto e árvores, e do outro, poucas casas. O quarteto desceu e caminhou até a imagem. Como Miguel nunca tinha ido até lá, Augusto tomou a frente. Com as presas, fez os cortes na mão e logo que o sangue começou a escorrer, passou-a sobre a proteção feita de pedras retangulares que mantinha a Santa segura. O buraco se formou em seguida. Ele indicou com a cabeça para que o líder colocasse a mão ali dentro. Miguel segurou Açucena pelo pulso e em poucos instantes os dois surgiram naquele túnel escuro, úmido e fétido. Não demorou muito para que Augusto e Samantha também aparecessem ao lado deles. O trajeto foi percorrido em silêncio e calmamente.

Quando o túnel começou a se alargar, Miguel sentiu-se um pouco nervoso, pois temia o que aquelas criaturas poderiam pedir ou fazer para que eles as libertassem. Respirou fundo para que aquele sentimento não transparecesse em sua face ou em suas atitudes. A sala circular apareceu diante dos olhos de todos. Augusto, que ia à frente, sentou-se na pedra negra e pediu para que os outros fizessem o mesmo que ele. Após se acomodarem, cinco criaturas encapuzadas, de corpos cadavéricos e que não possuíam pés para encostar no chão, se aproximaram. Augusto não esperou que falassem nada, apenas ficou em pé e entregou o coração para a que estava diante dele.

— Muito bem, Augusto — disse ela. Rasgou o saco e jogou o órgão para outro ser que, assim que o teve em mãos, enfiou-o garganta abaixo.

— Vocês descobriram alguma coisa? — perguntou o vampiro encarando friamente a criatura.

— Claro que descobrimos — virou a cabeça na direção do trio sentado sobre a pedra. — Peça que vocês se levantem.

Todos obedeceram. Os seres do submundo encostaram-se à pedra e a tocaram. A superfície se iluminou e o mapa do Brasil apareceu com todas as divisões de Estados. Uma das criaturas apoiou a unha sobre o Estado de São Paulo e assim apareceu a palavra Leme.

— Aqui é onde nós estamos presos — começou ela. Fez um leve movimento com o dedo e duas linhas saíram da palavra e começaram a percorrer o mapa, em sentidos opostos. Só cessaram o movimento quando se encontraram e com isso se viu um círculo.

Ao decorrer do círculo, mais cinco nomes de cidades apareceram: Camapuã no Mato Grosso do Sul; Feliz Natal em Mato Grosso; Centenário em Tocantins; Iraquara na Bahia e Baixo

Guandu no Espírito Santo. Em seguida, novas linhas começaram a traçar o mapa, saindo de cada município e se encaminhando a outro. Mais uma vez elas fizeram um desenho: agora de uma estrela de seis pontas que ligava cada uma das regiões.

— São nesses lugares que há mais de nós trancafiados — continuou a criatura. — Como vocês podem ver, todas as prisões estão ligadas uma na outra. Se alguma delas for aberta, isso quebrará a simetria do feitiço e as outras também se abrirão.

— Então quer dizer que teremos que libertar todos vocês? — perguntou Miguel já sabendo da resposta. Em confirmação, recebeu um largo sorriso daquele monstro. — Mas todos vocês irão nos ajudar? Até esses que estão em outros Estados?

— Pode ter certeza de que sim, líder do Conselho.

Miguel arqueou as sobrancelhas em sinal de surpresa pelo reconhecimento. Depois disso assentiu com um movimento de cabeça.

— E como fazemos para quebrar esse feitiço? — indagou Augusto.

— Só os humanos mágicos podem fazer isso. Ou como vocês gostam de chamar, as bruxas.

— E onde as encontraremos?

— Não há muitas delas. As que sobraram estão nesses mesmos municípios onde nossos semelhantes estão presos. Elas sempre ficam por perto, pois como o feitiço enfraquece com os anos, precisa assim de pessoas para reforçá-lo.

— Muito bem — Augusto deu mais uma olhada sobre o mapa para guardar os nomes das cidades. — Como nós conseguiremos reconhecer uma bruxa dentre os humanos? Eu, por exemplo, nunca encontrei uma e não sei se ela tem um odor diferente.

— Elas não têm um odor diferente — falou uma das criaturas.

Permaneceram em silêncio por instantes até Augusto se manifestar em tom elevado e furioso:

— Ahhhhhhh... Lógico que não tem! — Samantha o olhou espantada, nunca o vira sair do controle daquele jeito. — E posso saber como vamos diferenciar cada maldita bruxa dos humanos? Quem sabe talvez se matarmos a cada habitante dessas cidades, não é? Ou quem sabe mandarmos colocar um comercial na TV pedindo gentilmente que elas se apresentem aos vampiros com a missão de libertar vocês dessa merda de lugar. Ah! Também já aproveitamos e mandamos um comunicado para o Conselho Internacional e avisamos que iremos lá para dar um golpe.

— Não se exalte, Augusto — disse Açucena tocando-o no braço. — Eu consigo diferenciar elas dos humanos.

— Como?

— Antes das bruxas e os seres do submundo entrarem em conflito, eu conheci uma. Por causa da minha habilidade, assim que as toco, posso sentir a magia correndo por seus corpos.

— Mas mesmo assim, Açucena. Você teria que tocar em cada pessoa dessas cidades, uma por uma. Levaremos anos até reunir todas.

— Ninguém disse que seria uma tarefa fácil — disse uma das criaturas com os dentes pontiagudos à mostra.

Augusto se irritou com o comentário e fechou os punhos para controlar a raiva que o queimava por dentro. Percebendo o descontrole de seu amado, Samantha passou as mãos pelos braços dele, como se quisesse os livrar de algo. Depois o tocou no rosto.

— Nós vamos conseguir — sorriu para ele.

O vampiro pegou a mão dela e levou até a boca, beijando-a.

— Depois que tivermos todas reunidas, o que fazemos? — questionou Açucena mirando uma das criaturas.

— Digam que querem nos libertar. Elas saberão o que fazer.

— Elas farão isso de boa vontade?

— Nem se as vidas delas dependessem disso.

— Então? — insistiu a índia em uma resposta.

— Vocês são vampiros. São especialistas em fazer os humanos sofrerem. Arranjarão um jeito. Temos certeza.

Açucena confirmou. Pegou Miguel pela mão e o fez percorrer seus passos, que os levariam para fora daquele lugar. Samantha a imitou e também saiu puxando Augusto, que ainda parecia um pouco nervoso. Assim como na ida, a volta foi percorrida em silêncio. Dessa vez, quem cortou a própria mão com as presas foi a índia. Logo que surgiram atrás da proteção de pedra, andaram até o automóvel estacionado. Augusto disse que precisava passar num lugar antes de irem embora, por isso acabou conduzindo o veículo.

Pararam à frente de um depósito de bebidas não muito longe da antiga localização. O vampiro ao volante desceu e se encaminhou para o estabelecimento fechado. Ao parar diante da porta de metal, chutou-a fazendo com que ela fosse jogada longe e entrou enquanto o alarme soava estridente.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Açucena para Samantha.

— Não faço a mínima ideia. Ele não é desse jeito.

Augusto apareceu com quatro garrafas de uísque nas mãos e parou ao lado da porta do passageiro onde Samantha estava.

— Dirige você — falou ele.

A vampira passou de um assento para o outro, tomando assim a posição de motorista.

Augusto entrou e nem esperou que ela tocasse o carro para abrir o primeiro recipiente. Bebeu metade do líquido de uma só vez. Samantha o olhava de canto de olho sem nada dizer. Deixaram a cidade em seguida. Não tinham nem chegado à cidade vizinha e o vampiro abriu o vidro ao lado e arremessou a garrafa vazia para fora. O objeto de vidro chocou-se com o para-brisa do carro atrás. O veículo freou bruscamente e rodou na pista. Outros automóveis que vinham logo depois, colidiram com o primeiro, causando assim um grave acidente. Augusto apenas riu histericamente e abriu a outra garrafa. Miguel só olhou para trás vendo o clarão que se formou pelo fogo e sorriu.

— O que você pensa que está fazendo, Augusto? — Samantha perguntou contendo o grito na garganta.

Ele nem sequer a encarou. Fez um sinal indefinido com a mão esquerda e voltou a beber. Ela engoliu o enervamento que havia se acumulado e virou-se para prestar atenção na rodovia. Decidiu que depois resolveria aquilo.

Chegaram à capital em poucas horas. O veículo foi estacionado, como de costume, no subsolo do edifício do Conselho. Augusto jogou as outras garrafas vazias no meio do estacionamento e se afastou dos demais, rindo. Samantha foi atrás dele, seguindo-o de perto em silêncio. Quando chegaram ao quarto, ele não conseguia colocar a chave no buraco da fechadura, precisando assim que a vampira a pegasse de sua mão e destrancasse a porta. Ele entrou e se jogou de bruços na cama. Samantha sentou-se ao seu lado e indagou:

— Pode me dizer o que foi isso?

— Não me enche — o tom da sua voz revelava que o álcool se fazia presente.

— Nossa! Você está até falando em giria — deitou-se e acariciou seus cabelos. — Por que você está tão abalado desse jeito? E não adianta dizer que não é nada.

Ele rolou na cama e sentou-se. Olhou para a amada e a puxou, trazendo-a para um beijo caloroso. Suas mãos percorreram cada parte do corpo da vampira. No entanto, quando ameaçou despi-la, não lhe foi permitido prosseguir.

— Você não vai fazer nada enquanto não desembuchar — falou ela séria e arrumando as roupas.

Augusto levantou-se da cama e começou a andar pelo cômodo, às vezes trançando as pernas. Não soube ao certo quanto tempo ele passou no mesmo trajeto, porém tinha a certeza de que foram longos minutos. De repente parou e veio em sua direção.

— Você não consegue ver?

— Ver o quê?

— Eles estão nos usando, Samantha. Estão tramando algo e eu não consigo descobrir o que é. E isso está me corroendo por dentro — bateu o punho fechado sobre o peito. — Não consigo imaginar o que pode ser.

— Eles não estão tramando nada e nem nos controlando, Augusto — levantou-se e o abraçou. — Você não está falando coisa com coisa.

— Eles estão sim, Samantha. Tenho certeza.

— Já que o senhor tem tanta certeza assim, então é melhor não libertarmos as criaturas.

— Não podemos. Mesmo sabendo que estou sendo usado, não consigo mudar isso. Estou sendo controlado de alguma forma.

— Calma — tocou-o no rosto. — Você deve estar colocando para fora todo esse ressentimento que guardou por um século de convivência com eles. As pessoas explodem às vezes por reprimirem sentimentos.

— Eu não sou uma pessoa, sou um vampiro.

— O vampiro mais poderoso desse mundo — beijou seu pescoço. — Eles nunca conseguiriam controlar alguém como você — encostou seus lábios levemente aos dele. — Nós iremos soltar aqueles monstros do submundo, dominar o Conselho Internacional e viver tranquilamente depois disso.

— Você acredita nisso?

— Acredito em você, apenas isso. E você não está sendo controlado por ninguém. Pare de pensar essas coisas. Como poderiam manipulá-lo estando presos lá embaixo? — não poderia dar credibilidade para um desabafo de bêbado e por isso resolveu tentar tirar aquilo da cabeça dele, aproveitando-se do momento de fragilidade.

— Aquelas criaturas são capazes de muita coisa.

— Se realmente estão fazendo isso, então estão controlando a todos nós, pois eu também quero a ajuda delas para a nossa missão. E tenho certeza de que o Miguel e a Açucena também concordam com isso — Augusto a fitou por alguns instantes com os olhos mais cerrados do que o normal por causa do efeito do álcool. Por fim, torceu os lábios e lhe afagou os cabelos.

— Você deve ter razão — encostou seu nariz ao dela. — Acho que saí do controle por algumas horas — sorriu.

— Percebi, mas agora vou fazer você voltar a ser o que é.

Os beijos e as trocas de carícias deram início e em pouco tempo amavam-se para esquecer os problemas.

Contudo, o mau pressentimento continuou a se alastrar pelo corpo de Augusto, que não deu mais importância. Nem sequer lembrou-se do sonho no qual via pessoas de olhos extremamente azuis gargalhando histericamente.

Capítulo 4

Os e-mails começaram a ser enviados na noite seguinte. Todos encaminhados aos chefes dos outros Estados brasileiros, com o pedido de que entrassem em contato com o Conselho o mais rápido possível. As mensagens foram respondidas nos dois dias que se seguiram. Miguel passou horas atendendo aos telefonemas e conversando com os outros vampiros, pendido para eles que viessem à São Paulo para uma reunião extraordinária. Alguns ainda hesitaram no início, pois desconfiavam da convocação, mas por fim — ainda mais com o líder alegando ser um assunto de extrema urgência — acabaram aceitando.

Açucena, como a “cabeça” do Conselho, fez os pedidos das passagens de avião para que todos chegassem mais ou menos no mesmo horário à capital paulista. Depois disso, elas foram encaminhadas aos seus destinatários, com direito a acompanhante ou não. Os chefes dos outros Estados encontrar-se-iam com Miguel na semana seguinte para que tudo lhes fosse informado do plano que começava a ser traçado.

Desligou o celular e jogou o aparelho em cima da cama. Ficou olhando para o nada por alguns segundos. Achava tudo aquilo muito estranho. Algo grave acontecera para o líder nacional convocar uma reunião como aquela. Deu passos perdidos pelo quarto antes de deixá-lo. Andou pelo corredor rumo ao elevador. Logo que entrou, apertou o número que a levaria para o terraço do edifício. Quando a porta se abriu, sentiu uma forte corrente de ar que trouxe junto consigo todos os odores mais distintos entre si. Como o cheiro dos humanos, bebidas, árvores, gás carbônico e, principalmente, da praia. Caminhou tranquilamente até o sujeito sentado na beirada do prédio, com os pés pendurados e o olhar fixo ao longe, fitando a praia, o movimento de pessoas, e que às vezes virava a cabeça para mirar o Farol da Barra à sua direita. Acomodou-se ao seu lado.

— Que cara é essa? Aconteceu alguma coisa? — indagou ele desviando a vista da bela paisagem para mirá-la nos olhos.

— Miguel está convocando todos os chefes dos Estados para uma reunião semana que vem em São Paulo.

— E você vai?

— Tenho que ir — deu um suspiro triste. — Parece que ele quer nossa ajuda em algum tipo de missão, só que não falou o que era. Apenas disse que iria esclarecer as coisas durante a reunião.

— Ôxe! Mas o que será que é?

— Também gostaria de saber — balançou um pouco as pernas, batendo-as na lateral da construção. — Não gosto muito de me envolver com eles. Sabe como é, né. Esse povo de São Paulo sempre achando que é melhor que a gente.

— Você ainda tem esse preconceito, minha nega? — ele riu.

— Eles que têm preconceito conosco — contorceu os lábios. — Acham graça no nosso sotaque.

— Não encasquete com isso, não — esticou a mão e tocou os cabelos com várias trancinhas da negra. — E pelo que sei, Miguel nunca a tratou com indiferença, não é?

— É. Mas não estou falando dele. Além do mais, quem seria ele para ter preconceito de alguém, já que é apaixonado por uma índia? Ele sofreu esse preconceito na pele.

— Então o que é?

— Aquele vampiro, cria do Miguel, que absorveu o Lorenzo. Ele sim nos tratava com indiferença.

— Ah, havia me esquecido dele! Mas acho que não era preconceito, e sim um sentimento de alguém que é mal amado — deu uma gargalhada, porém logo se calou, pois percebeu o olhar perdido dela. Pegou-a pelo queixo e a fez encará-lo. — Você o odeia, não é?

— Com todas as minhas forças. Se um dia eu me encontrar com ele, descontarei toda a minha fúria — fechou os punhos. — Ele tirou de mim o que eu tinha de mais precioso. E fez isso só por poder, só isso.

— Não fica assim, Niara. Já falei que você precisa se apaixonar novamente. É muito ruim viver a eternidade sozinha.

— Eu sei disso, meu amigo — pegou-o pela mão e a beijou. — Eu sei disso. Só não consigo pensar em algo sem antes ter minha vingança.

— Do que adianta essa vingança? Isso vai trazê-lo de volta? Não, não vai. Até entendo que vocês viveram muitos anos juntos, mas, infelizmente, acabou — levantou-se e a pegou pelas mãos para que também ficasse em pé. — Esqueça isso. Vamos sair agora mesmo e dar um rolê pra você esquecer essas bobagens — iniciou o caminhar trazendo-a junto. — Não se esqueça que essa cidade está cheia de lindos bofes gringos. Temos que aproveitar.

— A cidade sempre está cheia de turistas, e você sabe muito bem disso.

— Eu sei, eu sei. Por isso que adoro viver aqui em Salvador. Sempre tem carne nova no pedaço. E pare de fazer essa cara, Niara. Você é a vampira mais poderosa de toda essa Bahia e precisa se portar como tal.

— E lá vem você de novo com esse papo de *status* — dessa vez foi ela quem riu. — Posso até ser a chefe do Estado, só que não me importo muito com esse negócio. E não adianta falar

que sou sem graça por isso.

— Se falar adiantasse, você já estaria curada desse mal. Agora vamos parar de falar disso e escolher lindas roupas para a *night* — entraram no elevador.

— Tudo bem, você me convenceu. Vamos aproveitar enquanto podemos. Porque, provavelmente, não virá coisa boa dessa reunião do Conselho.

Ele só balançou a cabeça, sem nada mencionar. Foram para o quarto de Niara, e assim que adentraram o cômodo, o rapaz de cabelos castanho-claros, não muito alto e magro, foi em direção ao guarda-roupa, abrindo-o e tirando várias peças de dentro e as jogando sobre a cama. A negra olhava a cena com um sorriso nos lábios. Só seu amigo mesmo para lhe fazer sorrir em um momento em que achava que tudo de ruim estava prestes a acontecer.

Por mais que fosse orientada pelo Conselho a fazer uso de roupas pretas, elas não lhe agradavam. Sempre tentava e na maioria das vezes era muito difícil optar. Acabou escolhendo uma longa saia florida com flores e folhas pretas e brancas, nada muito chamativo. Também pegou uma blusinha preta e justa de finas alças. Por fim, colocou uma rasteirinha. Abel, seu amigo, não gostou muito da sua escolha, mas sabia que não adiantava falar, pois ela não trocaria de roupa por nada nesse mundo.

Ambos acomodaram-se dentro de um carro e direcionaram-se para algum lugar movimentado. Não demorou muito para entrarem na Avenida Oceânica e seguirem por ela. Mesmo sendo de noite, havia muitas pessoas por todo o trajeto que percorreram, sentadas em mesas à frente de bares e até na areia da praia. Graças ao fim de ano se aproximando, a capital da Bahia estava repleta de turistas de todo o país e também de estrangeiros.

Ficaram alguns minutos na avenida até alcançarem uma casa noturna que Abel gostava. Niara colocou o carro no estacionamento do local e ambos desceram. A boate, como sempre, estava lotada. A vampira, logo que entrou, caminhou até o bar, pediu uma bebida e encostou-se ali para observar o movimento. Percebeu que Abel desaparecera. Procurou-o com o olhar e o viu conversando com um rapaz. Ela sorriu. O amigo não perdia tempo mesmo. Decidiu que naquela noite também deveria se divertir, pois há muito tempo não o fazia. Deu mais um gole em sua bebida doce e alcóolica antes de escolher alguém para brincar. Colocou o copo sobre o balcão e ameaçou sair na mesma hora em que um sujeito parou à sua frente. Ela o encarou com os olhos semicerrados e lhe deu as costas, colocando assim os cotovelos sobre o balcão.

— É assim que você me trata, Niara? — parou ao lado dela.

— Não quero falar com você — esticou a mão para chamar a atenção do barman e pedir outra bebida.

— Para com isso, neguinha — tentou tocá-la no rosto e ela não o permitiu. Deu um tapa em sua mão.

— Já disse que não quero esse tipo de intimidade com você.

— Tudo bem — ergueu os braços em sinal de rendição. — Você venceu, não farei mais isso.

— Ótimo — logo que pegou a bebida a sorveu em um gole só. — Agora saia de perto de mim antes que eu arranque sua cabeça aqui mesmo.

— Nossa! Por que você está tão nervosa hoje?

Ela virou-se para ele e o encarou friamente. Sem que o rapaz pudesse ver, Niara enfiou a mão em sua barriga a perfurando. Ele gemeu de dor, ainda mais quando ela torceu algum órgão.

— Você se esqueceu de quem eu sou? — ele balançou negativamente a cabeça. — Pois bem, sou a líder desse Estado. É melhor você se manter bem quietinho, senão eu mando te matar ou eu mesma faço esse serviço. Você me entendeu?

Ele balançou mais uma vez a cabeça, agora foi positivamente. Niara o soltou, fazendo-o cair de joelhos. Viu-o cuspidando sangue. Pessoas olharam um pouco espantadas para aquela cena, porém logo voltaram suas atenções para outras coisas. A vampira ainda ficou parada diante do sujeito por breves instantes até dizer:

— Você me deve obediência e respeito. Nunca mais se esqueça disso.

Ele continuou no chão e abaixou ainda mais a cabeça em uma reverência. Niara estava com vontade de dizer mais algumas coisas para ele, mas acabou desistindo. Por mais que não gostasse de se gabar da posição de chefe, às vezes precisava lembrar alguns folgados, como aquele sujeito, da importância do seu cargo. Pegou guardanapos para limpar o sangue da mão e deixou o vampiro no chão, indo para o meio da multidão. Procurou Abel com o olhar, e quando o encontrou, viu-o aos beijos com o rapaz de antes. Também precisava de companhia.

Seus passos entre as pessoas eram incertos, pois não sabia quem escolher, não possuía em mente um biotipo de homem que a agradava, por isso sempre era difícil optar por um. Resolveu que precisava parar em algum lugar e olhar melhor. Recostou-se à parede, em um canto, e esperou. Muitos rapazes bonitos passavam por ela e a encaravam e sorriam. Até o momento em que um lhe chamou realmente a atenção: um moço alto, de cabelos curtos e castanhos; a pele morena por causa do bronzeado e que usava uma camiseta regata branca que, além de ressaltar o abdômen definido, deixava à mostra os braços fortes. Sua escolha para aquela noite fora feita. Niara começou a caminhar na direção dele. E logo que passou ao seu lado, mostrou-lhe um sorriso maravilhoso e cativante. O jovem, que não deveria ter mais de 25 anos, assim que a viu, ficou alguns segundos com cara de bobo, como se houvesse avistado a coisa mais linda de sua vida. Isso fez a vampira rir. Ele deixou o amigo falando sozinho e se aproximou dela.

Nenhuma palavra foi trocada, eles apenas se fitaram por um tempo indeterminado. Niara ergueu a mão e tocou o nariz do rapaz que sorriu com o gesto. Depois, ela encostou a mesma

mão no abdômen dele e chegou ainda mais perto. Percebendo que ele não faria nada sem que permitisse, puxou-o pela regata fazendo seus corpos se encostarem. O beijo foi inevitável.

Como era bom aquele cheiro que emanava de um corpo humano excitado. Há tempos não sabia mais o que era aquilo. O calor dele esquentava sua pele fria, deixando-a quase na mesma temperatura que a dele. Os braços fortes do rapaz enlaçaram a vampira pela cintura e em seguida suas mãos escorregaram, tocando cada parte de pele descoberta. A negra também não ficou para trás. Colocou as mãos por dentro da regata dele e o acariciou. Quando as carícias ficaram ousadas demais, ela se afastou, mas não de seu toque, só de seu beijo para que pudesse falar.

— Quer ir para outro lugar?

— Vou para onde você quiser — respondeu, sem hesitar.

Niara pegou-o pela mão e o puxou, fazendo-o percorrer o mesmo caminho que ela. Antes de sair de lá, precisava avisar Abel. Não foi difícil encontrá-lo e logo que chegou até ele, disse que precisava ir embora. O vampiro assentiu e se despediu dela dizendo que poderia ir de carro, pois ele daria um jeito de voltar. A chefe do Estado deixou o local muito bem acompanhada. O trajeto até o covil foi realizado rapidamente. O veículo foi estacionado no subsolo do edifício. Assim que tirou a chave do contato, o jovem ao seu lado iniciou um beijo caloroso e os amassos começaram ali mesmo. Lutou contra si mesma para soltar-se dele, pois não queria que seus subordinados a vissem ali. Saiu do carro e pediu para que ele fizesse o mesmo. Enquanto ele abria a porta, ela já estava no elevador, sorrindo e chamando-o.

— Como você chegou aí tão rápido? — perguntou incrédulo.

— Você não faz a mínima ideia das coisas que posso fazer — esticou a mão à frente do rosto e o chamou com o dedo indicador.

O rapaz sorriu maliciosamente e correu até ela. Agarravam-se enquanto o elevador subia. Antes de alcançar o andar de destino, ele parou em outro. Quando a porta se abriu, um casal de vampiros ameaçou entrar e assim que viram a chefe do Estado, desistiram.

— Nos perdoe, Niara — falou o sujeito dando um passo para trás e permitindo que a porta se fechasse e o elevador continuasse a subir.

Percebeu que seu acompanhante estranhou a formalidade com que foi tratada pelos subordinados, e para que ele não perguntasse nada, ela o beijou e acariciou. Desceram no andar almejado e a vampira o puxou pela camiseta, direcionando-o aos seus aposentos. Logo que entraram, ela o jogou sobre a cama sem cerimônias. E antes de deitar-se ao seu lado, despiu-se completamente, jogando sobre ele suas peças de roupa.

A sensação de ter um corpo humano sob o seu era muito prazerosa. Aquele cheiro, calor, eram sensações que só a deixavam com mais vontade de sugar até a última gota do sangue daquele pobre coitado. Sabia que antes de se alimentar, precisava aquecer muito bem sua presa.

Fazer com que o sangue absorvesse todos os prazeres carnis que proporcionava a ele.

Só cessou os movimentos quando sentiu o corpo dele tremer. Passou as mãos pelo tronco nu do jovem esparramando ainda mais o suor. Curvou-se para aproximar seu rosto do dele. Ele respirava com muita dificuldade, totalmente ofegante. Chegara a hora. Pegou-o pelos cabelos e inclinou a cabeça para o lado, deixando o pescoço à mostra. Não esperou ele se recuperar do orgasmo, só fez suas presas se alongarem e as cravou na jugular da vítima. Os gritos de socorro não saíram pela garganta dele, pois a surpresa foi tamanha que não conseguiu emitir nenhum som. Ainda tentou tirá-la de cima de si e entender o que acontecia, mas não conseguiu. Além de seu corpo estar enfraquecido por ter chegado ao ápice do prazer, sua vista começara a ficar turva e sentia a cabeça rodar. Foi perdendo as forças. Ainda não entendia o que ocorria. Não conseguia. Queria muito saber. Lutou para ficar consciente, mas suas tentativas foram vãs. Não demorou muito para perder o controle dos membros e músculos e não senti-los mais. Os olhos rodaram nas órbitas e as pálpebras se fecharam na sequência.

Niara deixou-se cair ao lado do defunto na cama. A sensação após a refeição era maravilhosa. O conforto no estômago, indescritível. Ficou ali deitada fitando o teto por alguns minutos. Depois se levantou e se vestiu. Andou até uma escrivaninha ao canto do cômodo e sentou-se na cadeira em frente a um computador. Enquanto a máquina ligava, ela girou várias vezes a cadeira, rodando repetitivamente. Só parou quando a área de trabalho surgiu. Clicou no ícone de navegação e acessou o site do Conselho. Fez o *login* com o seu usuário e senha possibilitando que entrasse em páginas restritas. Clicou no nome Bahia e após isso, percorreu os nomes das cidades do Estado. Aparentemente tudo corria bem, pois se algo tivesse acontecido em algum município, este estaria em destaque na lista. Retornou para a página anterior e dessa vez clicou na palavra São Paulo. Uma nova lista em ordem alfabética se abriu. Desceu a página com cuidado e logo que viu a palavra Leme, resolveu dar uma olhada. As informações da cidade surgiram e nesse momento, Niara arregalou os olhos. O vampiro responsável não era mais Augusto e sim um tal de Fábio. Ela franziu o cenho. Procurou entre os demais nomes o de Augusto, não o encontrando. Acabou fechando o navegador. Apoiou a cabeça no encosto da cadeira e pensou o que aquilo significava. Como poderia ele não ser mais o líder daquele pequeno lugar? Será que tinha morrido? Não, pois se tivesse, seu nome ainda constaria na lista. Rodou mais várias vezes a cadeira. Estranho, muito estranho.

Só voltou a si quando ouviu baterem à porta.

— Pode entrar — falou ela.

Abel adentrou o aposento com um largo sorriso estampado no rosto.

— E aí amiga, como foi? — sentou-se ao lado do falecido na cama. — Humm... Nem precisa me falar. Parece que ele morreu feliz — riu e passou o dedo indicador pelo corpo pálido

da vítima. — Você escolheu muito bem dessa vez. Que corpão, hein!

— Pare com isso, Abel. Foi só uma refeição.

— Uma refeição que te proporcionou muito prazer, não é?

— E lá vem você querendo saber demais — rodou mais uma vez a cadeira.

— Você que é muito reservada, Niara. Não custa nada me contar que você teve orgasmos múltiplos com esse gostosinho aqui.

— Até parece que vou fazer isso — riu. — Você nunca vai arrancar nada desse tipo de mim.

— Tudo bem, minha nega. Não vou mais perguntar, mas tenho certeza de que um dia você correrá até esse ombro amigo aqui e me contará todos os detalhes.

— E pode me dizer por que eu faria isso?

— Porque quando estamos apaixonados, precisamos gritar isso ao mundo, para todos os cantos. Fazer essa notícia chegar a todos os ouvidos.

— Volte aqui, Abel! Você está muito alto! — ergueu os braços como se puxasse alguma coisa que estava acima de sua cabeça. Depois riu e fitou o vampiro. — Não seja bobo. Aposto que não me apaixonarei novamente.

— Sabe qual é o seu problema? Você é muito pessimista, credo!

— Não sou pessimista, sou realista. Diferente de alguém aqui que vive com a cabeça nas nuvens.

— Pode até ser, meu amor, mas o que seria da sua eternidade sem a minha companhia, não é?

— Você está certo. Por falar nisso, está a fim de ir à São Paulo semana que vem?

— Você vai me levar? — indagou surpreso.

— Estou pensando no seu caso — riu. — Claro que vou, sua bicha louca. Você é quase minha dama-de-companhia.

— Seria uma grande honra lhe acompanhar, sinhá.

Os dois caíram na gargalhada por causa do comentário.

— Você pode levar ele daqui pra mim? — indicou o defunto.

— Levo sim, sinhá — levantou-se e pegou o corpo no colo.

— Você não vai ficar me chamando de sinhá, não é?

— Não vou não, sinhá. Só se a sinhá quiser que eu a chame de sinhá — riu.

— Seu idiota — tirou a rasteirinha do pé e a arremessou na direção de Abel que desviou usando sua velocidade. — Some logo daqui antes que eu resolva não te levar pra lugar nenhum.

O vampiro, ainda rindo, retirou-se do cômodo junto do defunto. Niara ainda riu dos comentários do amigo. Só ficou séria após abrir novamente o navegador de internet e acessar o e-mail. Em sua caixa de entrada encontrou dois e-mails de outros chefes de Estados nordestinos.

Assim que os leu, percebeu que eles também se preocupavam com a reunião extraordinária convocada por Miguel. Perguntavam se ela sabia de alguma coisa a respeito. Começou a responder as mensagens, dizendo que não tinha informação nenhuma, que infelizmente só descobririam do que se tratava quando colocassem os pés na sede do Conselho. Rodou mais uma vez a cadeira. Aquilo não cheirava bem. Miguel tramava alguma coisa e sabia disso. No entanto, não havia nada que pudesse fazer no momento, a não ser aguardar até a próxima semana.

Capítulo 5

Aquele dia começou com uma tempestade. O céu parecia adivinhar o deslocamento das criaturas mais perversas desse mundo, por isso tentava impedir que elas chegassem ao seu destino, pois esse deslocamento mudaria a vida de muitas pessoas inocentes. As horas de sol deveriam ser de muito calor, como fora previsto pela moça do tempo no jornal televisivo do dia anterior, porém, em vez de os termômetros marcarem acima dos trinta graus na capital paulista, não alcançavam os dezoito. Quando a esfera de fogo deixou os céus, a temperatura caiu ainda mais, isso sem contar as ventanias que acometiam toda a região metropolitana de São Paulo.

Em Guarulhos, muitos voos foram impedidos de aterrissar, sendo transferidos para Campinas. Felizmente, ou não, alguns conseguiram alcançar o chão e deles desembarcaram os vampiros mais poderosos do Brasil.

Logo que Niara, acompanhada de Abel, iniciou seu caminhar pelo Aeroporto Internacional de Guarulhos, avistou ao longe uma pessoa com uma placa com seu nome nela. A vampira se aproximou do sujeito que a cumprimentou e pediu para que o seguisse. Andaram por poucos minutos até chegarem a uma lanchonete. Sentados em uma mesa, reconheceu mais seis chefes de Estado. Ela e Abel saudaram a todos e acomodaram-se em cadeiras para esperarem.

Os funcionários do estabelecimento dirigiam olhares curiosos para aquelas figuras de preto. Mulheres davam suspiros profundos por causa de lindos vampiros ali presentes, mesmo que a presença deles lhes causassem arrepios.

Já cansada de esperar, uma vampira de longos cabelos loiros e lisos colocou-se em pé e andou até o balcão da lanchonete, aproximando-se de um rapaz que prendeu a respiração ao perceber que ela vinha em sua direção. Assim que ela parou diante dele, retirou seus óculos de sol revelando olhos extremamente azuis. A vampira sorriu para o sujeito e perguntou:

— O que tu tem de bebida alcóolica, guri?

— Temos só cerveja — respondeu um pouco sem graça por ter a atenção daquela linda mulher direcionada para si.

— Não gosto de cerveja — virou-se para os demais. — Algum de vocês quer? — todos menearam negativamente a cabeça. Ela encarou o jovem. — Venha aqui, guri — chamou-o com a mão para que se aproximasse mais. O rapaz ainda hesitou, mas em seguida decidiu chegar mais perto. A mulher colocou a mão dentro da bolsa que carregava e retirou três notas de cem reais. — Tu acha que consegue arranjar uma garrafa de algum destilado para nós? — estendeu as notas para ele. — Se tu conseguir, poderá ficar com o troco.

O jovem esbugalhou os olhos e ficou um pouco vermelho. Logo que pegou o dinheiro na mão, saiu correndo para além do balcão de atendimento.

— E mesmo depois de tantos anos, Michele, você ainda continua a esbanjar dinheiro — falou um japonês de cabelo arrepiado, óculos de sol, que recostava-se a uma das pilastras do local.

A vampira fez o caminho de volta sentando-se perto dele e sorriu ao falar:

— Tu que é muito pão duro, Endo. Não sei como os seus subordinados te aguentam com essa avareza toda.

— Eu que não sei como que você ainda não levou a sede do Conselho gaúcho à falência.

— Posso conseguir mais dinheiro assim — estalou os dedos. — Quer dizer, não apenas eu, como qualquer um de nós. Tu que é preocupado demais com isso. É melhor relaxar. Já faz 80 anos que tu é chefe do Paraná. Não está mais ameaçado a perder o cargo.

Endo ameaçou dizer algo, mas desistiu. Todos olharam ao mesmo tempo o rapaz retornando com uma garrafa de uísque em mãos. Michele agradeceu ao jovem e ainda tirou mais cinquenta reais da bolsa e entregou a ele. Ela abriu a garrafa e tomou no gargalo uma grande dose de bebida, depois ofereceu aos outros. Um homem moreno aceitou e também deu um gole, devolvendo logo em seguida a garrafa para a vampira, que perguntou se mais alguém queria. O restante deles negou.

Mais nada foi mencionado durante a uma hora de espera pelos outros chefes. Os que demoraram mais para chegar foram os vampiros de Estados mais distantes, como Roraima e Amapá. Assim que todos se reuniram, um dos subordinados de Miguel, líder da cidade de Guarulhos e responsável por levá-los até a sede do Conselho, pediu para que todos o seguissem. Os vinte e cinco líderes estaduais, juntos de seus acompanhantes, seguiram o sujeito até o estacionamento do aeroporto. Durante o trajeto que os levou para lá, muitos humanos tremiam só de ver aquelas figuras passarem por perto. Os mais sensíveis faziam sinais da cruz e algumas crianças, das que se mantinham acordadas, já que estavam no meio da madrugada, choravam. Ao chegarem ao local de destino, viram três vans a espera deles. Todos se acomodaram nos veículos que os levariam para o Conselho.

O percurso foi realizado rapidamente, pois eram poucos os carros que se arriscavam a percorrer a madrugada paulista. Ainda mais sendo um dia de semana. Por volta das cinco horas, os veículos foram estacionados no subsolo do prédio do Conselho. Depois que todos desceram, o responsável por eles entregou a cada chefe uma chave e informou o andar do quarto ao qual foram designados. Avisou também que a reunião fora marcada para a noite seguinte às vinte e uma horas. Os vampiros assentiram e cada um foi para seu novo aposento. Descansaram e se alimentaram, pois para muitos ali a viagem durou várias horas. Assim que a alvorada surgiu, todos já adormeciam.

A noite caiu e com ela todos os vampiros daquele edifício, localizado na região central de São Paulo, despertaram.

A maioria permaneceu em seus aposentos até a hora marcada para a reunião. Com Niara e Abel não foi diferente. Só deixaram o quarto exatamente às vinte e uma. No corredor, encontraram alguns chefes que também se encaminhavam para o elevador.

Quando eles desceram no último andar, direcionaram-se para a sala de reuniões que tinha a porta aberta. Entraram e viram todos os outros chefes reunidos. Do lado oposto da sala estava Miguel. Ao seu lado direito se encontravam Açucena e Caramuru. E do outro, Donizete, Cristiane e Arthur. Niara estremeceu quando avistou aquele homem. Ele sentava-se à direita de Caramuru, com um cigarro nas mãos e um olhar vago. A negra fechou os punhos e sentiu a raiva percorrer o seu corpo. Em poucos segundos, ela havia tirado Augusto da cadeira e o encostado na parede, apertando fortemente sua garganta. Os olhos dela se tornaram vermelhos e as presas se alongaram. Augusto, pego de surpresa, demorou um pouco para reagir, pois não mantinha guarda naquele momento. Colocou as mãos sobre as da vampira e tentou tirá-las dele. Niara, percebendo os movimentos do vampiro, apertou ainda mais sua garganta e invocou sua habilidade.

A pele de Augusto, que era extremamente pálida, começou a ficar negra. Iniciou-se do pescoço e se espalhou pelo rosto e braços. Entretanto, antes que pudesse ter dominado todo o corpo, dois vampiros puxaram Niara, que não gostou nem um pouco quando se viu longe do seu inimigo. Augusto caiu no chão. Samantha correu para acudir o amado e logo que o tocou para ajudá-lo a se levantar, uma boa parte da pele e dos músculos dele se desgrudaram dos ossos. A vampira se espantou. As partes do corpo de Augusto que ganharam a tonalidade escura começaram a se desfazer, caindo vários pedaços por todo o piso ao redor dele.

Miguel se levantou da cadeira e se aproximou de sua cria. Percebeu que o estado dele não era dos melhores. Nessa hora, o líder nacional fez uso de sua habilidade de parar o tempo. A maioria dos chefes de Estado ficaram imóveis, contudo, poucos ainda acompanhavam todos os movimentos de Miguel com o olhar — entre eles Açucena e Caramuru. Fitou mais uma vez Augusto, que mantinha os olhos fechados e o rosto contraído de dor. O líder nacional saiu caminhando da sala. Desceu calmamente as escadas até o andar inferior. Adentrou o próprio quarto e pegou duas bolsas de sangue sobre uma mesa ao canto. Refez o trajeto como se estivesse contando os passos. Parou ao lado de Augusto, agachando-se. Estalou o dedo, e com tal movimento o tempo voltou ao normal. Miguel estendeu uma bolsa para Samantha que o olhava horrorizada. Quando foi que ele conseguiu aquele sangue? Decidiu não pensar sobre o assunto. Pegou o líquido vermelho e despejou na boca de Augusto que não conseguia se movimentar ou pronunciar qualquer palavra que fosse. Após a primeira dose de vida, algumas manchas

desapareceram, no entanto, só sumiram totalmente depois da segunda bolsa. Ao ver que tudo ficaria bem, Miguel se pôs de pé e encarou Niara.

— Posso saber qual foi o motivo desse ataque?

— Foi ele quem matou o Lorenzo — seus olhos ainda estavam vermelhos e tentava se desvencilhar dos vampiros que a seguravam.

Miguel respirou fundo. Sabia que aquele tipo de coisa poderia acontecer se chegasse a reuni-los, só nunca pensou que fosse tão rápido.

— Você nunca me contou quem matou o Lorenzo — falou Miguel.

— Porque eu mesma queria resolver esse assunto — a raiva transparecia em sua voz.

— É melhor você se acalmar. Entendo que esteja nervosa e com sede de vingança por tudo o que aconteceu, mas acredite, esse não é um bom momento para acerto de contas.

— Você vai deixar as coisas desse jeito, Miguel? — puxou-se mais uma vez dos vampiros que a prendiam e conseguiu se soltar. Ameaçou investir novamente em Augusto, todavia, foi surpreendida por Açucena que parou à sua frente.

A índia pegou a negra pelos ombros e apertou.

— Sinto muito, mas preciso fazer isso.

Niara sentiu toda sua energia ser drenada de seu corpo pelas mãos de Açucena. Poucos segundos depois, suas pernas amoleceram e ela caiu. A índia olhou para Abel e pediu para que ele a colocasse sentada em uma das cadeiras. O vampiro obedeceu. Acomodou Niara diante da grande mesa de reuniões. Ela permanecia consciente, porém não conseguia mover o corpo.

— Mais alguém aqui vai querer arranjar problemas? — perguntou Açucena, olhando para cada um presente na sala.

Ninguém se manifestou. Ela voltou para o lado de Miguel e os demais se sentaram. Samantha ajudou Augusto a se sentar também, pois por mais que estivesse curado dos ferimentos, ainda se sentia um pouco fraco.

O líder do Conselho mirou todos os presentes antes de começar a falar.

— Eu convoquei esta reunião extraordinária para informá-los de alguns fatos ocorridos recentemente. Primeiro quero lhes dizer que há tempos desejo tomar posse do Conselho Internacional — notou certa surpresa nos rostos de alguns. — E que já estamos traçando um plano para tal ato — o chefe do Estado de Pernambuco, de nome Umberto, levantou a mão pedindo permissão para falar. Miguel concedeu.

— Posso saber por que você quer tomar posse do Conselho Internacional?

— Creio que você mais do que eu sente muita raiva desse povo, não é? — o rapaz de cabelos castanhos presos em um curto rabo de cavalo confirmou com a cabeça. — Pois bem, não sei se é do conhecimento de todos aqui, mas as regras que somos obrigados a seguir vêm da sede da Inglaterra. São eles que determinaram que os vampiros devem viver nas sombras e que

não podemos marcar os corpos de nossas vítimas com as presas. Só que na Inglaterra, as coisas são diferentes.

— Como assim, diferentes? — indagou George, o chefe do Estado do Rio de Janeiro.

— Na minha última viagem, que realizei ano passado, descobri que existem várias pequenas cidades em que a existência dos vampiros é de conhecimento dos humanos. Eles são ameaçados pelos vampiros o tempo todo. E são obrigados a levar até o líder do local qualquer humano que ele desejar. E se suas ordens não forem cumpridas, ele pode matar todas as pessoas da cidade.

— Como isso é possível!? — falou Michele, líder do Rio Grande do Sul. — E as autoridades humanas desses lugares? Não desconfiam de nada?

— Há vampiros infiltrados em todos os cargos do país, tanto político quanto de segurança. Tudo é “escondido” da imprensa e de outras cidades — fez as aspas com as mãos.

— Quer dizer que eles têm a vida que todos nós gostaríamos de ter? — Miguel assentiu. — Filhos da puta! — xingou Batista, o chefe de Mato Grosso, socando a mesa. — Todas essas regras são apenas para os outros e não para eles — riu. — Eles não veem que estão colocando toda nossa espécie em risco?

— Essa foi a pergunta que fiz quando estive na Inglaterra ano passado. Eles simplesmente disseram que nada daria errado nesse modo de vida. Que eu deveria apenas me preocupar com o andamento do meu país subdesenvolvido — Miguel fechou o punho. — Que eu deveria seguir as regras, pois era esse o meu papel, nada mais.

— Está dando tão certo o modo de vida deles, que sempre há casos de desaparecimento no interior daquele país — pronunciou-se Rosário, a chefe do Maranhão. — De onde surgiu toda essa arrogância deles?

— Eles sempre foram assim, só que antigamente nós não sabíamos como as coisas aconteciam lá. Nós, aqui no Brasil, seguimos tão bem as regras, que alguns países acham que não existe vampiro aqui.

— Deixe-me ver se eu compreendi aonde você quer chegar — disse Endo, chefe do Paraná. — Sei que você é o vampiro mais antigo desse país e que foi transformado por um europeu.

— Um francês para ser mais exato — interrompeu-o.

— Claro, um francês. Pelo que sei, desde o acontecido com o Caramuru, você nutre sentimentos de raiva por eles, não é? — Miguel confirmou. — Pois eles nos obrigam a fazer coisas e cumprir regras que não se aplicam para eles. Por isso, você quer tomar posse do Conselho Internacional e trazer a sede para o Brasil?

— Isso mesmo.

— E onde entramos nessa sua aventura?

— Preciso da ajuda de todos vocês para conseguir cumprir tal tarefa. Preciso que vocês se juntem a mim e convoquem todos os vampiros com habilidades que há nos seus Estados.

— Não sei se você lembra, Miguel, mas você convocou a maioria deles para São Paulo.

Por causa disso, não sobrou quase nenhum.

— Eu sei, Endo, mas vocês, como chefes, possuem habilidades, por isso quero que me ajudem.

— E se nós recusarmos?

— Matarei quem se opor — respondeu ele fitando os olhos negros do japonês.

Ninguém mais se pronunciou. Ficaram alguns minutos em silêncio, apenas trocando olhares. A ausência de som foi quebrada pela pergunta de Açucena:

— Alguém aqui se opõe? — não era do conhecimento de Miguel, mas todos os chefes temiam mais a índia do que o próprio Miguel. Todos negaram com a cabeça. — Ótimo. Pode prosseguir — disse ela, olhando para o amado.

— Há um outro ponto que gostaria de discutir com vocês. Para nossa missão, conseguimos a colaboração das criaturas do submundo.

— O quê?! — exaltou-se George. — Como assim, consegui colaboração daquelas criaturas? Elas não estão mais presas?

— Elas ainda estão trancafiadas, contudo, irão nos ajudar caso nós as libertemos.

— Você está louco, Miguel? Esqueceu-se do que eles são capazes de fazer?

— Não se preocupe, assim como eu, você também sabe que elas estão proibidas de ter qualquer domínio sobre nós.

— Eu sei, mas se for assim, no que elas nos ajudariam já que não podem fazer nada contra nossa espécie?

— Você chegou exatamente no ponto que eu queria — Miguel se levantou e andou até uma pequena mesa ao canto da sala.

De cima dela pegou um retroprojetor e o levou para a mesa de reuniões. Colocou o objeto de frente para um painel branco e o conectou a um laptop, ligando-o logo em seguida. Demorou poucos segundos para o mapa da Brasil ser projetado em tamanho grande para que todos vissem. Nele havia uma estrela de seis pontas e em cada extremidade um nome de uma cidade.

— Aqui são os lugares em que essas criaturas estão presas — apontou os municípios com um laser vermelho. — Fui informado pelos seres do submundo que apenas as bruxas são capazes de libertá-los e que as poucas que sobraram estão nessas cidades, pois precisam sempre reforçar o feitiço que as mantém lá embaixo.

— Tudo bem, até aí entendi, mas você não respondeu minha pergunta — voltou a falar o chefe do Rio.

— Primeiro precisamos reunir todas as bruxas. E depois que tivermos todas elas juntas, poderemos perguntar se os seres do submundo realmente podem nos ajudar na nossa missão como alegaram.

— Então você vai se dar ao trabalho de reunir todas sem ter certeza se poderá ou não contar com as criaturas? — questionou Rômulo, o líder do Pará.

— Sim — todos se entreolharam.

— Ótimo — falou Niara, já um pouco recuperada. — Já que não podemos dizer não, você pode pelo menos nos informar de como conseguiremos reunir todas elas? Pois pelo que sei, elas têm o cheiro de um humano comum.

— Essa é a parte mais difícil do plano, Niara. A única que consegue diferenciá-las dos humanos é a Açucena. Só que para isso, ela precisa tocá-las.

— Muito bom saber disso — ironizou.

— Uai sô, então como vamos fazer isso? — foi a vez Tiago, líder de Minas, se pronunciar.

— Passei muito tempo pensando sobre o assunto — iniciou um caminhar de passos lentos pela sala. — E cheguei à conclusão de que teremos que cercar essas cidades e ameaçar alguns humanos.

— Só que isso chamará a atenção dos demais humanos.

— Primeiro faremos uma pesquisa de campo na qual usaremos nossos subordinados humanos. Eles procurarão por essas bruxas e quando tiverem certeza de quem são, será nossa hora de atacar — parou de andar. — Por isso que os chefes de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Tocantins, Bahia e Espírito Santo devem entrar em contato com os líderes dessas cidades e pedir que eles comecem a procura pelas bruxas.

— Vai ser fácil achar as bruxas nessa cidade — falou o chefe de Tocantins, Demétrio, apontando para o município de Centenário. — É um lugar com um pouco mais de dois mil habitantes. Mas creio que há pouquíssimos vampiros vivendo lá. É difícil para nossa espécie morar em uma cidade tão pequena.

— Peça para que o vampiro responsável pelo município procure por elas.

— Não se preocupe, Miguel, eu mesmo farei o trabalho — sorriu maliciosamente.

— Faça do jeito que achar melhor. Organize alguns dos seus subordinados humanos e os envie para lá, pode ser? — o rapaz assentiu, assim como todos os chefes dos Estados onde as criaturas estavam presas. Miguel fixou os olhos mais uma vez em cada um presente e perguntou: — Mais alguma objeção? — todos negaram. — Ótimo. Então, a partir de hoje, está aberto o período de caça às bruxas — sorriu esfregando as mãos.

Capítulo 6

O dia anterior começara estranho. Não sabia o que era, só sentia como se o ar estivesse pesado, difícil de respirar. Pensou que aquilo fosse coisa de sua cabeça e que logo passaria, mas enganara-se. O dia seguinte, apesar de não estar chuvoso, possuía o céu encoberto por nuvens acinzentadas. Não conseguia ver nenhum vestígio daquele calor todo que era previsto para o interior de São Paulo, Leme para ser mais exato. Por fim, após passar vários minutos olhando para o céu e cogitando a hipótese de não ir trabalhar — que logicamente não aconteceria — decidiu se mover.

Retirou o pijama e o jogou em cima da cama. Pegou uma calça jeans qualquer e a camisa do seu uniforme. Deixou o quarto e caminhou para a cozinha, onde pôde tomar seu café da manhã tranquilamente. Quando terminou, viu sua mãe entrar no cômodo.

— Bom dia, querida — cumprimentou a mãe.

— Bom dia — respondeu se levantando e levando para a pia sua louça suja.

A mulher de 47 anos cessou seu caminhar quando parou atrás da filha e fitou o tom cinza da paisagem pela janela. Passou as mãos pelos braços, pois estes haviam se arrepiado, e depois tocou o próprio peito. Aquilo começava a ficar estranho. O sentimento ruim não a deixava em paz já fazia alguns dias. Fechou os olhos e respirou fundo. Há tempos não sentia aquilo.

— Que cara é essa, mãe? — perguntou a jovem se virando para ela.

— Você não está sentindo?

— Sentindo o quê? — olhou para os lados como se procurasse por algo.

— Essa sensação. Essa pressão dentro do peito — massageou o local.

— Lá vem você de novo com esse negócio de sentir coisas. Para com isso, mãe. Não sou mais criança para cair nesse papinho de fantasma.

— Estou falando sério, Elaine. Você deveria acreditar mais nessas sensações.

— Tá bom, tá bom — deu alguns passos até a porta. — Vou pensar sobre o assunto no caminho do trabalho. E caso eu encontre uma assombração no caminho, eu te ligo para avisar.

Ainda ouviu a mãe responder alguma coisa que não conseguiu entender. Quando chegou ao banheiro, escovou os dentes e prendeu os cabelos castanhos e cacheados em um rabo de cavalo. Passou um pouco de maquiagem na pele clara e batom nos lábios finos.

Saiu de casa um pouco mais cedo do que o normal. Em sua bicicleta, percorreu em cerca de quinze minutos o trajeto que a separava de sua residência até a loja de móveis e eletrodomésticos onde trabalhava. Logo que chegou, levou seu veículo para o fundo do comércio e iniciou mais um longo dia de serviço. Nada de anormal aconteceu durante as horas que se seguiram. Só clientes entravam, eram atendidos, às vezes lhes mostrava alguns móveis ou

eletrodomésticos. Durante toda a manhã, realizou apenas uma única venda. Quando chegou ao seu horário de almoço, retornou para a casa com a mesma bicicleta velha que usava. E mais uma vez, tudo permanecia dentro da normalidade. A mãe sempre a esperava com a comida pronta, e assim que chegou alimentou-se na companhia dela. Depois disso, retornou para o turno da tarde.

Finalmente o relógio marcava dezoito horas. Elaine pegou sua bicicleta para ir embora. Subiu no veículo e deu algumas pedaladas. No entanto, não andou muito, pois assim que passou pelo terminal de ônibus, que ficava de frente para a Avenida 29 de Agosto, a corrente se soltou. Ela bufou. Odiava quando aquilo acontecia. Desceu da bicicleta e agachou-se para poder arrumar aquilo que a impedia de continuar pedalando. Colocou as mãos na corrente e a puxou para cima, desenroscando-a do pedal. Após colocá-la no lugar, levantou-se e viu as mãos cheias de graxa. A jovem rodou os olhos nas órbitas. *Ótimo!* Olhou para os lados e avistou um folheto de supermercado no chão, não muito longe de sua atual localização. Andou até o papel e o pegou, usando-o para livrar-se da sujeira — que não saiu quase nada. Xingou em pensamento e decidiu deixar aquilo de lado e ir embora. Quando chegasse em casa, lavaria as mãos com detergente.

Ameaçou subir na bicicleta quando ouviu algo. Ela parou os movimentos para tentar escutar novamente. Nada. Franziu o cenho. Deu de ombro. Montou no veículo e olhou para trás para averiguar que não vinha nenhum carro. Nessa hora sentiu um vento no ouvido que a assustou. Até parecia que alguém soprara com força. Olhou mais uma vez para os lados. Nada. Olhou até para cima, pensando que também não veria nada. Entretanto, notou uma nuvem de pequenas penas sobre sua cabeça. Elaine estranhou aquilo. Acabou saindo de cima da bicicleta e a puxando para a calçada. Viu o amontoado de penas continuar parado. Ela o mirava fixamente. De repente sentiu outro assopro no ouvido. Virou-se para o lado impulsivamente. Nada. Voltou rapidamente a fitar as penas. Elas se movimentavam lentamente em sua direção. Seu coração disparou. Será que ninguém além dela via aquela coisa absurda? O nariz coçou. Espirrou. A nuvem parou de se mover. Teve que abafar um grito quando a viu sair em disparada de sua frente e se chocar com violência com uma grande árvore do outro lado da rua. Elaine viu uma onda de energia emanar do local do choque e percorrer toda a planta até alcançar a copa. E quando lá chegou, fez com que todas as folhas se desprendessem dos galhos e viessem ao chão. Para os que passavam por ali, a cena era linda, digna de gravação — e algumas pessoas retiraram os celulares dos bolsos para filmar aquilo — mas não para a jovem, que estava horrorizada com o que acabara de presenciar, aquilo não era nada legal e nem bonito.

Como se alguém ainda não estivesse satisfeito, Elaine sentiu mais uma vez o assopro no ouvido. No entanto, dessa vez ela não desviou a vista das folhas que pareciam cair em câmera lenta. E entre elas viu novamente aquela nuvem de penas, que pairava no ar, descendo

lentamente. Os olhos da moça acompanhavam cada movimento dela. Sobressaltou-se quando a viu se aproximar de um homem que vinha caminhando pela calçada do outro lado da rua com um cigarro em mãos. Elaine pensou em gritar para ele, só que não deu tempo. As penas se chocaram violentamente com a cabeça do sujeito, e isso o fez cair e o cigarro rolar até o meio da rua. Nesse instante, pareceu aos olhos de muitos que havia algum líquido inflamável ali, pois as chamas que se formaram assim que a pequena brasa encostou, foram de dimensões absurdas. O fogo consumiu instantaneamente as folhas. As pessoas saíram correndo e gritando, menos Elaine, que ficou estarrecida. Após o fogo destruir as poucas coisas ao redor, ele parou de crepitar, porém continuou com mais de dois metros de altura. Parou como se encarasse a jovem; como se a fitasse nos olhos; como se quisesse, desesperadamente, lhe dizer algo. De repente ela cresceu mais dois metros e desapareceu da mesma forma que aparecera, do nada.

Ainda espantada e com o coração quase saindo pela boca, Elaine permaneceu mais alguns minutos no mesmo lugar, sem mover um único músculo. Só reagiu a algo quando sentiu seu ombro ser tocado por alguém. Ela se virou e viu uma senhora com o semblante de preocupação que perguntava angustiada se a jovem estava bem. Elaine meneou positivamente a cabeça e passou as mãos no rosto, percebendo assim que lágrimas o molhavam. Não conseguia entender o que tinha acabado de acontecer. Não entendia nada. Não queria entender.

Deixou a senhora falando sozinha e correu para sua bicicleta. Pedalou o mais rápido que pôde; o mais rápido que já pedalara na vida, só conseguindo chegar em casa esbaforida. Quando colocou os pés em chão firme, tudo rodou. Caiu sentada. A cabeça latejava. O enjoo lhe embrulhava o estômago e subia pela garganta. Começou a tremer. Mas o que estava acontecendo? Ouviu a mãe gritando seu nome. Ela se aproximou da jovem e a ajudou a ficar em pé.

— O que aconteceu? — perguntou aflita.

— Não sei... eu vi... fogo... e penas... soprando... — não era capaz de organizar a frase.

Sua mãe não insistiu na pergunta. Levou a filha para dentro da casa e a colocou sentada no sofá. Percebeu que ela tremia e suava frio. Foi até a cozinha e pegou um copo com água. Sentou-se ao lado de Elaine e lhe entregou o objeto de vidro. A jovem bebeu o líquido de uma vez, sem ao menos respirar. Após alguns minutos, ela já conseguia respirar com mais facilidade, e com isso, Dalva, sua mãe, resolveu questionar novamente.

— O que aconteceu com você?

— Não sei explicar — tinha o olhar vago. — Vi penas e depois fogo. Senti alguém assoprando no meu ouvido e as folhas da árvore caindo.

Dalva não mencionou nada, pois tentava dar sentido às palavras proferidas pela filha. Por fim, pegou as mãos de Elaine e as enlaçou com as suas.

— Não se preocupe, minha filha. Isso deve ter sido acúmulo de magia.

— O quê? Magia? Você vai falar disso de novo? — puxou suas mãos.

— Eu estou falando sério, Elaine — sua voz ficou mais firme. — Você pode ter ignorado isso durante anos, mas agora não tem mais como fugir. A magia vai se manifestar querendo você ou não.

— Eu não acredito nisso — virou o rosto.

— Então como pode me explicar o que aconteceu hoje?

— Não posso — seus olhos queimaram por causa das lágrimas que tentava conter.

— Preste muita atenção no que vou te falar — pegou a jovem pelo queixo fazendo com que a encarasse. — A magia emana de nós, isso é natural. Não adianta ficar reprimindo, não adianta. Provavelmente, o que aconteceu hoje foi uma explosão de acúmulo de magia.

— Não, não foi explosão — fechou os olhos para segurar as lágrimas, que não lhe obedeceram, simplesmente rolaram pelas bochechas. — Foi um aviso.

— Aviso do quê? — os pelos dos braços arrepiaram.

— Não sei dizer, mãe — sua voz ficou fraca, pois tentava engolir o choro. — Eu já tive explosões de magia antes, e tenho certeza de que o que houve hoje foi diferente.

— Então você está aceitando a magia?

— Eu não a quero — mais lágrimas descenderam. — Ela me assusta. Quero apenas ser normal.

— Nós somos normais do nosso jeito — afagou os cabelos da filha. — Me explique melhor por que você acha que é um aviso.

— Não entendi direito — soluçava. Afundou a cabeça no peito de Dalva. — Parece que algo vai desequilibrar a natureza. Não sei. Acho que tem a ver com a gente, que estamos correndo perigo. Não sei mais — chorou desesperadamente.

Dalva não falou nada, só continuou a acariciar Elaine que parecia muito perdida e confusa. Tentava juntar as palavras da filha com o seu próprio conhecimento e as sensações que vinha tendo há dias. Também sentia que algo de muito ruim aconteceria, mas não sabia o que era e não tinha ideia de como impedir aquilo. A única coisa que tinha em mente era de que precisava estar preparada para alguma coisa que mudaria suas vidas para sempre.

Ficou com Elaine por mais algum tempo no sofá e só saiu quando ela se acalmou. Andou apressadamente até seu quarto. Logo que entrou trancou a porta e puxou para frente uma cômoda ao canto. Depois de desencostar o móvel da parede, Dalva sentou-se diante da mesma e colocou a mão direita sobre a parede. Fechou os olhos e se concentrou. Em poucos segundos, um pequeno livro caiu em seu colo. A mulher abriu os olhos e antes de folhear aquelas folhas amareladas e com aspecto de serem muito antigas, ela pegou o celular e teclou alguns números. Não demorou muito para atenderem.

— Mãe, sou eu.

— Não sei por que, mas eu sabia que você ligaria — do outro lado da linha ouvia-se uma voz de alguém com muitos anos de vida.

— Preciso saber como anda a proteção da Santa.

— Por que isso agora?

— Não sei, só estou com um mau pressentimento. E a Elaine teve uma crise de magia que ela alega ter sido um aviso de algo ruim — a senhora ficou muda por breves instantes antes de dizer:

— A proteção está intacta. A Santa ajuda a preservar os efeitos do feitiço.

— E as outras passagens? A senhora tem falado com as outras?

— Não. Há anos não entro em contato com elas.

— Como assim, mãe! Isso não pode acontecer. Vocês precisam se comunicar. E se algum selo estiver ameaçado de quebrar?

— Dalva, minha filha. Somos tão poucas. É difícil encontrar as outras. E não se preocupe, pois mesmo que algum selo esteja enfraquecido, os outros ainda o manterão fechado. E você sabe muito bem que aquelas criaturas, mesmo que escapem, não conseguirão viver do lado de cá sem nossa permissão.

— Eu sei — suspirou. — Só estou preocupada. A senhora não está com um mau pressentimento?

— Estou — admitiu. — Vamos fazer o seguinte: semana que vem é lua cheia, vamos reunir as outras para conversarmos sobre isso. Tudo bem?

— Por mim, tudo bem.

— Ótimo. Fique com Deus, minha filha.

— Você também — desligou.

Direcionou sua atenção para o livro. Abriu com cuidado e folheou as páginas. Tudo indicava, pelo menos para as jovens bruxas, que aquilo era um grimório, porém, depois de um certo tempo estudando magia, esse conceito mudava logo que era permitido a elas o acesso àquele livro. O que antes parecia um livro de receitas mágicas, era apenas um diário. Contudo, não um diário comum escrito por uma única pessoa, e sim um que fora escrito por várias. Independente da origem e classe social, mas com uma coisa em comum: todas eram bruxas.

Naquelas páginas amareladas, cuja primeira fora escrita por volta de 1700, havia registros desde a organização até a realização do aprisionamento dos seres do submundo. Contava tudo. Começando pelo agrupamento das feiticeiras na Europa, a escolha do lugar de trancafiamento, os males que tais criaturas causavam, até o acordo feito com os vampiros. Nessa parte lia-se o nome do vampiro responsável pelo Brasil: Miguel. Ao lado via-se outro: Açucena.

O nome feminino fora circulado, destacando-o, e tinha uma seta que o ligava até outras palavras: uma de nós.

Dalva coçou a cabeça. Pelo o que sabia, aquele casal era o responsável por manter o acordo vigorando. E pelo jeito, tudo corria bem, pois nunca ouvira um comentário sequer sobre a existência de vampiros em terras brasileiras. Deu mais uma folheada. Nas últimas páginas encontravam-se as instruções para conseguirem manter as passagens fechadas. Respirou fundo. Já tinha passado da hora de difundir aquela história para a próxima geração. Levantou-se, destrancou a porta e deixou o quarto. Viu Elaine ainda sentada no sofá. Acomodou-se ao lado dela e colocou o livro no colo da jovem.

— O que é isso? — indagou não entendendo o que acontecia.

— Você já deveria ter esse conhecimento. Leia.

Elaine ainda a olhou desconfiada, mas resolveu fazer o que ela dizia. Mirou a capa marrom e encardida do livro. Abriu-o. Viu pequenos trechos redigidos em uma letra à mão bem fina, como se tivesse sido escrita à pena. Deu uma rápida folheada antes e percebeu que as letras se alteravam, mostrando assim que mais de uma pessoa escreveu algo ali. Foi para a primeira página. Notou que antes dos parágrafos havia o local, o ano e o mês.

Começou a ler.

Capítulo 7

Lisboa, outubro de 1650.

Os homens não conseguem ver que aquilo que os guia é algo perverso. Não estão agindo por vontade própria. Estão sendo controlados e sendo induzidos a nos matar. Até quando seremos perseguidas? Infelizmente não podemos nos manifestar para ajudá-los, pois se assim o fizermos, seremos mortas no instante seguinte. Apenas esperamos que os homens tomem consciência dos seus atos.

Continuamos a nos encontrar e a nos corresponder. Sempre tomando muito cuidado e nunca assinamos as cartas justamente para manter nossa integridade física caso as cartas não cheguem ao destino previsto.

Muitas de nós estão se reunindo em vários países, pois estamos com medo. Depois de tantos séculos de perseguição, decidimos fazer algo. Sabemos que as criaturas não têm poder sobre nós. No entanto, elas estão se aproveitando dos corações ruins dos homens para que eles façam o trabalho. Achamos que elas nos temem por não conseguirem fazer algo contra nós e por isso vêm nos eliminando.

Estamos planejando algo, contudo, ainda não temos certeza do que fazer e se realmente o podemos. Desejamos que o coração humano melhore e afaste esses sentimentos, pois só assim será possível afastar tal controle.

Lisboa, janeiro de 1663.

Continuamos a nos reunir durante todos esses anos e chegamos à conclusão de que realmente precisamos interferir, pois se não o fizermos tudo só piorará daqui para frente. Muitas de nós acreditavam que tudo mudaria, mas isso não aconteceu. Precisamos fazer algo e logo. Se não bastasse a maldade aflorada dos humanos, aquelas criaturas descobriram um modo de controlar seres mais perversos que os humanos: os noturnos.

Assim como nós, eles estão em crise. Estão ocorrendo ataques internos na própria organização deles por noturnos que antes viviam em paz. E eles também estão atacando humanos. Isso está saindo do controle.

Semanas atrás, consegui me reunir às escondidas com outras de nós e concluímos que precisamos impedi-las de progredir. Porém, antes que pudéssemos ter discutido mais sobre o assunto, fomos descobertas e perseguidas. Várias de nós não conseguiram fugir e foram queimadas.

Lisboa, maio de 1675.

É do nosso conhecimento que uma dessas criaturas escapou dos olhares das ancestrais e conseguiu atingir terras novas. Não sabemos exatamente o que poderá acontecer, mas nosso plano já está traçado. Iremos detê-las.

Estamos preocupadas com a criatura que foi para terras novas, pois lá não existe tais seres. Não sabemos o que ela pode causar na colônia. E parece que já faz décadas que ela está lá. Não podemos permitir que elas se espalhem pelo mundo, pois se isso acontecer, realmente perderemos o controle.

Chegamos à conclusão de que as prenderemos na colônia já que é um território pouco habitado e de mata fechada. Muitas de nós estão planejando e convencendo seus maridos a se mudarem para tal lugar. Infelizmente, os não convencidos estão sendo forçados a se convencer.

Brasil, agosto de 1680.

Só depois de alguns anos conseguimos convencer nossos maridos a deixar Portugal e virem para novas terras. Mais algumas de nós estão chegando e depois que todas estiverem reunidas, poderemos continuar com o plano.

Logo que chegamos à colônia, descobrimos que há uma lenda de um espírito da floresta que dizem atacar as vilas durante a noite. Infelizmente sabemos que não é apenas uma lenda e sim um ser perverso sob controle de um ainda pior.

Precisamos agir rapidamente.

O comunicado foi passado para a organização dos noturnos que também estão preocupados com o assunto e disseram que nos ajudarão no que for preciso. Agora só nos falta encontrar o líder deste local.

Brasil, setembro de 1685.

Depois de muita procura e preparação, encontramos o líder dos noturnos que mora à beira da praia em um lugar longe da nossa atual localização. E assim como havíamos previsto, há um deles sob controle daquela criatura, o mesmo que é chamado de espírito que ataca as vilas. Ele ainda está perdido em ódio e sendo controlado por tal criatura, entretanto, assim que nos livrarmos de todas, ele voltará ao normal.

O noturno de nome Miguel, nos informou que o índio está desaparecido há mais de 100 anos, exatamente o período no qual a criatura chegou aqui. E algo de extrema importância foi

constatado: a noturna de nome Açucena também é uma de nós. Não sabemos como isso pôde acontecer e nem tínhamos ideia de que existia mais de nós em terra tão distante. Contudo, isso também nos preocupa, pois além de ser uma noturna, ela tem muito da nossa sensibilidade e quem sabe nosso dom.

Enfim, o acordo foi firmado. Agora todos os noturnos irão se manter às sombras e só matarão humanos quando realmente precisarem. Não deixarão os corpos à mostra e viverão longe dos mortais. Em troca, iremos protegê-los das criaturas para sempre, assim como aos humanos, pois os noturnos são controlados mais facilmente do que os mortais. E não temos certeza se depois de presas as criaturas ainda terão como influenciar o mundo externo ao submundo. Se isso puder acontecer, elas controlarão os noturnos, por isso também os incluiremos na proteção mediante o acordo que já foi firmado.

Os preparativos já começaram.

Brasil, julho de 1690.

Nós fugimos de nossos maridos e pais. Estamos adentrando o território com a ajuda da índia e mais alguns noturnos. No entanto, eles nos acompanharão só por mais alguns dias, pois não podemos permitir que seja do conhecimento deles a localização das prisões.

Muitas de nós já deixaram o grupo ficando em outros lugares. Já marcamos três locais. Agora só faltam mais três. Não sabemos mais quanto tempo demorará até os encontrarmos, apenas nossos sentidos poderão nos dizer isso.

Brasil, fevereiro de 1691.

Após muito tempo de procura, encontramos os lugares exatos. Logo que chegamos, sentimos a energia vibrar.

Sabíamos que tal feito exigiria muito de nós, mas não pensávamos que fosse tanto. Passamos os dias agachadas na terra, nos locais demarcados, tentando montar a estrela, deixando-a totalmente simétrica, contudo, muitas de nós não estão aguentando.

Estamos morrendo.

Esse procedimento requer muita energia.

Não sabemos se conseguiremos.

Brasil, dezembro de 1691.

Perdemos tantas de nós. Pouquíssimas sobraram.

Perdemos nossas mães, irmãs, primas, tias e filhas.

Na última lua cheia, conseguimos completar a estrela e trazer as criaturas da Europa para tais terras e prendê-las. Para nossa sorte, a quantidade delas existente é pequena, o que possibilitou nossa vitória.

A falta de nós dificultou a realização do procedimento, e por falta das condições necessárias, teremos que sempre reforçar as prisões. Como nós não temos mais famílias, seremos a família umas das outras. Passaremos a viver nos locais em que as criaturas foram trancafiadas justamente para sempre estarmos por perto, cuidando assim da segurança dos humanos e dos noturnos.

A partir de hoje, dedicaremos nossas vidas à tal tarefa. E esperamos que as criaturas nunca mais voltem a vagar por nossas terras. Mas para impedir que isso um dia aconteça, ligamos nossas vidas às delas. Se um dia elas saírem sem que uma de nós as liberte, elas serão destruídas no momento em que vierem para o lado de cá, e com isso perderemos nossas vidas para levá-las conosco.

Manutenção

A proteção dos locais será passada de geração para geração. Só é necessário que apenas uma de nós fique responsável pelo reforço. Sentimentos positivos ajudam a manter os locais fechados. Estamos construindo pequenos altares sobre as prisões, pois isso interfere positivamente na energia.

Os humanos e os noturnos não devem saber as localizações. Nunca.

Criaturas e noturnos

Não sabemos de onde surgiram tais seres e como, só temos o conhecimento de que nenhum membro dos três grupos (criaturas, noturnos e nós) pode ferir o outro a ponto de tirar a vida. Porém as criaturas possuem vantagens, pois conseguem controlar os noturnos e os mortais.

Brasil, março de 1780.

Faz décadas que nossas ancestrais prenderam as criaturas. Desde então não tivemos problemas em manter tais locais fechados, mas estamos observando o que está acontecendo ao nosso entorno. Os noturnos estão sendo mortos por suas próprias crias, seus filhos com humanas. A

igreja, além de continuar nos caçando, fica procurando por tais crianças mestiças. Eles a tiram de suas mães e as levam para serem treinadas a caçarem os noturnos. Eles estão tendo problemas e por causa disso estão matando as mulheres antes que elas coloquem no mundo tais predadores.

Brasil, abril de 1876.

As poucas de nós que estão localizadas no Estado de São Paulo, estão preocupadas com a aglomeração de pessoas ao redor das passagens. Perto de nós, será construída uma estrada de ferro e, provavelmente, mais pessoas se juntarão por aqui.

Tentaremos mantê-las longe da prisão.

Leme, agosto de 1895.

Nossa região acabou de ser elevada a cidade. Por sorte ainda estamos distantes das pessoas, e esperamos continuar assim por muitos anos.

Leme, julho de 1995.

O feitiço está enfraquecendo muito mais rápido com o passar dos anos. Achamos que seja por causa da influência dos sentimentos negativos dos humanos, que estão sempre em contato com a prisão.

Conseguimos convencer um senhor doente a construir uma gruta em homenagem à Nossa Senhora Aparecida em cima da prisão. Dissemos para ele que se construísse tal imagem, sua doença se curaria. E assim ele o fez. Após a construção, o feitiço foi estabilizado e fortalecido.

Nossa geração continua a cuidar das passagens.

Capítulo 8

Elaine terminou de ler o pequeno caderno de anotações, passando a vista rapidamente sobre algumas frases soltas ao final, que para ela não faziam nenhum sentido. Franziu a testa. O que era aquilo? Deu uma última folheada antes de encarar a mãe. Dalva sabia que havia inúmeras perguntas rodeando a mente da filha. As mesmas questões que ela teve quando descobriu sobre a origem de sua família e o carma que tinham que carregar. Pegou o caderno das mãos de Elaine e disse:

— Pode perguntar o que você quiser.

— Que coisa é essa? Que papo estranho foi esse?

— Esse caderno — balançou o objeto no ar — e os outros que existem, contém os registros de nossas ancestrais sobre nossa missão.

— Que missão?

— Manter as criaturas do submundo presas.

— Eu não estou entendendo, mãe.

— Preste atenção, querida. Infelizmente, as bruxas do século XVII não podiam escrever abertamente sobre o assunto, pois a Inquisição estava caçando-as. Por isso, esses textos que você leu, não deixam tudo claro, mas não se preocupe, vou explicar — respirou fundo se preparando para a narrativa. — Existem no nosso mundo quatro espécies de seres inteligentes. O primeiro deles são os humanos; o segundo somos nós, as bruxas; depois são os noturnos e por último essas criaturas. Naquela época, as bruxas não podiam escrever que eram bruxas, por isso não há essa palavra nesse caderno, só no final no qual há uma anotação recente de sua avó — indicou a última página. — E também não usavam o verdadeiro nome dos noturnos.

— O que são esses noturnos?

— São vampiros — os olhos de Elaine se arregalaram. — Essas três espécies fantásticas não podem ferir uma a outra, pois devem viver em equilíbrio. Só que as criaturas descobriram um jeito de controlar os humanos e com isso os induziram a caçarem as bruxas. Acreditamos que os planos deles eram nos eliminar e depois os vampiros, pois depois de algum tempo, as criaturas também passaram a controlá-los. Tudo estava um caos naquela época. Humanos matando bruxas e vampiros matando descontroladamente humanos e os próprios vampiros. Foi aí que as bruxas decidiram que precisavam impedir a ação de tais monstros. Elas passaram anos se organizando às escondidas para planejar algo. As bruxas de Portugal, após muito contato com outras de vários países diferentes, deram a ideia de que prendessem as criaturas na colônia, pois não havia, pelo menos para elas, muitas pessoas em tais terras. Após terem em mente o local que usariam para trancafiá-las, elas se deslocaram para o Brasil. Depois de entrarem em contato

com os vampiros daqui, começaram o feitiço.

— Isso eu entendi. Eles entraram num acordo, não é? Os noturnos, ou vampiros, ficariam nas sombras e longe dos humanos e com isso as bruxas os protegeriam da influência das criaturas. Só que esse feitiço de aprisionamento matou a maioria delas. E pelo que entendi, esses lugares continuam lacrados, não é?

— Sim. Existem seis prisões. E uma delas fica aqui em Leme.

— Imaginei mesmo, porque está escrito que elas ficariam ao redor das prisões para fazer o reforço do feitiço — folheou o caderno. — E fala de Leme aqui também.

— Isso mesmo. E sua avó é a responsável por manter tal lugar fechado — pegou as mãos da filha. — Eu sei que você não gosta de ser uma bruxa e tenta renegar a magia, mas isso é impossível. Ela está dentro de você e não vai sair ou desaparecer. Você precisa aprender a controlá-la e usá-la.

— Na verdade, eu tenho medo — baixou os olhos e fitou os pés.

— Não precisa ter medo, minha filha. Isso é algo bom. E eu sugiro que você a aceite o mais rápido possível.

— Por quê? — voltou a encarar a mãe.

— Porque estou sentindo que algo vai acontecer. E não vai ser uma coisa boa. Por isso peço para que você aprenda a usá-la.

— Tudo bem, mãe. Eu também sinto uma sensação ruim, e depois do que aconteceu hoje, com certeza irei aprender a como lidar com a magia.

O primeiro dia de lua cheia chegou e com ele todas as bruxas da cidade se reuniram na casa da mãe de Dalva, Dinorá. Infelizmente, a magia apenas se manifestava nas mulheres, pois se os homens também pudessem usá-la, o número de seres mágicos seria maior. As bruxas também só eram bruxas quando nasciam diretamente de uma e não de um homem filho de uma. Assim, o número delas era reduzido, cerca de vinte e duas mulheres na cidade de Leme.

Logo que a noite caiu, todas se encaminharam para o local combinado. Reuniram-se no quintal da residência de dona Dinorá. Elaine, mesmo com a insistência da mãe, nunca tinha participado daquelas reuniões, sendo aquela sua primeira vez.

Elas sentaram-se na grama ao redor de uma pequena fogueira em que o fogo crepitava sem parar. Dinorá, uma senhora com seus 67 anos, baixinha, gordinha e de pele morena, que sempre fazia uso de lenços de várias cores na cabeça, caminhou até a fogueira e retirou de dentro do sutiã um saquinho de veludo. Abriu-o e pegou algumas ervas que jogou nas chamas. Quando as plantas se queimaram, um odor adocicado e reconfortante preencheu o ambiente.

Elaine nunca tinha visto aquilo antes e gostou muito.

— Minhas irmãs — começou Dinorá, mesmo que ali houvesse filhas e netas dela. — Não sei se todas vocês estão sentindo o mesmo que eu, mas nos últimos dias há uma energia negativa nos rondando. Até cheguei a pensar que tivesse alguma relação com as criaturas do submundo, porém a passagem está bem lacrada. Por isso não sei o que é, mas continuo achando que algo de ruim vai acontecer.

— Dinorá — falou uma mulher que aparentava ser poucos anos mais nova que a mãe de Dalva. — Creio que todas nós estamos sentindo isso. Eu e minhas filhas estávamos conversando sobre e também achamos que algo vai acontecer. Mas infelizmente não temos ideia do que será.

— Eu acho que tenho — pronunciou-se Elaine. Todas a encararam com surpresa. A jovem de 22 anos engoliu em seco e continuou. — Eu acho que tive um aviso.

— Que tipo de aviso? — perguntou a senhora de antes.

— Eu não sei explicar muito bem. Eu vi uma nuvem de penas que parecia me seguir, me observar. E depois ela fez com que todas as folhas de uma árvore caíssem e pegassem fogo. As chamas com mais de dois metros também me encararam, como se quisessem dizer alguma coisa, mas não podiam.

As mulheres ouviam atentamente o relato dela. E depois que terminou, elas ficaram caladas por minutos mirando o fogo crepitar e inalando o odor agradável. O silêncio foi quebrado pela própria Elaine que após tomar muita coragem, falou:

— Eu acho que deve ser algo relacionado com os vampiros.

— Os vampiros? Por quê? — questionou Dinorá.

— Não sei direito, vó. Mas depois que minha mãe me contou sobre eles, eu acho que o que vai acontecer vai ser por causa deles.

— Eles estão quietos há séculos. Estão cumprindo a parte do acordo — comentou uma mulher.

— Desculpa, eu não sei explicar. Talvez seja pelo meu pouco conhecimento em magia. Mas sinto que eles estão tramando algo.

— Mais alguém aqui tem alguma outra suspeita? — indagou Dinorá. Todas negaram. — Muito bem. Já que a Elaine está suspeitando deles é melhor ficarmos em alerta. Temos a vantagem de eles não nos conhecerem e não conseguirem nos diferenciar dos humanos. Por isso peço que todas tomem cuidado, pois eles não podem nos ferir ou matar, no entanto, podem fazer algo para nos atingir.

— O que eles poderiam querer com a gente? — perguntou Dalva.

— Não faço a mínima ideia. Só que nunca é demais ter cautela com certas coisas. E não podemos nos esquecer de que eles são seres maus.

Todas assentiram. Dinorá sentou-se ao redor da fogueira e fixou os olhos nela. As demais fizeram a mesma coisa. Depois olharam a lua cheia que aparecia acima de suas cabeças. Elas começaram a rezar e pedir proteção já que não poderiam fazer mais nada no momento. Elaine sentiu os pelos dos braços arrepiarem por causa da magia que se acumulava no ar. Sentia-se nervosa. Algo em seu íntimo dizia que aconteceriam coisas ruins àquelas mulheres. Daria de tudo para saber o que era e poder evitar. Contudo, não era possível.

Infelizmente, as bruxas não são capazes de prever o futuro, pois se fossem e assim o fizessem, teriam fugido e se escondido junto com toda sua família. Ido para um lugar bem distante daquelas passagens que eram obrigadas a tomar conta. Teriam sumido no mundo e tudo seria diferente. No entanto, elas não tinham esse dom e por causa de sua falta, sofreriam muito nas mãos dos noturnos, que já começavam a encontrá-las.

Capítulo 9

Após mais de três meses de ausência, Augusto e Samantha retornavam à cidade de Leme para cumprirem sua parte na tarefa de caça às bruxas. Mesmo que Fábio fosse o líder do município, Augusto achou melhor tomar conta daquele assunto e conversar pessoalmente com seus subordinados humanos.

Depois do acontecido com Niara, o vampiro passou a ter muito mais cautela no período que ela passou em São Paulo. Sabia que Açucena proibira a negra de tentar qualquer coisa contra ele, mas cuidado nunca fora demais, pois era de seu conhecimento que se eles se enfrentassem, alguém teria sua existência extinta, e lógico que ele faria de tudo para não ser a sua. Niara voltou para Salvador uma semana após a reunião. Com isso, Augusto saiu do seu estado de alerta e pôde começar com seu plano.

Ele e Samantha saíram da capital paulista logo que a noite chegou. Tirando o trânsito que encontraram na Marginal Tietê, causado por um acidente entre um motoqueiro que invadiu a pista expressa e um carro, conseguiram chegar ao destino no tempo estimado. Como sempre, a cidade de Leme estava tranquila. Quando adentravam a rotatória que os levaria para a Avenida da Saudade, o vampiro abriu a janela do seu lado e colocou a cabeça para fora, respirando profundamente aquele ar que só os municípios do interior tinham. Samantha riu da cena.

— Você realmente gosta daqui, não é?

Ele não respondeu, só meneou a cabeça com um sorriso nos lábios e continuou a dirigir. Após poucos minutos, estacionava o veículo na garagem de sua antiga casa. Assim que o casal desceu e se encaminhou para a porta aberta, um pequenino ser veio recebê-los. Augusto parou diante da criança, franziu o cenho e ergueu uma das sobrancelhas. Samantha também parou e ficou observando a cena, curiosa. Por fim, ele se agachou para olhar a menina nos olhos.

— Desde quando você sabe andar? — cerrou os olhos.

— Não é assim que se fala com uma criança, Augusto — Samantha disse tocando-lhe no ombro.

— Não é mesmo — outra voz surgiu. Em seguida, Henrique apareceu na porta e pegou Beatriz no colo. — Você tem que falar mais suavemente. Não é mesmo, Biazinha? — falou com voz infantil e encostou seu nariz ao da menina, que sorriu.

— Não sirvo para essas coisas — levantou-se e encarou o irmão. — Mas já não posso dizer o mesmo de você.

— Eu gosto de criança e estou adorando poder cuidar de uma depois de tantos anos.

Augusto sorriu com o canto da boca. Era bom ver o irmão mais humano do que quando parasitava o corpo de Diogo. Isso o fez lembrar do garoto e interrogar:

— Onde está o Diogo?

— Saiu com a Júlia. Disseram que iriam se alimentar e depois dar uma volta. Não disseram que horas retornariam.

Assentiu. Pegou o celular do bolso da calça e teclou alguns números. Após poucos toques, Éder atendeu. Augusto avisou que já havia chegado e o esperava, assim como o combinado. Depois ligou para mais algumas pessoas. Enquanto falava com eles, entrou na sala e preparou uma bebida. Henrique acomodou-se no sofá com Beatriz nos braços e Samantha foi até a cozinha para se alimentar de uma bolsa de sangue. O ex-líder da cidade também se sentou para esperar seus subordinados com um copo de uísque em uma das mãos e com um cigarro na outra.

— Não se pode fumar perto de criança — repreendeu o homem de olhos verdes.

— Ela é uma mestiça, Henrique. Não vai morrer por causa disso — deu uma tragada e soltou a fumaça na direção do irmão.

— Não sabemos nada sobre ela. Por isso acho melhor você não fumar aqui dentro.

— Mas que merda — amassou o cigarro na mão. — Você está muito mãezinha, Henrique.

— Ela é a filha que eu não pude cuidar — afagou os cabelos curtos e avermelhados da menina. — Só sinto que preciso compensar isso.

— Sabe aquelas sensações estranhas que eu tinha quando era humano? — Henrique estranhou a mudança no assunto, porém confirmou. — Então, às vezes eu ainda sinto algumas coisas.

— Por que você está dizendo isso agora?

— Porque estou sentindo uma nesse exato momento — deu um longo gole no uísque e enquanto engolia o líquido, indicou com a mão a criança. — Acho que não é uma boa ideia você ficar grudado desse jeito nela.

— E por que não?

— Não sei explicar. Só estou dizendo que é melhor você se afastar da criança.

— Eu aguentarei as consequências da minha escolha.

— E você continua inconsequente, não é?

— Não sou inconsequente, só estou tentando me encaixar nesse mundo moderno e ter um motivo para continuar imortal.

— Depois não diga que eu não avisei.

Samantha retornou da cozinha com um copo de sangue em mãos que estendeu para o amado assim que se sentou ao seu lado. Após poucos minutos, Fábio se juntou a eles para aguardar a chegada dos humanos que fariam parte do plano do Conselho. Os subordinados de Augusto só chegaram depois de meia hora. Estavam presentes Éder, o rapaz alto e moreno que

tomou conta da família de Diogo e Júlia quando precisaram ser escondidos; dona Neide, a responsável pelo funcionamento da casa e mais três, dois homens e uma mulher. Não era de seu feitio, mas Augusto agradeceu aos humanos por terem vindo ao seu chamado já que não lhe deviam mais obediência. Pediu para que todos se acomodassem na sala para que pudesse explicar o que eles precisariam fazer.

Explicou que eles deveriam apenas recolher algumas informações. Disse que existiam bruxas na cidade e que necessitava, urgentemente, descobrir quem eram. Sabia que elas mantinham ligação com a construção da gruta em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, todavia, não possuía nenhuma informação sobre o assunto.

— Como faremos isso? — indagou Éder.

— Creio que o melhor ponto de partida seja pela Santa. Quero que descubram quem a construiu e por que, e localizem essas pessoas. Não sei se existem muitas.

— E o que faremos depois que as encontrarmos?

— Só quero que anotem seus nomes e local das residências para me entregarem. Pois assim que tivermos essas informações, partiremos para a segunda parte do plano.

Os humanos concordaram sem mais questionarem o vampiro e se retiraram em seguida. Augusto pegou Samantha pela mão e a conduziu para o seu antigo quarto. Adentraram o cômodo que permanecia exatamente como ele deixara meses atrás. Pediu para que a vampira se sentasse.

— O que foi? — perguntou desconfiada.

— Lembra que eu prometi contar como a Marta morreu?

— Lembro. Você me disse que só contaria no momento certo.

— Eu não esperava exatamente o momento certo, e sim o tempo passar. Era do seu conhecimento que ela mantinha uma relação com o Diogo, não era? — ela anuiu. — Pois bem. Não sei como as coisas aconteceram, mas eles continuaram com essa relação por muito tempo, até quando Júlia estava nesta casa como humana. Enfim, foi a Júlia que a matou para afastá-la do Diogo e ele não sabe disso.

— Eu já desconfiava — deu de ombros e suspirou.

— E você não se importa? Já que eram tão unidas?

— Se você está pensando que a nossa relação era igual a de você com o Henrique, está muito enganado — riu. — Eu gostava dela sim, e fiquei chateada quando descobri que nunca mais iria vê-la. Mas eu compreendo muito bem o que a Júlia fez. Eu, no lugar dela, teria feito o mesmo.

— Então é assim? Vale tudo para acabar com a concorrência? — arqueou as sobrancelhas.

— Vale — levantou-se e o beijou. — Nunca permitirei que nenhuma outra se aproxime

de você. E se for o caso, farei exatamente o que a Júlia fez.

— Mulher é um ser estranho mesmo — achou graça do próprio comentário.

— Por que diz isso?

— Pois eu não faria nada do tipo. Não disputaria a atenção de alguém. Simplesmente me afastaria.

— Como você fez comigo? — ele não respondeu, mas ela sabia que sim. — Por mais que você me amasse, nunca iria atrás de mim para me tirar do Nelson.

— Você tinha feito a sua escolha.

— Eu sei. Se fosse eu no seu lugar, teria ido atrás e arrancado a cabeça da mulher que estivesse com o meu homem.

— Não quero mais falar sobre esse assunto. Não gosto nem de imaginar você com outro homem — beijou-lhe na testa. — Contudo, assumo boa parte da culpa, pois se eu a tivesse amado como deveria desde o começo, nada disso teria acontecido — encostou seu nariz ao dela. — Só dei valor a você e ao que eu sentia depois que a perdi.

Iniciaram o beijo que durou pouco, pois ouviram baterem à porta. Diogo e Júlia entraram.

— Que bom que você voltou — falou o rapaz de cabelos negros e olhos verdes com um largo sorriso nos lábios.

— Sentiu minha falta, garoto? — Augusto também sorriu.

— Nem um pouco — caminhou até ele para lhe apertar a mão.

O vampiro pegou na mão estendida de Diogo para o cumprimento e acabou o puxando para um abraço.

— Acho que não fui eu quem sentiu saudade — falou o garoto.

— Se o Henrique pode cuidar de uma criança e achar que é sua filha, eu também posso achar que tenho um, não posso?

— Filho? — surpreendeu-se com o comentário. — Nossa. Nunca pensei que você gostasse de mim de verdade.

— Se eu não gostasse, teria te matado há muito tempo — riu.

Júlia sorriu com a cena. Achou melhor deixá-los conversar sem uma plateia. Quando ameaçou se mover para sair do quarto, Samantha já caminhava em sua direção. Pegou a jovem pelo ombro e ambas deixaram o aposento. Enquanto a vampira de cabelos negros se acomodava diante da televisão, a ruiva pegou Beatriz do colo de Henrique e andou até o andar superior. Entrou no antigo dormitório de Diogo que fora reformado para uma criança. Pegou peças de roupa e desceu para banhar sua filha.

Por mais que a menina estivesse com quase um ano de idade, ela era muito levada. Bastou Júlia tirar os olhos dela por segundos, para que ela saísse correndo do banheiro,

completamente nua e molhada. A vampira precisou usar sua velocidade para alcançá-la. Depois que a enxugou, levou-a para a cozinha, onde pôde preparar a mamadeira. Colocou Beatriz sentada em uma cadeirinha de criança para que pudesse cumprir a tarefa sem precisar ficar de olho nela. Quando Júlia deu as costas para a filha, ela conseguiu ficar em pé na cadeira e se jogar rapidamente em cima da mesa. Antes que a mãe pudesse ter feito algo, Beatriz já abocanhava uma bolsa de sangue. Por sorte, ela não tinha conseguido abri-la.

A ruiva repreendeu a menina, mas tinha a impressão de que aquelas palavras não fariam diferença. Respirou fundo. Acabou tendo que preparar a mamadeira com a criança no colo. Só subiu para o quarto quando Beatriz se acalmara e decidira tomar o leite em vez do sangue. Não levou a menina para os aposentos dela, foram para outro. Entrou em um cômodo maior do que os demais do mesmo andar, pois este também fora reformado e unido ao dormitório ao lado para que virassem apenas um. O quarto de Diogo e Júlia.

Sentou-se em uma poltrona ao canto e acomodou a menina no colo para que pudesse dar-lhe o leite. Enquanto a criança se alimentava, Júlia percorria com os olhos tudo ao seu redor. Fitou a cama de casal com lençóis azul-marinho; o guarda-roupa, a mesa com um laptop, uma televisão na parede e algumas prateleiras com objetos decorativos.

Quando Beatriz já terminava a mamadeira, seu amado adentrou o quarto. Ele se aproximou e viu a filha sonolenta, quase não conseguia manter os olhos abertos para terminar a refeição. Pegou o recipiente vazio para que Júlia embalasse a menina que não demorou a adormecer. Diogo segurou a filha e a levou para colocá-la no berço. Quando voltou, viu a namorada em pé, com um controle remoto mudando os canais da TV.

— Ela vai dar trabalho para a babá amanhã — falou ele, deixando-se cair deitado na cama.

— Vai mesmo. Ela tem dormido muito cedo ultimamente — deixou em um canal em que passava uma série policial americana e sentou-se na cama.

Diogo fitava o teto e ela mantinha o olhar fixo no programa. O garoto ainda rolou algumas vezes para chamar a atenção dela, só que não conseguiu. Por fim, enlaçou-a pela cintura e a fez cair sobre ele. Passou o indicador no nariz dela e contou pela milésima vez as poucas sardas. Júlia segurou a mão dele e fingiu morder os dedos. Diogo sorriu e a beijou. Após o carinho, mirou o anel do Conselho que ela usava no dedo anelar da mão esquerda e também beijou a pedra. Nesse momento a jovem fechou a cara, saiu de cima do namorado e começou a andar pelo quarto.

— O que foi? — questionou se sentando.

— E você ainda tem coragem de perguntar? — parou de frente para ele. — Você não consegue esquecê-la! — tirou o próprio anel do dedo e o jogou em cima do amado que o pegou antes que o atingisse no rosto.

— Não faz isso, Júlia — colocou o objeto no bolso da calça e se levantou. — Não vou

dizer que esqueci porque é mentira, mas você sabe que te amo.

— E por que você não consegue esquecer?

— Acho que é porque não sei como ela morreu.

— Você realmente quer saber como ela morreu? Se souber, vai conseguir esquecer esse assunto?

— Você sabe de alguma coisa?

— Não foi essa a pergunta — era possível notar na voz dela um pouco da raiva que tentava segurar.

— Não sei. Talvez sim, talvez não.

Júlia bufou, deu-lhe as costas e andou de um lado para o outro. Tinha medo de que um dia ele descobrisse o que tinha feito e se zangasse, entretanto, também se irritava pelo fato de ele não conseguir se esquecer de Marta. Não sabia se ele a perdoaria, porém não aguentava mais aquela situação. Se o amor que sentiam um pelo outro fosse perdurar pela eternidade, aquele assunto deveria ser perdoado e deixado de lado. E também, caso Diogo reclamasse, ela tinha uma carta na manga que usaria sem hesitar. Ficou pensando no assunto por algum tempo. Ele já começava a ficar inquieto e quando decidiu questioná-la sobre o assunto, ela parou diante dele, respirou fundo e revelou:

— Eu matei a Marta.

Capítulo 10

Ficou sem reação. Seu cérebro não conseguiu processar aquelas palavras rapidamente como deveria. Fechou os olhos e balançou a cabeça. Só podia ter ouvido errado.

— Você o quê?

— Eu matei a Marta, Diogo — repetiu.

Caiu sentado na cama, apoiou a cabeça nas mãos e em seguida as passou pelo rosto e cabelos. Não. Aquilo não poderia ter acontecido. Júlia não poderia ter sido tão vingativa assim. Ter planejado a morte de Marta tão friamente. Ter feito com que ela e ele acreditassem que tudo estava bem. Não. Não conseguia conceber aquilo. Levantou a face para encarar a namorada. Mesmo que fosse uma vampira, ela parecia tão inofensiva. Um ser incapaz de machucar alguém. Uma boneca de porcelana que fica guardada em uma caixa em uma prateleira bem alta, impossibilitando que a toquem e a quebrem. Só permitindo que as pessoas a admirem, apenas isso. Diogo sentiu o pouco sangue que tinha começar a ferver.

— Por que você fez isso? — indagou quase inaudível tentando se manter sob controle.

— Você realmente achou que eu o dividiria com ela? Não. Você é meu namorado e deve ficar apenas comigo e...

Não conseguiu terminar, pois ele a pegou pela garganta e a encostou violentamente na parede.

— Eu a amava! — seus olhos se tornaram vermelhos.

Júlia o empurrou fazendo com que a soltasse.

— Foi exatamente por isso que a matei. Eu sabia que se pedisse para que ela deixasse você, ela o faria, mas tinha certeza de que você não a deixaria ir. E não adianta me olhar assim — falou séria e calmamente.

— Você a matou! — gritou.

— E você fez o que comigo quando eu era humana? — ele enrugou a testa em sinal de que não entendia. — Você foi me matando aos poucos, Diogo. Eu já era uma vampira antes mesmo de ser transformada. Você acabou comigo. Me machucou demais. Tanto física quanto psicologicamente. E mesmo assim, depois de *tudo* isso, eu continuo amando você como nunca ameii ninguém — ficaram em silêncio por alguns instantes. — Você não consegue me entender? Fiz isso porque te amo e quero você só pra mim.

— Isso foi egoísmo.

— Egoísmo? Não me faça rir. Se isso é ser egoísta, o que é querer ter duas mulheres? — os olhos de Diogo voltaram ao verde natural. — Não estou pedindo para você me perdoar, só para que compreenda que eu não queria dividi-lo com mais ninguém — ele fitava o chão. — E

eu sei o que você fez com o Mário — tirou da manga sua cartada final. Ele a mirou espantado.

— Sabe o quê?

— Não se faça de desentendido. Se o Augusto descobrisse o que você fez, ficaria muito bravo — Diogo passou as mãos pelo cabelo e deu alguns passos pelo quarto. — No fundo, você e o Henrique são muito parecidos.

— Como você sabe disso?

— Porque eu o matei. Não sei como ele conseguiu, mas depois que você o transformou e não contou para ele o que tinha feito, ele procurou por mim. Contou que você surgiu do nada e não disse nenhuma palavra, apenas o surrou sem parar — percebeu que Diogo tinha se perturbado com o assunto. — Você ficou louco? Queria criar outro Nelson?

— Eu só queria...

— Se vingar por que ele dormiu com sua mulher? — interrompeu-o. — Francamente, Diogo. Não podia ter simplesmente o matado? Mas enfim, eu limpei sua sujeira. E sei que na hora que batia no Mário, você sentiu exatamente o mesmo que eu quando matei a Marta.

Diogo respirou fundo várias vezes. Sua cabeça rodava. Sentia falta de Marta. Não havia um único dia em que não pensasse nela. Contudo, já se acostumava com a perda, ainda mais tendo todo o amor e carinho vindo da mulher que mais amava nesse mundo. Fixou os olhos quase dourados da sua pimentinha. Quem era ele para dizer que ela estava errada? Não tinha moral para mais nada. Até passou por sua mente que não merecia o amor de Júlia. Caminhou até ela e lhe tocou delicadamente o rosto.

— Me desculpa por tudo. Eu deveria ter me desculpado antes por tudo que fiz você passar. Eu te amo muito.

— Você me entende?

— Eu não tenho que te entender. Você fez o que fez pelos motivos que achava certo e eu aceito isso — abraçou-a. — Você é a mulher da minha vida.

— Da sua eternidade, você quis dizer.

Diogo a pegou pela nuca e a trouxe para um beijo. A troca de carinho e as juras de amor duraram por toda a madrugada. Dois eternos adolescentes que iriam se amar para todo o sempre.

Pensou que seria mais fácil conseguir aquelas informações, porém estava completamente enganado. Passou dias tentando descobrir alguma coisa. Foi até a imagem da Santa; caminhou pelos arredores; perguntou para alguns moradores e funcionários de estabelecimentos próximos. Fez tudo que julgava ser de seu alcance, mas não obteve respostas positivas.

Éder começava a desistir. Enquanto guiava o carro novamente até a imagem, pegou o celular e ligou para dona Neide. Assim que ela atendeu, perguntou se havia novidades sobre o caso. A senhora disse que não, que infelizmente não tinha obtido nenhuma informação nova. O rapaz ainda a questionou se os demais tinham conseguido alguma coisa e ela disse que não. Continuavam todos na mesma situação. Éder suspirou desanimado e se despediu de Neide. Não entendia como ninguém sabia nada a respeito da construção daquela homenagem. Coçou a cabeça. Alguma pessoa tinha que saber, não era possível.

Estacionou o carro em uma rua paralela à avenida. Desceu do veículo e andou tranquilamente até a imagem da Santa. Parou diante dela e fez o sinal da cruz. Nunca fora religioso, mas depois que começou a trabalhar verdadeiramente para vampiros, apegou-se muito a fé, pois não sabia o que poderia acontecer com ele. Sempre antes de dormir, rezava todas as orações que conhecia e perdia o sono por estar ajudando aquelas criaturas. Sabia que aquilo não era certo, contudo, o valor que recebia de salário o impedia de abandonar o emprego. Era de seu conhecimento que não conseguiria um valor daquele em nenhum outro lugar.

Tirou do bolso da camisa uma fitinha colorida e enquanto a amarrava na grade de proteção, fazia suas preces em voz baixa. Sentia que não deveria estar fazendo aquilo: pedindo ajuda à Nossa Senhora para encontrar pessoas que seriam maltratadas pelos vampiros. Suspirou num lamento. Quando foi que se perdeu? Será que era apenas pelo dinheiro oferecido ou também por que se tornara uma pessoa má?

Estava tão absorto em seus pensamentos que não percebeu quando uma senhora se aproximou e se agachou para acender uma vela diante da imagem. Éder limpou rapidamente uma lágrima que escorreu involuntariamente. Não queria que ninguém o visse chorar. Não sabia o que lhe causara tal sentimento.

— Você está bem, meu rapaz? — indagou a senhora, encarando-o.

— Estou sim — respondeu, sem olhá-la.

— Você não me parece nada bem — deu um passo na direção dele e lhe tocou o braço.

— Se tem algo que está te fazendo mal, reze para a Santa que ela afastará tudo de ruim. Esta é uma imagem milagrosa.

— Por que a senhora diz isso?

— A pessoa que a construiu estava muito doente, acho que em estado terminal. Mas tinha uma curandeira que pediu para essa pessoa que fizesse uma homenagem à Nossa Senhora. Se ele fizesse isso, seria abençoado com a cura para a doença. E por incrível que pareça, logo depois que a gruta foi construída, o sujeito melhorou que só vendo.

Éder se espantou com o rumo da conversa. Após tanta procura aquela era uma pista muito importante. Não poderia deixar passar a oportunidade.

— A senhora conhece essa pessoa que foi curada ou a curandeira?

— Não. O homem morreu há alguns anos. Mesmo curado da doença, ninguém consegue viver para sempre, não é? Já a curandeira, eu a vi uma única vez, porém nunca tive contato com ela.

— A senhora não sabe onde eu posso encontrá-la?

— Por que você quer encontrá-la?

— É... — a pergunta o pegou de surpresa. — É que estou com uns problemas familiares e quem sabe ela não pode me ajudar.

— Humm... Infelizmente não sei onde ela mora.

Éder abaixou a cabeça. Será que nunca conseguiria encontrar aquelas malditas bruxas?

— Mas sei onde você pode encontrar a neta dela — o rapaz encarou a senhora com os olhos arregalados.

— Sêrio? Onde?

— Antes de me aposentar, eu dava aula para crianças do primário e acabei tendo a neta dela na minha sala. Nunca falei pessoalmente com dona Dinorá, mas eu sempre conversava com a filha dela, Dalva, quando ela ia buscar a menina na escola. A menina já é uma moça agora. Ela trabalha em uma loja de eletrodomésticos ali no centro. Se não me engano é a loja Cem.

— E qual o nome dela?

— Elaine.

Éder sorriu e abraçou a senhora em sinal de agradecimento. Ela não entendeu tamanha alegria, mas mesmo assim afagou as costas do rapaz. Ele se despediu dela e correu para o carro. Logo que adentrou o veículo, vasculhou o porta-luvas e pegou um bloquinho de papel. Com uma caneta escreveu aqueles três nomes de mulheres. Agora sim a sorte começava a mudar de lado. Ligou o automóvel com o destino já traçado em sua mente.

Um rapaz alto, moreno e trajando um terno preto, entrou na loja. Elaine mostrava um celular a um cliente quando ouviu outras vendedoras suspirarem pelo sujeito. Enquanto o senhor à sua frente olhava atentamente o aparelho eletrônico, ela desviou a vista dele e mirou as companheiras de trabalho. Uma delas abanava o rosto com as mãos e a outra colocava o cabelo para trás da orelha. Elaine revirou os olhos e prestou atenção na venda que provavelmente efetuaria.

Éder parou no balcão e fingiu olhar algumas máquinas fotográficas. Não demorou muito

para que as duas moças se aproximassem perguntando se poderiam ajudar. Ele tirou os óculos escuros e sorriu para ambas. Disse que só daria uma olhada e qualquer dúvida que tivesse, as chamaria. Abaixou os olhos e viu os nomes delas nos crachás. Esticou a mão e os tocou com o dedo indicador. As mulheres sentiram as pernas bambearem. O subordinado humano dos vampiros continuou a olhar os produtos e sempre que uma vendedora se aproximava, ele lia o nome no crachá.

Elaine viu o rapaz chegar cada vez mais perto e seus olhos se encontraram. Ficou por instantes sem ar, pois a presença dele trazia uma pressão junto, uma sensação estranha, porém ao mesmo tempo prazerosa. Antes que pudesse tê-lo atendido, o cliente anterior avisou que levaria o aparelho celular. Ela saiu do balcão e se encaminhou com ele ao fundo da loja para que pudesse preparar a compra. Deixou o cliente com outro vendedor e aproveitou a brecha para ir ao banheiro.

Lavou as mãos e passou um pouco de água no rosto, que ganhara a coloração levemente avermelhada por causa do calor. Ainda se abanou um pouco antes de sair e voltar para o seu posto. Antes de chegar à frente da loja, parou para pegar um copo de água. Iniciou seu caminhar com o objeto de plástico na boca. Deu mais alguns passos e viu o sujeito de terno não muito distante dela, vindo em sua direção. Quando ele já estava mais próximo, Elaine ouviu seu nome sendo gritado por um funcionário. Ela virou-se para trás e avistou o colega acenando com uns papéis em mãos.

— Eu encontrei os documentos daquele pedido — avisou ele.

— Que bom. Depois a gente senta para resolver isso, tudo bem?

Ele confirmou com a cabeça.

Elaine levou mais uma vez o copo à boca e virou-se para frente, mas acabou se chocando com alguém. Antes que pudesse ter feito algo, a água espalhou-se por todos os lados molhando ela e o terno preto do homem.

— Me desculpa — disse ela passando a mão sobre a roupa dele. — Eu sou uma desastrada mesmo.

— Não se preocupe com isso — retirou do bolso interno do terno um lenço e o estendeu para a jovem. — Você está mais molhada do que eu.

Elaine olhou para si mesma e reparou seu uniforme praticamente ensopado. Sentiu-se um pouco envergonhada. Aceitou o lenço e o passou pelo rosto, pescoço e tentou, em vão, secar a camisa. Ameaçou devolver o tecido ao rapaz, porém desistiu.

— Não posso te devolver isto deste jeito — balançou-o.

— Então você pode me devolver em outra ocasião.

— Que outra ocasião?

— Sábado à noite quando eu levá-la para jantar.

Elaine ficou sem reação e só depois de alguns segundos percebeu que segurava a respiração. Buscou as palavras para falar, mas elas teimavam em sumir da sua mente. O máximo que conseguiu foi balbuciar algumas coisas que nem ela mesma entendeu. Viu o sujeito sorrir.

— Me desculpa, nem me apresentei. Meu nome é Éder.

— Elaine — finalmente algo inteligível escapou da sua boca.

— Então, Elaine. Você gostaria de sair comigo para eu me desculpar por ter derramado água em você?

— Só por isso você quer sair comigo?

— Claro que não — sorriu. — Porque te achei linda e gostaria de conhecê-la melhor.

Você aceita?

— Eu preciso pensar sobre isso. Foi tudo muito repentino — o rosto começou a esquentar.

— Claro. Ainda estamos no começo da semana, você tem muitos dias para pensar sobre o assunto — tirou do bolso da calça um bloquinho de papel. — Tem uma caneta aí? — ela apalçou os bolsos e encontrou uma que logo entregou a ele. Éder escreveu alguns números, depois separou o papel do resto do bloco e o estendeu para a jovem. — Esse é o meu celular. Me liga quando tiver uma resposta, tudo bem?

— Vou pensar no seu caso — sorriu, já um pouco mais descontraída. — Pode deixar que eu ligo sim, independentemente se for para dar uma resposta positiva ou para te dar um chute.

— Me chutar, é? — achou graça do comentário. — Faça o que achar melhor, só não deixe de ligar. Vou ficar esperando.

— Pode deixar — olhou para a entrada da loja e viu as duas colegas a encarando de queixo caído. Elaine tentou segurar o riso. — Eu preciso voltar ao trabalho agora.

— Claro. Não quero te atrapalhar.

Não soube ao certo como que aconteceu. Quando se deu conta, ele já encostava os lábios na sua bochecha. Chegou a pensar que o coração tivesse parado nesse momento. Éder afastou-se pouquíssimos centímetros e a encarou nos olhos, quase encostando seu nariz ao dela.

— Não se esqueça de mim — disse baixinho para que o som só chegasse aos ouvidos da jovem.

Elaine não conseguiu responder. Ele endireitou o corpo, sorriu mais uma vez, colocou os óculos de sol e se distanciou. Viu-o percorrer a loja até alcançar a calçada e sumir entre os pedestres. Não soube quanto tempo passou estarrecida só voltando a prestar atenção ao redor quando viu uma de suas amigas lhe acenar repetitivamente. A jovem balançou a cabeça e andou até o balcão de produtos eletrônicos.

— A senhora pode me dizer o que foi aquilo? — questionou uma das amigas.

— Eu não entendi até agora — revelou Elaine colocando a mão na testa. Que sensação arrebatadora.

— O que ele te falou?

— Me chamou pra sair.

— Não acredito! — falou a outra. — Como você conseguiu? Eu e a Li ficamos nos derretendo aqui e ele nem deu bola. Da próxima vez vou jogar água em algum cliente bonito que entrar para ver se consigo um encontro também.

— Não seja boba — riu com elas. — Foi um acidente. E eu que me molhei mais — passou mais uma vez o lenço, já molhado, pela camisa.

— E você ainda ganhou um presentinho para se lembrar dele. Aposto que tem o cheirinho dele aí.

— Deixa eu ver — levou o tecido até o nariz e respirou fundo. Realmente tinha um odor de perfume masculino com um pouco de loção pós-barba. — E não é que tem mesmo?

— Isso até parece coisa de novela. Quem sabe ele não é o amor da sua vida. Deve ser aquele negócio de amor à primeira vista.

Riram novamente. Estava com a resposta na ponta da língua, mas não conseguiu dizer nada, pois o gerente se aproximou do trio de vendedoras e as encarou com um olhar repreensivo. As três se calaram no mesmo instante e cada uma foi para um canto do balcão. Elaine guardou o lenço no bolso da calça do lado esquerdo e o pedaço de papel no outro. Pensava seriamente em aceitar a proposta de encontro. Seria bom sair com um homem bonito para variar.

Éder adentrou seu veículo com um largo sorriso nos lábios. Finalmente encontrara uma bruxa, ou pelo menos a neta de uma. Logo que se sentou no banco do motorista, pegou o celular e procurou na lista de contatos o número de Augusto. Sabia que o vampiro não atenderia o aparelho naquele horário, mas pelo menos ouviria o correio de voz assim que acordasse. Éder deixou uma mensagem dizendo que encontrara uma bruxa e que tentaria se aproximar dela para descobrir a localização das demais. Avisou também que talvez demorasse algumas semanas para ter o nome de todas, porém estava confiante no andamento do plano. Por último, falou que se Augusto tivesse qualquer pergunta sobre o assunto, que ligasse para ele.

O rapaz desligou o aparelho e fitou a própria imagem no retrovisor. Sorriu. Ainda bem que era bonito, pois isso ajudava e muito na aproximação. Pensou em Elaine e suspirou. No fundo sentia um pouco de pena da moça, mas tentava se manter o mais profissional possível e não se importar com o desenrolar das coisas após os vampiros tomarem as rédeas do plano. *Pelo*

menos ela é linda, isso facilitará as minhas investidas, pensou ao se lembrar do possível encontro no sábado à noite. Precisaria reforçar um pouco mais suas intenções caso quisesse que ela aceitasse seu convite. Já tinha tudo arquitetado em sua mente. Investiria pesado.

Capítulo 11

Elaine chegou em casa naquele fim de tarde de segunda-feira mais cansada que o normal. Achou que provavelmente fosse por causa do calor que tinha feito durante toda a tarde. Logo que entrou no quarto, pegou algumas roupas do guarda-roupa e se encaminhou para o banheiro. Tomou uma ducha gelada para tentar se livrar do cansaço. Após retornar aos seus aposentos, lembrou-se que havia esquecido o papel com o telefone de Éder e o lenço no bolso da calça. Correu ao banheiro e os pegou. Caminhava tão distraidamente, olhando para o pedaço de papel e recordando-se do acontecido, que não ouviu sua mãe lhe chamar e ainda deu um grito de susto quando ela se aproximou e a tocou no ombro.

— Você quer me matar do coração, mãe? — colocou as mãos no peito.

— Eu a chamei várias vezes, você que não estava prestando atenção — viu o papel na mão da filha. — O que é isso?

— Não é nada — colocou-o no bolso do shorts.

— Sei — falou desconfiada. Deu de ombros. — Vamos treinar um pouco hoje?

— De novo? Estou tão cansada... Trabalhei o dia todo.

— Você está se sentindo mais cansada porque está usando magia. Ela consome sua energia, mesmo. Se você tivesse aprendido a usar desde criança como eu falava...

— Eu não estaria assim. Eu sei, eu sei — interrompeu-a. — Tudo bem, você venceu. Vamos treinar, então.

Ambas foram para o quintal da casa que era coberto por grama e se sentaram. Elaine já sabia como o treinamento ocorreria, por isso logo que se acomodou na grama, postou as palmas da mão na mesma e se concentrou para conseguir drenar o máximo de energia da terra. Enquanto ela mantinha os olhos fechados e tentava esvaziar a mente, Dalva pedia para que ela se focasse nos quatro elementos; que os imaginasse como se realmente os estivesse tocando. A jovem não questionava nada que a mãe falava e também não conseguia entender muito bem o fundamento daquelas coisas.

Por mais que estivesse treinando a magia, não conseguira nada de concreto até o presente momento. O máximo que tinha conquistado foi um ventinho mais forte no rosto, nada mais. Elaine parou de pensar em besteiras e concentrou-se no que a mãe falara para que fizesse. Primeiramente pensou no ar. Ficou alguns minutos o imaginando e chegou à conclusão que era muito difícil se imaginar tocando tal elemento. Desistiu dele e passou para a água. E a primeira imagem que lhe veio à mente foi dela derramando o líquido em Éder. Acabou abandonando esse também. Passou para a terra. Nada aconteceu. A frustração começava a aflorar. Não queria mais fazer aquilo, mas ainda faltava um elemento: o fogo. Ela respirou fundo e se concentrou

ainda mais. Visualizou-se tocando as chamas que crepitavam de uma fogueira e quando tentou tocá-las, o fogo criou vida e triplicou de tamanho tomando a forma daquela figura que havia visto semanas atrás. Elaine sentiu o coração disparar. Não soube por que não conseguiu abrir os olhos e se livrar de tal pensamento. Via as chamas com mais de dois metros de altura vindo em sua direção. A jovem dava passos para trás para tentar se afastar daquele monstro. De repente, do meio do fogo surgiu uma mão que a tocou no braço. Elaine gritou desesperadamente, pois sua pele fora queimada. Ainda clamando, conseguiu abrir os olhos e com isso foi capaz de ver a grama ao redor das suas mãos pegando fogo. Ela espantou-se com a cena e se levantou abruptamente.

— O que foi isso? — perguntou para a mãe.

— Parece que você tem uma afinidade maior com o fogo — disse, pensativa. — O que você sente em relação a ele?

— O quê? Eu não sinto nada.

— Você ainda não está sensível o suficiente para saber. Precisa treinar mais.

— Eu estou me assustando com isso, mãe. Essas coisas acontecem comigo e eu não consigo controlar.

— Isso é normal. Você ainda vai controlar.

Elaine não acreditou muito nas palavras da mãe. Dalva insistiu para que a filha continuasse com o treino, entretanto, ela não quis de jeito nenhum. Alegou muito cansaço e que não tinha cabeça para aquilo. Mas precisou jurar que no dia seguinte treinaria o quanto a mãe quisesse. Entrou no quarto e se jogou na cama. Aquele negócio de magia a deixava esgotada. Não demorou muito para que caísse em sono profundo.

Acordou com o barulho do despertador do celular. Ainda sonolenta, desligou o aparelho e se arrastou para fora da cama. Abriu a janela e uma forte luz solar invadiu seus olhos. Ficou desanimada ao pensar que seria mais um dia de calor extremo. Saiu de casa no horário de costume. Como sempre, tudo ocorreu na maior normalidade. Porém, um pouco antes do seu horário de almoço, viu algo que mudaria o rumo do seu dia. Éder entrou na loja e veio diretamente na direção dela. Ao se aproximar, tirou os óculos escuros e sorriu.

— Olá, tudo bem?

— Tudo. O que você veio fazer aqui? — perguntou desconfiada.

— Não posso mais entrar em uma loja? E se eu quiser comprar esse celular aqui? — apontou para o aparelho.

— Eu o venderei para você. Então, senhor, posso ajudá-lo? — mudou o tom de voz para parecer mais séria, totalmente profissional.

— Pode sim, minha jovem — ele também alterou o tom vocal como se realmente estivesse interessado em algum produto. — Gostaria de saber se pode me informar qual é o seu

horário de almoço.

— É sério isso? — olhou para os lados com medo de que o gerente tivesse ouvido e por sorte, não o viu por perto. No entanto, percebeu que suas duas amigas prestavam muita atenção na conversa. Éder sorriu e se aproximou ainda mais do rosto dela.

— É muito sério — falou mais baixo. — Posso te levar para almoçar hoje?

— Você disse que eu deveria ligar caso quisesse sair com você.

— Exatamente. Disse para você me ligar se quisesse sair comigo no sábado. Não mencionei nada sobre hoje.

Elaine ouviu as risadinhas das amigas cada vez mais perto dela.

— Acho que temos um público — fitou as amigas que logo desviaram a vista. — Tudo bem. Eu almoço com você hoje. E sei que se eu não aceitar, vou ser linchada logo depois que você for embora — ainda mantinha o olhar nas colegas de trabalho que riam sem parar. Encarou Éder. — Eu saio daqui a quinze minutos.

— Ótimo. Vou esperar no restaurante da esquina, tudo bem?

— Claro. A gente se encontra lá.

O rapaz deixou a loja em seguida. As duas moças vieram para cima de Elaine rapidamente dando os parabéns para ela e dizendo que era muito sortuda. A jovem não disse nada, apenas continuou com o serviço. Não queria pensar muito sobre o assunto, pois o nervosismo percorria seu corpo. Aquilo a tinha pego de surpresa e não se preparara para um encontro.

Quando o horário do almoço chegou, seu coração batia fortemente. Antes de sair, ela correu para o banheiro e se olhou no espelho. Desanimou-se. Seu visual era tão normal e sem graça. Não tinha se produzido nem um pouquinho sequer. Pediu para uma de suas amigas um batom emprestado, pelo menos daria um pouco de vida àquela cara. Deixou a loja e se encaminhou para o restaurante. Antes de entrar, parou próximo à porta e respirou fundo. Precisava se manter firme e não se derreter por ele como uma adolescente bobinha. Avistou Éder sentado em uma mesa ao fundo e assim que a viu, acenou. Ele se levantou para recebê-la e quando se aproximou, deu-lhe um beijo na bochecha. Elaine ficou um pouco sem jeito, porém decidiu não deixar transparecer isso. Ao ameaçar sentar-se, o rapaz puxou a cadeira, educadamente.

— Para com isso — falou ela. — Eu consigo me sentar sozinha, sabia? — riu.

— Me desculpa. Esqueci que as jovens de hoje não gostam desse cavalheirismo.

— Jovens de hoje? Você não parece ser muito mais velho que eu. Quantos anos têm?

— Tenho 26. É que desde criança eu recebi uma educação, digamos, das antigas — riu ao se lembrar das aulas de etiqueta dadas por Augusto.

Ambos se sentaram. Elaine olhou para os lados tentando achar algo para que não precisasse encarar Éder, mas não encontrou. E ainda por cima, ela gelou quando ele pegou em suas mãos que descansavam sobre a mesa.

— Então, Elaine, me conte um pouco sobre você.

— Sobre mim? Minha vida é muito sem graça. Não faço nada de especial.

— Me fala do que você gosta de fazer ou coisas do tipo.

— É tão difícil falar sobre nós mesmos. Mas enfim, me deixa pensar um pouco — tirou uma das mãos debaixo das dele e tocou o próprio queixo. — Bem, eu tenho 22 anos e moro com minha mãe e meu pai. Não gosto muito de lugares cheios, por isso minhas amigas sempre me xingam quando eu não quero sair com elas para uma balada. Gosto mais de ficar em casa assistindo um filme e comendo pipoca.

— Então você é do tipo romântica?

— Não muito. Sou um pouco teimosa, pelo menos é o que minha mãe diz. Ela fala que se eu não mudar meu jeito de ser, nunca vou arrumar um namorado.

— Então você não tem namorado?

— Você realmente acha que se eu tivesse um estaria aqui com você?

— Não, não. Foi uma pergunta idiota, me desculpe. Você deve estar com fome, não é? Trabalhou a manhã toda. Vamos nos servir?

Elaine assentiu. Para dizer a verdade, estava com medo de que ele ouvisse seu estômago roncando. Ambos se levantaram e andaram até o local onde poderiam preparar o prato. Após se servirem, voltaram à mesa. Como tinha mais tempo para comer, diferente de quando chegava em casa e devorava a comida para conseguir chegar na hora no trabalho, Elaine comeu bem devagar, como gostava.

— Então — foi sua vez de puxar assunto —, me conta um pouco sobre você.

— Eu moro apenas com o meu pai, pois minha mãe nos deixou quando eu ainda era criança. Ela acabou se casando com outro cara e mudando de cidade. Eu ainda a via algumas vezes depois disso, mas já faz alguns anos que não a vejo mais — reparou que a expressão facial de Elaine mudou para uma de pena. — Não precisa fazer essa cara — riu. — Por que todas as mulheres fazem isso quando falo da minha mãe?

— Não sei. Deve ser instinto maternal. É difícil imaginar uma mãe indo embora e deixando o filho.

— Pode até ser, mas ela tinha seus motivos — razões que ele não poderia explicar. — Enfim, eu trabalho de assistente para um cara rico aí.

— Assistente? Como assim?

— Não é bem assistente. Acho que sou um faz-tudo. Eu cuido da parte financeira dele, de

algumas lojas e propriedades. Faço isso desde sempre.

— E por que você cuida de tudo isso?

— É que ele é um cara doente. Não pode ficar saindo de casa, entende?

— Humm... Deve ser bem velhinho, não é?

— Muito velho — riu.

— E o que você gosta de fazer?

— Não tenho muitos gostos. Sempre trabalhei desde muito novo para esse homem, por isso nunca tive tempo para lazer.

— Nossa. Que triste. É por causa do seu trabalho que você vive de terno?

— É sim. Meu chefe gosta dessas coisas bem formais.

— Você não está com calor?

— Um pouco, mas já me acostumei.

— Tira pelo menos a parte de cima. Está me dando aflição ver você com esse monte de roupa.

Éder achou graça do comentário. Resolveu tirar o paletó. Colocou-o no encosto da cadeira e também retirou a gravata.

— Melhor assim? — perguntou.

— Muito melhor. Você estava fazendo com que eu ficasse com ainda mais calor — abanou o próprio rosto com as mãos.

— Você é engraçada, sabia?

— Eu? Engraçada? Geralmente as pessoas acham que sou emburrada e que vivo de mau-humor. A verdade é que não gosto de ficar dando intimidade para quem eu não conheço.

— Que bom que você está me conhecendo, não é?

— Então o senhor quer ter mais intimidade comigo, é? Seu sacana — riu. — Brincadeira. Está sendo legal conhecê-lo melhor.

— Fico feliz que esteja gostando. Será que isso foi um sim para o meu pedido de encontro no sábado?

— Não coloque palavras na minha boca. Não disse nada a respeito. Ainda não me decidi sobre sábado.

— Mas você disse que está gostando de me conhecer melhor. Sábado será um ótimo dia para nos conhecermos ainda mais.

— Por isso mesmo que ainda não me decidi. As coisas serão diferentes.

— Diferentes como?

— Ah! É outra coisa. Só por estar de noite o clima já é outro. E eu vou estar arrumada; com uma roupa bonita, maquiagem e coisas do tipo. E não pega de surpresa que nem hoje, ainda mais em horário de almoço.

— Do jeito que está falando, parece que você já está planejando tudo — Elaine ameaçou dizer algo, porém ele falou antes. — Mas não se preocupe, não vou mais tocar no assunto. Deixarei que você decida por si só.

A jovem sorriu um pouco sem graça, pois em sua mente realmente já tinha imaginado tudo. Até já escolhera a roupa que usaria. No entanto, decidiu dar a resposta apenas aos quarenta e cinco do segundo tempo.

O almoço continuou agradável. Conversaram e riram de algumas coisas. Éder disse mais de uma vez que a achava engraçada. Por mais que não concordasse com o comentário, não podia deixar de rir quando ele ria de alguma coisa que falasse. Mesmo depois de terminarem a refeição, continuaram sentados à mesa conversando e assim o tempo voou. Elaine quase deu um pulo da cadeira quando viu que estava atrasada. Havia passado dez minutos do horário que deveria ter retornado ao trabalho. Ela ameaçou tirar notas de dinheiro do bolso para ajudar a pagar a conta, no entanto, Éder não permitiu. Alegou que como ele a tinha convidado não era justo que ela pagasse. Elaine pensou em insistir, mas resolveu deixar de lado, pois se preocupava mais com o seu atraso do que qualquer outra coisa. Ele ainda a acompanhou até à frente da loja, e logo que pararam, a jovem viu suas amigas a olharem.

— Ainda temos plateia — falou indicando com a mão as colegas.

— Aposto que elas vão enchê-la de perguntas, não é?

— Pode apostar que sim — sorriu. — Bom, preciso ir agora, já estou atrasada. É... Foi muito bom almoçar com você. Obrigada pelo convite.

— Eu que agradeço a companhia, foi muito agradável — deu-lhe um beijo no rosto. — Ficarei esperando sua ligação.

— Eu irei ligar, não se preocupe.

Éder tocou delicadamente o queixo da moça em sinal de despedida. Vestiu o paletó e se afastou. Elaine ficou observando-o caminhar, atravessar a Avenida 29 de Agosto e entrar em um carro estacionado não muito longe da esquina. Adentrou a loja e logo viu o gerente vindo em sua direção. Foi questionada do atraso. Não tinha nada que pudesse fazer a não ser se desculpar e dizer que aquilo nunca mais aconteceria. O gerente aceitou as desculpas e pediu para que ela voltasse ao trabalho. E assim que tomou seu posto, suas amigas vieram correndo para cima dela querendo saber de tudo que tinha acontecido. Elaine foi contando aos poucos, pois não queria tomar outra bronca do chefe.

Ao fim da tarde, chegou em casa com o acontecido ainda muito vívido em sua mente. Tomou banho para se livrar daquilo, não conseguindo esquecer nenhum detalhe sequer. Resolveu fazer algo que tentou evitar: pegou o celular e teclou aqueles números do pedaço de papel. Rezou para que ele não atendesse, seria um bom motivo para não ligar novamente. Entretanto, isso não

aconteceu. Ao ouvir a voz de Éder, Elaine ficou alguns segundos muda. Ele voltou a falar.

— Oi Éder, sou eu, Elaine — tentava manter a voz o mais calma possível.

— Oi Elaine, que bom que você ligou. Eu estava pensando em você agora mesmo — por mais que fosse mentira, qualquer mulher se derretia ao ouvir tais palavras.

— Então, estou ligando para dar minha resposta sobre sábado — hesitou um pouco. — Eu aceito sair com você, sim.

— Que ótimo. Quer que eu passe para buscá-la?

— Pode ser — passou seu endereço.

— Ok, passo aí às oito da noite. Tem alguma preferência de lugar?

— Não. Você pode me surpreender — nessa hora bateu a mão na testa. Não deveria ter falado aquilo.

— Surpreendê-la? Tudo bem, farei isso. E então, o que você está fazendo?

Não soube ao certo quanto tempo passaram conversando. O papo fluía tão naturalmente que parecia que se conheciam há anos. Elaine só se deu conta de que permanecera tempo demais pendurada no celular quando sua mãe entrou no quarto dizendo que elas precisavam treinar. Nesse momento a jovem cobriu o aparelho com as mãos, pois não queria que Éder ouvisse aquilo.

— Já estou indo.

— Você disse que treinaria até a hora que eu quisesse hoje.

— Eu sei, eu sei. Já estou indo. Me dê só mais cinco minutinhos — Dalva saiu do cômodo.

— Eu preciso desligar agora — falou ela.

— Você vai treinar o quê?

— Não é nada de mais. Depois explico. Até mais e boa noite.

— Boa noite.

Elaine ficou irritada o resto da noite por ter sua conversa interrompida que acabou se queimando várias vezes com o fogo que aparecia em suas mãos. Felizmente, para a alegria de sua mãe, avançou um pouco no uso da magia, pois depois de várias queimaduras, ela passou a sentir a energia que emanava de cada elemento antes de invocá-lo e assim não mais se queimou. Conseguiu também um maior controle sobre os outros três elementos.

Éder, por outro lado, ficou muito feliz, pois deduziu que a palavra treinar que tinha ouvido de alguém que não era Elaine, só poderia ter um significado: ela também era uma bruxa.

Capítulo 12

A semana prosseguiu normalmente: com muito trabalho e treinos de magia à noite. Por mais que não gostasse daquilo, não se sentia mais tão esgotada como no começo, agora conseguia usá-la mais adequadamente como uma bruxa da sua idade. Pelo menos era o que Dalva sempre repetia.

Elaine disse para si mesma que os dias que se seguiriam não deveriam conter mais nenhuma surpresa, todavia, não foi bem assim que as coisas aconteceram. Éder a visitou todos os dias, todos eles! E se não bastasse a presença do rapaz, que além de deixá-la totalmente sem graça, chamava a atenção dos demais vendedores, de suas amigas e do gerente, ele sempre trazia flores e entregava para ela. A jovem tinha vontade de cavar um buraco no chão e se esconder lá dentro.

O pior era que gostava daquilo, até mais do que deveria. Percebeu que Éder a cercava por todos os lados, pois depois que chegava em casa, ele ligava e com isso ficavam muito tempo conversando. Já haviam criado uma intimidade agradável. Toda vez que Elaine desligava o aparelho, depois de um longo papo, batia várias vezes com a mão na testa em sinal de repreensão por estar se deixando envolver por alguém que mal conhecia. Mas que mulher não se derreteria ao ser paparicada daquela forma?

E finalmente sábado chegou. Elaine acordou naquele dia com o estômago revirando por causa do nervosismo. Infelizmente não poderia ficar em casa, teria que trabalhar. Durante o serviço, olhava a cada cinco minutos o relógio, desejando que o tempo passasse o mais rápido possível. Nem tanto para que o encontro chegasse e sim porque precisaria de algum tempo para se embelezar e graças ao trabalho não teria muito. Ao fim da tarde, inventou um mal-estar e uma febre. Não queria nem imaginar o que sua mãe diria se soubesse que ela estava usando a magia para aquele tipo de coisa. Elaine aqueceu tanto seu corpo que quando foram medir sua temperatura, ela se aproximava dos quarenta graus. Com isso conseguiu ser dispensada duas horas mais cedo.

Como ela já tinha tudo planejado, marcara manicure exatamente para o possível horário que sairia da loja. Dessa forma, fez os pés e as mãos. Em vez de voltar para casa de bicicleta, como de costume, aproveitou que seu pai estava em casa e pediu para que ele a buscasse no salão. Alison, pai de Elaine, era caminhoneiro, por isso passava semanas fora de casa. Só que, felizmente, retornara de uma viagem no dia anterior.

Quando ele apareceu, pegou a bicicleta da filha e a colocou na parte de trás de uma caminhonete antiga que ele adorava. Logo que entrou na residência, a jovem correu para se arrumar. Após o banho, colocou o vestido verde escuro, de comprimento acima dos joelhos, que

tanto gostava e raramente usava. Penteou as madeixas cacheadas que iam até o meio das costas. Não esqueceu, claro, de se maquiar. Depois de pronta, colocou uma sandália preta de salto fino e sentou-se no sofá da sala para esperar.

— Onde você vai arrumada desse jeito? — perguntou Dalva.

— Vou sair com um amigo.

— E precisa se arrumar tanto para sair com um amigo? — foi a vez de Alison questioná-la.

— Deixa a menina, homem. Quem sabe ela finalmente arranja um namorado e casa logo para me dar uma neta.

— E lá vamos aos seus comentários de obsessão por uma neta — Elaine balançou a cabeça e contorceu os lábios em sinal de desaprovação.

— Quanto mais mulheres na nossa família melhor. Não se esqueça disso.

— Como posso esquecer se a senhora não deixa?

Dalva puxou ar para responder a filha no exato momento que ouviram o som de uma buzina. A jovem levantou-se rapidamente e se direcionou para o portão. Alison foi atrás dela para poder olhar quem era o sujeito que sairia com a sua menina. Dalva foi atrás do marido para impedi-lo de fazer ou falar algo estúpido. Elaine entrou no carro e disse antes de cumprimentar Éder:

— Vamos logo antes que ele fale alguma coisa.

Éder não entendeu a frase e antes que pudesse perguntar, ouviu uma voz de homem.

— Tome conta da minha filha. Se acontecer alguma coisa com ela, eu o caço até o inferno — Elaine colocou as mãos no rosto, mortificada de vergonha.

Éder apenas sorriu. Em vez de ligar o carro e sair, ele desceu do veículo — mesmo com os protestos da jovem — e caminhou até Alison para cumprimentá-la.

— Muito prazer, senhor... — estendeu a mão.

— Alison — falou o homem apertando a mão dele.

— Muito prazer, senhor Alison. Meu nome é Éder — cumprimentou também dona Dalva.

— O senhor pode ter certeza de que cuidarei muito bem da sua filha esta noite. Dou minha palavra.

Alison não disse nada, pois ficou surpreso com a atitude do sujeito. Apenas meneou positivamente a cabeça. Éder se despediu do casal e adentrou seu carro. Quando saíram de frente da casa, Elaine perguntou:

— Por que você fez aquilo?

— Só estava ganhando a confiança do seu pai.

— Não precisava disso.

— Relaxe — tocou-a delicadamente no queixo e a olhou minuciosamente. — Posso dizer

uma coisa?

— Me dá até um arrepio na espinha quando alguém diz isso. Sempre parece que não virá coisa boa.

— Que garota mais pessimista — riu. — Só quero dizer que você está linda.

Elaine ficou envergonhada. Abaixou os olhos e não mencionou nenhuma palavra. O rapaz continuou a guiar o carro em direção ao centro da cidade. O trajeto não demorou muito, cerca de dez minutos. A jovem continuou olhando para baixo e só ergueu novamente a vista quando o automóvel foi estacionado na Avenida 29 de Agosto, em frente a um restaurante.

— Vamos? — perguntou Éder.

— Nós vamos jantar aqui? — tinha as sobrancelhas arqueadas.

— Por quê? Você não gosta daqui?

— Não, não. Não é isso. É que dizem que é caro — Éder riu novamente. — Posso saber qual é a graça?

— Não se preocupe com o dinheiro. Como foi eu quem a convidou, eu pagarei a conta.

— Isso não é... — a palavra “justo” ficou presa em sua garganta, pois na hora em que foi falar, Éder saiu do carro. Ele deu a volta no veículo e parou ao lado de sua porta abrindo-a em seguida.

Elaine pensou em dizer algo referente àquele cavalheirismo todo, porém resolveu se calar. Quando ela desceu do automóvel, ele lhe deu o braço para que ela passasse o seu. Mesmo sentindo-se muito envergonhada, aceitou a formalidade. Entraram no restaurante e logo um garçom veio atendê-los. Éder avisou que fizera uma reserva, e após a confirmação o mesmo garçom os guiou até a mesa. Assim que se acomodaram, outro funcionário se aproximou com uma garrafa de vinho em mãos.

— A marca de sempre, senhor? — perguntou a Éder.

— Claro.

O garçom serviu o líquido nas duas taças e depois colocou a garrafa em cima da mesa. Afastou-se.

— Você vem sempre aqui? — indagou Elaine.

— Venho com certa frequência, mas geralmente é para resolver alguma coisa do trabalho.

— Seu patrão deve pagá-lo muito bem mesmo — comentou, pensativa.

— Digamos que eu não tenho do que reclamar.

A jovem pegou a taça e bebeu um gole do vinho e se espantou por ser tão saboroso, totalmente diferente daqueles que já tomara. Olhou ao redor e viu mais alguns casais nas mesas próximas. Todos pareciam bem à vontade com o ambiente, menos ela.

— Alguma coisa errada? — questionou Éder.

— Não. É que nunca tinha vindo aqui antes — fixou os olhos nele e reparou em sua roupa.

— Que bom que você não está de terno.

— Não preciso usá-lo nas minhas horas de folga — também bebeu um gole do vinho.

Ela confirmou com um leve gesto de cabeça. Não disse nada e admirou o visual dele, achando que ficava melhor sem a roupa formal. A camisa polo cinza e a calça jeans escura o deixavam com um ar mais jovem e descontraído. Não demorou muito para o garçom perguntar se eles já fariam o pedido. Elaine não sabia muito bem o que pedir, por isso Éder a ajudou na escolha, pois ele já havia provado a maioria daqueles pratos.

Enquanto a comida não vinha, eles ficaram conversando e o rapaz perguntou o que era aquele “treinar” que ouvira no outro dia. Elaine titubeou e pigarreou várias vezes antes de dizer:

— Não é nada. É só minha mãe querendo que eu aprenda a costurar — foi a desculpa mais rápida que lhe veio à mente.

Ficou tão nervosa com a mentira que pôde sentir a magia se avolumando ao seu redor. E isso a deixou ainda mais agitada, pois não conseguia fazê-la se dissipar. Éder percebeu a agitação e não comentou nada, apenas continuou prestando atenção nela. Elaine pegou a taça para mais um gole de vinho e antes de levá-la a boca, o líquido começou a borbulhar por causa do calor excessivo que emanava da sua mão. Mirou rapidamente seu acompanhante e viu que ele tinha percebido o ocorrido.

— O que foi isso?

Ela não respondeu de imediato. Respirou fundo várias vezes e pousou a taça sobre a mesa.

— Não posso contar.

— E por que não?

— É um assunto de família. Eu mesma não gosto disso — abaixou a cabeça.

— Tudo bem — pegou-a pelas mãos — Quando você quiser dividir isso com alguém, não se esqueça de que estarei aqui para ouvi-la.

Ela sorriu e sentiu-se reconfortada com tais palavras. Éder chamou o garçom e pediu para que ele trouxesse outra taça. Junto com o copo veio a refeição. Jantaram e conversaram um pouco. Por mais que tentasse, Elaine não conseguia ficar à vontade. Após o jantar, Éder perguntou se ela gostaria de sobremesa, mas ela dispensou.

Deixaram o restaurante e entraram no carro. Elaine chegou a imaginar que aquela noite seria fantástica, porém percebeu que tinha se equivocado. Antes de ligar o veículo, Éder estendeu a mão para o porta-luvas e tirou de dentro uma rosa vermelha que beijou e depois a entregou para a jovem.

— Obrigada — agradeceu.

— Posso levá-la para outro lugar agora?

— Que lugar?

— É surpresa — sorriu. — Mas só a levarei se me permitir.

Ela estranhou. Franziu o cenho e pensou por alguns instantes. Acabou chegando à conclusão de que esse “outro lugar” teria a ver com o seu “me surpreenda” que soltou sem querer ao telefone. O que será que viria?

— Tudo bem — disse, fitando-o nos olhos castanhos.

Ele encostou a mão direita no rosto da jovem e aproximou-se mais. Ela chegou a pensar que ele tentaria algo, no entanto, Éder só a acariciou suavemente na bochecha e por fim a tocou no queixo antes de ligar o automóvel e se encaminhar para o local da surpresa. Elaine se corroía por dentro de tanta curiosidade. Era um misto de ansiedade e um pouquinho de medo. Queria muito que aquela noite fosse maravilhosa, mas até o momento tinha sido apenas normalzinha. Por isso torcia para que a próxima atividade fosse arrebatadora, tão perfeita e idealizada quanto imaginara.

Em sua mente passaram várias coisas, uma mais absurda que a outra. Balançou a cabeça. *Para de pensar besteira*, disse para si mesma. Sua autorrepreensão não funcionou muito bem, talvez tenha a deixado ainda mais ansiosa, nervosa, angustiada, agitada... Decidiu fazer a última coisa que deveria fazer para se acalmar: abriu a pequena bolsa que levava ao colo e do interior retirou um saquinho de veludo. De dentro, pegou um punhadinho de erva seca, colocou-o na palma da mão e a fechou. Sentiu o corpo esquentar. Concentrou-se para que o calor se focasse apenas na erva. Em poucos segundos, o carro foi impregnado por um odor agradável e adocicado. A exaltação que antes acometia a moça foi deixando-a, dando lugar para uma tranquilidade e conforto. Percebeu que Éder notara algo de diferente.

— Você está sentindo isso? — perguntou ele fitando-a com a testa enrugada.

— Sentindo o quê? — fez-se de desentendida.

— Esse cheiro... — levantou um pouco o nariz e inspirou. — É bom...

— Não estou sentindo nada.

Ele ainda a olhou desconfiado. Ela, por sua vez, deu de ombros. Percorreram só alguns quarteirões do centro antes do carro ser estacionado novamente, dessa vez em frente a um hotel. Éder saiu do veículo sem mencionar nada e correu para abrir a porta de sua acompanhante. Assim que ela desceu, o rapaz a abraçou repentinamente e encostou as narinas e os lábios no pescoço dela.

— Sabia que aquele cheiro vinha de você — falou, soltando-a. — Como você fez isso? É um odor tão gostoso.

Demorou alguns segundos para ela se recuperar do abraço surpresa.

— É segredo — disse finalmente. — Quem sabe um dia te conto — sorriu e piscou. Olhou para o hotel. — Então... é aqui?

— É sim. Vem comigo — puxou-a pela mão.

No saguão do hotel havia uma recepção com um funcionário falando ao telefone. O casal se aproximou e esperou ser atendido. Quando o sujeito desligou o aparelho, Éder lhe estendeu um pequeno cartão de visita. O homem confirmou com a cabeça e pediu para que o seguissem. A jovem não entendia nada. Entraram no elevador e o empregado apertou o botão que os levariam para o último andar. Quando atingiram o destino e a porta se abriu, Elaine colocou as mãos na boca, tamanha a surpresa. Éder pegou-a pela mão e a levou para um terraço todo decorado com luzes pisca-pisca de cor branca e inúmeras flores de diferentes cores e tipos. No centro do terraço via-se um tapete claro e grosso, com muitas almofadas — também coloridas — em cima. Enquanto o funcionário do hotel os deixava sozinhos, Éder comentou:

— Eu não sabia que flor você gostava, por isso mandei colocar uma de cada tipo.

Ela não conseguiu dizer nada. Soltou-se dele e andou até as plantas e as tocou uma por uma. Com o contato sentia a energia vital das flores que formigava em seus dedos e a fazia sorrir por causa da cosquinha. Olhou para cima e viu um céu todo estrelado e uma lua quase cheia.

— Vem aqui — ouviu a voz de Éder a chamando.

Virou-se e o viu sentado no tapete com os braços para trás suspendendo o peso do corpo. Caminhou até ele e antes de pisar no tapete retirou suas sandálias, pois notara que seu acompanhante retirara os sapatos. Ajoelhou-se ao lado dele.

— Ficou tão lindo — comentou ainda maravilhada com a decoração.

— Você disse que era para eu surpreendê-la, não disse? — tocou-lhe o rosto. — Consegui?

— E você ainda pergunta? Estou que nem uma boba aqui.

— Você disse que não gostava de lugares com muita gente, que preferia ficar em casa assistindo um filme e comento pipoca. Infelizmente não consegui providenciar o filme e nem a pipoca, mas consegui isso — levantou-se e andou até uma pequena mesa ao canto que Elaine não tinha percebido. Pegou uma garrafa de vinho, duas taças e uma caixa de madeira decorada. Ele voltou a se sentar e despejou o conteúdo da garrafa nos copos.

— Você quer me deixar bêbada essa noite?

— Um pouco de vinho não faz mal a ninguém, mas caso você se sinta um pouquinho tonta, pode comer uns docinhos — abriu a caixa e a empurrou para mais perto da jovem. Dentro havia muito chocolate.

— Além de bêbada, quer me deixar gorda — brincou. Desembrulhou um e mordeu. Era delicioso.

Enquanto Éder bebia o vinho, Elaine se acabou no chocolate. Primeiro por que gostava

muito e segundo, que sentia o clima mudando e o nervosismo lhe atacando. Até chegou a pensar em usar mais um pouquinho daquela erva. Entretanto, com certeza ele veria dessa vez. Imaginava inúmeras maneiras de se acalmar quando sentiu o rapaz lhe tocando no canto da boca. Ergueu a vista e o viu chegar mais perto.

— Está sujo de chocolate aqui — passou o dedo no local e o levou até a própria boca.

Seu nível de nervosismo ultrapassou tanto os limites normais que sua pele começou a formigar e a magia a cercar o ambiente. Ainda tentou aparentar autocontrole.

— Saiu? — indagou levando a própria mão à boca para limpar, porém, Éder a segurou antes que conseguisse, impedindo-a.

— Não, ainda está sujo — aproximou seu rosto do dela e disse baixinho: — Pode deixar que eu limpo.

Seus lábios se encontraram delicadamente e o beijo começou bem devagar. Elaine não conseguia controlar a magia ao seu redor, ela estava tão descontrolada que seu corpo esquentou por vontade própria, muito mais do que a ocasião permitia. Éder lhe soltou a mão e a enlaçou pela cintura, trazendo-a para mais perto, encostando um no outro. Os beijos e as trocas de carícias duraram por muito tempo, só não perdeu mais por causa da magia que emanava da jovem, que por vezes ameaçou levitá-la do chão. Afastou-se, mesmo não querendo, do rapaz. O calor a dominava de tal forma que desejou ter um leque para se abanar. Pegou a taça de vinho e virou seu conteúdo de uma única vez.

— Vai com calma aí — falou Éder rindo e tirando o copo da mão dela. — Não quero ter que carregá-la para dentro da sua casa. E é bem possível que seu pai ache que fiz alguma coisa com você.

— Estou com calor — abanou o rosto com as mãos.

— Deixe-me ajudá-la, então — assoprou seu rosto. Elaine achou graça daquilo e começou a rir. — É assim, é? Eu estou tentando ajudá-la e é assim que você me agradece? Rindo de mim?

— Me desculpa, não consegui segurar — tapou a boca, só que a risada saiu pelo nariz.

— Vou dar um jeito nisso.

Pegou-a pelos ombros e a jogou em cima das almofadas coloridas. Mesmo caindo sobre o estofado, não conseguiu conter a gargalhada. Elaine só parou de rir na hora que ele se aproximou, acariciou seu rosto e cabelos e a beijou novamente. Ambos se afundaram nas almofadas. Dessa vez o carinho durou por muito mais tempo, pois Elaine passou a controlar os efeitos da magia que a cada minuto dissipava-se no ar. O beijo só acabou quando Éder se deixou cair ao lado dela e abanou o rosto.

— Dessa vez sou eu que estou com calor.

— Esse seu calor é diferente do meu — tirou uma almofaça debaixo de si e jogou em

cima dele. Ao fazer isso, viu pequenas penas saindo por um furinho no tecido rosa. A jovem endireitou o corpo e colocou os dedos indicadores no rasgo e puxou. Muito mais penas apareceram.

— Por que você está fazendo isso? — ele também se sentou.

— Olha só — ela pegou um punhado das penas com as duas mãos e as jogou para cima.

Éder fechou os olhos para que nenhuma entrasse neles, mas nada aconteceu. Quando os abriu, percebeu que elas não tinham caído e sim suspendiam-se no ar, imóveis. Ele ficou boquiaberto. Elaine notou a surpresa dele e sorriu. Fez um leve movimento com uma das mãos e as penas começaram a se mexer, lentamente, subindo e descendo e indo de um lado para o outro. Por fim, estalou os dedos e elas caíram sobre eles.

— Como você conseguiu? — mesmo que Éder já soubesse a resposta, aquilo não deixava de ser surpreendente.

— É difícil de explicar... Pode-se dizer que tenho uns poderes.

— Mas como?

— Não sei. Eu nasci assim — deu de ombros.

— Só você é assim? — chegara a hora de arrancar o máximo de informações que pudesse.

— Não. Todas as mulheres da minha família são assim e mais algumas conhecidas.

— E tem muitas como você além da sua família?

— Não. Se não me engano, são três famílias. Somos no total apenas vinte e duas mulheres.

— Mas que coisa... — ficou feliz por saber a quantidade delas existente e tomou cuidado para não expressar esse sentimento. — Então você é um tipo de bruxa ou algo assim?

— É, nos denominamos bruxas. Mas não temos corcunda e nem uma verruga enorme e peluda na ponta do nariz.

— Isso eu posso ver — beijou-lhe o nariz e a puxou para que deitasse junto de si.

Elaine acomodou a cabeça no peito dele e pousou a mão sobre o abdômen, podendo enrolar a camisa nos dedos e às vezes deixá-los escorregarem até o cós da calça brincando por todo o cinto. Depois os subia lentamente pela barriga de Éder, causando excitação e cócegas.

Ficaram horas trocando carícias e olhando o céu estrelado. A felicidade percorria o corpo de Elaine. E também tinha a sensação de que a magia começara a correr pelo seu corpo de uma forma distinta de antes. Não sabia explicar. Era como se tivesse a entendido melhor e com isso passado a ter um maior controle sobre ela. Será que esta era a sensibilidade que faltava nela que tanto sua mãe comentava? De uma magia que vinha de dentro do coração? Criada por vontade própria e não apenas por obrigação? Muitas perguntas tomavam sua mente.

Éder afagava os cabelos da jovem e imaginava o que os vampiros fariam quando pusessem as mãos naquelas bruxas. Tentava não pensar sobre o assunto, mas suas tentativas eram vãs, ele sempre retornava. Sentiu um aperto no peito. Era isso mesmo que queria? Que os vampiros maltratassem-nas? Chegou à conclusão de que não queria aquilo. Decidiu que conversaria com Augusto antes de dar qualquer informação.

— Nossa! Já é bem tarde — falou ela se levantando.

— Como você sabe?

— Pela altura da lua — indicou-a com o dedo. — Já é madrugada.

O rapaz olhou no relógio de pulso e constatou que realmente já passavam das três horas.

— Vou levá-la embora, então — ameaçou ficar em pé na mesma hora que Elaine pulou sobre ele.

— Não antes de uma boa despedida — e mais beijos foram distribuídos.

— Posso vê-la amanhã à noite? — indagou ele.

— Não — respondeu, desanimada. — Amanhã é o primeiro dia de lua cheia. Tenho que me reunir com as demais.

— E onde vai ser esse encontro?

— Vai ser lá em casa.

— Todas as bruxas estarão lá? — ela confirmou com um sinal positivo. E mais uma informação importante para a sua coleção.

— A gente pode se ver outro dia.

— Claro que pode — abraçou-a.

Éder deixou Elaine em casa e se encaminhou para outra em que haveria seres aguardando ansiosos pelas suas informações. Estacionou o carro na garagem da residência e desceu. Andou em passos lentos até a porta da sala. *Não seja idiota. Você está se envolvendo demais. Isso é apenas o seu trabalho, não se esqueça!* Disse para si mesmo. Adentrou a sala e viu Augusto sentado numa poltrona com um cigarro em mãos. Éder respirou fundo e se aproximou do chefe.

— Conseguiu as informações? — perguntou o vampiro.

— Consegui — sentou-se no sofá. — Há vinte e duas bruxas em Leme.

— E quais são as localizações delas?

— Quero fazer uma pergunta antes — Augusto franziu o cenho. — O que vocês vão fazer com elas?

O vampiro percebeu o sentimento empregado no tom vocal.

— Só queremos que elas abram uma passagem para nós, apenas isso.

— Vocês não vão matá-las, não é?

— Claro que não. Precisamos de todas vivas — Éder anuiu. — Agora me diga a localização delas.

— Elas vão se reunir nesse lugar amanhã à noite — pegou do bolso o papel em que anotara o endereço de Elaine e entregou para Augusto.

— Muito bom — sorriu de canto de boca. — Você trabalhou mais rápido do que imaginei — ele não falou nada. — Quero que entre em contato com os outros humanos e peça para que eles nos acompanhem amanhã à noite.

— Eu também irei? — indagou, incrédulo.

— Mas é claro — pôs-se em pé e iniciou o caminhar. — Faça o que mandei e será bem recompensado. Agora preciso avisar ao Conselho — saiu da sala e deixou Éder sozinho.

O rapaz apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. Mas o que estava fazendo? Em que tipo de monstro se transformara? Secou uma lágrima que escorreu involuntariamente.

Infelizmente seria obrigado a se envolver na parte seguinte do plano: a captura das bruxas.

Capítulo 13

— Você está tão diferente. O que aconteceu? — perguntou Dinorá enquanto Elaine a ajudava a pegar as velas.

— Não é nada, só estou feliz.

— Você alcançou a sensibilidade da magia, não é? — a neta assentiu. — Que bom — tocou-lhe o ombro. — A magia é uma benção e é parte vital de uma bruxa. Só a partir do momento em que você alcança o equilíbrio é que sua vida vingará de forma positiva.

Elaine sorriu para a avó. Realmente se sentia mais completa desde a noite anterior. Pegaram as velas coloridas e as levaram para o altar. Nele também havia os quatro elementos: uma vasilha com água; um incenso representando o ar; um pequeno vaso de flor que representava a terra e uma vela vermelha para o fogo. Além de um athame, um pentagrama, alguns cristais e outras pedras. À frente do altar avistava-se uma forma redonda com um bolo branco dentro, este também tinha sua função representativa: a lua.

Após tudo organizado, as bruxas sentaram-se em círculo e entoaram algumas orações. O ar começou a ser dominado pela energia mágica que emanava daquelas mulheres. Qualquer humano normal que estivesse presente, não veria nada demais na cena, porém bastava um pouquinho de magia para que pudesse enxergar uma luz prateada vindo diretamente da lua e banhando o bolo redondo e as feiticeiras. Alguns outros seres também se faziam presentes naquele lugar. Eram seres mágicos que apenas as bruxas eram capazes de ver. Eram ondinas, salamandras, silfos, gnomos e fadas. Estas eram responsáveis pela proteção das magas. Enquanto humanos eram protegidos por anjos, o cuidado dos humanos mágicos era realizado por tais seres.

Logo que a cerimônia chegou ao fim, as mulheres iniciaram uma festa entre elas e as outras criaturas. Elaine nunca tinha participado daquilo e adorou. Nessa hora, os maridos, pais e filhos, que aguardavam dentro da casa, puderam sair e participar da comemoração à lua cheia. Todos se sentaram na grama e se serviram de sucos de todos os sabores, vinho e do bolo encantado que possuía um sabor divino.

Tainá, prima de Elaine, pegou uma flauta que havia trazido consigo e começou a tocar. O marido dela, que sempre participava dos rituais, sentou-se ao lado da esposa com um pequeno tambor e iniciou o bater em tal instrumento. Outra jovem se uniu à dupla, esta trazia um violão. A música fez com que todos se animassem ainda mais. Alison convidou Dalva para uma dança e ela aceitou sorrindo. Dinorá aproximou-se da neta e a puxou para dançar com os demais. Elaine se movimentava ao ritmo da música e via as criaturas mágicas andando e pulando entre eles, também se divertindo. Achou que tudo estava perfeito, que nada poderia estragar aquele momento mágico, mas se enganara. Parou de repente quando uma fada de vestido vermelho e

cabelos cacheados em tom avermelhado, veio em sua direção. No mesmo instante teve certeza de que era ela a sua protetora. Ela chegou bem perto da jovem e a abraçou. Muitas bruxas em volta pararam para ver a cena inusitada. Depois de um forte abraço, a fada afastou-se um pouco e com isso Elaine notou gotinhas brilhantes escorrerem dos olhos dela. A jovem sentiu um aperto no peito e vontade de chorar também.

— Vai ser difícil, sabemos disso, porém não conseguimos impedir que acontecesse — falou a fada com uma voz encantadora, porém repleta de tristeza. — Mas juro que sempre estarei ao seu lado — beijou a moça na testa.

Todos ali presentes, inclusive Elaine, tentavam encontrar os sentidos de tais palavras. De uma hora para a outra a música parou e todos os seres mágicos desapareceram. As bruxas se entreolharam, pois foram capazes de sentir um vento gélido lhes tocando a face e um arrepio na espinha. Antes que pudessem ter feito algo, sombras caíram sobre elas. Sombras estas de seres perversos que só perambulavam à noite: os noturnos.

Ali encontravam-se vários vampiros, em número maior ao de bruxas. Cada uma delas foi segurada por um. Os homens se desesperaram e saíram correndo, enquanto suas mulheres gritavam para eles buscarem ajuda. No entanto, não conseguiram alcançar a saída, pois surgiram quatro pessoas diante deles, cada uma delas, três homens e uma mulher, armados com uma pistola em cada mão.

Após o susto inicial, as bruxas invocaram seus poderes e investiram contra os vampiros. Dinorá, que fora mantida entre dois vampiros, fechou os olhos e se concentrou. Em poucos segundos fortes correntes de vento os jogaram para longe dela. Elaine viu a avó lutar e resolveu fazer o mesmo. Colocou a mão sobre o rosto do garoto que a segurava e com isso a face dele começou a queimar.

Pablo soltou a jovem e tentou apagar as chamas. Rafaela, que via a cena, soltou um jato de água em cima dele, apagando assim o fogo.

— Pegue a menina! — gritou ela.

O garoto vampiro se enfureceu. Viu Elaine correndo e usou sua habilidade: trouxe-a de volta apenas com o olhar. A moça arregalou os olhos quando se viu novamente nos braços do vampiro.

— Nós também temos alguns poderes — riu ao ver a cara de espanto dela.

Ela continuou a se debater e a queimar Pablo, mas ele não a soltou imediatamente, apenas quando foi surpreendido por um grande bloco de terra que se chocou com seu rosto, levando-o ao chão. Elaine olhou para trás e viu a mãe com as duas mãos levantadas. Deduziu que o ataque tinha vindo dela.

— Corre! — gritou Dalva para a filha.

A jovem não pensou duas vezes e disparou na corrida. Todo vampiro que se aproximava

dela, era repellido por uma labareda de fogo, que ela havia descoberto naquele momento que conseguia fazer. Ainda correndo e atacando os noturnos, ela não viu quando um homem apareceu em sua frente. Ele a pegou pelo braço e a trouxe para perto de si. Quando Elaine conseguiu fixar os olhos no sujeito, ficou sem reação.

— Você?! — foi a única palavra que saiu da sua boca.

Éder não falou nada, só continuou a encará-la. A jovem caiu de joelhos e desabou a chorar, pois agora conseguia entender perfeitamente o motivo pelo qual ele se aproximou dela e fez tudo para ganhar sua confiança, seu amor, ao ponto de lhe revelar algumas coisas sobre as bruxas. Ele a puxou pelo braço para que ficasse em pé.

— Você me enganou... — disse entre o choro.

— Eu não tive escolha — falou Éder. — Agora fique quietinha e se comporte que logo tudo isso vai acabar.

Ela sentiu a raiva lhe ferver o corpo. Colocou as duas mãos sobre os braços do rapaz e invocou sua magia. Pensou que fosse queimá-lo, mas nada aconteceu. Ela não entendeu aquilo.

— Pelo visto você ainda não sabe dessa regra — começou ele, vendo o que ela pretendia. — As bruxas têm o dever de proteger os humanos das outras criaturas más, por isso são incapazes de ferir um de nós — mais lágrimas desceram pelos olhos de Elaine.

As demais feiticeiras lutavam ferozmente para conseguirem se livrar dos vampiros. Observando-se melhor, via-se que elas iam bem e tinham êxito nas tentativas de manter aquelas criaturas afastadas. Até pensaram que sairiam vitoriosas. Entretanto, toda e qualquer esperança nesse sentido caiu por terra quando Açucena surgiu. A índia parou um pouco afastada do combate e o apreciou por alguns segundos. Por fim, agachou-se e colocou a mão na grama. No instante seguinte, finas raízes irromperam do chão e agarraram as bruxas, uma por uma. Elas ainda tentaram se soltar, mas a cada segundo que passava, suas energias iam sendo drenadas pelas plantas, impossibilitando que usassem magia. Após todas estarem rendidas, Miguel apareceu ao lado da amada e falou em voz alta:

— Acho que vocês não devem me conhecer, por isso vou me apresentar. Meu nome é Miguel e sou o líder do Conselho Brasileiro dos vampiros — as bruxas que ainda tinham um pouco de energia, choravam. — E viemos aqui hoje para levá-las conosco para um servicinho.

— O que vocês querem? Você se esqueceu do acordo, Miguel? — perguntou Dinorá com a voz fraca.

— Não senhora, não me esqueci. O que me traz até aqui é um motivo de força maior. E só contarei a vocês depois que eu tiver todas as outras reunidas. E mais uma coisa — apontou para os maridos, pais e filhos, sob a mira das armas dos subordinados humanos. — Se vocês tentarem alguma coisa ou sequer pensarem em fugir, nós os mataremos sem piedade — sorriu.

— Sei que não podemos matar uma bruxa, mas eles não passam de simples humanos, não é? — afastou-se, sem esperar por uma resposta.

Açucena tocou mais uma vez o solo e intensificou a drenagem de energia. Com isso todas as mulheres desmaiaram. Elaine, que também fora envolta pela raiz, encarava Éder com os olhos inundados de lágrimas e quando percebeu que iria perder a consciência, falou:

— Jamais vou perdoá-lo — seus olhos se fecharam e as raízes regrediram para dentro da terra, deixando assim as bruxas caírem ao chão.

Antes que a jovem desabasse, Éder a pegou nos braços e afagou seus cabelos cacheados. As lágrimas queimavam seus olhos. Ele não chorou, apenas repetia mentalmente: *me desculpe*.

Niara olhava atentamente uma mensagem recebida há pouco no celular. Miguel avisava aos chefes de Estado que as bruxas da cidade de Leme já haviam sido capturadas e esperava que as dos outros municípios fossem pegas o mais rápido possível. A negra leu mais de uma vez o SMS. Por fim, jogou o celular sobre a cama e andou de um lado para o outro. Não gostava nem um pouco daquela pressão da caçada às bruxas. Todos sabiam que era quase impossível encontrá-las. Miguel ainda tinha a vantagem de ter Açucena ao seu lado. Mas o que fariam os demais sem uma rastreadora de bruxas? Bufou. Teria que torcer para receber boas notícias do líder de Iraquara. Deu mais alguns passos incertos pelo cômodo, antes de ouvir alguém bater à porta. Deu permissão para que entrasse. Abel apenas colocou a cabeça para dentro do quarto e avisou:

— O líder de Iraquara chegou.

— Ótimo.

Seguiu Abel até uma sala de reuniões que ficava no mesmo andar do seu aposento. Logo que adentrou o local, viu um homem não muito alto e de pele morena. O sujeito se levantou assim que a chefe do Estado se aproximou. Cumprimentaram-se. Niara se acomodou ao lado dele e perguntou:

— Consegui algumas informações sobre as bruxas de sua cidade?

— Consegui sim. Meus empregados humanos recolheram as informações e com isso já possuo o nome de cada uma delas, assim como o endereço das casas.

— Muito bom. Por enquanto, fique monitorando as bruxas, pois ainda não sei como devemos prosseguir. Quando eu tiver alguma notícia mais concreta, te aviso.

— E como está indo a captura das outras?

— Miguel me avisou que as de Leme já foram pegas. Não sei como estão as dos outros

Demétrio, chefe do Estado de Tocantins, não era tão paciente assim. Decidiu agir do seu jeito e o mais rápido possível. Quando voltou de São Paulo, trouxe consigo Karen, vampira que anteriormente pertencia ao seu Estado e fora convocada por Miguel para que ficasse na capital paulista. Ela também fora escalada para a morte de Júlia há um ano. Na mente de Demétrio, ela seria de grande ajuda para o seu plano. Alguns dias após a chegada em Palmas, o vampiro entrou em contato com o líder da pequena cidade de Centenário. Quando o vampiro atendeu ao celular, foi informado de que precisava comparecer à capital o mais rápido possível.

Na noite seguinte, o sujeito apresentou-se à sede do Conselho de Tocantins. Demétrio avisou o rapaz que iria invadir a cidade de Centenário para pegar as bruxas que moravam lá. Explicou rapidamente quais eram as intenções de Miguel com aquilo tudo e pediu a ajuda do vampiro para realizar tal ato. Após reunir muitos vampiros do Estado, eles se dirigiram para o município. O chefe não queria enrotação com aquilo, por isso mandou que todos atacassem os habitantes e cercassem a cidade, pois eles encontrariam as malditas bruxas a qualquer custo. Alguns dos carros com os vampiros foram estacionados ao redor da praça central e outros colocados nos extremos da região. Como Centenário possuía cerca de dois mil habitantes, não seria difícil ameaçar todos eles.

Demétrio sentou-se em um banco e esperou o telefonema que confirmaria a localização dos demais vampiros. Poucos segundos depois, o celular tocou e com ele veio a boa notícia: a cidade fora cercada. Nessa hora ele olhou para os vários noturnos ao seu redor e ordenou que comesçassem o ataque. Enquanto eles saíam em disparada, correndo velozmente pelas ruas de terra vermelha, entrando nas casas, comércio e qualquer outro lugar em que tivesse humanos, Karen sentou-se ao seu lado e questionou:

— Será que conseguiremos recolher todas elas desse jeito?

— Com você aqui, vamos conseguir sim — sorriu para ela.

Minutos depois, os primeiros humanos foram jogados aos pés do chefe do Estado. Eles choravam e tremiam de medo, pois não entendiam nada. A vampira negra se agachou-se diante de um homem, fitou-o profundamente nos olhos e perguntou:

— Você conhece alguma bruxa?

— Não — respondeu completamente hipnotizado.

— Então você ficará sentado bem onde está e quando eu mandar que se mate, você o fará, entendeu?

— Sim, senhora.

A vampira repetiu a hipnose com todos os humanos que foram trazidos. Cerca de meia hora mais tarde, um grupo de vampiros apareceu com três mulheres que se debatiam sem parar. Notava-se que os noturnos tinham bastantes ferimentos pelo corpo, que já começavam a se recuperar.

— Encontramos essas bruxas — jogaram-nas diante de Demétrio.

— Existem mais de vocês aqui? — indagou ele. Não obteve resposta. — Se vocês não me contarem agora, matarei todas as pessoas desse lugar — as três mulheres se entreolharam e continuaram mudas. O vampiro se irritou e olhou para Karen. — Mostre para elas que eu não estou brincando.

A vampira fixou a vista em cinco pessoas e disse:

— Matem-se.

Elas confirmaram com a cabeça e cada uma foi para um canto. O primeiro subiu em uma grande árvore e se jogou de lá de cima, chocando-se com a cabeça no chão. O crânio se abriu e ele morreu na hora. A mais jovem das bruxas fechou os olhos e abaixou o rosto. Demétrio mandou alguém erguer a cabeça dela e forçá-la a ver as outras mortes. Dessa forma, foi obrigada a presenciar uma mulher pegar uma faca que um vampiro lhe deu e esfaquear o próprio peito repetitivamente até falecer.

Ver a morte de humanos era doloroso demais para uma bruxa, pois a função delas sempre fora de protegê-los e não os fazerem morrer por sua causa.

— Pare com isso, por favor — implorou uma das feiticeiras.

— Só se nos contar se há mais bruxas por aqui — falou Demétrio.

— O que vocês pretendem conosco? Há um acordo entre vampiros e bruxas.

— Sabemos muito bem desse acordo, mas precisamos reunir todas vocês e só depois disso contaremos nossos reais objetivos.

A terceira vítima bateu com a cabeça várias vezes no banco da praça até cair inerte no chão.

— Tudo bem. Pare com isso que eu contarei.

Demétrio assentiu e olhou para Karen que mandou que os humanos restantes não se matassem.

— Agora fale.

— Somos apenas em oito.

— Você tem certeza disso? — a mulher confirmou. — E onde podemos encontrar as demais?

A mulher apontou a direção com a mão trêmula e, chorando, descreveu as casas. Enquanto alguns vampiros rumavam para os locais indicados, outros retornavam trazendo cada

vez mais humanos, que logo eram hipnotizados. Não demorou muito para que as bruxas restantes fossem colocadas, forçosamente, junto com as outras diante de Demétrio, na praça central.

— Vocês tem certeza de que são só vocês oito? — elas confirmaram com a cabeça. — Pois se estiverem mentindo para mim, eu matarei não só seus pais, maridos e filhos, como também cada habitante dessa cidade.

— Somos apenas nós, é verdade — respondeu uma adolescente.

— Ótimo. Levem-nas para o carro.

— Para onde vamos?

— Vou levar vocês para Palmas e lá ficarão até eu saber o que tenho que fazer com vocês. E não se esqueçam de que se tentarem alguma coisa, todos os humanos daqui serão mortos.

As bruxas não questionaram, ficaram caladas e aceitaram ser levadas. Foram colocadas em dois veículos diferentes e conduzidas para a capital. Karen continuou na praça hipnotizando o restante dos humanos. Na mente deles, os vampiros nunca passaram por ali e o ocorrido do dia desaparecera. Quando a vampira mandou que voltassem para suas casas e suas vidas, foi implantada em cada um a ordem do suicídio, pois se alguma bruxa tentasse escapar ou não obedecesse às ordens, bastaria uma única palavra para que os humanos tirassem a própria vida.

Apenas uma palavra...

Capítulo 14

Seus olhos abriram com dificuldade e sentiu o corpo doer insuportavelmente. Continuou mais alguns minutos deitada antes de tentar se levantar e averiguar sua localização. Respirou fundo e prendeu a respiração para conseguir se sentar. Elaine olhou ao redor e viu várias mulheres ao seu lado — todas as bruxas de Leme. Algumas ainda dormiam e outras se mantinham despertas. Dona Dalva reparou que a filha acordara e com isso a chamou bem baixinho. Quando a jovem avistou a mãe, arrastou-se rapidamente até ela e a abraçou.

— Onde estamos? — perguntou aflita.

— Estamos presas — afagou os cabelos da moça.

Ambas começaram a chorar silenciosamente. Elaine limpou as lágrimas e olhou ao redor mais uma vez. Percebeu que uma espécie de jaula as cercava e suas grades não eram de ferro ou algum metal, e sim de raízes. A jovem se levantou e caminhou até conseguir tocá-la. Com o contato, sentiu uma grande quantidade de sua energia ser drenada em poucos segundos, fazendo com que ela caísse de joelhos.

— Essa raiz irá sugar sua energia se tocá-la e também a magia, se tentar usá-la — falou uma voz feminina. Elaine ergueu a vista e encarou a índia.

— Como você consegue fazer isso? — foi a primeira pergunta que lhe veio à mente.

— Você ainda não sabe? — deu mais alguns passos e se aproximou da jaula. — Eu também sou uma de vocês.

— Mas como? Você é uma vampira.

— Ninguém nasce vampiro, menina. Eu também não sabia da minha condição, só descobri quando suas antepassadas vieram para firmar o acordo com o Miguel e nessa época eu já era vampira há muito tempo. Engraçado, não é? Mesmo depois de ter sido transformada, continuei com meus poderes de bruxa.

— Se você é uma de nós, por que está fazendo isso?

— Porque eu sou uma vampira — sorriu. — Agora fique bem comportada como suas irmãs, tudo bem? Estou indo ao Mato Grosso do Sul para capturar mais bruxas — Açucena lhe deu as costas e saiu.

Elaine manteve o olhar nela até que a perdesse de vista. Depois olhou além da jaula e notou que estavam em um local fechado e com pouca iluminação. Forçou mais a vista e do outro lado do que parecia ser um barracão, viu outra jaula. Esta de ferro e com vários homens dentro. Mais lágrimas começaram a rolar pelos olhos da jovem por ver que não eram elas as únicas reféns dos vampiros. Sentou-se no chão de terra batida e abraçou as pernas. Tudo aquilo era culpa sua. Tudo! Ouvia passos lentos vindo em sua direção. Ela só ergueu a cabeça quando o som

cessou. Éder sentara-se diante dela. Entre eles só havia as raízes. Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Posso conversar com você? — indagou ele, calmamente.

— Eu não tenho para onde correr, não é? — tentava segurar o choro.

— Não é assim, também. Você pode não querer falar comigo. A decisão é sua.

— Então agora você se importa com o que eu quero? — ele abaixou os olhos. — Depois de tudo o que você me fez, agora vem com esse papinho carregado de sentimentalismo? Até parece que se arrepende do que fez.

— Eu só me arrependo de tê-la enganado, apenas isso. Não me arrependo nem um pouco de ter passado todo aquele tempo com você.

— Não me venha com essa. Você é um cretino, um desgraçado que está do lado dessas criaturas perversas. Não sei quem é pior: você ou eles. Não! Eu sei sim. Os vampiros pelo menos assumem que são maus. Já você me enganou direitinho fingindo ser alguém que não é.

— Eu não fingi em momento algum quem eu sou. Realmente sou esse homem que você conheceu. Juro.

— Eu não quero mais ouvir sua voz! — gritou. — Saia de perto de mim... Não quero nunca mais te ver... Nunca mais — abaixou a cabeça entre as pernas e voltou a chorar.

— Tudo vai acabar bem, Elaine, você vai ver.

Ouviu com clareza as palavras dele, contudo não ergueu a cabeça. Éder se levantou e se afastou. A jovem continuou chorando e sentindo nojo de si mesma por ter se envolvido com aquele paumandado de vampiro.

Já fazia dias que Cleiton, chefe do Estado do Espírito Santo, hospedara-se no covil da líder da cidade de Baixo Guandu, onde havia mais bruxas. A maioria das pequenas cidades do interior possuía uma praça com uma igreja matriz e alguns bancos, e lá naquele pequeno município não era diferente. O vampiro sentava-se em um banco dessa praça, próximo à Igreja de São Pedro, olhando para as pessoas que ali passavam e prestando atenção em cada odor. Era do seu conhecimento que as feiteceiras não possuíam cheiro diferente dos humanos, entretanto, ele não se importava, gostava mesmo de ficar apreciando a fragrância daqueles corpos quentes, principalmente das mulheres. Falando delas, muitas jovens repetiam o trajeto para serem notadas pelo misterioso rapaz de cabelos cacheados, olhos negros e cavanhaque, que além de ser novo no pedaço, enchia os olhos das adolescentes com sua beleza sombria.

Cleiton mantinha o olhar fixo em uma bela mulher que sorria ao fingir desviar a vista e encará-lo quando uma vampira sentou-se ao seu lado.

— Miguel realmente tem muita sorte dessas passagens se localizarem em cidades pequenas — disse ela. — Quero ver o que ele faria se fossem em uma capital.

— Ele não faria nada — falou desviando o olhar da humana e mirando a líder da cidade.

— Quem faria alguma coisa seria a Açucena. Ela sim que manda nesse negócio.

— O Conselho?

— Claro. Que ninguém me ouça — abaixou o tom de voz —, mas o Miguel é só mais um. Quem, na realidade, tem o poder para comandar o Conselho Internacional, caso ele venha a ser no Brasil, é a índia — viu a surpresa no rosto da vampira. — Os outros chefes de Estado comentam entre si que o Miguel só tem a lealdade de todos por causa dela, pois sabemos que ela nunca se afastaria do seu amado.

— Você quer dizer que todos os chefes morrem de medo da mulher do Miguel? — riu.

— Não é medo — colocou a mão no braço dela e lhe deu um leve empurrãozinho. — É apenas respeito pelo mais forte — Cleiton ficou pensativo por alguns segundos. — O que você veio fazer aqui mesmo? Eu estava quase pegando aquela moça ali — indicou-a com a cabeça — quando você apareceu.

— Ah, vim lhe mostrar isto — pegou um papel do bolso da calça e estendeu para ele. — Esses são os nomes das bruxas e os endereços.

O vampiro passou rapidamente os olhos pelas letras antes de devolvê-lo para ela.

— Não adianta eu ver isso, não faço a mínima ideia de onde ficam esses lugares.

— Sinceramente, Cleiton, você é um péssimo chefe de Estado. Não conhece nem as próprias cidades do seu território.

— Exatamente para casos como esse que cada município tem um líder — sorriu e se levantou. — Aliás, para que lado fica o seu covil?

— E ainda por cima tem um péssimo senso de direção — murmurou com mau-humor.

— Fica para aquele lado — apontou com o dedo. — Você só precisa atravessar o rio e seguir mais alguns quarteirões que logo chegará lá.

— Ótimo — esfregou as mãos e deu mais uma olhada para a humana de antes. — Vou levar um lanchinho hoje.

— E como fica o caso das bruxas?

— Sei lá. Deixa isso de lado por hoje, mas guarde bem essas informações aí. Quem sabe amanhã eu não acordo inspirado para caçar umas bruxas, não é? — riu. Deu as costas para a vampira e andou todo sorridente em direção à mulher humana.

Ele não muda mesmo, pensou a líder de Baixo Guandu. Levantou-se do banco e desapareceu na noite enquanto Cleiton usava todos os seus encantos vampirescos para seduzir a moça; tirar proveito do cheiro e do calor de seu corpo humano e depois sugar-lhe até a última

gota de sangue.

Açucena, acompanhada de Miguel, desembarcou no aeroporto de Campo Grande minutos antes das vinte e três horas. Teodoro, chefe de Mato Grosso do Sul, os esperava. Assim, o casal entrou no carro que foi guiado pelo vampiro com destino certo: a cidade de Camapuã. A viagem não demorou muito, cerca de um pouco mais de duas horas. Logo que adentraram o pequeno município, dirigiram-se para o covil do líder. Ao chegarem, o vampiro os recepcionou com alguns copos de sangue e pediu para que todos se acomodassem nos sofás. Após beberem aquele líquido vermelho, Miguel foi o primeiro a perguntar:

— E as bruxas? — mirava o sujeito que lhes recebeu.

— Foi um pouco difícil conseguir encontrá-las — começou ele — mesmo a cidade sendo pequena. Mas felizmente achamos todas.

— E quantas são?

— Onze.

— Ótimo — Açucena ficou em pé. — Vamos agora mesmo pegá-las.

— Mas já? — surpreendeu-se o líder do município.

— Não temos tempo a perder. Nos guie até os locais — disse, caminhando para fora da casa.

Os demais vampiros se entreolharam. Miguel deu de ombros e seguiu a amada. Todos entraram no carro, exceto o residente da cidade, que foi em outro veículo, para guiar os demais. Deixaram o covil e percorreram as ruas desertas em busca das feiticeiras. Estacionaram os veículos aproximadamente dez minutos depois. Açucena foi a primeira a descer. Pararam diante de uma casa humilde de muro baixo e com uma árvore na calçada.

— Aqui tem três bruxas: a mãe e duas filhas.

A índia assentiu e foi a primeira a pular o muro e andar até a porta de entrada. Colocou a mão na maçaneta, forçou-a e com um estalo a abriu. Mais alguns passos depois, passou pela pequena sala e entrou no cômodo à esquerda. Empurrou para o lado o tecido que fazia o papel de porta e viu duas jovens deitadas em camas simples. A vampira não hesitou em se aproximar e puxá-las do leito pelas pernas e as arrastar para fora do dormitório. As meninas, assustadas, começaram a gritar e a chorar. Com isso, apareceram os pais.

— Quem são vocês? — indagou uma mulher com um pouco mais de 30 anos. Notava-se a voz trêmula, pois assim como as bruxas de Leme, todas as outras foram acometidas com um mau pressentimento e naquele momento tinha certeza de que aquela cena remetia à sensação ruim. — O que querem com minhas filhas?

— Não queremos apenas elas. Queremos você também — falou Miguel. — Sabemos que são bruxas e por isso viemos buscá-las.

— Vocês são vampiros — disse, quase inaudível.

Açucena pegou as duas jovens do chão e as puxou para cima pelos braços. A garota mais nova, de 12 anos, mantinha as mãos unidas diante do peito e entoava baixinho uma oração e com isso fez um pouco de magia se avolumar. A índia sacudiu a menina violentamente.

— Pare já com isso! — ordenou. — Ou mato seu pai agora mesmo!

Ela arregalou os olhos e cessou a oração. Açucena encarou a mulher.

— Você virá conosco tranquilamente ou terei que forçá-la a isso?

— O que vocês querem conosco? Não fizemos nada. Há um acordo...

— Sabemos muito bem desse acordo — o líder do Conselho a interrompeu. — E foi comigo que suas antepassadas firmaram tal acordo. Eu sou o Miguel — a bruxa espantou-se com tais palavras, em seguida mirou a vampira.

— Isso quer dizer... que você é...

— Sim, sou eu mesma. Agora vamos! Não temos a noite toda para isso — virou-se para Teodoro. — Pegue o marido.

— Não! — gritou a esposa.

Quando o vampiro colocou as mãos no homem, a bruxa apoiou as suas nas paredes e com isso o chão cedeu e o chefe de Mato Grosso do Sul afundou e ficou preso no assoalho. A feiticeira tentou outra investida. Porém, antes que fizesse algo, Açucena pegou as duas meninas pelo pescoço e apertou. Invocou sua habilidade e sugou boa parte da energia delas e as fez desmaiar. A mãe se desesperou.

— O que você fez com as minhas filhas? Vocês não podem nos fazer mal.

— Não podemos matá-las, mas como sou especial, posso absorver a energia de vocês do mesmo modo como a magia. Agora me obedeça e venha com a gente.

— Prefiro morrer! — gritou e voltou a tocar a parede.

Uma protuberância de concreto surgiu da parede ao lado da índia e a acertou, jogando-a do outro lado da sala. Açucena se enfureceu. Arremessou as meninas para Miguel e andou em passos firmes na direção da bruxa que continuou a tentar acertar a vampira. Esta já esperava pelos golpes e com isso desviou de todos. Usou sua velocidade para desaparecer da vista da mulher e reaparecer atrás dela e a puxar pelos cabelos. A feiticeira caiu no chão e foi arrastada pela índia.

— Odeio quando não me escutam — resmungou ela. A bruxa se debateu várias vezes e aos poucos foi perdendo a força, pois sentia sua energia ser drenada do seu corpo. Em segundos ela também desmaiou.

O marido presenciou a tudo, calado. Assim que Teodoro conseguiu sair do piso, puxou o sujeito para fora da casa e o atirou para dentro do carro. As bruxas também foram colocadas no banco de trás. Antes de partirem, o líder de Camapuã deu as coordenadas para a próxima casa. Enquanto ele levava as prisioneiras para o covil, os demais seguiam para outra residência.

Dessa vez, Açucena não quis saber de conversa, adentrou a casa e antes mesmo das residentes tomarem consciência do acontecido, foram envoltas em raízes que surgiram do chão e sugaram suas energias.

O recolhimento das bruxas durou menos de uma hora. Antes da alvorada, as feiticeiras de Camapuã estavam presas em uma mesma jaula de raiz — como suas irmãs de um município do Estado de São Paulo — e seus pais, maridos e filhos, foram jogados em um quartinho escuro para que fossem usados como reféns mais tarde.

O casal de vampiros passaria as horas de sol naquele covil, pois no dia seguinte retornariam à Campo Grande e de lá iriam para Cuiabá, no Mato Grosso, e depois à Feliz Natal para capturar mais alguns humanos mágicos.

O cerco estava se fechando para as bruxas...

Capítulo 15

Cleiton despertou do seu transe logo que os raios do sol não mais tocavam o solo e não podiam exterminar aquelas criaturas perversas. Ao virar-se na cama, encostou-se a algo. Olhou para o lado e viu o corpo nu e pálido da linda jovem da noite anterior. O vampiro sorriu e acariciou as bochechas sem cor e vida da falecida. Passou a mão no pescoço da vítima, bem em cima dos dois furos feitos por ele mesmo, e trouxe um pouco de sangue seco para perto das narinas. Inalou profundamente. O líquido já não tinha mais o cheiro adocicado e enjoativo e nem mais aquele delicioso sabor que deixava tais seres obcecados ou muitas vezes viciados. Deu uma última afagada nos cabelos da moça antes de se levantar.

Ele também não usava roupas e não se importou com isso. Andou até a janela e puxou as grossas cortinas para o lado; empurrou as venezianas e fitou por alguns minutos o céu estrelado. Suspirou ao se lembrar dos seus deveres como chefe do Estado do Espírito Santo. Não gostava nem um pouco daquilo, no entanto, sabia que alguém precisava fazer aquele trabalho e — de preferência — que fosse ele, pois desgostava de receber ordens, por isso decidiu ser chefe, apenas por isso. Mas infelizmente não era imune a ordens. Torceu os lábios ao se lembrar de Miguel e da reunião do Conselho. Ainda não tinha uma ideia formada sobre a empreitada pela Inglaterra; não sabia se realmente valeria tanto a pena assim. Em sua opinião, aquilo tudo não passava de uma luta de ego entre Miguel e o líder internacional. O vampiro brasileiro sempre se sentiu humilhado pelos europeus, ainda mais por causa de Açucena. Não tinha tanta certeza sobre isso, porém, na época em que foi transformado por Miguel, ele mesmo comentou sobre algo do tipo.

Decidiu parar de pensar naquelas coisas, isso não o levaria a lugar algum. O que tinha de fazer era simples: caçar as bruxas de Baixo Guandu, apenas isso. Afastou-se da janela e sentou-se na cama. Abaixou o tronco para procurar suas roupas no chão quando ouviu alguém bater à porta. Ele autorizou a entrada. Isis, a líder do município, adentrou o quarto e logo que atravessou a entrada, espantou-se por vê-lo sem roupa. Ela virou-se de costas.

— Por que não me disse que estava pelado?

— Desde quando você é toda certinha assim? — riu Cleiton. Ficou em pé e caminhou até ela. — Não se lembra das nossas noites?

Ela se virou, dessa vez com uma feição nada alegre. Tocou-o no peito nu e o empurrou com força.

— Olha aqui, seu babaca! Não é porque você é o chefe do Estado que tenho que aturá-lo aqui.

— Tenho uma má notícia para você — continuou rindo. — Você tem que me aturar,

sim, porque não é uma ordem minha. Essa veio de cima.

Isis o mirou, franzindo o cenho. O pior de tudo era que ele estava certo, pois eram ordens vindas direto do Conselho. Rodou os olhos nas órbitas. Agachou-se e pegou as roupas do chão e as jogou para o vampiro.

— Vista-se logo. Temos que ir atrás das bruxas.

— Eu disse que só iria se acordasse com vontade — começou a se vestir.

— Para de ser minado. Deixa o Miguel descobrir que você está de cu doce para cumprir o que ele mandou.

— Vamos fazer um acordo, então.

— Acordo? — estranhou aquilo. — Que tipo de acordo?

— Se você passar essa noite comigo, eu sairei agora mesmo atrás das bruxas.

— O quê?! — gargalhou indignada. — Você ficou louco? Eu não tenho a obrigação de fazer nenhum tipo de acordo com você, ainda mais desse tipo — deu-lhe as costas. — Faça o que você quiser, não é a mim que deverá dar explicações depois.

Ela deu alguns passos até a saída e antes de atravessá-la, foi surpreendida por Cleiton à sua frente. Ele colocou as mãos nos cabelos enrolados e castanho-claros dela.

— Era brincadeira, lindinha. Já estou pronto para caçar as bruxas — sorriu. — Mas a minha proposta ainda está em pé, caso você queira se divertir.

— Babaca — empurrou-o e passou por ele.

Isis saiu do quarto e caminhou pelo corredor que a levou para a sala. Cleiton veio atrás dela. Logo que entrou no cômodo, viu alguns dos seus subordinados esperando-a. Ela se aproximou e perguntou:

— Prontos?

Os cinco vampiros ali presentes menearam positivamente a cabeça. Ela olhou para o chefe do Estado.

— Como vamos fazer?

— Ainda não sei. Acho melhor não as enfrentarmos diretamente, pelo menos enquanto a Açucena não estiver aqui — Isis tomou ar para questioná-lo, porém ele falou antes: — Nós não podemos matá-las. Não sei como funciona, elas foram criadas para proteger os humanos de nós e das criaturas do submundo, por isso nenhum de nós consegue matar uma bruxa — todos se espantaram com a notícia.

— E como vamos fazer?

— Iremos trabalhar com a chantagem emocional — sorriu. — Os humanos são muito apegados a essas coisas.

A vampira entendeu o que ele queria dizer e também sorriu. Saíram do covil e se encaminharam para os destinos. Isis tirou do bolso da calça o papel no qual anotara os endereços

e se dirigiram primeiramente ao mais próximo. Os subordinados vampiros foram em um carro e a vampira foi em outro, acompanhada de Cleiton. Não demorou muito para que chegassem à primeira residência. Logo que todos desceram dos automóveis, o chefe do Estado disse:

— O foco de hoje não será as bruxas e sim os homens, entenderam? — assentiram. — Por isso quero que os tirem das casas o mais rápido que conseguirem e se for preciso, digam que os matarão caso as feiticeiras tentem algo.

Pularam o muro da casa e caminharam sorratamente pela garagem. Isis se agachou abaixo de uma janela e olhou rapidamente para dentro do local. Viu um casal sentado diante da televisão. Além deles, podia sentir mais três odores distintos. Os demais vampiros abriram um pequeno portão de madeira e se encaminharam para os fundos da casa. Enquanto seus subordinados se afastavam, a vampira fez sinal para que ela e Cleiton entrassem pela frente. O vampiro meteu o pé na porta da sala que, com o impacto, foi arrancada. Isis continuava ao lado da janela, e assim que Cleiton entrou, ela também pulou para dentro. Como o casal mantinha a atenção naquele que chutara a porta, ela conseguiu pegar o homem e tirá-lo de perto da mulher sem que esta percebesse de imediato. Arrastou o sujeito até a parede e o pressionou pelo pescoço, fazendo-o ficar vermelho por causa do pouco ar que conseguia puxar para dentro dos pulmões. O vampiro viu a esposa juntar as mãos à frente do peito. Contudo, antes que ela pudesse ter feito algo, ele encostou a unha na garganta do marido.

— Não se atreva a fazer nenhuma magia, sua bruxa — fez um pequeno corte no humano. O suficiente para o sangue escorrer.

— O que vocês querem? — afastou as mãos.

— Só vamos levar uns humanos hoje, nada mais.

A bruxa arregalou os olhos. Pensou em fazer ou dizer alguma coisa, mas sua atenção desviou-se para outra cena: viu mais vampiros surgirem pelo corredor trazendo consigo seus dois filhos. A filha, que não foi agarrada por eles, vinha atrás gritando e chorando.

— Soltem meus irmãos! — gritava sem parar a jovem.

— Me digam, pelo amor de Deus, o que vocês querem com eles — choramingou a mulher.

— Iremos levá-los conosco essa noite. E não se preocupe, eles ficarão bem desde que vocês se comportem — também fitou a garota. — Nos próximos dias, o líder do Conselho virá até essa cidade e com isso vocês ficarão sabendo o que devem fazer.

— Se tentarem alguma coisa, nós os mataremos sem hesitar — reforçou Isis.

Lágrimas desciam pelos olhos daquelas duas mulheres e o choro embolava-se na garganta. Os vampiros mostravam sorrisos de satisfação nos rostos.

— Os noturnos não podem fazer isso, temos um acordo — dizia a mulher tentando se

manter firme frente à situação.

— Esse acordo está quebrado por enquanto — falou Cleiton. — Por hora, quero que vocês fiquem bem quietinhas e nem pensem em avisar alguma autoridade humana, pois se isso acontecer, seu marido e filhos servirão de alimento para nós.

A bruxa abaixou a cabeça e apenas anuiu sem mais nada mencionar. Os vampiros puxaram os humanos para fora da casa e os levaram para os carros. As duas feiticeiras presenciaram a tudo com o sentimento de impotência tomando conta de seus corpos. Os homens foram colocados no banco traseiro do carro de Isis e Cleiton e levados de lá. Mãe e filha se abraçaram e choraram desesperadamente.

Os cônjuges das bruxas, seus pais e filhos, foram raptados pelos noturnos. Com o ato, deixaram quatorze mulheres chorando sem parar, desde idosas até meninas. Os homens foram trancafiados em um quarto no covil de Isis logo que chegaram. Avisaram a eles que se ficassem bem comportados, nada de ruim aconteceria a eles e nem às bruxas. Cleiton trancou a porta e encaminhou-se para o dormitório da líder da cidade para lhe entregar a chave. Adentrou o cômodo sem bater e a pegou deitada na cama fitando o teto. Ela se sentou por causa da presença dele.

— Sabia que é falta de educação entrar desse jeito no quarto dos outros?

— Só vim lhe trazer a chave do cativeiro — jogou o objeto para ela.

— E por que não fica com você?

— Não gosto de ser responsável por coisas pequenas assim. Vai que eu perco.

— Você é muito irresponsável — virou-se de lado e colocou a chave dentro da gaveta do criado-mudo. — Pode ir agora. Vou guardar muito bem, não se preocupe — percebeu que ele não saiu do lugar e parecia que não iria. — Quer mais alguma coisa?

— Quero saber se você pensou sobre a minha proposta.

— Ahhhhhhhhh! Faça-me o favor, Cleiton! Você só pensa com a cabeça de baixo, não é? — pegou um travesseiro e arremessou nele. O vampiro riu.

— Sou um vampiro, Isis. Meu corpo pede por sexo naturalmente — caminhou até ela e sentou-se na cama. — E tenho certeza de que o seu também — tentou tocá-la no rosto, porém levou um tapa na mão.

— Mais uma gracinha sua e o coloco pra fora desta casa à base de chutes.

— Sabe por que você está tão estressada? É porque faz tempo que não se diverte.

— E desde quando o senhor conhece tão bem assim a minha vida sexual?

— Se esqueceu de que fui eu quem a transformou? Conheço-a muito bem, minha

querida.

Isis se levantou, pegou Cleiton pela camiseta e o jogou próximo à porta.

— Suma daqui!

— Viu como estou certo? Nem conseguiu retrucar o que eu disse — ria sem parar.

— Você é um cretino, cafajeste, sem escrúpulo... — se tivesse sangue suficiente nas veias, estaria vermelha agora. Ele ainda ria e isso a deixava mais irritada. Isis passou as mãos pelo cabelo e tentou se acalmar, pois ele a tirava do sério. Como Cleiton não parava de rir, Isis decidiu fazer a única coisa que o mandaria embora.

Usando sua velocidade vampírica, empurrou novamente o chefe e o encostou na parede. Não esperou que ele falasse nada, apenas o beijou. As carícias duraram por algum tempo. Como Cleiton era mais velho e mais rápido, colocou-a na cama sem que ela notasse, só se dando conta quando sentiu os lençóis às suas costas. Ele até poderia estar certo quando disse que ela não se divertia há algum tempo, mas Isis nunca assumiria isso.

Ela não retirou a roupa dele como deveria, em vez disso rasgou, peça por peça. E não apenas rasgou os tecidos como também causou fundos cortes na pele fria e pálida do vampiro. O sangue escorria bem devagar dos ferimentos que não demoraram em sumir.

Ambos divertiram-se juntos por um longo tempo.

Cleiton deixou-se cair deitado sobre o corpo de Isis, pois o orgasmo deixava-o sem energia por breves segundos. Percebendo o estado dele, a vampira não pensou duas vezes: jogou-o para fora da cama. Ele estatelou-se no chão como um saco de batatas. Foi a vez de ela rir sem parar.

— Você ficou louca? — reclamou, sentando-se. — Eu ainda estava me recuperando.

— E até parece que eu ligo — ela enrolou o corpo no lençol e saiu do leito. Caminhou tranquilamente pelo quarto e parando ao lado da porta, abriu-a. — Agora vá embora.

— Assim? Não vai me dar nem um beijo de despedida?

— Já tive o que queria de você. Agora vá!

Ele recolheu as roupas e quando pensou em vesti-las, lembrou-se de que foram rasgadas.

— Não tenho roupa para colocar.

— Não é você que gosta de andar pelado por aí? Então, bom proveito.

— Você fez isso de propósito, não fez? — aproximou-se dela.

— Claro que não — respondeu ironicamente. Pegou-o pelo braço e o arremessou para

fora do dormitório e trancou a porta logo em seguida.

Claro que uma porta trancada não impediria nenhum vampiro de entrar. No entanto, tal ato mostrava que ele fora recusado. Cleiton sorriu, encostou a cabeça na porta e falou:

— Muito bem, Isis. Você nunca me tratou com tanto amor assim — ouviu uma risada.

Não disse mais nada. Afastou-se de lá e andou até os seus aposentos temporários. Durante o trajeto, deu de cara com dois vampiros. Eles o olharam e seguraram as gargalhadas, pois seria muita falta de educação, além de perigoso, rir do chefe do Estado na cara dele. Cleiton entrou no quarto e viu o corpo da jovem ainda sobre sua cama. Dessa vez não a acariciou, só empurrou a morta que caiu no chão. Deitou-se e mirou os arredores sem achar nada que prendesse sua atenção. Pensou em Isis. Riu de si mesmo. Ela não era mais aquela moça bobinha que conhecera no ano de 1935. Agora era uma vampira, e uma vampira que soube fazer com que ele caísse perfeitamente no próprio jogo de sedução.

Mas ela teria o troco e ele já maquinava como o faria...

Capítulo 16

Com o cair da noite, os olhos negros da vampira se arregalaram e miraram o nada por alguns segundos. Após sair completamente do transe, viu o amado ao seu lado. Açucena aproximou-se mais de Miguel e acomodou a cabeça no peito dele. Com os dedos, brincou com os pelos que escapavam por entre os botões da camisa do vampiro. Não demorou muito para que ele também despertasse. Quando tomou consciência de si e do carinho que recebia, enlaçou a índia em um abraço apertado e lhe beijou a testa.

— Sabia que eu te amo? — perguntou ele.

— Sabia — soltou-se do abraço e se suspendeu pelos cotovelos para poder encará-lo. — Você me diz isso todos os dias — beijou-lhe. — Eu também te amo.

Ficaram ali deitados trocando juras de amor e carinhos por mais alguns minutos. Infelizmente não poderiam continuar, pois o dever os chamava. Deixaram o quarto e encontraram Teodoro na cozinha conversando com o líder de Camapuã. O casal serviu-se com alguns goles de sangue antes de entrarem em um carro, acompanhados do chefe do Estado, e saírem daquela cidade com destino a Campo Grande.

O trajeto demorou um pouco mais de duas horas. Teodoro levou-os até o aeroporto e antes de irem embora, foi aconselhado por Miguel para ficar de olho nas bruxas. Açucena ainda falou que a prisão de raízes impediria que elas saíssem, porém era sempre bom ter a atenção redobrada com as feiticeiras. O chefe assentiu e se despediu deles.

Cerca de uma hora depois, eles embarcaram no avião para Cuiabá. Antes de subirem, o líder do Conselho ligou para Batista, o chefe de Mato Grosso. Avisou ao vampiro que chegariam à capital dentro da próxima hora. Entraram no avião e se acomodaram nas poltronas marcadas.

A índia não se incomodava de viajar com humanos, mas Miguel odiava aquilo, por isso sempre sentava ao lado da janela para evitar qualquer contato com eles. Não respondia nem para a aeromoça quando ela lhe dirigia a palavra, cabendo assim a Açucena recusar qualquer alimento ou bebida oferecida.

A viagem foi tranquila e rápida. Miguel também não gostava de se misturar aos humanos, por isso sempre esperava que todos descessem para que ele pudesse sair. Açucena achava graça daquelas manias do amado. Quando chegaram ao portão de desembarque, avistaram Batista não muito distante, esperando-os. Infelizmente não poderiam se deslocar para Feliz Natal naquela noite, pois o município ficava a mais de quinhentos quilômetros da capital e não conseguiriam chegar lá antes da alvorada. Dessa forma, encaminharam-se para a sede do Conselho de Cuiabá, onde passariam a noite e as horas de sol. Deixaram o aeroporto Marechal Rondon e se encaminharam para o covil.

Para chegarem até o destino, percorreram algumas avenidas: desde a Avenida João Ponce de Arruda até a Avenida do CPA, onde se localizava o prédio do Conselho. Logo que entraram nessa última avenida, percorreram-na por poucos minutos antes de Batista parar o carro em frente a um edifício de no máximo dez andares. Ele pegou um pequeno controle e apertou um botão. O portão que levava para o estacionamento subterrâneo se abriu. O veículo foi estacionado e o chefe do Estado desceu acompanhado pelo casal. Entraram no elevador e subiram até o último andar. Deram alguns passos pelo corredor acarpetado e passaram por uma porta aberta. A sala que apareceu era bem parecida com a sala de reuniões do Conselho paulista, mas com extensões reduzidas. No cômodo encontravam-se mais três pessoas. Batista se aproximou delas e apresentou o vampiro responsável pela cidade de Feliz Natal. Todos se cumprimentaram e sentaram-se nas cadeiras.

— Mostre para o Miguel o que encontrou — sugeriu Batista para o vampiro. O sujeito puxou uma folha sobre a mesa e a entregou ao líder.

Miguel passou os olhos com atenção sobre as informações ali escritas. Franziu o cenho.

— Como assim elas estão espalhadas? — indagou com ar de preocupação na voz.

— Em Feliz Natal só está uma família — informou o líder da cidade. — Mandeí que alguns humanos pesquisassem sobre isso e eles descobriram que as outras famílias se mudaram da cidade há 15 anos.

— Para onde elas foram? — perguntou Açucena.

— Ninguém sabe.

— Ótimo — Miguel socou a mesa. — Como vamos encontrá-las agora? Precisamos de todas.

— Ligue para o Augusto — falou a índia. — Ele está em Leme e pode ir se encontrar com as criaturas do submundo de lá. Talvez elas saibam onde podemos encontrar as outras.

— Se elas sabiam que as bruxas não estavam todas em Feliz Natal, por que não nos disseram?

— Eles disseram que não seria nada fácil, lembra? Estão apenas jogando conosco. Se divertindo às nossas custas.

— Malditos — passou as mãos pelos cabelos. — Só espero que eles nos ajudem a tomar aquela merda de Conselho Internacional — pegou o celular do bolso e ameaçou teclar alguns números, entretanto, parou e encarou a amada. — Qual é o código de área de Leme?

— 19.

— É mesmo — levou o aparelho à orelha e ouviu vários toques antes de cair na caixa postal.

Augusto sempre andava com o celular, porém justamente naquele dia o esquecera em cima da mesinha de centro da sala. Como o aparelho ficou no silencioso e não havia ninguém no cômodo, ele vibrou várias vezes sem que alguém percebesse. Por causa da vibração e por estar sobre o vidro, o eletrônico moveu-se tanto que caiu ao chão, sobre o tapete. Após alguns minutos, uma criança apareceu e viu o celular aceso. Beatriz achou aquilo curioso e se aproximou. Pegou-o do chão e o colocou na boca. Mastigou-o por breves instantes antes de Diogo aparecer e tirá-lo da menina. Limpou-o da baba e leu no visor o nome de Miguel. Atendeu.

— Alô?

— Quem é? — perguntou Miguel, pois não conhecia aquela voz.

— É o Diogo. O Augusto não está.

— Onde ele foi?

— Se não me engano, está no antigo sítio dos pais dele tomando conta das bruxas.

— Droga. Precisava que ele fizesse uma coisa para mim. É urgente.

— Me fala o que é. Talvez eu possa ajudar.

O líder do Conselho explicou a situação. Disse que precisava da informação de onde encontrar as demais bruxas que se mudaram da cidade de Feliz Natal e que os únicos que poderiam ter essa informação eram as criaturas do submundo. Diogo contou que já fora até lá quando fizeram o ritual para trazer Henrique de volta e acabou se oferecendo para o trabalho. Desligou o aparelho e pegou Beatriz no colo. Quando saía da sala, encontrou Henrique.

— Você pode ficar com ela um pouco? — não precisou estender a menina para ele, pois assim que o viu, ela esticou seus bracinhos na direção do vampiro.

— Posso sim. Por quê?

— Recebi uma ligação do Miguel e me ofereci para ir até as criaturas do submundo para pedir uma informação.

Henrique assentiu e não questionou sobre o assunto. Diogo subiu as escadas e andou até seu quarto. Ao entrar, viu Júlia sentada em frente ao computador. Contou o que iria fazer e perguntou se ela gostaria de ir junto. A garota aceitou. Minutos depois, o casal encaminhava-se para a imagem da Santa. Por estar de madrugada, a cidade de Leme não possuía quase nenhuma pessoa na rua. Via-se às vezes um veículo passando em alta velocidade.

Diogo e Júlia pararam em frente à imagem e olharam para os lados antes de irem para a parte de trás. O jovem fez suas presas crescerem, cortou a palma da mão direita e espalhou o sangue espesso pela pedra retangular e fria. O buraco se abriu. Pegou Júlia pelo braço e colocou sua mão no orifício. O tempo que demorou para chegarem até o corredor escuro e úmido foi

mais rápido que um piscar de olhos. A energia que emanava do local era mais carregada do que da última vez que Diogo aparecera por lá, pelo menos era o que achava. Tinha a impressão de que o ar estava mais denso e difícil de respirar. Acabou não dando tanta importância para aquilo e continuou a caminhar. Avistaram a sala circular e a pedra negra ao centro. Logo que entraram, as tochas tremeluziram e o fogo diminuiu de tamanho, deixando assim o lugar na penumbra. O casal sentou-se na pedra e nem tinha se acomodado perfeitamente quando as criaturas surgiram.

— Diogo, não é? — perguntou uma das criaturas. O garoto teve a impressão de que ela sabia exatamente quem era. Anuiu. — Em que posso ajudá-lo?

— Miguel e Açucena estão em Cuiabá e acabaram de ser informados que as bruxas de Mato Grosso não estão localizadas na mesma cidade. Por isso vim aqui para perguntar se vocês podem nos dar essa informação.

Os seres do submundo se entreolharam e sorriram mostrando os vários dentes pontudos. Não soube porquê, mas sentiu que eles já tramavam aquilo.

— Toda informação tem um preço — falou uma delas que rangeu os dentes antes de continuar a sorrir.

— E qual é o preço dessa?

— Sangue. Quero beber do sangue da sua filha.

Nessa hora, Júlia se levantou de um pulo.

— O quê?! — ela começara a se exaltar por causa do comentário.

— Por que o sangue dela? — indagou o rapaz.

— É um sangue especial. Essa é a nossa moeda de troca.

— Não pode ser outra coisa? — todos os seres balançaram negativamente as cabeças ao mesmo tempo. — Droga!

— Traga em um recipiente — falou uma das criaturas.

Diogo encarou Júlia não sabendo o que fazer. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Não disse nada, apenas indicou a saída para o namorado. Os dois deixaram a sala circular e voltaram para o corredor. A garota transparecia o nervosismo pela velocidade do seu andar. Chegaram à passagem mais rápido do que o imaginado. Júlia não esperou por Diogo, ela mesma cortou a própria mão para conseguirem atravessar.

— Eu não acredito nisso! — disse ela, quando surgiram atrás da proteção de Nossa Senhora. — Como eles podem pedir o sangue de uma criança?

— Se eles comem corações de recém-nascidos, podem muito bem beber do sangue de uma criança, e infelizmente é da nossa filha.

— Vamos acabar logo com isso. Não quero pensar muito sobre o assunto.

Entraram no carro e saíram em alta velocidade.

Logo que adentraram o covil, foram recebidos por Fábio que notou a feição nada alegre

de Júlia e perguntou o que acontecera. Diogo explicou a situação enquanto se encaminhavam para a cozinha. Viram sentado à mesa Henrique com um prato de comida nas mãos alimentando Beatriz. Fábio abriu uma gaveta do armário e mexeu dentro até achar o que queria: agulhas e seringas.

— Para que isso? — questionou o vampiro de olhos verdes.

— Só a segure — falou Júlia. Abriu o plástico que envolvia a seringa e depois o da agulha.

— Isso vai doer.

Henrique não sabia a finalidade daquilo, mas obedeceu. Pousou a colher sobre o prato e segurou firmemente a menina. Júlia puxou o bracinho da filha e penetrou a agulha na maior veia. Beatriz gritou. O vampiro passou a segurá-la com mais força. Júlia iniciou a retirada do sangue. A primeira seringa se encheu rapidamente. Retirou a agulha da filha e despejou o sangue em um pequeno recipiente de vidro entregado por Fábio. Depois pegou novamente o braço da criança e repetiu os movimentos. Beatriz chorava e gritava sem parar. Felizmente os ferimentos se curavam em seguida. Tiraram da menina uma boa quantidade, só não retiraram mais porque ela já não gritava e parecia que ia desmaiar. Enquanto Henrique levava Beatriz para o quarto, Diogo e Júlia refizeram o caminho até as criaturas.

Assim que se sentaram na pedra preta, os seres do submundo surgiram. A garota ruiva arremessou o recipiente que foi pego por uma mão esquelética e de unhas escuras enormes.

— Onde estão as bruxas? — perguntou ela.

— Há uma família em Sorriso e três em Sinop.

— Você tem certeza disso?

— Ao contrário dos vampiros, nós cumprimos com a nossa palavra.

Júlia cerrou os olhos e teve vontade de descontar sua raiva naquele ser, mas se conteve. Balançou a cabeça e pegou Diogo pela mão para que saíssem de lá. Os seres do submundo sorriam e quando tiveram certeza de que os vampiros haviam se retirado do submundo, eles se aproximaram da pedra ao centro formando um círculo. As chamas das tochas voltaram a crepitar quando começaram a entoar um cântico em uma língua desconhecida. No meio da pedra surgiu uma luz vermelha e logo em seguida a imagem de uma mulher; seus cabelos eram longos, ruivos e lisos com um certo volume; tinha os olhos tão verdes quanto esmeraldas. Ela aparentava ter 25 anos de idade. Uma das criaturas desrosqueou o recipiente de vidro e jogou o conteúdo sobre a imagem. Viram o sorriso no rosto dela desmanchar-se e dar lugar a uma feição enraivecida. Seus olhos antes verdes ficaram amarelos. A jovem tinha em mãos um lindo punhal com várias pedras cravadas em seu cabo e com ele, ela cortava sem parar ou hesitar os corpos frios e pálidos dos seres da noite e os mágicos de humanos especiais.

O sangue foi absorvido pela pedra e a luz vermelha transformou-se em uma pequena

esfera de luz que subiu até se encontrar com o teto e desaparecer. As criaturas sorriam sem parar. Agora sim o ritual completara-se e finalmente poderiam ter sua vingança depois de tantos séculos.

Colocou Beatriz no berço e afagou o cabelo ruivo da menina. Ficou guardando seu sono por algum tempo até ter certeza de que ela estava bem. Acariciou as bochechas rosadas da criança antes de sair do quarto. Fechava a porta quando teve a impressão de ver uma luz vermelha vinda de dentro do aposento. Henrique abriu a porta e olhou intrigado para dentro. Viu que a menina virara-se para o outro lado e dormia profundamente. Ele enrugou a testa e coçou a cabeça. Será que depois de tantos anos começara a ver coisas? Deu de ombros e balançou a cabeça. Achou que devia ser sua imaginação, só podia.

Capítulo 17

Miguel tamborilava os dedos sobre a mesa, ansioso. Levantou-se e andou de um lado para o outro. Não suportava esperar. Enquanto ele não parava com suas crises de perturbação, Açucena conversava com o líder de Feliz Natal e pedia informações sobre a cidade.

Todos pararam de falar quando ouviram o celular de Miguel tocar. Ele pegou-o do bolso e leu a mensagem de texto na qual Diogo avisava que conversara com as criaturas do submundo e que elas informaram que uma família de bruxas residia no município de Sorriso e outras três em Sinop. O vampiro ficou aliviado com a notícia. Agora já sabia para onde ir depois de deixarem a cidade de Feliz Natal.

O casal do Conselho passou o resto da noite planejando o que fariam com as bruxas de Mato Grosso, pois estavam com dúvida de em qual cidade elas ficariam presas. Acabaram decidindo que as levariam para Feliz Natal já que era lá que ficava a passagem para o submundo.

O céu não totalmente negro, e sim azul escuro, pairava sobre as cabeças de alguns vampiros que guiavam automóveis para fora da capital em direção a um pequeno município com um pouco mais de dez mil habitantes. Estavam em dois carros; Miguel conduzia um com Açucena ao seu lado e o outro era dirigido por Batista na companhia do líder de Feliz Natal. O trajeto demorou mais de seis horas para ser completamente percorrido.

Logo que adentraram a cidade — já de madrugada — encaminharam-se para a única residência em que havia bruxas. Os veículos foram estacionados em frente a uma casa simples em uma rua de terra. Os vampiros desceram e Batista tomou a dianteira. Pulou o portão baixo e usando sua velocidade se aproximou rapidamente da porta de entrada. Não hesitou em colocar a mão na maçaneta e forçá-la até que abrisse causando um som um pouco alto, ainda mais por não haver nenhum outro ao redor. Empurrou a porta e entrou com Açucena em seu encaixo. Ouviram passos. Os noturnos pararam para escutar melhor.

Do fundo do corredor apareceu um senhor com uma arma na mão e assim que viu os invasores, não titubeou em atirar. A bala acertou o meio da testa de Batista, que caiu para trás. Ouviram outro tiro. Dessa vez, Miguel agiu e fez uso de sua habilidade. Quando o tempo parou, o projétil se encontrava a poucos centímetros de atingir a índia. O vampiro pegou o objeto do ar e o jogou no chão. Em seguida, andou até o humano e tirou a arma de sua mão, colocando-a no cós da calça e agarrou-o pelo pescoço. O tempo voltou ao normal e com isso sentiu o pavor exalar do

senhor.

— Não faça mais nada estúpido — sussurrou o vampiro ao ouvido da vítima.

— Traga-o para cá — falou Açucena.

Miguel o arrastou na mesma hora em que a vampira entrou no primeiro quarto. Viu um casal sentado na cama e eles se assustaram com sua presença. A índia fez um pequeno movimento com o indicador e uma fina raiz saiu do chão e foi em direção à mulher. Ao ser encostada pela planta, teve um pouco da sua energia sugada e com isso, Açucena pôde saber que tratava-se de uma bruxa. Dessa forma, mais raízes apareceram e envolveram a feiticeira. O marido se apavorou com a cena e tentou arrancar aquilo que prendia sua esposa, mas em poucos segundos ela desmaiou.

— O que você fez? — perguntava aflito o homem. — Ela está grávida.

A vampira andou até a bruxa e a tirou de cima da cama. Realmente sua gravidez já estava em estado avançado.

— Não vamos fazer nada com ela — avisou a índia. — Só a queremos para um serviço. Você também virá conosco — nessa hora, Miguel entrou no cômodo. — Pegue o humano — disse para ele.

Açucena levou a mulher para a sala e a colocou no sofá. Direcionou-se novamente para o corredor, pois ainda sentia cheiro humano. Entrou na segunda porta e viu uma senhora sentada na beirada da cama.

— Vampiros, não é? — perguntou ela.

— Isso mesmo — aproximou-se. — Queremos que a senhora venha conosco.

— E adianta eu dizer que não quero ir? — a vampira negou. — Eu sabia que iria acontecer algo, só não sabia o quê — levantou-se e suspirou. — Só peço para que não machuquem minha filha, ela está quase tendo a criança.

— Não a machucaremos. Só vamos levá-las para um serviço e se tudo der certo, em poucos dias estarão de volta para suas vidas.

— Você deve ser a Açucena, correto? — A índia assentiu. — Então você sabe que não há mais bruxas nesta cidade além de mim e da minha filha.

— Sei, sim. Mas já sabemos onde estão as outras e iremos buscá-las. Agora vamos?

A senhora começou a andar para fora do quarto. Seu marido ainda estava sendo preso por Miguel e logo que o viu, pediu para que o vampiro o soltasse, pois ela não iria reagir a nada. O líder do Conselho olhou desconfiado, porém Açucena balançou a cabeça positivamente. O homem foi solto e correu para perto da esposa. A bruxa avistou também seu genro ao lado da filha no sofá.

Os vampiros conduziram a todos para o carro e os levaram até o covil da cidade. Em um quarto, Açucena colocou mãe e filha dentro de uma jaula de raízes e os maridos foram levados

para um quarto onde foram trancados.

— Vamos para onde amanhã? — indagou ela assim que encontrou com Miguel na cozinha.

— Tanto faz — deu um gole no sangue que tinha em mãos.

— Vamos para Sorriso, então — sentou-se ao seu lado e lhe tocou os cabelos. — O que foi? Você está estranho.

— Só estou de saco cheio dessas bruxas — pousou o copo na mesa. — E o pior é que ainda faltam cidades. Ainda nem fomos para Baixo Guandu e nem Iraquara. Isso está demorando mais do que eu pensava.

— E se você mandasse o Augusto para o Espírito Santo enquanto estamos aqui?

— Não temos como manter as bruxas sob controle sem você — foi sua vez de lhe tocar os cabelos pretos e lisos.

— Mas o Cleiton disse que já capturou os humanos, agora é só pegá-las. Acho que se a deixarmos sob ameaça, funcionará.

— Não sei — falou pensativo. — Se o Augusto fosse para Baixo Guandu, eu também teria que enviá-lo para Iraquara e aposto que se fizer isso, aqueles dois vão se matar — balançou a cabeça ao se lembrar da intriga entre Augusto e Niara. — Vou deixar esse assunto nas mãos do Cleiton mesmo. Depois ligo para a Niara e mando ela dar um jeito sozinha.

— Elas têm que estar juntas para quebrar o feitiço... — a voz da índia saiu fraca e rouca.

Miguel a encarou espantado e a viu com os olhos arregalados e com o olhar perdido, mirando o nada. O vampiro franziu o cenho e passou a mão na frente dela. Não obteve nenhuma reação.

— Açucena — chamou. Nada. — Açucena! — pegou-a pelos ombros e balançou. — Você está me ouvindo?

De repente ela se levantou de um pulo.

— Eu vi — disse rapidamente.

— Viu o quê? — também se levantou.

— As bruxas. Não sei explicar. Eu só vi que elas precisam estar juntas para quebrar o feitiço.

— Juntas? Todas elas? — aquilo parecia inacreditável. — Você tem certeza disso, meu amor?

— Tenho. Fazia séculos que eu não sentia isso.

— Sentir o quê?

— Não sei se você lembra, mas eu também sou uma bruxa — sorriu e se aproximou dele.

— Tive aquela mesma visão de quando as feiticeiras vieram até nós para firmar o acordo.

Consegue se recordar disso?

— Sim. Você tem tipo uma prévia do futuro, não é? — anuiu. Miguel voltou a se sentar e suspendeu a cabeça nos braços. — Só não acredito que teremos que reunir todas elas. Isso vai requerer muito tempo.

— Ligue para o Demétrio e mande ele levar as bruxas de Centenário para Leme.

— Leme? Por que em Leme? Não podemos marcar um ponto de encontro mais próximo de todos? Quem sabe Brasília?

— Não, Miguel. Tem que ser em Leme porque é o único lugar em que se tem acesso ao submundo.

— Você tem noção do que está me pedindo? Terei que mandar deslocar oito mulheres de Palmas até Leme. Só consigo mandá-las até Campinas de avião. O resto do caminho terá que ser percorrido de carro. Isso sem contar as dos outros Estados.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — beijou-lhe a testa.

— Às vezes você fala com tanta certeza. Até parece que sabe o que irá acontecer.

— Não se esqueça de que também sou uma bruxa — sorriu e dessa vez o beijou na boca.

Capítulo 18

É um roubo o valor dessas passagens, Cleiton reclamou em pensamento enquanto comprava as passagens de avião, pela internet, de Vitória a Campinas. O pior era que precisaria adquirir várias delas e isso seria uma pequena fortuna. *O Miguel vai ter que me reembolsar depois.* Comprou dezesseis passagens. Ficou olhando por vários minutos o valor total. Por mais que dinheiro não fosse problema para os vampiros, ainda sim gastar tudo aquilo de uma vez não o agradava. Desligou o computador antes que mudasse de ideia e enfiasse cada uma daquelas mulheres em uma caixa e mandasse por transportadora. Sairia bem mais em conta.

Saiu do quarto da líder de Baixo Guandu à procura da mesma. Encontrou-a do lado de fora do covil sentada na calçada fumando um cigarro.

— Desde quando você fuma? — agachou-se ao seu lado.

— Desde o dia em que você chegou aqui para atormentar minha vida — deu uma longa tragada. Cleiton riu.

— Eu sei que você gosta da minha presença, não precisa fingir que não.

— Vou mostrar como gosto — usou sua velocidade para pegá-lo de surpresa e apagar o cigarro na testa do chefe do Estado. Ele gritou e caiu de costas. — Essa é a minha prova de amor.

— Você só pode estar ficando louca! — passou a mão no pequeno ferimento circular que tinha se formado e que já começava a se curar. — Você não tem medo de mim, não? Sou o chefe dessa porra.

— Tenho tanto medo que estou até tremendo — esticou o braço na direção dele e o balançou fingindo uma tremedeira. — Agora que o chefinho já demonstrou toda a sua liderança, podemos ir buscar aquelas malditas? — levantou-se e começou a andar para dentro da casa sem esperar uma resposta.

Mulher difícil. Foi atrás dela. Isis gritou dois nomes e em seguida dois vampiros apareceram. Ela pediu para que cada um conduzisse um carro, pois iriam buscar as bruxas naquela noite. Eles concordaram e entraram em veículos diferentes. Ela se dirigiu para outro e sentou-se no banco do motorista. Cleiton acomodou-se ao seu lado. Deu partida e deixou a garagem.

Essa noite foi mais tranquila que a outra, pois entraram na primeira casa e avisaram que se elas não viessem junto, seus maridos, ou filhos, ou pais, seriam mortos instantaneamente. Nenhuma delas reagiu, em momento algum. Cleiton ainda informou que na noite seguinte iriam para Vitória e de lá para Campinas e depois para Leme.

— Por que Leme? — perguntou uma senhora.

— Só saberão quando chegarmos lá.

As quatorze mulheres foram alojadas em um quarto diferente dos humanos e lá permaneceram silenciosamente. Algumas choravam e rezavam, mas nada além disso, pois sabiam que se tentassem alguma coisa, os noturnos não hesitariam em matar seus familiares. Por mais que eles não pudessem fazer mal a elas, não queriam ver sangue de inocente derramado, ainda mais das pessoas que amavam. Por isso seguiram as ordens sem questionar.

Na noite seguinte, quatro carros saíram de Baixo Guandu em direção a Vitória.

Quase três horas depois, adentravam o centro da capital e se encaminharam à sede do Conselho capixaba. Assim como todos os outros, era um edifício com dez andares e estacionamento subterrâneo. Logo que os veículos foram estacionados, as bruxas foram conduzidas até o penúltimo andar e trancadas em um dormitório.

— Não esqueça de que elas precisam comer — avisou Isis para Cleiton.

— Calma lá, você acha que está falando com quem?

— Com alguém sem capacidade para guardar uma chave — deu-lhe as costas. — Só não se esqueça de mandar alguém servir comida para elas.

O vampiro usou sua velocidade e parou de frente para ela. Empurrou-a na parede e a segurou entre os braços.

— Posso saber por que a senhora está me tratando desse jeito? — falava baixo, quase num sussurro.

— Para ver se consigo fazer você me deixar em paz, mas pelo visto não está funcionando — também tinha o tom de voz baixo. — Agora saia da minha frente — ameaçou sair, porém ele não permitiu.

— Por que você não pode ser como as outras líderes?

— E me derreter por você? Nem que eu morra — ele a apertou mais forte na parede. Isis não se sentiu nem um pouco intimidada e ainda por cima decidiu provocá-lo. — Você acha que não sei que o Espírito Santo é o Estado com mais vampiras líderes de cidade? Por que será, não é? — olhou para cima como se estivesse procurando pela resposta. — Ah! Eu sei o motivo — fingia surpresa no tom vocal. — É porque temos um chefe de Estado tarado que sempre que se sente entediado, dá um pulinho até uma cidade para se distrair — dessa vez o empurrou e o fez chocar as costas do outro lado do corredor. — Não se aproxime mais de mim!

— Pense o que você quiser de mim — falava sério. — Posso até fazer isso que você disse, mas não é por esse motivo.

— Se não é por tédio, o que é? Só vontade de transar com uma mulher diferente por dia?

— É porque você não aceitou ficar comigo quando pedi.

Ficaram em silêncio se encarando. Isis cogitou dar uma risada, não que achasse engraçado a situação, apenas de ironia, pois não conseguia acreditar nas palavras dele. No

entanto, não gargalhou. Cleiton mantinha-se muito sério, mais do que o normal. Será que era verdade? Lembrou-se de alguns momentos que passaram juntos quando ele a transformou. Mesmo que na época fosse uma mulher jovem, inexperiente e inocente, e ele tenha lhe mostrado como era boa a vida noturna, não se apaixonou pelo vampiro. Ele ainda insistiu para que viesse viver em sua companhia em Vitória, mas ela recusou. Sempre o achara atraente e gostava de sua presença, porém não o suficiente para passar a eternidade ao seu lado. Achava que precisava curtir sua imortalidade antes de escolher um parceiro, se é que um dia o faria. Na época, Cleiton não compreendeu sua escolha. Acabaram discutindo e ficaram sem se falar por décadas. Só haviam retornado com o contato poucos anos antes e até se tornaram amigos. Contudo, o que a vampira não queria era que ele a pressionasse novamente, e por isso o mantinha distante com a maior indiferença que conseguia. Mas há alguns dias cometera um grande erro: aceitara-o em sua cama. Depois daquilo, ele ficou diferente e ela podia imaginar o porquê.

— Faça um favor para nós dois — disse ela, quebrando o silêncio. — Não toque mais nesse assunto.

Ele não falou nada, só continuou a fitá-la. Isis ainda respirou fundo antes de deixá-lo sozinho com seus próprios pensamentos.

O avião partia do aeroporto Eurico de Aguiar Salles com destino a Viracopos.

Cleiton passou todas as horas da viagem irritado, pois as bruxas não paravam de chorar e isso chamava a atenção das aeromoças e dos demais passageiros; perguntavam o tempo todo se elas estavam bem ou se precisavam de algo. As mulheres recusavam qualquer coisa e alegavam bem-estar. Todavia, não tiravam da cara a feição de velório.

Isis só descobriu que iria junto para Leme um pouco antes do amanhecer quando entregaram um bilhete de Cleiton, que avisava que ele comprara uma passagem para ela. No recado continha os dizeres de que ela não precisava se sentir obrigada a ir. A vampira tentou ficar indiferente àquilo, tentou com todas as forças. Mas não conseguiu. Não sabia o que sentia, talvez fosse um pouco de remorso por ter falado com ele daquela forma, não sabia. Acabou aceitando o “convite” e decidiu fazer companhia para o chefe de Estado do Espírito Santo. E também para tentar manter as coisas nos eixos, pois se ela não estivesse presente, Cleiton teria jogado do avião cada uma daquelas mulheres chorosas.

A viagem foi longa. Só chegaram a Campinas às quatro horas da manhã. O líder da cidade, um sujeito alto de cabelos escuros e lisos e com uma barba cerrada, veio recebê-los no aeroporto. Como já havia sido informado por Miguel do que aconteceria, preparara-se para tudo: em vez de vir de carro, disponibilizou uma van para buscá-los.

As bruxas foram as primeiras a serem conduzidas para dentro do veículo. Isis e Cleiton sentaram-se nos bancos da frente ao lado do motorista. O líder de Campinas, que ia ao volante, deixou rapidamente as dependências do aeroporto, pois precisava estar em Leme antes do nascer do sol. Seria mais de uma hora de viagem.

Seguiram pela rodovia Anhanguera e adentraram o município uma hora depois. O problema maior era que as bruxas eram mantidas na zona rural, por isso demorariam mais alguns minutos para chegarem ao destino. Antes de se encaminharem ao antigo sítio dos pais de Augusto, passaram no covil dele para buscar o atual líder da cidade: Fábio. Como ninguém sabia chegar até a zona rural, o vampiro negro os conduziu.

Um pouco mais de meia hora depois, colocavam o veículo dentro do barracão. Éder era o responsável pela supervisão das feiticeiras e por isso foi ele quem levou as de Baixo Guandu para a cela de raízes. Elas entraram e viram suas irmãs sentadas no chão de terra vermelha com uma expressão facial pior do que a delas. Dona Dinorá levantou-se e veio cumprimentar a mulher mais velha do grupo recém-chegado. As duas se abraçaram e choraram juntas.

— O que está acontecendo, Dinorá? — indagou a senhora.

— Ainda não sabemos, mas eles estão reunindo todas nós. Eles querem alguma coisa e não estou com um bom pressentimento sobre isso.

— Eu também não — soltou-se do abraço e enxugou as lágrimas.

Enquanto as bruxas mais velhas conversavam sobre o possível motivo dos vampiros para aquilo tudo, Elaine desenhava na terra um pentagrama. Após concluir a figura, colocou sua mão direita espalmada em cima dele. Viu a terra se mover um pouco e esquentar. Antes que pudesse ter feito algo, sua magia foi sugada pelas raízes ao seu redor. A jovem sentiu-se sem ar por breves segundos. Ter sua magia tirada de si daquela forma era desgastante. Mesmo assim, fez outro pentagrama e repetiu os movimentos. Dessa vez ficou tonta e pendeu um pouco para frente.

— Quando você vai parar com isso? — ao ouvir aquela voz, seu estômago revirou. Tentou passar a impressão de que estava tudo bem e não o encarou. — Você está ficando mais fraca do que as outras — insistiu Éder e sentou-se ao lado da jaula, o mais perto possível de Elaine.

— Já disse que não é para você chegar perto de mim — não ergueu o olhar, continuando a desenhar.

— Pare com isso, Elaine — esticou a mão para através das raízes. Quando foi tocá-la, ela desviou o ombro e dessa vez o encarou.

— Saia daqui! — gritou pegando um punhado da terra e jogando no rosto dele.

Éder permaneceu alguns segundos de olhos fechados. Passou as mãos na face, retirou os resíduos e cuspiu o pouco de terra que entrara em sua boca. Limpou também o terno preto.

— Eu só queria conversar com você e...

— Não quero falar com você! — lágrimas desciam involuntariamente pelas bochechas.

— Já disse para você sair daqui!

— Tudo bem, Elaine, só vou dizer uma coisa: se não fosse eu que tivesse me aproximado de você para descobrir a localização das bruxas, teria sido outra pessoa. Não tinha como impedir isso — ela ameaçou rebater, mas ele falou antes: — Você acha que é fácil trabalhar para um vampiro? Ser praticamente seu escravo? Não, não é. Só faço isso porque é um pedido do meu pai que não tem mais idade. Ele que era empregado do Augusto antes de mim — abaixou a cabeça e olhou para baixo. Elaine não sabia o que fazer, por mais que o odiasse, decidiu ouvir ao que parecia um desabafo — Meu pai já tinha mais de 50 anos quando eu nasci. E sabe por que ele se casou tão tarde? Porque ele não tinha vida social da mesma forma que eu, e só juntou-se a uma mulher por ordem do Augusto, pois ele não podia ficar sem servos humanos e precisava que meu pai tivesse filhos. Minha mãe tem a metade da idade do meu pai e depois que ela descobriu o porquê de ele estar com ela e os reais motivos do meu nascimento, ela o deixou. Ela quis me levar junto, porém o Augusto não permitiu — respirou fundo. — Enfim, sou servo dele desde criança.

— Não tenho nada a ver com sua história — disse rispidamente.

— Eu sei que não — sorriu de canto de boca. — Só queria te contar, pois me sinto à vontade com você — ficaram em silêncio até ele falar: — Eu realmente gostei daquela semana em que ia vê-la no trabalho todos os dias e do nosso encontro no sábado. Nunca tinha feito isso antes.

— Não quero ouvir mais suas desculpas.

— Não estou me desculando. Só estou dizendo que gostei de conhecê-la, de verdade. E espero que você um dia me perdoe por tudo e aceite sair comigo novamente.

Elaine estava com a resposta mal educada na ponta da língua, mas não conseguiu pronunciar nenhuma palavra. Via nos olhos dele que dizia a verdade. Desviou o olhar do rapaz.

— Vá embora — falou calmamente.

Éder assentiu e se levantou. Enquanto ele se afastava, ela o seguia com o olhar. Sentiu tocarem seu ombro e virou-se, vendo sua mãe.

— Aquele rapaz parece gostar mesmo de você.

— Ele me enganou e é por culpa dele que estamos aqui.

— Você não prestou atenção no que ele disse? — Elaine não entendeu. — Ele é tão refém dos vampiros quanto nós. Se não fosse ele, teria sido outro a nos encontrar. Isso já estava decidido, lembra o que sua fada lhe contou? — a jovem aquiesceu. Realmente ela falou que tentaram evitar, mas infelizmente não conseguiram.

— Eu sei mãe, mas isso não muda o fato de que ele me enganou.

— Quem sabe ele não entrou no seu caminho por um bom motivo — mesmo com o rosto cansado e com olheiras, ela sorriu para a filha. — Nem tudo o que acontece nas nossas vidas é totalmente ruim.

— Como você pode dizer isso? Olhe à sua volta, mãe.

— Estou olhando — moveu a cabeça e mirou dona Dinorá que ainda conversava com a outra senhora. — Vejo duas mulheres que há muito tempo não se falavam — olhou para as demais bruxas. — Vejo feiticeiras mais unidas do que nunca e aposto que depois deste acontecimento, nunca mais irão se separar — fixou a filha. — Vejo uma jovem que odiava a magia e que agora treina todos os dias e só alcançou a sensibilidade necessária para dominá-la depois que se encontrou com um rapaz que parece gostar de verdade dela — Elaine abaixou os olhos. — Nem tudo é tão horrível assim.

Elaine iniciou o choro e foi abraçada por Dalva.

— Eu comecei a gostar dele... — falou entre soluços.

— Eu sei, eu sei — afagou as costas da filha. — Não seja tão rude com você mesma e o perdoe logo. Você não estará apenas deixando-o feliz, como você também se sentirá mais leve. Exatamente como quando você adquiriu a sensibilidade — Elaine levantou a cabeça.

— Como você sabe?

— Porque sou uma bruxa — sorriu. — Há vários jeitos de se atingir a sensibilidade com a magia e um deles é mostrando-o para alguém de quem você realmente goste. E tenho certeza de que você mostrou para ele, não é? — ela confirmou. — Quando se faz isso, você aceita a magia como ela é, da mesma forma como a outra pessoa a aceita por ser especial.

A jovem olhou para além das grades de raiz e avistou Éder ao longe, próximo à entrada. Naquele horário, não havia nenhum vampiro ali, pois a alvorada se aproximava e com isso ele passava a ser o responsável pelas bruxas e pelos humanos que ali permaneciam. Suspirou. Com as palavras de sua mãe, conseguia enxergar melhor a situação. Ele era tão refém quanto elas. Jurou para si mesma que levaria em consideração perdô-lo. Entretanto, no momento, tinha algo mais importante para contar. Fixou o olhar em sua mãe e disse:

— As raízes estão enfraquecendo — sussurrou.

— O quê? Você tem certeza disso?

— Tenho. Quando uso magia, ela suga tudo, mas de uns dias para cá, a intensidade vem diminuindo. Acho que se a Açucena demorar muito tempo para voltar, vamos conseguir sair daqui.

Dalva arregalou os olhos. Aquela era uma boa notícia e poderiam usá-la depois se precisassem.

— Não disse que nem tudo é ruim?

Elaine sorriu com o comentário da mãe e abraçou-a.

Capítulo 19

A cidade de Sorriso tinha menos habitantes que Leme, mas era bem maior do que as demais; possuía um pouco mais de 66 mil habitantes. Açucena via no rosto de Miguel a irritação por estar percorrendo vários Estados brasileiros atrás das bruxas e por aquilo estar demorando mais do que o imaginado. Principalmente pelas feitiçeras de Mato Grosso não estarem no lugar imaginado e sim separadas. Batista acompanhou o casal e antes de saírem de Feliz Natal, ligou para o líder de Sorriso, informando-o da situação. As duas bruxas também estavam com eles, pois como o plano tinha mudado, e precisavam levá-las para São Paulo, decidiram mantê-las juntas para depois conduzi-las a Cuiabá e posteriormente para o aeroporto mais próximo de Leme.

Porém havia outro problema com a localização das bruxas: como imaginavam que elas estariam em Feliz Natal, os líderes de Sorriso e Sinop não tiveram tempo para procurá-las, dessa forma, chegariam aos municípios sem nenhuma informação.

Adentraram uma avenida deserta e nesse momento a índia pediu para que o carro fosse parado. Ela desceu rapidamente e andou até o canteiro central. Olhou para os lados e respirou fundo. Agachou-se até a grama e colocou a mão sobre ela. Antes de iniciar qualquer coisa chamou por Miguel. Ele se aproximou e foi avisado para prestar atenção nela, e que não a interrompesse até terminar a localização. O vampiro não entendeu muito bem aquilo, mas não discutiu. Açucena respirou fundo novamente e iniciou a magia. Da palma da sua mão surgiu uma fraca luz que logo se dissipou. Miguel viu algumas finas raízes se estenderem pelo canteiro em todas as direções. O asfalto em volta começou a ceder, pois as plantas penetraram por debaixo dele e continuaram a se afastar. Sua atenção ficou totalmente presa nas raízes que percorreram as ruas ao redor e entraram em casas, comércios, e qualquer outra habitação. Só prestou atenção em sua amada quando a ouviu arfar. Viu uma Açucena tremendo e com a pele começando a ressecar. O vampiro se espantou. Correu até ela e a tocou. Com o contato, teve um pouco da sua energia sugada e por causa da sensação se afastou. Andou de um lado ao outro não sabendo o que fazer, e a cada segundo que passava, ela tinha uma aparência pior. Miguel ainda gritava o nome dela e pedia para que parasse com aquilo. No entanto, a vampira não respondia e mantinha os olhos fechados.

De repente, ela caiu para o lado. Miguel correu até a amada e a pegou no colo. A índia abriu os olhos que tinha várias manchas vermelhas espalhadas pelo globo ocular e fitou seu amado. Ergueu com um pouco de dificuldade o braço ressecado e colocou sobre a mão dele duas pontas de raízes. Quando Miguel as pegou, as demais desapareceram, permanecendo apenas as duas que segurava. Com a voz rouca e fraca, Açucena disse que as plantas os levariam

até as bruxas daquela cidade. Após isso fechou as pálpebras e desmaiou. Miguel a apertou contra o peito e beijou sua testa. Chamou por Batista que não demorou em aparecer ao seu lado. Estendeu para ele as raízes e passou as informações necessárias. O vampiro olhou para elas e as puxou, com isso percebeu que elas se estendiam por uma rua paralela à avenida e continuavam seu caminho.

Antes de ir buscá-las, Batista deixou o casal de vampiros no covil da cidade junto das bruxas e depois se direcionou para a residência das outras. O líder de Sorriso o acompanhou e ordenou que mais alguns outros vampiros fizessem o mesmo. Enquanto os demais iam atrás das feiticeiras, Miguel permanecia com Açucena, que continuava desacordada. Após acomodá-la em uma cama, sentou-se ao seu lado e ali ficou por horas.

O líder de Feliz Natal permaneceu na avenida com as raízes. Quando Batista e os outros vampiros chegaram, eles se dividiram em dois grupos e cada um seguiu o rastro das raízes. O primeiro grupo atingiu a residência depois de certo tempo de caminhada. Entraram rapidamente no local que tinha todas as luzes acesas. Viram uma mulher e duas meninas envoltas na mesma raiz que os levou até lá. Elas mantinham-se conscientes e aparentavam fraqueza. Os vampiros se aproximaram e causaram sustos com suas presenças. Avisaram para elas que as levariam e que se tentassem algo, suas famílias seriam mortas. Elas aquiesceram e se deixaram levar. No caminho até o covil, desmaiaram.

Com o outro grupo não foi muito diferente. Este também as encontrou presas por raízes que sugavam suas energias. Nessa casa eram duas mulheres, uma senhora e sua filha adulta. Elas também foram ameaçadas e levadas para o covil.

Açucena só despertou duas noites depois. Ao abrir os olhos viu Miguel ao seu lado lhe acariciando a face. Ela ergueu o tronco, sentindo o corpo todo doer, só conseguiu se sentar com a ajuda do vampiro.

— Agora você vai me contar o que a senhora fez — falou ele.

— Eu só as localizei para você — sorriu levemente. Passou as mãos nos braços e viu a pele ainda ressecada.

— Você passou dois dias desacordada, Açucena. Isso foi muita imprudência sua.

— Eu sabia o que ia acontecer — tocou-o no rosto. — Só fiz a magia porque você estava irritado com tudo isso e não queria perder mais tempo.

— Nunca mais faça isso — abraçou-a.

— Vou fazer só mais uma vez quando chegarmos em Sinop — Miguel abriu a boca para rebater, porém ela o calou com um beijo. — Não se preocupe, meu amor. Vou ficar bem. Não se esqueça de que além de bruxa, sou uma vampira. E falando nisso — olhou mais uma vez para os braços —, preciso de sangue.

Miguel concordou com ela e a ajudou a se levantar da cama, pois sentiu dores musculares

ao tentar movimentar-se sozinha e não conseguiu. Ela caminhou apoiada nele por todo o covil e foi levada para a rua. O vampiro pegou-a no colo e fez uso de sua velocidade. Só parou quando encontrou um casal de adolescentes escorados em um muro trocando beijos calorosos e carícias ousadas. Miguel colocou Açucena em pé e partiu para cima dos jovens. Eles ficaram tão confusos que não souberam o que os atingiu, dando conta de si apenas ao serem arrastados pela garganta até a índia. A vampira pegou o rapaz e o trouxe para mais perto de si cravando suas longas presas na jugular pulsante. O sangue antes temperado com a excitação, agora transbordava pavor. Esvaziou o corpo rapidamente e o jogou de lado. A garota tinha o rosto molhado pelas lágrimas e só não gritava porque Miguel mantinha sua boca fechada com a mão. Açucena também se alimentou dela.

Após a farta refeição de sangue jovem, a vampira já se recuperara totalmente do uso abusivo de sua capacidade mágica. Olhou para o chão e mirou por alguns segundos o casal. Por fim os tocou com os indicadores e seus corpos viraram montes de folhas verdes. Ela sorriu com a cena e chutou todas as folhas as espalhando.

— Vejo que agora está bem melhor — comentou Miguel.

— Muito melhor — andou até ele e enlaçou seu pescoço com os braços. — Sabe o que eu lembrei agora?

— A bruxa aqui é você. Como posso eu adivinhar seus pensamentos? — brincou.

— Lembrei de quando éramos bem jovens e ficávamos juntos na floresta — fechou os olhos e encostou sua testa na dele.

— E por que se lembrou disso?

— Foi por causa desse casal que usei de refeição. Pareciam apaixonados.

— Há uma grande diferença, Açucena. Os jovens de hoje não são como na nossa época — riu. — Aposto que estavam só se divertindo, não era amor de verdade como eu sentia e ainda sinto por você desde sempre — beijou-lhe os lábios ainda com vestígios de sangue.

— Eu sei — acariciou os cabelos castanhos dele e fixou seus olhos azuis. — Mas o que você acha de relembrarmos um pouco aquela época e também juntar com essa? — sorriu maliciosamente e mordiscou o lábio inferior.

— E o que a senhorita está pensando? — também sorriu e cerrou os olhos, desconfiado.

Açucena voltou a beijar o amado mais calorosamente e o empurrou para o muro onde há poucos minutos um jovem casal estava. Miguel recebeu beijos na boca, rosto, pescoço, peito e por outras partes do corpo. Continuaram com carícias bem mais ousadas do que os adolescentes.

A noite seguinte se iniciou chuvosa e com fortes ventos. Aguardaram por horas no covil da cidade de Sorriso na esperança de que a tempestade diminuisse, mas ela não deu trégua. Acabaram deixando o município debaixo de toda aquela água mesmo e se dirigiram para Sinop, que não se localizava distante de Sorriso, cerca de um pouco mais de uma hora de carro.

Adentraram a cidade logo depois da meia-noite. Por causa da chuva e do horário, não se via ninguém nas ruas. Primeiramente, foram para o covil do local e deram as instruções necessárias ao líder. Após ouvir tudo com atenção, o vampiro recrutou seus subordinados e deixaram a grande casa em carros. Batista estacionou ao lado de um canteiro em uma longa avenida. Da mesma forma como aconteceu em Sorriso, Açucena agachou-se no canteiro, tocou a grama e começou seu feitiço. Miguel ficou ao lado dela sabendo que não haveria nada que pudesse fazer; ela iria se esgotar novamente. As raízes se espalharam e a índia começou a tremer depois de segundos. Aquela cena agoniava o líder do Conselho, deixando-o impaciente e ainda mais nervoso.

Açucena ficou naquele sofrimento por mais tempo do que a última vez, pois a cidade de Sinop era mais populosa que Sorriso e por isso a procura exigia muito mais dela. Quando caiu de lado, esgotada, não conseguiu nem abrir os olhos ou entregar para o amado as cinco raízes em sua mão. Miguel chamou pelos demais vampiros e passou para eles as raízes. Como eles já sabiam o que fazer, dividiram-se em cinco pequenos grupos e seguiram os rastros das plantas. Enquanto todos se afastavam, Miguel pegou a índia no colo, levou-a para dentro de um automóvel e a conduziu para o covil.

Tudo ocorreu como planejado: pegaram todas as dezoito mulheres, desde senhoras a crianças, e as prenderam. Também não se esqueceram dos familiares delas para servir de ameaça.

Dessa vez, Açucena demorou quase uma semana inteira para se recuperar e quando acordou, viu um Miguel de cabelos bagunçados e com uma feição nada alegre. Mesmo com a fraqueza no corpo, ela riu do descontrole emocional causado nele pela sua falta e pela preocupação de perdê-la para sempre.

Todas as bruxas de Mato Grosso foram encaminhadas para Cuiabá na presença de Batista e de lá para Campinas, e no momento já se encontravam em Leme. Nos dias em que a índia ficou desacordada, Miguel entrou em contato com os chefes de Estado e mandou que eles também enviassem suas bruxas para São Paulo. Com o contato, descobriu que Niara ainda não tinha pegado as feiticeiras e com isso se irritou. Como não tinha Açucena ao seu lado para mantê-lo sob controle, Miguel descontou toda sua amargura na negra. A chefe da Bahia avisou que faria aquilo ainda naquela semana.

Niara, enfurecida, deixou Salvador no dia seguinte após a ligação de Miguel na companhia de Abel. Estava com os nervos tão à flor da pele, que não respeitou nenhuma placa de sinalização ou semáforo dentro da capital e muito menos os limites de velocidade da rodovia. O trajeto até Iraquara, que normalmente demoraria mais de seis horas, foi percorrido em menos de cinco.

Ela estacionou o carro na garagem e desceu rapidamente pisando forte. Adentrou o covil do pequeno município gritando pelo líder da cidade. O vampiro apareceu diante dela não entendendo o que acontecia, pois não sabia que ela apareceria daquela forma e ainda mais sem um aviso prévio.

Niara não perdeu tempo com explicações e mandou que todos os vampiros ali existentes saíssem naquele instante para pegar as bruxas. Muitos se encararam com olhares preocupados. Entretanto, ninguém ousaria não cumprir uma ordem da chefe do Estado, ainda mais no estado emocional em que ela se encontrava.

Todos saíram do covil e se encaminharam para as residências das feiticeiras. O líder de Iraquara distribuiu os endereços entre seus subordinados. Eram um total de treze mulheres divididas em cinco casas. Eles se separaram em grupos e partiram cada um para o seu destino.

A vampira negra continuava sem nenhuma paciência, por isso quando chegaram até uma simples residência, ela entrou arrancando a porta da sala. Com isso, todos os residentes do local acordaram com o barulho e antes que pudessem ter feito algo, Niara entrou no primeiro quarto e arrastou um homem da cama, puxando-o até a sala.

— Quero todas as bruxas aqui, agora! — gritou. — Se não aparecerem eu mato esse sujeito!

A mulher que estava no mesmo quarto que o homem, apareceu no corredor. Logo em seguida, vieram andando duas jovens, um rapaz mais velho e dois garotinhos chorando. A esposa ameaçou dizer algo, mas Niara trouxe para perto de si o sujeito e cravou suas presas no pescoço dele. Sorveu uma pequena quantidade de sangue, o suficiente para que todos os humanos ali presentes, ou bruxas, gritassem desesperados. A vampira limpou a boca com as costas da mão e ordenou que todos entrassem no carro e que ficassem bem quietos ou mataria todo mundo sem hesitar. Por fim, jogou o homem nos braços de Abel e pediu para que ele estancasse o sangramento. Todos foram levados para o veículo e direcionados para o covil.

A ação de captura das bruxas durou cerca de uma hora. Elas foram trancadas em um quarto e os homens humanos em outro. No dia seguinte seriam levadas para Salvador e depois para Campinas.

Niara passou o resto da noite quieta em um canto, pensando em tudo que acontecera e no que possivelmente iria acontecer. Só de imaginar ter que ir até Leme, encontrar-se com Augusto e não poder matá-lo, deixava-a irritada. Sabia que Açucena proibira qualquer estranhamento entre os dois, mas a negra não tinha tanta certeza assim de que conseguiria se controlar diante daquele que matou o homem que mais amara nessa vida. Cogitou muitos meios de agir, todavia, tinha total consciência de que morreria ao tentar acabar com a existência de Augusto. Além de ele possuir uma habilidade única, se ela conseguisse a vitória, Açucena não hesitaria em tirá-la de circulação também.

Respirou fundo e andou de um lado para o outro, confusa. Sentou-se na cama e revirou sua bolsa. De dentro pegou uma pequena fotografia antiga, ainda em preto e branco, e demorou seu olhar sobre ela. Na imagem via-se um rapaz branco de cabelos claros e curtos. Niara passou a mão sobre a foto e se lembrou dos olhos verde-claros de Lorenzo. Ao lado dele, estava ela, vestida — nas palavras de Abel — como uma verdadeira sinhá. Ela sorriu. Passaram tantos anos juntos e agora ela não mais o tinha em sua companhia como desejava. Apertou a imagem contra o peito antes de colocá-la novamente dentro da bolsa. Nessa hora decidiu que não desobedeceria as ordens dos superiores. E que no momento certo, acertaria as contas com Augusto... Ah, se acertaria...

Chegaram em Salvador na madrugada seguinte e deixaram a capital da Bahia logo no outro dia assim que o sol se pôs. Da mesma forma que ocorreu com os demais, o líder de Campinas os recebeu no aeroporto de Viracopos e os conduziu até o antigo sítio dos pais de Augusto. Quando chegaram, viram as bruxas amontoadas em uma jaula de raízes que não conseguia dar conta de todas, e ainda faltavam as de Iraquara.

Com a ajuda de Éder e de Abel, Niara enfiou, sem dó, as que faltavam dentro da jaula. Olhou-as por poucos segundos antes de virar-se e perguntar por Miguel. O empregado humano do vampiro de Leme respondeu que Miguel e Açucena não haviam saído de Mato Grosso e que provavelmente só estariam ali nos próximos dias. A negra deu de ombros e iniciou seu trajeto de volta à van e antes de alcançar seu destino, deu de cara com Augusto. Eles se encararam por um tempo incerto. Por fim, ela abaixou os olhos e continuou a andar e ao passar ao lado dele, diminuiu o caminhar e falou bem baixinho:

— Não pense que está tudo bem. Você ainda vai pagar pelo o que fez — aumentou a velocidade das passadas e entrou no veículo.

Augusto, que tinha em mãos um cigarro, apenas puxou uma longa tragada e soltou a fumaça calmamente logo em seguida. Se ela queria tanto assim morrer, ele lhe faria aquele favor quando surgisse a oportunidade.

Capítulo 20

Todas as bruxas dormiam ou cochilavam. Elaine olhou ao redor e mirou cada uma das suas irmãs de magia. Não podia arriscar todas elas na sua tentativa. Virou a cabeça e fixou a entrada do barracão. Viu apenas uma mulher e três homens, sendo que um deles era Éder. Ela não sabia que horas eram. Provavelmente ainda dia, pois não avistava ali nenhum vampiro. Aguardou um pouco até que eles saíssem pela enorme porta de ferro e a fechassem logo em seguida.

Elaine recostou-se ao fundo da jaula de raízes, no canto esquerdo. Esperou alguns minutos antes de colocar suas mãos nas plantas às suas costas. Sentiu sua energia ser drenada rapidamente, porém em vez de retirar as mãos, continuou segurando firmemente. A tontura e o enjoo não demoraram para acometê-la, mas ela não desistiu. Gradativamente as raízes absorviam cada vez menos até que pararam. A jovem bruxa sorriu com seu sucesso. Usou um pouco de força para afastar uma grade da outra e passar por elas sem que ninguém percebesse. Finalmente livre.

Esgueirou-se pelos cantos escuros do barracão, sempre tomando cuidado para não ser vista. Andou tão grudada na parede que sentiu a blusa ser rasgada junto com a pele. Não deu muita importância para a dor. Conseguiu atravessar o local e chegar até a jaula dos humanos. Procurou por seu pai e assim que o encontrou, correu até ele e o cutucou chamando sua atenção.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Alison num sussurro e com os olhos arregalados.

— Vou tirar vocês daqui — respondeu mais baixo ainda.

Moveu-se cautelosamente até a fechadura. Antes de deixar o corpo ereto, deu mais uma olhada para os lados para ter certeza de que nenhum subordinado dos vampiros se encontrava ali dentro. Colocou o dedo indicador no buraco da fechadura e invocou sua magia. O ferro começou a esquentar até atingir o grau que o fez derreter. Ao perceber tal estado, Elaine cessou a magia e puxou a grade que veio para frente sem maior esforço.

— Saiam devagar — falou para os homens que mantinham a atenção nela.

Eles a obedeceram e iniciaram os passos para fora dali. Elaine foi à frente deles e antes de alcançarem a entrada, ela colocou as mãos no chão de terra batida e recorreu à magia, retirando do solo grossos pedaços de madeiras, que estendeu para todos os humanos. A poucos metros do enorme portão de ferro, um sujeito o abriu, deixando assim que a luz do dia entrasse. Quando deu alguns passos para dentro, assustou-se com os prisioneiros tão próximos. Tentou pegar o revólver da cintura, mas foi surpreendido por um golpe de madeira que o atingiu ao lado da cabeça. Nessa hora, todos saíram correndo, inclusive Elaine. Passaram pelo portão e

ganharam a vegetação rasteira a passos apressados.

A jovem bruxa diminuiu a velocidade e os avistou correndo sem parar. Pensava em retornar e tirar as outras bruxas de lá quando sentiu lhe tocarem o ombro. Ela não pensou duas vezes em virar bruscamente e acertar a pessoa com o tronco em suas mãos. Éder cambaleou para o lado por causa da pancada. Endireitou o corpo e não deixou que ela o atingisse novamente. Desviou-se do golpe seguinte e a pegou pelas costas, passando o braço esquerdo por seu pescoço e encostando o cano frio de sua arma na cabeça dela.

— Voltem todos aqui agora mesmo! — gritou para o grupo que se afastava. — Se não voltarem, matarei essa daqui e as outras que estão lá dentro!

— Não! Corram! — tentou gritar Elaine. No entanto, sua voz saiu entrecortada por causa da pressão em seu pescoço.

Os homens pararam e olharam para trás. Ao ver que atingira o ponto certo, Éder tirou o revólver da cabeça da jovem e atirou para cima, numa tentativa de mostrar que falava sério. Alison foi o primeiro a percorrer o caminho de volta. Abaixou a cabeça e andou lentamente. Quando parou ao lado de Éder, olhou-o com desprezo e continuou a caminhar para dentro do barracão. Os demais homens se entreolharam por mais alguns instantes. Por fim deram de ombros e também resolveram retornar para sua jaula.

Os outros empregados dos vampiros os acompanharam até que todos estivessem dentro das grades. Éder ainda mantinha Elaine como refém e depois que averiguou a situação, levou-a para fora em vez de colocá-la junto com as outras bruxas.

— Como você conseguiu sair da jaula? — questionou, soltando-a. Ainda a manteve sob a mira do revólver.

— Não é da sua conta.

— É da minha conta, sim — passou uma das mãos pela cabeça e olhou para os lados, tendo a certeza de que ninguém os ouvia. — Recebi ordens de que se vocês armassem alguma coisa, era para eu matar algum dos seus parentes humanos — viu a surpresa dela estampada no rosto. — Eu não quero fazer isso, Elaine, por isso preciso que você me conte como conseguiu escapar — seu tom de voz ficou mais suave.

Ela o encarou por um tempo sem nada dizer. Não sabia como, mas conseguia ver no fundo dos seus olhos castanhos que ele dizia a verdade e até parecia sofrer com toda aquela situação. A jovem virou-se de costas e fitou o sol, que não demoraria muito para deixar o céu e dar lugar à noite, na qual os noturnos tinham a permissão para vaguear. Respirou fundo e se concentrou nos raios quentes que tocavam seu corpo. Fazia tempo que não o sentia. Ainda de costas para ele, perguntou:

— O que os vampiros querem com a gente?

— Vocês ficarão sabendo logo mais.

— Preciso saber agora — encarou-o. — Me conta, por favor — andou até ele ficando frente a frente.

Éder fitou-a fundo nos olhos. Realmente queria contar tudo a ela, porém não podia. Ele ergueu um pouco a cabeça e mirou o horizonte coberto de plantações. Por fim, suspirou e tocou carinhosamente o rosto de Elaine.

— Me desculpa, queria muito poder te contar, mas não posso. Nem mesmo eu consigo entender direito o que eles querem que vocês façam — ela fechou os olhos para conter as lágrimas. — Não fica assim — abraçou-a. — Augusto me disse que eles não iriam fazer mal a vocês. Disse que precisam de todas vivas.

— E você confia nele? — soltou-se do abraço. — Ele é um vampiro!

— Eu sei o que ele é. Mas eles não teriam todo esse trabalho de reunir vocês se fossem matá-las depois. E além do mais, eles não podem machucar vocês.

— Mas podem matar nossos parentes — deu as costas para ele e limpou as lágrimas que começaram a escorrer.

— Eu sei — ficaram em silêncio por longos segundos antes de Éder andar até ela e a abraçar pelas costas. — Só me prometa que vocês vão fazer o que eles querem para que tudo isso acabe logo.

— Não posso prometer algo que não sei o que é. E aposto que não é nada bom já que vem de vampiros.

— acredite em mim, eles tem os motivos deles. O que eles vão fazer não tem nada a ver com os humanos ou bruxas. É uma questão interna do Conselho — afagou os cabelos cacheados dela. — Agora me prometa que vai convencer as outras a aceitarem.

Elaine ficou de frente para ele. Estava com a resposta negativa na ponta da língua pronta para ser jogada para fora. Contudo, em vez de usar a boca para proferir aquilo, aproximou-se mais de Éder e encostou seus lábios aos dele. O beijo durou pouco, pois ela disse, soltando-se daqueles braços fortes:

— As raízes estão enfraquecendo, por isso que consegui sair — começou a andar em direção ao barracão. — Mas não se preocupe, não sairei novamente agora que sei que você vai matar nossos parentes se isso se repetir. Estou me rendendo a essa situação.

Elaine continuou caminhando e Éder a seguiu de perto. Quando ela chegou à jaula e colocou as mãos nas raízes, elas absorveram um pouco da sua energia. Como a jovem já tinha gastado grande parte ao sair da prisão, o pouco que foi sugado dessa vez foi o suficiente para fazê-la perder a força nas pernas e cair, desacordada. Éder pegou-a do chão e pediu para que algum dos outros empregados de Augusto viesse para abrir a jaula. Um sujeito veio ao chamado de Éder e o ajudou a colocar Elaine junto com as outras bruxas.

Ao ver a filha, Dalva correu para acudi-la. Quando Éder colocou a jovem no chão já dentro da jaula, a mãe de Elaine perguntou o que havia acontecido.

— Ela vai ficar bem — falou ele. — Só peço para que mais nenhuma de vocês tente sair também. Se isso se repetir terei que fazer mal a algum dos outros prisioneiros — indicou os homens do outro lado do barracão. Saiu da jaula e deixou Elaine aos cuidados da mãe e das demais feiticeiras.

Finalmente tinham todas as bruxas reunidas. Agora era só obrigá-las a soltarem as criaturas do submundo.

Nesse exato momento, Miguel e Açucena eram conduzidos pelo líder de Campinas até a cidade de Leme. Os chefes dos Estados em que as bruxas residiam e onde há prisões das criaturas, já se encontravam em Leme apenas esperando que o líder do Conselho chegasse para que pudessem dar continuidade ao plano.

Não demorou muito para que o carro que os conduzia fosse estacionado à frente da grande casa da Avenida Paul Harris no jardim do Bosque. Os três vampiros desceram do veículo e andaram calmamente para dentro da residência. Ao entrarem, encontraram todos sentados nos sofás e poltronas. Miguel foi o primeiro a falar:

— Que bom que estão todos aqui.

— Vamos falar com as bruxas hoje? — perguntou Augusto se levantando e indo até Miguel.

— Vamos agora mesmo. Não quero perder mais tempo — disse Miguel.

Todos assentiram e se puseram em pé. Augusto disponibilizou seus veículos para que pudessem ir. Dessa forma, em poucos minutos os vampiros encaminhavam-se para a zona rural. O trajeto foi percorrido em torno de meia hora, pois o sítio ficava afastado do município. Depois da meia-noite, os vampiros adentravam o barracão.

A maioria das bruxas já dormia a essa hora, mas não Elaine, pois sentia que algo iria acontecer e também por ver os subordinados humanos mais agitados que nos outros dias. Quando viu o grande portão de ferro ser aberto e várias pessoas passarem por ele, teve certeza de que saberiam o real motivo daquilo tudo. A jovem ficou em pé e começou a acordar as bruxas, que não demoraram a perceber a movimentação.

Açucena aproximou-se da jaula de raízes e a tocou, fazendo com que desaparecesse.

— Nem pensem em fugir, entenderam? — falou a índia. — Temos um assunto sério para tratar com vocês.

As bruxas se entreolharam e se levantaram. Fitaram Açucena esperando que ela contasse o que aconteceria dali para frente. Porém, quem tomou a palavra foi Miguel, que chegou mais perto para ser ouvido com clareza.

— Serei direto — começou ele. — Queremos que vocês libertem as criaturas do submundo.

Fez-se silêncio no local. Aquilo parecia loucura demais para qualquer bruxa ali presente. Muitas sacudiram a cabeça como se tivessem ouvido errado; outras viraram-se para suas irmãs e perguntaram se tinham ouvido corretamente. Após o burburinho que se formou, dona Dinorá, avó de Elaine, direcionou-se a Miguel.

— Vocês só podem estar brincando. Isso é loucura.

— Não estamos brincando. Queremos que libertem as criaturas.

— Há um acordo sobre isso. Você sabe muito bem o que aquelas criaturas são capazes de fazer.

— Mas suas ancestrais não protegeram os vampiros e humanos quando prenderam as criaturas? — questionou Açucena. — Elas não podem mais nos controlar.

— Não é bem assim, Açucena — falou outra senhora. — Essa proteção está vinculada à prisão das criaturas. Se o feitiço for desfeito a proteção também será, e elas voltarão a controlar humanos e vampiros.

— Acho que elas já têm certa influência mesmo estando lá embaixo — falou Augusto enquanto também se aproximava das bruxas. — Há cem anos eu fui até elas para que o meu irmão, também vampiro, fosse trazido de volta, pois tinha sido morto. Elas conseguiram preparar um herdeiro humano mesmo estando presas. E o garoto tinha fragmentos da alma do meu irmão e com isso consegui ressuscitá-lo.

— Não pode ser — disse Dinorá espantada com as palavras de Augusto. — Ninguém deveria ter acesso ao submundo. Alguma coisa aconteceu. Está tudo errado — pensou por alguns instantes com o olhar perdido. — Elas não deveriam ter essa influência no nosso mundo... — falou quase inaudível.

— Mas elas têm. Vocês acham que alguma coisa mudou nesse tempo que elas ficaram lá embaixo? — perguntou Miguel.

— Com certeza — respondeu uma bruxa. — Elas devem ter ficado mais fortes ou coisa assim.

— Então elas podem ser realmente muito úteis na nossa missão — falou Miguel para Açucena.

— Não! — gritou uma mulher que veio correndo até Miguel e o puxou pela camisa. — Vocês não podem fazer isso! Vocês não vão conseguir controlá-las. As criaturas são mais

espertas do que vocês imaginam.

O líder do Conselho se irritou tanto com a aproximação da bruxa que seus olhos cintilaram vermelhos. Ele a empurrou fazendo com que caísse em cima de outras.

— Não quero saber sua opinião! — zangou-se. — Temos um acordo com as criaturas. O papel de vocês nisso é apenas de soltá-las. Nada mais.

— Mas e depois, Miguel? — perguntou Dinorá. — Você realmente acha que elas ficarão boazinhas após cumprirem o acordo que tem com vocês?

— Já pensamos sobre isso — informou Açucena. — Vocês irão libertá-las para que elas possam nos ajudar na missão e depois disso, vocês irão fazer novamente o feitiço de proteção tanto dos humanos quanto de nós.

— E deixá-las soltas?

— Faremos um acordo com elas para também ficarem nas sombras da mesma forma que os vampiros.

— Isso é loucura — Dinorá balançava a cabeça de um lado para o outro em sinal de negação. — Não vamos compactuar com isso, de jeito nenhum!

— Traga um humano! — gritou Augusto para seus empregados.

Segundos depois, um primo de Elaine foi jogado aos pés do vampiro que o puxou para cima pelo cabelo. Augusto empurrou o sujeito para Miguel, que assim que o pegou, virou-lhe a cabeça quebrando seu pescoço e fazendo com que o corpo caísse inerte no chão.

Dinorá gritou com a cena junto de sua filha, a mãe do jovem morto e de mais outras bruxas. Elaine saiu de perto de sua mãe e correu para a avó, abraçando-a.

— Vocês vão colaborar ou não? — questionou Miguel. Não obteve respostas. Chamou Cleiton para perto de si. — Quero que mande matar todos os parentes das bruxas de Baixo Guandu.

O chefe do Espírito Santo anuiu e pegou o celular, teclou os números e levou o aparelho ao ouvido. Após alguns segundos, falou:

— Pode matar todos os humanos.

— Não! — berrou Elaine. — Nós vamos fazer o que vocês querem.

— Espere — falou Cleiton ao telefone. Fitou a jovem. — Vão mesmo?

— O que você está fazendo, Elaine? — perguntou Dinorá, aflita. — Não podemos fazer isso.

— Eu não quero que mais ninguém morra, vó. Precisamos fazer o que eles querem.

— E então? — insistiu Cleiton pronto para dar a ordem de extermínio caso elas recusassem novamente.

Dinorá encarou a neta e suas irmãs de magia. As outras bruxas balançavam a cabeça em sinal positivo. Por fim a senhora disse olhando para Miguel e Açucena:

— Tudo bem. Vamos libertá-las.

— Ótimo — falou Miguel esfregando as mãos. — E quando farão isso?

— Primeiro quero que vocês me levem até as criaturas para que eu possa firmar um acordo com elas dizendo que devem permanecer nas sombras da mesma forma que os vampiros após serem soltas.

— Tudo bem — disse Miguel. — Vamos agora.

O líder do Conselho deu as costas para as bruxas e se dirigiu para fora do barracão. Dinorá ameaçou segui-lo e Elaine pegou na mão da avó falando que iria junto. A senhora não impediu a neta e assim as duas caminharam atrás de Miguel.

No carro foram Miguel, Augusto e as duas bruxas. O caminho até a imagem da Santa foi feito em silêncio. Elaine segurava entre as mãos as de sua avó, que tremiam sem parar. Tentava fazer de tudo para acalmá-la, mas não conseguia. Ela estava muito nervosa com aquilo tudo. E ainda por cima tinha a morte de seu primo, que ela percebia ter abalado dona Dinorá.

Augusto fez o retorno em frente à Imagem da Santa e entrou no outro sentido da avenida. Estacionou o automóvel a poucos metros do destino. Todos desceram e se encaminharam até a proteção de pedra. Quando pararam atrás dele, o ex-líder da cidade de Leme cortou a própria mão com as presas. Assim que o buraco se abriu, ele segurou dona Dinorá pelo braço. Elaine viu a avó desaparecer junto com o vampiro e se assustou. Miguel pegou a jovem também pelo braço e repetiu os movimentos de Augusto. Em segundos viu todos dentro do corredor escuro, úmido e fétido. Os vampiros começaram a andar e puxaram as mulheres consigo. Estas sempre tropeçavam nos próprios pés ou em algumas pedras no chão, pois não conseguiam enxergar nada. Com isso a caminhada demorou mais tempo do que os noturnos costumavam perder.

Quando as bruxas e os vampiros sentaram-se na grande pedra negra ao centro daquela sala circular, cinco criaturas encapuzadas vieram em sua direção sem que encostassem no chão. Nenhuma das mulheres presentes tinha visto antes um daqueles seres, apenas sabiam que eram maus. Porém ficar frente a frente com eles causava nelas sensações horríveis. Sentiam medo, pavor e tremiam dos pés à cabeça. Dinorá segurou a mão da neta na tentativa de conter aquelas emoções.

— Vejo que conseguiram encontrar as bruxas — falou uma das criaturas sorrindo e mostrando os dentes pontiagudos.

— Elas querem firmar um acordo — avisou Augusto, olhando para dona Dinorá.

A senhora ficou em pé diante das criaturas. Tomou fôlego e falou:

— Nós só iremos libertá-las se prometerem que ficarão nas sombras da mesma forma como os vampiros vêm fazendo há séculos. E também quero avisar que depois que vocês saírem, iremos fazer novamente o feitiço de proteção tanto dos humanos quanto dos vampiros.

— Faça o que achar melhor — falou uma das criaturas. — Mas se vocês fizerem o feitiço de proteção, não poderemos ajudar Miguel e Augusto na Inglaterra.

— Vamos fazer assim então — Miguel colocou-se em pé para falar. — O feitiço só será realizado após retornarmos da Europa.

— Isso não é bom — disse Dinorá. — Eles podem controlar vocês e causar o caos.

— Não faremos isso — pronunciou-se outra criatura. — Temos um acordo com os vampiros e iremos ajudá-los. No entanto, se a senhora quiser, damos nossa palavra de que não iremos manipular ninguém, nem humano e nem vampiro. E depois você pode fazer seu feitiço de proteção.

Dinorá fitou aquelas criaturas, desconfiada. Seria assim tão fácil? Elas iriam realmente concordar com aquilo?

— Estão acertados então? — perguntou Miguel. Confirmou com a cabeça. — Ótimo. Quando vocês irão libertá-las?

— Precisamos nos organizar e preparar tudo o que for preciso. Só podemos quebrar o feitiço na lua negra, e isso será daqui a três semanas.

O líder do Conselho assentiu. Os vampiros se retiraram do submundo acompanhados pelas bruxas. Quando as criaturas ficaram sozinhas, uma delas falou:

— Eles aceitaram — sorriu.

— Ficamos tantos séculos planejando isso. Finalmente vamos ter nossa vingança. Por mais que ainda demore um pouco mais de duas décadas, vamos nos vingar.

— E enquanto a criança não atinge a maturidade, podemos nos planejar melhor.

Todos confirmaram sorrindo e rangendo os dentes.

Capítulo 21

As bruxas não foram autorizadas a deixar as dependências do sítio antigamente pertencente aos pais de Augusto. Por isso, todo o preparativo do feitiço de libertação das criaturas do submundo foi realizado lá. Quando elas precisavam de algum objeto mágico, Éder se deslocava até a cidade para buscar e trazia tudo para as bruxas. Elas não ficavam mais presas nas raízes, porém, Açucena as acompanhava de perto. Os únicos que continuavam na jaula eram os humanos, parentes das feiteiras.

Éder desceu do carro e caminhou tranquilamente debaixo daquele sol de verão. Viu algumas bruxas espalhadas e agachadas na grama não muito longe dele. Avistou Elaine também. Mudou seu trajeto e foi até ela. Ao se aproximar, agachou-se ao lado da jovem de cabelos cacheados.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou ele para Elaine.

— Procurando o melhor lugar, um que tenha boa energia para que possamos quebrar o feitiço — fixou seus olhos nos dele. — Por quê?

— Por nada — estendeu uma sacola plástica que trazia para ela. — Aqui está mais vela e mais sal, do jeito que vocês pediram. Não sei por que tanta vela e sal.

— Já disse que vamos precisar, só isso — ela voltou a mirar a grama e a tocá-la com uma feição nada alegre.

— Por que está com essa cara? — Éder a tocou no rosto.

— Não é nada.

— Não parece ser nada — pegou-a pelo queixo e a fez olhar para ele. — Me conta o que está acontecendo.

Elaine mordeu o lábio inferior antes de dizer:

— É que eu me ofereci para ser a mediadora durante o feitiço.

— E o que é isso?

— Vou ser usada como um canalizador de magia.

— E por que você está tão preocupada?

— É que isso exige muito de uma bruxa, por isso ela tem que ser jovem. E... bem... se alguma coisa der errado eu posso morrer.

Éder não disse nada. Ficaram em silêncio por alguns instantes. Por fim ele pegou-a pela mão e a fez levantar, puxando-a e fazendo com que seguisse seus passos.

— Ei! Preciso ajudar as outras — reclamou Elaine, mas Éder não a ouviu.

Continuou puxando-a até levá-la para trás da casa. Encostou-a na parede e a prendeu entre seus braços. Encararam-se por vários minutos sem mencionar nenhuma palavra, só era

possível ouvirem a respiração um do outro.

Éder a tocou delicadamente no rosto e depois encostou sua testa na dela, fechando os olhos em seguida.

— O que é isso? — indagou Elaine tentando rir da cena. Contudo, um nó na garganta dificultava um pouco. — Você acha que vou morrer, é?

— Não, não acho — afastou-se para fixar seus olhos nos dela. — Só quero ficar um pouco com você e me desculpar por tudo.

— Não precisa se desculpar, eu consegui entender tudo. Você não tinha escolha.

— Então você está me perdoadando?

— Só vou perdoá-lo se você fizer uma coisa — disse, sorrindo.

— O quê?

— Tirar esse terno. Estou suando ainda mais só de te ver com ele — riu.

Éder achou graça também. Retirou seus braços da parede e começou a tirar o paletó, jogando-o longe logo após. Desfez-se da gravata e puxou a camisa branca de dentro da calça, ficando assim mais despojado.

— Está melhor agora? — perguntou abrindo os braços.

— Humm... Falta alguma coisa — ficou pensativa. — Já sei!

Desabotoou as mangas da camisa dele e as dobrou até que chegassem aos cotovelos. Deu mais uma rápida olhada. Agora só faltava o toque final. Colocou as mãos na gola e também desabotoou. Mas não parou no primeiro, soltou mais dois ou três botões além daquele. Quando terminou, puxou a camisa para terminar de ajeitar e com isso viu um pouco do peito de Éder.

— Agora sim, bem melhor.

— Estou parecendo aqueles modelos que tiram foto para revistas com essa roupa toda bagunçada — riu. — As mulheres realmente gostam de caras largados assim?

— Você que é muito quadrado. Acho que é porque foi criado com um vampiro bem antigo. Mas vai por mim, ficou bem melhor desse jeito.

— Já que você diz — deu de ombros. — Então agora estou perdoado?

— Está sim.

— Então agora posso fazer uma coisa que estou morrendo de vontade há muito tempo.

A pergunta sobre o que ele faria ficou presa na garganta de Elaine; não conseguiu falar, pois sua boca foi selada com um beijo. Éder a encostou novamente na parede e pressionou seu corpo ao dela. Soltou-lhe os lábios e passou a beijá-la em várias partes do rosto e no pescoço. As mãos antes na cintura fina da jovem começaram a subir por debaixo da camiseta e a acariciar o local. Elaine o trouxe pela gola da camisa para mais perto de si. Não havia falado isso a ele, mas estava morrendo de vontade de fazer aquilo também.

Continuaram se beijando por vários minutos até serem interrompidos por gritos. Soltaram-

se rapidamente e correram seguindo o som até onde as bruxas se encontravam. Quando se aproximaram, viram-nas sorrindo e se abraçando, pois depois de muita procura, finalmente encontraram um lugar com uma boa energia para que pudessem quebrar o feitiço. Os gritos eram de alegria. Elaine riu após perceber tudo e pulou nos braços de Éder num abraço carregado de alívio e de sentimento.

A lua negra seria na noite seguinte, por isso as bruxas preocupavam-se em encontrar o lugar adequado. Agora a tensão deixava seus ombros, pois tudo já estava pronto. Bastava esperar que a noite caísse.

Os cabelos negros de Samantha foram a primeira coisa que viu assim que despertou. Augusto sorriu de canto de boca e chegou ainda mais perto da amada para lhe cheirar os cabelos soltos. Encostou seu nariz na nuca dela e deixou que aquele odor maravilhoso entrasse por suas narinas. Depois afastou os fios da pele branca e beijou o local. Nessa hora a vampira deixou seu transe e puxou os braços dele para que a enlaçassem pela cintura, colando-o ainda mais em si, encostando suas costas no peito dele. O vampiro tirou a cabeça do travesseiro e levou seus lábios até orelha dela, beijou delicadamente e sussurrou:

— Eu te amo.

Samantha fechou os olhos e sorriu. Ainda não tinha se acostumado com aquele novo Augusto romântico, carinhoso e atencioso, mas gostava muito. Virou-se na cama e ficou de frente para ele. Acariciou o cabelo castanho do seu amado e em seguida o rosto. Ele pegou sua mão e a levou até a boca para beijar, passando depois para o pulso, braço, ombro, pescoço, rosto e boca.

— Quero que você me prometa uma coisa — falou Augusto após o beijo romântico.

— O quê?

— Que se eu mandar você correr, você o fará sem questionar.

— Por que isso agora?

— Porque provavelmente iremos para a Inglaterra nos próximos dias e não vamos lá para passear — tocou-a no rosto. — Não quero que aconteça nada com você.

— Não vai.

— Pelo menos me prometa que irá fugir se for preciso.

— Não vou deixar você para trás.

— Eu posso me virar, não se preocupe. Agora prometa.

— Tudo bem, Augusto. Eu prometo — beijou-o. — Mas espero que eu não tenha que

cumprir essa promessa.

Os dois olharam ao mesmo tempo para a porta do quarto quando ouviram alguém batendo. Augusto se levantou e andou até ela, abrindo-a só um pouco. Viu Fábio parado.

— Estão quase todos prontos para irmos — avisou o vampiro negro.

— Tudo bem, já estamos indo.

Fechou a porta e acendeu a luz. Abriu uma gaveta do guarda-roupa e pegou uma camisa preta. Samantha deixou a cama e andou até Augusto para abotoar a camisa dele.

— Então vai ser hoje que aquelas criaturas serão libertadas? — colocou o primeiro botão no espaço dedicado a ele. Augusto assentiu. — Espero que dê tudo certo.

— Eu também — ficou prestando atenção nas mãos dela e quando terminou de abotoar, ele a agradeceu com um beijo.

Samantha se afastou para começar a se trocar também. Dentro de poucos minutos o casal entrava na sala repleta de vampiros. Viram Miguel e Açucena entretidos com as mãos enlaçadas brincando com os dedos um do outro; Cleiton conversando com Isis, que a cada comentário dele revirava os olhos; Teodoro, Batista, Demétrio e Karen conversando com Fábio, Leandro e Vítor. Henrique sentava-se no sofá com Beatriz no colo toda sorridente. Ao lado dele, notava-se Diogo e Júlia sorrindo um para o outro. O garoto de olhos verdes acariciava os cabelos ruivos da namorada e repetia para ela que adorava aquela cor. No entanto, do outro lado da sala tinha alguém que não se distraía com algo ou com alguém. Os olhos negros e frios de Niara fitavam Augusto. Ele a encarou. A negra desviou o olhar e pousou-o sobre Samantha semicerrando os olhos. A vampira de cabelos negros não percebeu, pois caminhava na direção de Henrique para pegar Beatriz no colo.

Augusto viu Niara seguir sua amada com o olhar e antes que a negra percebesse, ele usara sua velocidade e aparecera ao seu lado.

— Não irei responder por mim se você encostar em um fio de cabelo dela — falou baixo entre os dentes.

— Vai fazer o quê? Me absorver? — mirou-o. — Quando você se der conta, ela já estará sem a cabeça.

A raiva subiu pelo corpo de Augusto. Ele fechou os punhos para se conter, mas o riso de Niara o fez perder o controle. Puxou-a pelo braço com força e a encostou na parede. Seus olhos ficaram vermelhos.

— Eu mato você antes! — esbravejou irritado.

Nessa hora, Açucena ficou em pé e correu para apartar a briga. Contudo, antes que a índia conseguisse chegar, Niara colocou a mão no pescoço de Augusto e apertou. Seus olhos também ficaram vermelhos.

— Vamos ver então — provocou a negra.

Açucena parou ao lado dos dois e falou:

— Vocês vão parar com isso agora ou terei que interferir?

Os vampiros ainda trocaram olhares raivosos antes de se soltarem. Augusto caminhou até Samantha, que o olhava espantada, e ali ficou. Niara também se afastou e fez companhia para seu amigo Abel. Açucena manteve a atenção em ambos para evitar que mais alguma coisa acontecesse. Ela suspirou e falou:

— Já podemos ir?

Todos assentiram e puseram-se em pé o mais rápido possível para que pudessem acompanhar a volta das criaturas do submundo.

Éder não fez nada naquele dia a não ser ficar sentado embaixo de uma grande árvore e observar as bruxas preparem-se para o feitiço. Até chegou a se oferecer para ajudar, porém elas alegaram que aquilo só poderia ser feito por seres mágicos. Dessa forma, ele se contentou em apenas ficar olhando. Como Elaine seria a mediadora, ela ficou o dia todo trancada dentro da velha casa se preparando.

As demais feiticeiras espalharam sal pelo terreno escolhido e com ele fizeram uma estrela de seis pontas dentro de um círculo. E quando o sol se pôs, elas colocaram velas de sete dias em cada ponta da estrela. Nessa hora, Elaine deixou as dependências da casa e foi acompanhada por algumas mulheres até o centro da estrela, sentando-se ali.

Éder queria muito conversar com ela, no entanto, ela concentrava-se de tal maneira que nem sequer abria os olhos. Uma túnica branca a cobria até os pés e notava-se um pentagrama desenhado na testa.

Minutos depois, carros chegaram até o sítio e deles desceram vários vampiros. Vendo a aproximação deles, Dinorá pediu para que não ficassem muito perto, pois poderiam interferir. Assim, as criaturas da noite ficaram a mais de cinquenta metros da estrela de seis pontas feita de sal.

As bruxas deram as mãos e formaram um círculo ao redor da imagem no chão. Elaine ficou em pé e retirou o manto que a cobria, mostrando assim o corpo completamente nu e coberto por mais pentagramas — que iam linearmente desde a testa até a virilha. Havia pentagramas também nos pulsos e nos peitos dos pés.

A túnica branca ainda estava em suas mãos, e foi jogada longe, para fora do círculo de bruxas. Elaine abriu os braços e com isso as velas de sete dias, posicionadas em cada ponta, acenderam. As demais feiticeiras soltaram uma da mão da outra, ajoelharam-se e colocaram as

mãos no sal. Ao começarem a entoar um cântico, as chamas das velas triplicaram de tamanho e tremeluziram.

Elaine sentia seu corpo todo vibrar e a magia se avolumar cada vez mais no ar. O ar até entrava com um pouco de dificuldade em seus pulmões tamanha a pressão à sua volta. Tentou se acalmar e concentrar-se ainda mais. Depois de ter certeza de que estava pronta, ergueu os braços acima da cabeça para começar a canalizar a magia. Com isso, uma quantidade absurda chocou-se com o seu corpo, fazendo-a perder as forças nas pernas e cair de joelhos. Tanto os braços quanto as pernas tremiam sem parar. Não sabia se suportaria tal energia. Respirou fundo e tentou pôr-se em pé novamente. O suor já brotava na sua testa e nariz. Arfou na tentativa de se levantar e conseguiu, mesmo que os joelhos continuassem a tremer e batessem um no outro. Puxou ainda mais ar para dentro e manteve-se firme.

Elaine só atingiu a estabilidade que necessitava após longos minutos. Quando percebeu isso, iniciou a sua parte no cântico que continuava a ser proferido pelas bruxas. Mas em vez de cantar as mesmas palavras e no mesmo ritmo, fez uma oração diretamente à Mãe Natureza, pedindo perdão pelo o que estavam prestes a fazer e a compreensão dela, pois o pior que existia para uma bruxa, era ver um humano morrer e ainda mais por sua causa. Assim, aquilo seria feito para que mais vidas inocentes não fossem levadas antes da hora.

— Vocês não têm culpa, criança — Elaine abriu os olhos e viu sua fada, a mesma mulher de vestido e cabelos vermelhos que falara com ela na noite em que foram sequestradas pelos vampiros. — Não se preocupe mais com isso, tudo ocorrerá como deverá ser daqui para frente.

A fada aproximou-se ainda mais da jovem e a beijou na testa, bem em cima do pentagrama. Os lábios também vermelhos da fada, ao tocarem a pele de Elaine, fizeram com que uma corrente de calor se espalhasse pelo corpo dela. A bruxa sorriu com o carinho e viu sua fada desaparecer. Elaine relaxou ainda mais os músculos e colocou a cabeça para trás. Desse modo, uma luz branca que só as bruxas conseguiam ver desceu do céu e banhou o corpo de Elaine. Ela abaixou os braços e tocou o solo. A luz se propagou pela terra até atingir o sal, seguindo-o linearmente e iluminando toda a estrela de seis pontas.

As bruxas que mantinham as mãos no sal receberam uma grande carga de magia nessa hora. Algumas não aguentaram a pressão e tombaram para o lado, inconscientes. Elaine espantou-se com a cena e tentou controlar a magia que liberava, mas era difícil. E com isso uma tontura a acometeu. Sua visão escureceu e o estômago revirou. O calor que antes percorria seu corpo dissipou-se rapidamente só deixando o frio. A jovem não conseguia mais ouvir e nem ver mais nada. Tudo começou a rodar.

— Elaine! — gritou Dinorá. — Não segure a magia, pode soltar.

Elaine não ouvia e não via mais nada. Sua cabeça latejava e seu corpo começou a tremer violentamente.

Éder assistia a tudo aquilo de longe e ao perceber o que acontecia, correu para mais perto das bruxas. Ameaçou passar por elas e entrar no círculo, porém ao colocar a mão além das feiticeiras sua pele queimou no mesmo instante.

— Você não pode entrar — falou Dalva. — Ela vai ter que despertar sozinha.

— E se ela não conseguir? — perguntou ele aflito. A mãe de Elaine baixou os olhos e não respondeu.

Éder compreendeu. Colocou a mão para dentro do círculo novamente e a pele ardeu. Ele respirou fundo e decidiu fazer aquilo: passou por cima das bruxas e iniciou uma corrida desesperada dentro da estrela. Suas roupas começaram a chamuscar e a pele a queimar como nunca, mas ele prosseguiu. Ajoelhou-se ao lado de Elaine, pegou-a pelos ombros e sacudiu. Nada aconteceu. A pele queimava tanto que podia ver manchas vermelhas se formarem e o sangue manchar o tecido. A dor que o consumia quase não deixou que sua voz saísse, entretanto, Éder forçou-se para proferir as palavras e trazer Elaine para um abraço apertado.

— Fique comigo.

O calor do corpo dele envolveu o corpo gelado dela. A sensibilidade começou a retornar e Elaine voltou a enxergar e ouvir. Ela assustou-se com a presença de Éder, ainda mais por vê-lo tendo a pele corroida. Foi a vez da bruxa envolvê-lo num abraço que passou a luz do seu corpo para o dele, protegendo-o assim das queimaduras. Durante o abraço, Elaine desejou que tudo aquilo acabasse logo, pois não suportava mais ver algum humano se ferir.

A magia mediada por ela deixou-a gradativamente e estendeu-se pela estrela. As demais bruxas conseguiram controlá-la e guiá-las para as pontas. As velas absorveram toda aquela energia e em poucos segundos explosões surgiram de cada uma fazendo com que poeira vermelha levantasse, impossibilitando que todos os telespectadores conseguissem ver o que acontecia.

Nessa hora os vampiros atentaram-se ainda mais. Quando a poeira dissipou-se um pouco, no lugar em que antes via-se velas, agora havia pessoas cobertas por capuzes pretos e gastos. Mas em vez de flutuarem à trinta centímetros do chão, possuíam pés que as sustentavam.

Augusto foi o primeiro a andar para mais perto das criaturas do submundo e assim que se aproximou da ponta sul da estrela, ouviu chamarem seu nome:

— Que bom ver você aqui fora, Augusto.

O vampiro se virou e deparou-se com um homem da mesma altura que ele, cabelos negros e lisos na altura dos ombros e um sorriso largo que lhe era familiar. O manto que antes cobria o corpo todo das criaturas, agora parecia um sobretudo aberto na frente, revelando assim o corpo nu delas. O sujeito que cumprimentou Augusto, levou a mão até o capuz que ainda cobria o rosto e o retirou, jogando-o para trás. Os olhos azul-petróleo fitaram Augusto e depois o

ambiente.

— Mas e aquela aparência? — indagou Augusto.

— O submundo fazia com que nossos corpos mostrassem o nosso interior, o que há de mais ruim — sorria como se aquilo fosse um elogio. — A nossa verdadeira forma.

— Então agora podemos ir para a Inglaterra? — perguntou Miguel quando chegou.

— Ainda não podemos ir, líder do Conselho — a resposta veio de uma mulher que também usava o mesmo manto negro, gasto e aberto na frente. Seus cabelos eram escuros e lisos assim como a criatura anterior e os olhos em um azul penetrante. — Ficamos séculos no submundo e por isso precisamos nos recuperar.

— Recuperar? Ninguém mencionou nada disso antes — Miguel elevou o tom de voz. — E quanto tempo isso irá demorar?

— Cerca de um ano.

— Um ano! Vocês só podem estar de brincadeira — balançava a cabeça negativamente e passava as mãos pelo cabelo castanho.

— Estamos fracos e... — a mulher não conseguiu terminar a frase, pois gritou de dor quando dona Dinorá se aproximou.

O casal de criaturas acuou-se assim que a bruxa chegou perto e se afastaram o suficiente. Seus corpos começaram a tremer e a pele branca deu lugar à escura, ressecada e ao corpo cadavérico. Não era mais possível diferenciar uma criatura da outra, pois não havia mais sexo e nem características físicas; eram todas iguais.

— Não conseguimos nem manter nossa forma humana na presença dela — falou uma das criaturas com aquela voz rouca. — Ficamos mais fracos do que pensávamos.

Dinorá não deu importância ao comentário, apenas encarou Miguel e disse:

— Liberte nossos parentes.

— Farei isso, mas antes quero saber — indicou as criaturas — se vocês irão realmente nos ajudar.

— Cumpriremos nossa parte, Miguel, não se preocupe — falou uma terceira criatura. — Porém antes disso precisamos nos recuperar, e isso demorará um pouco.

— Eu não quero nenhuma atrocidade. Ou prendo vocês de novo no submundo — ameaçou dona Dinorá. Falou tão séria que as criaturas curvaram-se para ela. — Vocês devem ficar nas sombras e não quero que apareçam para humanos com essa forma horrenda.

As criaturas assentiram. Dessa vez Dinorá mirou Augusto, que lhe indicou o barracão com a cabeça. A bruxa seguiu o vampiro enquanto Miguel dizia:

— Tudo bem, vocês podem ir. E não se esqueçam que daqui um ano, exatamente um ano, quero vocês comigo partindo para a Inglaterra.

As criaturas concordaram. Deixaram o corpo ereto novamente e tomaram a forma

humana. Outros homens e mulheres juntaram-se àqueles primeiros, virando assim um grande grupo de trinta pessoas com mantos negros, velhos e gastos. Em um piscar de olhos todos eles sumiram, deixando para trás apenas uma fumaça escura e fétida.

Quando as criaturas desapareceram, Éder colocou-se em pé com Elaine em seus braços, desacordada, mas respirando. Levou-a para dentro de um dos vários automóveis ali estacionados e colocou-a no banco traseiro. Retirou a própria camisa e cobriu o corpo da jovem. Não saiu do lado dela em momento algum, mesmo quando viu os humanos serem soltos, levados para os carros juntamente com as bruxas e encaminhados para suas casas. As feiticeiras que não pertenciam à cidade de Leme conseguiram abrigo nas residências de suas irmãs com a promessa de que os vampiros as mandariam de volta aos seus Estados o mais rápido possível.

Éder acompanhou várias bruxas até a casa de Elaine, e enquanto Dalva dava abrigo a elas, o rapaz levou a jovem para o quarto dela e a acomodou na cama. Ficou ao seu lado acariciando-a por um longo tempo sem parar. De uma hora para outra, Elaine acordou sobressaltada olhando perdida para todos os lados.

— Calma — falou Éder. — Já acabou. Você está na sua casa.

Aquelas palavras fizeram-na desabar em lágrimas e o abraçar fortemente.

— Eu fiquei com tanto medo — choramingou. — Eu quase morri.

— Eu sei, eu sei, mas agora tudo já acabou e eu ficarei aqui com você.

Éder deitou-se com ela na cama e deixou que ela continuasse chorando com a cabeça em seu peito até que adormecesse. Ele demorou a pegar no sono, por isso ficou por horas afagando os cabelos cacheados de Elaine e chorando em silêncio, tanto pelas dores das queimaduras que se estendiam por todo seu corpo quanto pelo pavor que sentiu quando quase a perdeu.

PARTE II
LONDRES

Capítulo 22

Despertou de seu transe vampírico e logo se sentou na beirada da cama. Passou as mãos nos cabelos castanhos e curtos na altura do queixo antes de se colocar em pé. Andou até a janela, puxou as grossas cortinas para o lado e a abriu. O ar gelado entrou e se chocou com a sua face. A mulher ainda continuou a olhar o horizonte e não muito distante de onde estava conseguia ver o rio Tâmis. Prestou também atenção no céu escuro e sem nenhuma estrela. Suspirou aliviada por não estar mais nevando. No começo do ano caíra muita neve, mas agora não se via mais nada, apenas o clima ainda frio de fim de inverno e começo de primavera.

Após mais alguns minutos fechou a janela e resolveu se vestir. Caminhou até o outro lado do quarto e puxou para perto da cama a mala que deixara ali de qualquer jeito. Colocou-a em cima do colchão e a abriu. Sua viagem até a França lhe rendera muitas compras. Sabia que o objetivo de sua viagem não era passear em Paris, mas que mulher resiste, não é? Mesmo que seja uma vampira. Pegou as roupas e as colocou para fora da mala. Mexeu nelas até encontrar um lindo sobretudo preto que comprara. Deixou-o de lado e pegou outras roupas. Vestiu-se com uma calça de couro justa, uma blusa de manga comprida e gola alta e por último colocou o sobretudo. Sentou-se na cama para calçar as botas de salto fino que iam até os joelhos. Depois foi até o banheiro, maquiou-se e penteou os cabelos lisos.

Não demorou muito para sair do quarto e começar a andar pelo corredor em direção ao elevador. Precisava falar com o seu líder, pois como chegara quase na alvorada na noite anterior, não conseguiu vê-lo. Entrou no elevador e apertou o número vinte, o último andar do edifício. Chegou ao andar de destino e encaminhou-se para uma enorme sala. Ao abrir a porta, um ambiente majestoso surgiu diante dos seus olhos. Nas paredes cor de vinho havia enormes quadros com molduras de ouro retratando várias pessoas e algumas paisagens. Uma grande mesa retangular de reuniões tomava o meio do cômodo. Em toda sua extensão via-se castiçais com velas, mesmo que a luz do ambiente estivesse acesa. O lado esquerdo da sala era mais alto que o resto, precisando subir dois degraus para chegar até um trono de ouro com estofado vermelho e várias pedras cravadas em seu encosto. Ao lado desse trono tinha mais dois, um de cada lado, porém menores que o do meio. Sentado no da direita, um sujeito de cabelos escuros e bem cortados pediu para que ela se aproximasse. A mulher iniciou seu caminhar até ele e assim que parou à sua frente, pronunciou sua pergunta em inglês britânico:

— Onde está o Henry?

— Na Irlanda.

— De novo? Não acredito — balançou negativamente a cabeça. — Não posso ficar um mês longe desse país que ele já vai passar uma temporada naquele castelo — acomodou-se no

trono do centro.

— Você sabe que ele não gosta que você sente aí — falou o sujeito.

— Ele não está aqui para ver — olhou para seu assento. — Não sei por que ele gosta dessas coisas antiquadas. Olha só para essa sala. Estou me sentindo no século XIII.

— Você sempre reclama mesmo sabendo que ele nunca mudará essa decoração.

— Ele faz questão de mostrar que é velho. Ou como ele mesmo diz “antigo”. Mas enfim, o lugar dele é aqui em Londres e não na Irlanda. Nem parece o líder do Conselho — fez uma careta.

— Ele molda o Conselho da forma que mais o convém, Kate. Não se esqueça disso.

— Bem que eu gostaria, mas ele não deixa. Já falei para o Henry que ele não deve agir dessa forma. Temos tantas regras para ele não cumprir nenhuma?

— Eu gosto dessa liberdade, você não? — perguntou o homem se levantando.

Ela mordeu o lábio inferior, mas acabou sorrindo.

— Quem não gosta? — também ficou em pé e pegou seu celular no bolso lateral do sobretudo. — Agora terei que ligar para o Henry. O Jean Pierre disse que queria uma reunião com ele para semana que vem — teclou os números e levou o aparelho ao ouvido.

— O que esse francês quer de novo? Ele não consegue tomar conta do Conselho da França sozinho? — reclamou.

Kate ficou em silêncio na esperança de que alguém atendesse o aparelho, porém caiu na caixa postal. Colocou o celular no bolso, virou-se para o vampiro e respondeu:

— Não é bem assim, Steven. Ele está batendo de frente com o Henry já faz alguns anos por causa do nosso estilo de vida. Jean não está gostando nem um pouco.

— E quem ele pensa que é para questionar o líder do Conselho Internacional? Foi o Henry quem construiu tudo isso e ele pode fazer o que bem entender.

— Até entendo o seu ponto de vista, mas tivemos problemas recentemente com aquele castelo na Irlanda e com os corpos encontrados no Tâmis, lembra?

— Você está se importando demais com isso — sorriu para ela e lhe tocou o rosto de leve. — Nossos subordinados humanos cuidam da nossa sujeira, eles sempre dão um jeito — notou um pouco de preocupação na feição dela. Esticou a mão para que ela pegasse. — Você está preocupada à toa. Venha. Vamos dar uma volta e ter uma refeição digna. Você deve estar mal por ter tomado tanto sangue francês.

Kate sorriu com o comentário de Steven. Resolveu deixar aquele assunto de lado. Estendeu sua mão para ele, aceitando o convite. Os dois deixaram o prédio do Conselho londrino e caminharam pelas ruas frias da capital em busca de sangue fresco, vindo direto da fonte.

Não andaram muito, apenas alguns minutos até encontrarem uma lanchonete em uma esquina não muito distante do edifício do Conselho. Ao lado do estabelecimento tinha um beco no

qual ficavam alguns sacos de lixo. Kate e Steven pararam ali quando viram um funcionário abrir a porta lateral e jogar mais dois sacos de lixo em cima dos demais no chão. Kate sorriu ao ver o jovem e assoviou. O sujeito assustou-se com o som e olhou espantado para o lado. A vampira caminhou tranquilamente até ele e não disse nada. O pobre rapaz só se deu conta do que acontecia na hora que sentiu seu pescoço ser penetrado e o sangue escorrer. Kate não sugou todo o líquido vermelho, parou com a vítima ainda viva e a jogou nos braços de Steven que terminou o serviço.

Após a refeição, o corpo do antigo funcionário da lanchonete foi encostado na parede e coberto pelos mesmos sacos de lixo que trouxera para fora. Steven e Kate ainda deram uma volta antes de retornarem para o prédio. Kate finalmente conseguiu falar com Henry. No entanto, este ficou furioso ao descobrir que deveria retornar à Londres apenas para uma reunião com Jean. Xingou muito antes de dizer que estaria na sede do Conselho dentro de três dias.

Desligou o aparelho celular e o jogou nos braços de seu subordinado. Henry colocou as mãos apoiadas na pedra fria e olhou o rio que se estendia à frente de seu castelo. Respirou fundo e falou:

— Terei que voltar à Londres.

— Mas por quê? — perguntou o vampiro atrás dele.

— Jean quer uma reunião — bufou e virou-se para o rapaz. Sentou-se na beirada da torre e isso fez com que seus cabelos loiros fossem jogados em cima dos olhos por causa do vento. — Não estou gostando dessa intromissão dele no meu modo de vida.

— O que o milorde pretende fazer?

— Por enquanto quero que você me traga um humano da cidade, Farell. Depois pensarei no que fazer a respeito do Jean.

O vampiro assentiu e se retirou. Desceu as escadas de pedra circulares e chegou até o gramado. Pegou um dos carros ali estacionados e saiu das dependências do castelo. Percorreu poucos quilômetros uma estrada de terra sinuosa e sem iluminação até atingir uma rodovia. Dali para a cidade foram dois quilômetros. Adentrou o pequeno município e escolheu uma casa qualquer. Desceu do veículo e andou até a porta de entrada. Bateu e esperou ser atendido. Um senhor de cabelos grisalhos apareceu diante do vampiro e assim que o viu, seus olhos arregalaram e começou a suar frio. Percebendo o assombro do humano, Farell disse:

— Será apenas um essa noite.

O homem engoliu em seco e abriu mais a porta para que ele entrasse. Farell adentrou a

residência e direcionou-se para a sala. Lá encontrou uma senhora e mais dois rapazes. Logo que ela viu o vampiro entrar, deu um grito e abraçou os netos, seus olhos já se enchiam de lágrimas.

— Você pode me levar — falou o senhor também chegando à sala. — Poupe minha esposa e meus netos. Eles ainda são jovens.

— Quem escolhe sou eu — falou Farell rindo com suas presas à mostra. Fitou o senhor de cima a baixo e depois os demais humanos. Deu de ombros. — Tudo bem, você virá comigo.

Uma lágrima escorreu pelo olho direito do sujeito. Ele andou até a esposa, beijou-a e disse que a amava, depois abraçou os netos. Foi uma despedida rápida, pois todos os humanos daquela região sabiam que quando um vampiro batia à sua porta, nada nesse mundo poderia impedi-lo de realizar aquilo que veio fazer. E era do conhecimento de todos que a resistência só mataria ainda mais gente. O homem distanciou-se da família e caminhou atrás do vampiro que já se afastava. Ambos entraram no automóvel e se dirigiram para o tão temível fim dos humanos daquela cidade.

Farell estacionou o carro no gramado do castelo e pediu para que o homem descesse. Conduziu o senhor para uma grande porta de entrada e assim que parou à sua frente, empurrou-a com as duas mãos. Uma enorme sala surgiu diante de ambos. Seus passos ecoavam pelo piso cinzento e frio. Ao fundo viram Henry com uma taça de vinho nas mãos e em pé diante de um grande quadro de si mesmo.

— Sabe do que eu não gostava daquela época, Farell? — perguntou ele indicando o quadro. Farell negou. — Das roupas. Prefiro essas mais modernas — olhou para a calça social que vestia junto da camisa branca e um simples paletó preto. — São bem melhores.

Henry virou-se para seu subordinado e para a vítima que transbordava medo pelos poros. O vampiro loiro e de olhos azul-claros, que às vezes pareciam ser quase brancos, andou até o senhor e lhe estendeu a taça de vinho.

— Você está muito nervoso. Beba para se acalmar. Não vai ser tão ruim assim.

A vítima pegou a bebida e a sorveu em um só gole. Henry sorriu com a cena e antes que o sujeito pudesse ver seus movimentos, o líder do Conselho cravava as longas presas em sua jugular. O corpo foi esvaziado em segundos e depois jogado no chão. Henry limpou o sangue em sua boca com as costas das mãos e respirou satisfeito.

— Jogue-o no mesmo lugar de sempre — falou para Farell.

O vampiro balançou afirmativamente a cabeça e arrastou o defunto para fora da sala. Levou o corpo até o que antigamente fora uma masmorra onde os prisioneiros eram presos e torturados. Farell deixou o falecido junto de outros tantos corpos. Alguns já em decomposição avançada e outros que só se via os esqueletos. Fechou a pesada porta atrás de si e refez o caminho até o líder.

Henry continuava a olhar os quadros e ao notar a aproximação de Farell, comentou:

— Jean Pierre não irá à Londres apenas para uma visita — encarou seu subordinado.

— O milorde acha que ele quer algo?

— Sim — andou sem destino pelo local. — Mas guarde minhas palavras, Farell. Se Jean tentar algo, ou sequer ameaçar, eu o despedaçarei. E com isso a França ficará sem seu líder — seus lábios se uniram em um fino sorriso.

Capítulo 23

Logo após passarem pelo portão de desembarque, viram Kate os esperando. Henry caminhou sorridente até ela e assim que se aproximou, beijou-a calorosamente. Ela rendeu-se ao carinho e retribuiu o beijo, porém logo se afastou dele.

— Não podemos ficar nos beijando assim no meio de tanta gente — falou ela olhando para os lados.

— Foi só um cumprimento — sorriu de canto de boca. — Sentiu minha falta nesse tempo que você passou na França?

— Lógico que senti. Mas quando cheguei e achei que fosse encontrá-lo, você não estava — fez bico e encostou delicadamente seus lábios aos de Henry. — Agora vamos — saiu andando à frente.

Henry a olhou se afastando. Passou as mãos no cabelo loiro antes de segui-la. Farell vinha atrás dele. Os vampiros colocaram as malas no porta-malas e em seguida entraram no carro que era conduzido por Kate. Não demorou muito para Henry perguntar:

— O que tanto o Jean quer falar comigo? — olhou para a vampira ao volante.

— Ele está irritado, Henry. Não está gostando do modo como o Conselho inglês vem agindo. Ele quer uma reunião para resolver algumas coisas sobre as regras que devem ou não ser seguidas pelos vampiros de todos os países.

— Imbecil — xingou Henry. — Eu que criei essas regras. Cabe apenas a mim a decisão se os vampiros da Inglaterra irão ou não segui-las.

— Pode até ser, mas Jean não acha justo — olhou-o rapidamente nos olhos antes de voltar a prestar atenção no trânsito. — Ou todos têm essa liberdade ou ninguém têm. Foi mais ou menos isso o que ele me disse.

— Quem diz o que é justo ou não nesse Conselho sou eu — rangeu os dentes. — Quando que ele chega à Londres?

— Amanhã.

Henry assentiu e olhou para frente. Daria um jeito em tudo aquilo. Onde já se viu quererem discutir o modo como levava o Conselho? Ele que criara tudo o que eles conhecem hoje como Conselho, e por causa disso tinha todo o direito de moldá-lo às suas vontades e necessidades.

Cerca de quarenta minutos depois, o veículo era colocado no estacionamento subterrâneo do edifício do Conselho. Kate ajudou Farell a carregar as malas de Henry, mesmo que o vampiro dissesse que não precisava de ajuda. Levaram-nas até o quarto do líder e lá as deixaram. Antes de se retirarem, Henry pediu que fosse levado até ele uma humana. Farell

anuiu e fechou a porta ao sair. Quando estavam dentro do elevador, Kate perguntou:

— Como você está? — tocou-o no rosto.

— Estou bem — pegou a mão dela e levou-a até sua boca para beijá-la. Depois puxou a vampira para um beijo romântico. — Tirando o fato de que ele me faz de escravo, estou bem sim.

— Eu queria que fosse diferente — afagou-lhe os cabelos castanhos e enrolados.

— Acho que nunca vamos conseguir fazer com que ele deixe você em paz — abraçou-a.

— Mas tudo bem, eu gosto de viver perigosamente — sorriu. — Pelo menos tenho algo que Henry nunca terá: o seu amor.

Beijaram-se novamente, entretanto logo se soltaram, pois se aproximavam do andar onde desceriam. Ninguém poderia vê-los juntos. A porta se abriu e eles andaram pelo corredor. Pararam em frente a uma porta e Farell a empurrou. Dentro do cômodo havia várias mulheres jovens. Elas se calaram quando os vampiros entraram. Farell parou no meio do cômodo e disse:

— Henry quer uma de vocês hoje. Quem virá?

As jovens se entreolharam por instantes. Por fim, uma moça que não deveria ter mais do que 25 anos colocou-se em pé.

— Eu vou — falou ela. — É minha vez.

A humana foi conduzida para fora do quarto e levada para o dormitório do líder. Henry sorriu quando a viu entrar em seu quarto e falou que Farell poderia se retirar. E aproveitou para perguntar se Kate não gostaria de ficar. A vampira rodou os olhos nas órbitas e deixou o cômodo sem responder. O casal dessa vez andou até os aposentos de Kate, e antes de entrarem, olharam para todos os lados para ter certeza de que ninguém os vira.

— Não estou mais suportando tudo isso — comentou a vampira deixando-se cair deitada na cama.

— Eu já falei para nós dois irmos embora daqui, mas você recusou — sentou-se ao lado dela.

— Não é tão fácil assim, Farell. Tenho certeza de que se fugirmos, Henry manda nos matar em qualquer lugar do mundo. Não temos escapatória.

— Você vai ficar sendo objeto dele até quando? — notava-se o ciúme na voz.

— Não sei — sentou-se. — Quem sabe um dia ele não se apaixona e me esquece.

— Isso não vai acontecer. Henry é um canalha, nunca irá amar ninguém de verdade — fechou o punho e respirou fundo. Encarou sua amada e a tocou nos lábios. — Tive vontade de dar um murro nele quando ele te beijou.

— Desculpa por tudo. Eu que te envolvi nisso. Eu deveria ter imaginado que ele nunca permitiria que eu me envolvesse com alguém — abaixou os olhos.

— Você não tem culpa — pegou-a pelo queixo. — Eu que não sei como você conseguiu

viver tantos séculos ao lado dele. Pena que te conheci só há 70 anos — beijou-a levemente no nariz. — Os melhores 70 anos da minha vida.

— Mesmo tendo que ser praticamente escravo do Henry?

— Faça de tudo para ter você perto de mim.

Seus lábios voltaram a se encontrar e dessa vez demoraram muito para se soltarem. Ambos sabiam que era arriscado demais ficarem juntos naquele momento, ainda mais com Henry no prédio. Contudo, o desejo falou mais alto e a razão não foi o suficiente para impedi-los de matarem a saudade dos beijos um do outro, das carícias um do outro, do corpo um do outro...

Farell levantou-se e se vestiu, não se esquecendo de passar um pouco de sangue humano no peito para disfarçar o cheiro da vampira. Kate continuava deitada, mas suspendia a cabeça com a mão para fixar com atenção seu amado. Ele sentou-se na cama para colocar os sapatos e quando terminou, despediu-se dela com um beijo. Andou até a porta e a abriu poucos centímetros, o suficiente para farejar o ar e sentir se tinha ou não alguém por perto. Após ter certeza de que ninguém o veria, deixou o quarto de Kate. Caminhou apressado pelo corredor e só respirou aliviado ao chegar no elevador. Pensou que poderia ter a madrugada de folga, porém se enganou. Nesse momento seu celular tocou e ao pegá-lo viu uma mensagem de Henry pedindo que fosse até ele. Farell bufou e apertou outro botão que o levaria para o décimo nono andar.

Aproximou-se da porta do dormitório do líder e bateu. Ouviu-o falando que poderia entrar. Ao passar pela entrada, Farell viu a jovem de antes deitada na cama coberta por um lençol. Percebeu que ela tremia muito e tinha os pulsos com marcas de presas.

— Chame alguém para levá-la daqui — disse Henry. — Ela perdeu muito sangue e está fraca.

Farell não discutiu. Pegou o celular e teclou alguns números. Quando a pessoa do outro lado atendeu, ele pediu para que subissem para buscar a moça. Avisou também que ela precisaria de cuidados. Desligou o aparelho e foi até a jovem. Além dos machucados no pulso, havia também no ombro esquerdo e no pescoço. Do último ferimento ainda esvaia sangue. Agachou-se e pegou do chão uma camiseta que ela vestia e usou-a para estancar o ferimento.

Após poucos minutos, dois sujeitos entraram no quarto e levaram a jovem com eles. Logo que saíram, Farell perguntou:

— Por que o milorde as trata tão mal? Deveria presar pela vida delas já que são seus brinquedinhos.

— Como você mesmo disse, elas são *meus* brinquedinhos e eu cuido delas como eu

quiser. Algum problema com isso? — a resposta veio parar na ponta da língua de Farell, mas ele a engoliu e negou com a cabeça. — Melhor assim — Henry andou até a janela e olhou para fora.

— Posso me retirar? — indagou Farell instantes depois.

— Não — virou-se para ele. — Quero saber se você ainda tem algum interesse na Kate.

— Nenhum, milorde — a resposta veio rápida e sem hesitação. — Ela e eu não temos absolutamente nada. Mas por que a pergunta?

— Só lembrei de vocês naquela noite. A primeira e última — falou pensativo.

— Foi apenas coisa de momento. E só cedi aos desejos dela porque ela é mais poderosa do que eu e pensei que se recusasse, algo de ruim aconteceria comigo. Mas foi apenas isso. E ela também nunca sentiu nada além de desejo. Tudo não passou de sentimentos embaralhados.

— Não sei, mas às vezes acho que ela não aceita ser minha.

— Ela já não é? Não a vejo recusá-lo em nenhum momento.

— É, mas acho que ela não está se entregando totalmente — deu de ombros — Fazer o que, né? Ela é minha e não será de mais ninguém.

— Sim, milorde. Concordo plenamente. Vocês estão juntos há séculos e devem permanecer assim para todo o sempre.

— Eu também acho — sorriu. — Pode se retirar agora. Amanhã quero você na sala de reuniões para recebermos o Jean.

Farell assentiu e saiu. Andou em passos apressados até seu quarto e quando lá chegou a primeira coisa que fez foi socar a parede. Odiava Henry, odiava a forma como ele tratava Kate. Deu mais um soco. A impotência percorreu seu corpo. Não era capaz de fazer nada contra o líder do Conselho, nada! Outro soco. O pior era ver a mulher que amava nos braços dele e achar aquilo a coisa mais normal do mundo. Colocou as mãos nos cabelos e os puxou. Não suportava mais tudo aquilo, precisava tomar uma providência, mas o quê? Era um vampiro jovem demais para sequer fazer um arranhão em Henry. Não conseguiria fazer nada. A não ser continuar a servi-lo e vê-lo se apossando de toda e qualquer mulher, incluindo a sua.

Capítulo 24

Da mesma forma como fizera na noite anterior, Kate foi ao aeroporto, dessa vez buscaria Jean. Aguardou pouco tempo até poder vê-lo passar pelo portão de desembarque. Ela sorriu. Achava engraçada a forma como os vampiros mudavam de aparência no decorrer dos anos. Conhecera Jean quando ele ainda tinha os cabelos compridos e sempre os amarrava com fitas. As roupas que usava sempre foram impecáveis em cada detalhe e variavam nas cores. Agora, em pleno século XXI, ele fazia uso de um corte mais moderno, com laterais da cabeça bem curtas e em cima o cabelo castanho tinha mais volume. Possuía também um pequeno brinco de argola na orelha esquerda. Suas roupas eram sempre pretas e ele nunca perdia a elegância. O blazer escuro deixava à mostra a camisa azul-marinho. A calça jeans escura combinava perfeitamente com o sapato. E não podiam faltar alguns acessórios: o cachecol em volta do pescoço e os óculos de sol.

Jean sorriu quando chegou perto de Kate, retirou os óculos e a fitou com os olhos castanho-esverdeados.

— Você não irá me levar para a execução, não é? — seu inglês possuía um leve sotaque.

— Como você descobriu? — sorriu. — Por mais que Henry não tenha gostado dessa reunião, ele não mandaria matá-lo. Pelo menos eu acho que não.

— Mas creio que depois dela, ele irá — riu. Estendeu o braço para que ela enlaçasse o seu. — Vamos?

Kate adorava aquele cavalheirismo de Jean. Passou seu braço pelo dele e ambos iniciaram um caminhar tranquilo pelo aeroporto. O trajeto até a sede do Conselho foi realizado dentro do tempo estimado e logo que chegaram, dirigiram-se para o último andar. Na sala de reuniões estavam Steven, Farell e Henry. Este último acomodava-se em seu trono dourado. Steven sentava-se ao lado e Farell permanecia em pé atrás de Henry.

— Como é bom vê-lo aqui, Jean Pierre — falou Henry. Percebia-se a ironia na sua voz. Levantou-se. — Sente-se — indicou a grande mesa retangular ao centro do cômodo. Henry sentou-se na cadeira da ponta.

— Obrigado — agradeceu acomodando-se ao lado do líder.

— Sente-se ao meu lado, Kate — Henry indicou a cadeira a seu lado esquerdo.

A vampira hesitou, porém resolveu não bater de frente com ele. Quando sentou, ele pegou suas mãos e as acariciou.

— Posso saber o motivo dessa reunião? — indagou encarando Jean.

— Claro que pode — colocou sobre a mesa uma pasta que trouxe consigo e a abriu, retirando papéis logo em seguida. Estendeu-os para Henry. — Esses são os números de pessoas

desaparecidas na Europa nos últimos 50 anos — apontou para um gráfico no qual havia todos os países e o número de desaparecidos. Seguiu-se abaixo dados mais específicos de cada país, como épocas de maiores desaparecimentos, gêneros dos desaparecidos e idade. Jean passou para outros papéis e apontou para outro gráfico. — Aqui é a quantidade de corpos encontrados — nos demais países a quantidade era quase zero e na Inglaterra e em países da Grã-Bretanha era altíssima. Abaixo também notavam-se descrições do estado que tais defuntos foram encontrados e em alguns dos casos da Inglaterra, os falecidos tinham marcas no pescoço.

— O que você quer com isso? — Henry perguntou sacudindo os papéis.

— O que você acha, Henry? Vim aqui para te mostrar que o seu modo de vida está desequilibrando as coisas para a nossa espécie e nos expondo cada vez mais para os humanos. Se eu conseguirei reunir tais dados, qualquer um pode fazer isso.

O vampiro loiro amassou as folhas e as jogou no chão. Mirou friamente os olhos do francês.

— Faço o que bem entender no meu país.

— Então quer dizer que eu também posso falar aos meus subordinados que a partir de agora eles não precisam mais esconder suas vítimas e que podem deixar as marcas das presas?

— Os demais países devem continuar da forma que estão, seguindo todas as regras.

— Por que só vocês, Henry? Por que só vocês tem essa liberdade de caça? Você sabe muito bem que qualquer vampiro gostaria de viver desse modo. Vocês sequer tem estoque de sangue, não usam as bolsas. Isso sem contar toda essa bagunça. Acha que eu não sei dos corpos que encontraram no Tâmesa recentemente? E dos cadáveres que você coleciona no seu castelo na Irlanda? E...

— Cale-se! — gritou. Colocou-se em pé e pegou Jean pelo pescoço, fazendo com que ele também se levantasse. Os olhos azuis de Henry ficaram vermelhos. — Já disse que faço o que eu quero do Conselho Inglês. Quem você pensa que é para vir até aqui e me enfrentar desse jeito? Vá cuidar do seu país e fazer com que todas as regras sejam cumpridas lá.

Jean também acendeu seus olhos. Segurou o braço de Henry e apertou deixando o líder sem muita força na mão e com isso afrouxando a pressão sobre sua garganta.

— Você não pode mais viver desse jeito — alongou suas presas para fora da boca. — Você sabe muito bem que algum dia isso vai estourar e a partir daí toda nossa espécie estará perdida — puxou-lhe o braço para o lado tirando-o de seu pescoço. — Não seja obcecado pelo poder e olhe ao seu redor. Que merda você quer fazer com os vampiros? Quer nos extinguir?

— Eu criei o Conselho e todas essas regras. Posso muito bem moldá-las do modo que eu quiser. Agora, se você quiser continuar vivo, é melhor calar-se.

— Você estaria iniciando uma guerra caso me matasse.

— E você acha que me importo?

Henry fixou seus olhos no ombro de Jean e em menos de um segundo o braço direito dele saía voando e espirrando aquele sangue espesso por todos os lados. O vampiro francês caiu para trás urrando e com a mão no ferimento. Nessa hora Kate correu até o membro solto e o pegou, levando-o para Jean, ajudando-o a colocar no lugar para que pudesse ser colado novamente ao restante do corpo.

— Seu miserável — falou Jean. — Isso não ficará assim.

— E posso saber o que você fará? Deixe-o aí, Kate, e venha comigo — ela o olhou com vontade de negar a ordem. Mas ele não estava em um dia em que ela poderia desprezá-lo. Saiu de perto de Jean e parou ao lado de Henry. — Você tem dois dias para deixa a Inglaterra e nunca mais voltar — disse, fitando Jean.

Puxou Kate pela mão e a fez percorrer o mesmo caminho que o seu. Ela ainda olhou para trás a tempo de ver Farell encará-la com piedade nos olhos antes de desviar o olhar para Jean e ajudá-lo com o ferimento.

Kate foi jogada sobre a cama do quarto de Henry. Ele ainda andou de um lado para o outro antes de dizer:

— Você passará a noite comigo hoje.

— Mas, Henry, eu ia...

— Ia o quê? — perguntou zangado. Ela engoliu em seco.

— Nada, nada.

— Não se esqueça que você pertence a mim.

— Nunca me esquecerei. Ficarei ao seu lado por toda a eternidade.

Fechou os olhos e deixou que ele a beijasse.

Capítulo 25

Para alguns aquele ano passou mais rápido que o vento. Para outros, demorou uma eternidade. Houve também aqueles que sequer o viram passar, pois tiveram seus corações arrancados do peito e devorados. A última coisa que essas pobres pessoas viram antes de deixar esse mundo, foram olhos num azul-petróleo penetrante, depois disso, seus próprios olhos se fechavam e só passaram a ver a escuridão.

Naquele ano o número de mortes e desaparecimentos mais que dobrou em terras brasileiras. Eram desde recém-nascidos até idosos. O importante era que tivessem um coração pulsante, apenas isso. As criaturas do submundo — agora não mais criaturas horrendas e sim pessoas que ultrapassavam os limites da beleza — infiltraram-se entre os humanos e os consumiram. Contudo, não foi só de corações e sangue que se alimentaram, todos os sentimentos ruins que as pessoas mantinham dentro de si ajudavam aquelas criaturas a recuperarem mais rápido suas forças. A dor, o sofrimento, o medo, a inveja, a avareza, o ódio e o preconceito eram um prato cheio para tais seres. Quando eles se aproximavam de pessoas que nutriam algo do tipo, tudo triplicava. E esse foi o estopim para que alguns cometessem crimes dos mais hediondos.

Houve assaltos, violências físicas e mentais, abandonos e assassinatos. Os poucos humanos que conseguiram se manter vivos após as criaturas cruzarem seus caminhos, foram presos por algum crime e diante do juiz choravam desesperadamente e se arrependiam de tudo que fizeram, alegavam que estavam fora de si, sem controle sobre os próprios atos. E claro que ninguém acreditava em bandidos, estupradores e em assassinos a sangue frio. Eles foram jogados em celas de presídios de segurança máxima, pois se fossem colocados com outros presos, não ficariam vivos até a hora do banho de sol. Isso sem contar que os populares gritavam para o mundo que aquilo era mais um motivo para o Brasil possuir pena de morte. O ódio que sentiam os cegavam, impedindo-os de olhar para a razão. E lógico que as criaturas do submundo adoravam tudo aquilo.

Homens e mulheres de longos cabelos negros e olhos azuis rodaram por todo o Brasil, levando para onde passavam a destruição de pessoas e lares.

Agora, após um longo e adorável ano, encaminhavam-se a São Paulo para que pudessem cumprir o acordo feito com os vampiros.

Puxou a grande mala de cima do guarda-roupa e a colocou sobre a cama. Começou a dobrar as peças de roupas que já tinha escolhido e as colocar dentro da mala. Quando terminava,

Augusto adentrou o cômodo. Samantha olhou para ele e sorriu, voltando ao trabalho logo em seguida. O vampiro ainda ficou parado e fitando sua amada por um tempo indeterminado. Por fim andou até ela, abraçou-a por trás e a beijou na nuca. Ela virou-se e seus lábios se encostaram.

— Que cara é essa, Augusto? — perguntou Samantha o tocando no rosto.

Ele mantinha a feição séria, e a vampira conseguia perceber que algo estava errado.

— Você tem certeza de que quer ir para Londres? — indagou ele.

— De novo esse assunto? — irritou-se um pouco. Deu-lhe as costas e continuou a arrumar a mala. — Já disse que vou e não quero mais ouvir você falar disso, estamos entendidos?

Ele não respondeu. Caminhou até uma mesa ao canto e encheu um copo com uísque. Sorveu a bebida em um só gole. Voltou a preencher o recipiente de vidro e bebeu de uma vez.

— Você não vai encher o nariz de bebida agora, vai? — repreendeu Samantha.

Augusto sorriu de canto de boca e se aproximou dela. Beijou-a calorosamente antes de dizer:

— Vou ficar muito bêbado hoje — ela abriu a boca para contradizê-lo, porém ele colocou o dedo indicador nos lábios dela —, mas antes disso irei para a reunião com os outros. Você vem?

Samantha assentiu e seguiu o vampiro para fora do quarto. O prédio do Conselho brasileiro possuía muitos hóspedes naquela noite, pois todos os chefes de Estados foram convocados novamente para uma última reunião antes de partirem para a Inglaterra. Augusto e Samantha adentraram a imensa sala de reuniões, acomodaram-se nas cadeiras e aguardaram os demais vampiros chegarem. Miguel, Açucena e Caramuru foram os últimos a aparecerem. Logo que o líder do Conselho se acomodou, começou a falar:

— Não irei me alongar muito no assunto, todos aqui sabem o motivo da reunião, por isso só quero confirmar a presença daqueles que irão para Londres — puxou para perto de si um papel sobre a mesa e apertou o botão da caneta. — Quero os nomes.

— Eu vou — Endo, o chefe do Paraná, foi o primeiro a se pronunciar. Miguel o analisou minuciosamente antes de baixar a cabeça para escrever o nome dele no papel.

— Eu também — dessa vez foi Michele, a chefe do Rio Grande do Sul, quem falou.

— Pode colocar meu nome — disse Niara. — E o do Abel também.

— Eu também vou — falou Rosário, chefe do Maranhão.

— Coloca o meu — Cleiton ergueu a mão. — Isis também irá comigo.

— Vou adorar fazer parte disso — comentou Demétrio, chefe de Tocantins.

Fez-se silêncio.

— Mais alguém? — indagou Miguel. Não obteve resposta. — Ótimo. Quero que os demais fiquem em alerta durante todo o período que ficarmos na Europa. Eles podem tentar fazer algo em nossas terras — voltou a fixar o papel e a escrever mais nomes. — Arthur, Cristiane e

Donizete também irmão — escreveu o nome deles. — Assim como Augusto, Samantha, Anderson, Rafaela e Karen. E claro, Açucena, Caramuru e eu — contou os nomes. — Seremos dezenove. Acho que é um bom número.

— E as criaturas? — questionou Endo.

— Elas devem estar a caminho — respondeu Miguel não tão seguro assim. — Mas enfim, Açucena, Caramuru e eu iremos amanhã para Londres. Os demais irmão ainda essa semana, mas em dias e horários diferentes. Não quero que ninguém perceba nossa chegada lá — todos assentiram.

Miguel ameaçou dizer mais alguma coisa, no entanto, foi interrompido por uma fumaça escura que se formou na sala. A atenção de todos se direcionou para trinta pessoas que apareceram do nada. Os cabelos lisos e pretos eram iguais para todos, mas agora cada um tinha um corte distinto. Não mais usavam aqueles mantos negros e sim roupas modernas dos mais variados modelos e cores. Um dos homens à frente andou até a mesa e deu um largo sorriso para Augusto, o vampiro estava cada vez mais certo de que aquele era uma das criaturas de Leme.

— Como é bom vê-los reunidos e planejando — falou o sujeito.

— Cheguei a pensar que vocês não viriam — comentou Miguel.

— Não se preocupe, líder do Conselho. Nós cumprimos nossa palavra — falou sorrindo para Miguel. — Então, como anda o plano?

— Já estamos organizados. Só precisamos saber como vocês... você... — hesitou. — Uma pergunta. Iremos nos referir a vocês como?

— Já tivemos alguns nomes — continuava sorrindo. — Antes éramos apenas humanos e depois que Henry nos transformou, mudamos de nomes, éramos os Servos do Conselho.

— Como assim “depois que Henry nos transformou”? O que aconteceu? — Miguel franziu o cenho e arqueou uma sobrancelha.

Os demais vampiros presentes também mantinham toda a atenção na criatura, esperando pelo relato de uma história que não conheciam.

— Deixe-me dizer meu nome primeiro. Chamo Kendrick e nasci no que é hoje a Inglaterra. Não tenho certeza da minha idade, pois naquela época não contávamos a idade como hoje. Sei apenas que nasci mais ou menos uns 120 anos antes da criação do Conselho dos vampiros. Provavelmente entre os anos de 700 e 800 — percebeu a surpresa nos olhos de todos. Sabia que as criaturas eram mais antigas que qualquer vampiro brasileiro. — Mas enfim, somos todos dessa época. Vivíamos em pequenas vilas no interior do país, como simples camponeses até que Henry apareceu. Não sei se vocês sabem, mas as bruxas nascem naturalmente em qualquer lugar do mundo — fitou Açucena que confirmou com a cabeça. — São um tipo de energia boa para proteger os humanos dos tempos de trevas. Não sei exatamente como funciona

isso, só sei que elas sempre existiram. Naquela época, Henry sempre tinha uma bruxa com ele para que o servisse. E cada vez que uma delas morria, ele ficava furioso, pois teria que ameaçar outra família humana e levar consigo uma jovem bruxa. E não era fácil encontrá-las. Ele até tentou forçá-las a se reproduzir, mas as bruxas são totalmente imunes a gravidez quando são pegas a força. Assim, já cansado disso, resolveu criar seres que o serviriam por toda a eternidade. Henry percorreu todo o país em busca de pessoas bonitas. Sabe como é, pessoas de boa aparência conseguem se aproximar mais facilmente de outras. Ele chegava nas vilas e escolhia os humanos como se estivesse prestes a adquirir um cavalo: olhava todos os dentes. Quem possuía uma boa aparência e a arcada dentária perfeita, era levado. Se não me engano, foram reunidos cerca de mais de 100 humanos.

— Ele queria criar um exército — falou Açucena. Kendrickaniu.

— Fomos colocados em um enorme buraco no meio da floresta e lá deixados por semanas. Não sabíamos o que aconteceria. Passamos fome, frio e muitos morreram durante essa preparação. Quando Henry apareceu, apenas mandou que os mortos fossem tirados do meio de nós e continuou com a preparação. Os defuntos foram fatiados e as carnes jogadas para nós comermos. Muitos hesitaram, porém a fome era tanta que nos alimentamos de carne humana. Depois disso só foi piorando. Henry não dava água para bebermos e sim sangue. Nos tornamos verdadeiros canibais. Só ainda não tínhamos ódio o suficiente para a transformação. Assim ele nos contou que só ficaríamos vivos os mais fortes. Passamos a nos enfrentar em lutas, na qual o vencedor seria aquele que matasse o outro e se alimentaria do coração ainda pulsante de seu oponente. Vocês podem imaginar o tratamento de choque que tivemos? — não havia nenhum sinal de tristeza em seu rosto, apenas um sorriso maligno, um ar de satisfação. — Com isso o número de nós caiu pela metade, sem contar aqueles que morreram durante nossa nova dieta. Acabamos virando humanos que possuíam apenas a maldade dentro de si, sinal de que estávamos prontos para o próximo passo. A bruxa de Henry, junto com mais algumas outras, foram forçadas a nos transformar no que somos hoje. Claro que ninguém sabia o que realmente seríamos, mas Henry só queria que tivéssemos um pouco de força e fôssemos imortais. Mas durante o ritual alguma coisa deu errado, ou certo, e acabamos indo ao inferno e voltando com presentinhos do próprio diabo. Muito brincalhão aquele sujeito — gargalhou. — Nessa nossa viagem, adquirimos outras habilidades que nem as bruxas e nem Henry poderiam imaginar — tocou com a mão os cabelos negros que iam até os ombros e os trouxe para frente, mirando-os. — Na transformação, nossos cabelos claros ficaram pretos e nossos olhos adquiriram esse azul penetrante — sorriu. — Essa é nossa história.

— Por que vocês não estão ao lado de Henry? E por que ele permitiu que as bruxas os prendessem? — indagou Endo.

— Você realmente acha que deixaríamos tudo bem para o Henry depois do que ele nos

fez passar? Não, não deixaríamos. No entanto, não tínhamos força suficiente para derrotá-lo. Desse modo, continuamos servindo-o por muitos anos e sempre pensando em uma vingança. Mas Henry não abandonou as bruxas, como pensávamos que iria fazer. E só elas eram capazes de sentir nossa real força. Conseguimos por muito tempo mantê-las longe. Até mesmo quando ocorreu aquela guerra entre os vampiros favoráveis ou não à construção de uma organização. Laurent só não conseguiu derrotar Henry porque estávamos do lado dele, se não fosse por nós, o Conselho que vocês conhecem não existiria. Depois que Henry estabilizou o Conselho, as bruxas começaram a pôr suas garras de fora e a nos perseguir, pois sentiam algo de diferente em nós. Não podíamos permitir que elas estragassem nossos planos e como nenhum ser maligno pode matar uma bruxa, resolvemos que mandaríamos os próprios humanos cuidarem disso. E foi desse modo que começou a Inquisição. Elas passaram mais de 500 anos fugindo daqueles que deveriam proteger e o engraçado era que elas não podiam lutar contra eles, pois as bruxas não podem matar humanos — gargalhou mais uma vez. — Depois de alguns séculos conseguimos controlar os vampiros também, mas isso tinha um limite. Não conseguimos controlar o Henry em hipótese alguma, por isso resolvemos atacar os mais fracos — mirou Caramuru nos olhos. — Mas aí começamos a achar engraçado ver os vampiros se matando e decidimos nos divertir um pouco e nos espalhar — olhou para trás e indicou um rapaz de cabelos curtos. — Foi o Huxley que veio ao Brasil e controlou você — encarou Caramuru. — Você se lembra?

— Não lembro de quase nada daquela época — falou o índio secamente.

— Imagino mesmo. Infelizmente só conseguimos controlar um vampiro por vez. Contudo, ficamos tão absortos em nossa diversão que não percebemos que as bruxas restantes estavam se organizando e se movendo. Não as vimos saindo da Europa e vindo para o Brasil, só nos demos conta do que iria acontecer quando fomos tragados pela terra. Fomos divididos e presos onde vocês já sabem, nossa forma humana ficou trancafiada dentro de nós e passamos a ter aquela figura horrenda.

— E como vocês conseguiram fazer tudo o que fizeram? Desde mandarem aquele sonho para mim e trazer o Henrique de volta? — foi a vez de Augusto se pronunciar.

— Augusto — mais um largo sorriso se mostrou no rosto de Kendrick — Sabia que eu sempre gostei da sua presença? Mas enfim, mesmo presos, nós sempre vimos o mundo lá fora e assim que surgiu uma brecha, resolvemos atacar. Você sempre teve uma boa sensibilidade, Augusto, e quando virou um vampiro, ficou ainda mais acessível a nós. A morte de Henrique foi o seu ponto de desequilíbrio emocional, o que o deixou mais vulnerável. E foi assim que conseguimos entrar em contato com você — deu de ombros. — O resto você sabe.

— Então vocês me manipularam todo esse tempo? — seu punho se fechou para conter a raiva que começava a subir.

— Não se preocupe, Augusto — falou Kendrick — Em troca da sua ajuda, nós o tornamos um dos vampiros mais poderosos existentes. Creio que agora Henry será derrubado.

— Voltando ao plano — começou Miguel. — Açucena, Caramuru e eu iremos amanhã para Londres e os demais irão ainda essa semana. Quando vocês podem ir?

— A qualquer momento, mas preciso avisar que não iremos todos nós, pois isso chamaria muita atenção. Irão apenas Huxley, Louella e eu — uma moça com os cabelos negros, compridos e trançados apresentou-se com um aceno de cabeça. Kendrick continuou a falar: — Caso precisemos de mais gente, os outros irão. No entanto, creio que apenas nós seremos o suficiente.

— Faça do jeito que achar melhor — disse Miguel. Rasgou um pedaço do papel à sua frente e começou a escrever. Ao terminar jogou o papel no meio da mesa e avisou: — Fiz reserva nesse hotel, como não sabia quantos de nós iriam, aluguei todo o andar — ficou em pé. — A viagem demora um pouco mais de onze horas, por isso as passagens são de primeira classe para que possamos nos proteger do sol. Alguém quer perguntar alguma coisa? — todos negaram. — Ótimo. Então nos vemos em Londres daqui uns dias.

Capítulo 26

Analisou mais uma vez os gráficos antes de guardá-los com um suspiro na parte interna da pasta. Jean olhou ao redor prestando atenção em cada canto do quarto que residia no prédio do Conselho Inglês. Fechou a pasta e a colocou dentro de uma pequena mala. Antes mesmo de Kate aparecer, já estava pronto e aguardando. A vampira bateu na porta e recebeu o convite para que entrasse. Ela parou na entrada e encarou seu amigo. Sentia-se um pouco chateada por tudo que ocorrera entre Jean e Henry, porém não poderia fazer nada, apenas levar o francês para o aeroporto, pois se Henry o visse em Londres no dia seguinte, matá-lo-ia sem pensar duas vezes.

Jean levantou-se da cama e andou até a vampira, tocou em seu ombro e saiu do aposento. Kate o seguiu e em silêncio ficaram por todo o caminho até o aeroporto. Como ainda possuíam um pouco mais de uma hora até o embarque, acomodaram-se em cadeiras diante de uma mesa redonda de uma lanchonete. Kate pegou a mão de Jean e a apertou entre as suas.

— Desculpe pelo Henry — disse, olhando para baixo.

— Não se desculpe — com a outra mão tocou-a no rosto. — Você não tem culpa de ele ser desse jeito. Só quero que tome cuidado, pois as coisas não ficarão assim. Se for preciso convocarei todos os vampiros da França para invadir essa cidade e depor Henry do posto de líder.

— Você realmente pensa em fazer isso? — indagou surpresa.

— Penso e já possuo alguns... — não concluiu a frase.

Kate o fixou com o cenho franzido e percebeu que Jean mirava um grande grupo de pessoas, que pareciam ter desembarcado há pouco tempo. Só foi entender o motivo quando um trio despreendeu-se dos demais e andou apressado na direção oposta a saída do aeroporto. Nessa hora Jean ficou em pé e foi até eles. Kate foi atrás.

— Sinto a presença de uma cria minha à distância — comentou o vampiro caminhando rapidamente.

No momento do desembarque, Miguel, Açucena e Caramuru dirigiram-se apressados pelo aeroporto, pois precisavam se encontrar com Kendrick, que já estava em Londres e insistiu que os vampiros procurassem por ele assim que chegassem. Avistou o sujeito de cabelos compridos e negros parado no meio do corredor entre as várias lojas. Kendrick sorriu largamente quando eles se aproximaram.

— Podemos ir? — indagou o líder brasileiro ansioso, sua presença em Londres não

poderia ser descoberta por nenhum vampiro inglês, por isso precisavam sair de lá o quanto antes.

— Ainda não — negou Kendrick com a cabeça. — Teremos mais um aliado em breve — sorriu e se afastou deles.

Miguel ameaçou segui-lo e questioná-lo sobre tal assunto, porém antes de formular a pergunta, uma mão tocou-o no ombro.

— Faz séculos que não o vejo, Miguel — disse Jean e ao puxar ar para falar mais alguma coisa, a frase não saiu, pois sua atenção foi desviada para a presença de Caramuru.

Miguel, percebendo o que poderia vir a acontecer, avisou:

— Precisamos ir, Jean — deu-lhe as costas e iniciou os passos, no entanto, Jean foi atrás.

— Esse índio não deveria estar morto, Miguel?

— E você tem alguma reunião com o Henry? — Kate aproveitou para perguntar, já que sempre era informada de quando algum líder viria até a sede internacional.

Miguel respirou fundo. *Merda!* Era tudo o que precisava: a atenção de todos. Concentrou-se em suas emoções alteradas e as engoliu. Virou-se para Jean com a expressão mais neutra que conseguia fazer.

— Vim apenas a passeio. E bem, Caramuru não foi morto como você pode ver. Mas depois de mais de 300 anos isso não importa, não é? E o que você faz aqui? — hora de mudar o foco.

— Vim para uma reunião com Henry — informou, ainda olhando desconfiado para Caramuru. — Mas já estou de partida, Henry não quer mais minha presença na Inglaterra.

— Algum problema? — Miguel tentou parecer interessado no assunto.

— Alguns — deu de ombros. — Os mesmos de sempre: o Conselho da Inglaterra nunca seguirá as regras.

— O Miguel também questionou o Henry sobre isso em sua última visita — contou Kate atraindo todos os olhares.

— E o que ele falou para você? — indagou o líder francês.

A resposta malcriada de Miguel veio parar na garganta, mas não a pronunciou, pois Kate estava presente, e sabia do envolvimento dela com Henry.

— Nada de mais — disse secamente. — Agora se nos derem licença — inclinou a cabeça poucos centímetros para frente em uma discreta reverência, porém antes de se retirar, encarou Kate. — Peço para que você não comente nada sobre a nossa chegada com o Henry. Estaremos aqui só por alguns dias para mostrar a cidade ao Caramuru, partiremos o mais rápido possível.

A vampira concordou sem pensar muito sobre tal assunto. O que haveria de mais em não contar sobre aquilo para Henry? Jean ainda o fitou desconfiado não acreditando nas palavras de sua cria e por isso ameaçou questioná-lo, entretanto, uma figura de sobretudo preto, cabelos lisos

e compridos, parou ao lado de Miguel. Kendrick retirou os óculos de sol revelando seus olhos azul-petróleo e sorriu descontraído. Nessa hora Jean ficou sem reação.

— É um prazer revê-lo, Jean Pierre. Realmente faz séculos que não tenho a honra de encontrá-lo.

— Você... — deu um passo para trás. — Os Servos...

— Não, não sou mais servo de ninguém — Kendrick ainda sorria.

— Mas como... — Jean enrolava-se com as palavras. Após ter um mínimo de consciência do que acontecia, encarou Miguel com raiva nos olhos. — Eles estavam presos no Brasil, você os soltou!

Miguel passou as mãos no rosto e respirou fundo, porém, quando foi dizer algo, Kendrick não permitiu e tomou o turno de fala.

— Jean, não se altere — Kendrick tocou-o no ombro. — Minha volta e a dos meus irmãos tem um ótimo motivo — mirou Kate, que até o momento ficara em estado de choque, de modo que não conseguia sequer pensar por causa da presença do ser. — Vamos tirar Henry do posto de líder dos vampiros.

— O quê? — Kate saiu do transe e sobressaltou-se.

Kendrick piscou para ela e lhe pegou as mãos.

— Isso mesmo que você ouviu, Katherine — ela arregalou os olhos, ninguém a chamava assim há séculos. — Não precisa me olhar assim, você sabe mais do que ninguém que Henry não está cumprindo da forma que deveria as regras de vocês, não é? — beijou-lhe as costas da mão. — E eu também sei sobre o Farell.

Ela puxou sua mão da dele espantada demais para dizer algo. Como ele sabia sobre Farell? Seu amado era um vampiro de menos de 100 anos, era impossível que tal criatura o conhecesse.

— Não era o que você queria, Jean? — Kendrick virou-se para o francês. — Ajudarei vocês nessa empreitada. Porém, a sede do Conselho Internacional passará a ser no Brasil.

— E o que vocês ganham nos ajudando? — questionou o francês.

— Apenas nossa liberdade, foi esse o acordo que fizemos com Miguel. E não se preocupe que não influenciaremos humanos e nem vampiros, pois assim que tirarmos Henry do poder, as bruxas brasileiras irão refazer o feitiço que protegem vocês de nós. Não se preocupe.

Fez-se silêncio. Jean mirava Kendrick com a maior desconfiança do mundo, pois vira o que ocorrera quando tais criaturas passaram a controlar vampiros e humanos. Mas pensando no caso Henry, conseguia ver vantagens com a união de forças. Não se importava com a localização da sede do Conselho e sim com as regras que não eram seguidas pelos vampiros ingleses. Passou a mão no rosto e deu alguns passos pelo ambiente. Presentia algo de errado em tudo aquilo, o preço pela ajuda das criaturas era baixo demais. Queriam apenas a liberdade? Só

isso? Havia algo por trás, algo muito grave, no entanto, não era capaz de ver ou sequer deduzir. Chegou à conclusão de que o melhor mesmo seria ter Henry fora da posição de líder, porém ainda não confiava em Kendrick.

Parou à frente do sujeito de cabelos negros e lhe estendeu a mão. Kendrick a apertou firmemente.

— Não confio em você — falou Jean. — Porém aceito ajudá-los a depor Henry, desde que me provevem que após isso o feitiço será refeito.

— As bruxas irão fazê-lo, Jean — disse Miguel. — Esse foi o nosso acordo.

— Tudo bem — aceitou o francês. Soltou-se de Kendrick e virou-se para Kate. — O que você fará a respeito disso?

— Concordo com tudo isso, mas não posso sair de perto do Henry, ele irá desconfiar. Direi a ele que você embarcou e fingirei não saber de nada.

— Ótimo — animou-se Kendrick — Infelizmente depois que deixei o submundo não consigo mais ver as coisas em volta do mundo, só consigo saber do que acontece onde estou presente, mas eu sei que você não vai nos trair — sorriu para a vampira. — Você ganhará muito com a queda de Henry.

— Ganhar com o quê? — franziu o cenho. — Não sei de nada — piscou para Jean. — Boa viagem — beijou-o no rosto. — Adeus — com um leve movimento de cabeça despediu-se dos demais e caminhou para fora do aeroporto.

— Pelo menos ela tem senso de humor — comentou Miguel. — Podemos ir agora ou você quer que mais alguém nos encontre? — perguntou a Kendrick.

— Não, podemos ir agora.

Kate passou todo o caminho de volta ao prédio do Conselho pensando no que acabara de presenciar. Uma revolta contra Henry formava-se. No fundo sentia-se culpada por saber de tudo e não avisá-lo. Entretanto, seu ódio por ele e por tudo o que vinha fazendo com Farell só lhe dava mais certeza de que aquilo era o melhor a ser feito. Recordou-se de quando ainda amava-o, por incrível que pareça um dia amou Henry. No entanto, aquele amor durou apenas um pouco mais de 500 anos. Na época, ao perceber seus sentimentos, tentou dizê-los ao líder, que enfureceu-se com o assunto e ameaçou matá-la se cogitasse a hipótese de se envolver com outro ou deixá-lo. Sempre tivera muito medo de Henry, e por isso aceitou ser seu brinquedinho.

Mesmo acostumada com sua situação, vez ou outra, envolvia-se com algum humano, sempre tendo em mente que se Henry descobrisse, estaria morta antes que pensasse em fugir.

Sua relação com os humanos direcionava-se para o companheirismo e o sexo, e sempre que suas emoções começavam a mudar, ela os matava, pois temia se apaixonar por algum deles. Contudo, com Farell foi diferente. Ele soube desde o primeiro dia que ela era uma vampira e não se importou com isso, repetia que poderia morrer a qualquer hora e isso o fazia feliz porque tinha ao lado a mulher que mais amara no mundo, e morrer por ela seria maravilhoso. Kate apaixonou-se por ele e ao perceber isso tentou matá-lo, mas não conseguiu. Amava-o demais para isso. Dessa forma, decidiu transformá-lo para que vivessem juntos por toda a eternidade.

Grande erro.

Henry logo desconfiou de sua intimidade com o recém-vampiro e quando os pegou juntos, quase matou Farell apenas com o olhar, só não o fez porque Kate entrou na frente e recebeu o golpe proveniente da habilidade dele. Por ser mais antiga não morreu na hora, como aconteceria se Farell tivesse recebido o ataque, porém ficou muito debilitada e perdeu a consciência.

Despertou na outra noite ainda com buracos espalhados pelo corpo, porém mesmo em tais condições precisava saber o que Henry fizera com seu amado. Assim que saiu da cama, sorveu uma grande quantidade de sangue, levando à morte uma das mulheres humanas de Henry, conseguindo recuperar-se mais um pouco dos ferimentos, que ainda doíam. Saiu desesperada à procura do líder. Encontrou-o na sala de reuniões sentado em seu trono dourado e com Farell ao seu lado. Logo que entrou, Kate estarreceu não conseguindo entender a cena. Antes mesmo que pudesse ter pronunciado algo, Henry falou que não gostava de traições, mas admitia a culpa por ela estar precisando de sexo e por isso ter procurado por outro. Revelou que Farell lhe contara sobre o pedido que ela fizera para que apenas passassem algumas horas juntos e que ele, como um bom líder, entendeu. Porém, Farell pagaria por ter se deitado com sua mulher: a partir daquele dia seria seu servo pessoal por tempo indeterminado. Frisou também que se Kate procurasse por ele, primeiro o mataria na frente dela e depois a despedaçaria.

Kate compreendeu que Farell contou uma versão distinta dos fatos e em momento algum pensou em desmentir. Concordou com tudo e aceitou a mentira como verdade, e até culpou Henry por não dar-lhe a atenção que merecia, precisando assim buscar por aquilo em vampiros que cederiam aos seus encantos. O líder do Conselho não ficou contente com o comentário. No entanto, meneou positivamente a cabeça após a fala da vampira. Kate chegou a pensar que o convencera e antes que pudesse se retirar, ele a questionou se o amava ou a Farell. Ela não titubeou ao dizer que Farell não passara de uma aventurazinha, que seu amor sempre seria de Henry, por toda a eternidade.

Sentia ódio de si mesma ao se recordar daquilo. Por mais que soubesse que se tivesse batido de frente com Henry em tal momento não estaria viva, ainda sim arrependia-se por ter usado aquelas palavras, que foram o suficiente para afastá-la de Farell por 30 anos. Contudo,

após uma viagem de Henry na qual ele não levou o vampiro, o casal voltou a se entender; mesmo que seus encontros fossem secretos e incertos, decidiram ficar juntos.

Após tantos anos, agora conseguia ver uma luz no fim do túnel, finalmente poderia viver intensamente seu amor com Farell. Porém, saber que Henry seria morto não a deixava completamente feliz como deveria. Balançou a cabeça. Ele merecia tudo o que viria a acontecer, sequer cogitaria hipótese contrária.

Deixou o carro no estacionamento subterrâneo do edifício e encaminhou-se para a sala de reuniões. Assim que entrou no elevador, respirou várias vezes profundamente, não queria demonstrar que algo estava errado. Adentrou a imensa sala vendo Henry em seu trono com Steven ao lado direito e Farell em pé ao lado esquerdo. Como sempre fazia, não trocava olhares com seu amado, tratava-o como invisível.

— Ele embarcou? — indagou Henry.

— Sim — andou até o assento destinado a ela: do lado esquerdo e no momento, próximo demais de Farell. Continuou indiferente a ele e se acomodou. — Você nunca mais será incomodado pela presença de Jean.

— Melhor assim — estalou o dedo e indicou um bar ao canto. Farell entendeu o recado e foi até o local preparar uma bebida ao líder.

Um nó na garganta de Kate se formou ao presenciar seu amado obedecendo as ordens de Henry. Tentou controlar a língua, só que não conseguiu.

— Até quando você vai manter o pobre coitado como escravo? Já não está bom esses 70 anos?

— Está preocupada com ele? — franziu o cenho.

— Não é preocupação, só me sinto culpada por você fazer isso com ele, a culpa é toda minha e você sabe disso. Liberte o rapaz e o deixe viver normalmente como um de nós.

— Só quando atingir 100 anos de servidão — Farell se aproximou e lhe entregou o copo com uísque. — Você não acha que 100 anos são o suficiente para você pagar o que fez? — perguntou ao vampiro.

— Sim, milorde. Concordo plenamente — falou Farell inclinando a cabeça sem expressar nenhuma emoção e permanecendo parado ao lado do trono de Henry.

— Viu? Ele sabe que estou certo — Henry piscou para Kate e com um único gole bebeu todo o conteúdo do copo.

— Faça o que achar melhor, não me importo — colocou-se em pé e andou até a grande mesa ao centro da sala. Pegou uma agenda e foi para perto de Henry. — O líder americano quer uma reunião — avisou abrindo a agenda. — Posso marcar para daqui duas semanas?

— Marque para daqui dois meses.

— Dois meses? — fechou bruscamente a agenda. — Você sabe que não posso fazer isso. Ele quer a reunião o mais rápido possível. E você não tem nada marcado para daqui duas semanas.

— Não quero me encontrar com nenhum outro líder pelos próximos dois meses. Os que estão agendados pode desmarcar e remarcar para depois.

— O que é isso, Henry? Desistiu da sua posição de líder?

— Apenas não quero me encontrar com eles — levantou-se. — Faça o que estou mandando e não me questione — mirou Farell. — Leve uma humana aos meus aposentos — entregou o copo para seu servo e deixou o cômodo.

Kate e Farell trocaram ligeiros olhares antes de ele sair da sala. A vampira respirou fundo e se deixou cair sentada no trono do líder.

— Ele não gosta que você sente aí — advertiu Steven.

— Não me enche — jogou a agenda no colo dele. — Vê se faz alguma coisa importante e ligue para os líderes dos Estados Unidos, Japão, África do Sul e Canadá e avise que nosso querido chefinho está de TPM e só os receberá daqui dois meses.

— Não tenho que fazer isso, é trabalho seu.

— Estou farta das mudanças de humor do Henry, eu também preciso de um tempo para pensar — levantou-se. — Vou para o meu quarto.

Deixou o vampiro sozinho e se direcionou para os seus aposentos. Assim que entrou, jogou-se na cama e fitou o teto. Várias coisas começaram a lhe rondar a mente, só que foi desperta de seus devaneios pelo vibrar do celular. Pegou o aparelho e constatou o recebimento de uma mensagem de Farell falando que Henry ficaria bem ocupado a partir daquele momento. Ela sorriu de canto de boca e respondeu o recado apenas com um OK e com a palavra quarto. Não demorou mais que um minuto para a porta de seu quarto abrir e ele passar por ela apressadamente, trancando-a logo em seguida. Kate continuou deitada e Farell veio até ela, parando em cima dela e com os rostos bem próximos.

— O pobre coitado chegou — falou ele sorrindo.

— Eu preciso tanto de você — segurou-o pela nuca e o puxou para um beijo apaixonado.

Encostaram seus corpos e iniciaram as carícias que Kate não deixou que se prolongassem, pois precisava informar seu amado do que ocorrera entre Miguel e Jean. Farell ouviu seu relato com atenção e ao fim abraçou-a fortemente, dizendo que finalmente ficariam juntos. Kate pensou em dizer que não seria nada fácil, mas deixou aquilo de lado, o tempo que tinham juntos era curto demais para entrarem em discussões muito complexas. Concordou com as palavras dele e o beijou.

As roupas mal tocaram o chão quando o celular dele vibrou. Uma mensagem de Henry.

Farell saiu da cama, desanimado. Recolheu suas roupas e antes de vesti-las pegou um vidrinho com sangue de uma das gavetas do guarda-roupa de Kate. Desroqueou o recipiente e deixou que uma gota caísse em seu peito. Espalhou o líquido, tomou um gole e guardou-o novamente.

— Ainda bem que o sangue humano tem um cheiro forte — comentou enquanto se vestia. Quando terminou, olhou para sua amada percebendo sua fisionomia triste. Foi até ela e encostou seus lábios. — Vai dar tudo certo, tenho certeza. Agora preciso ir.

Kate assentiu e viu o homem que a amava sair de seu quarto para servir aos caprichos do líder. Não importava quantos anos passassem, nunca se acostumaria a ver Farell ser escravo de Henry daquela forma. E tudo era sua culpa. Respirou fundo. Se o golpe desse certo, Miguel e Jean o derrubariam e com isso se veria livre de tudo aquilo para sempre. Torcia para que tudo desse certo.

Capítulo 27

Foram os últimos a deixarem o Brasil e Augusto ainda tentava convencer Samantha a não participar de tal confronto. As palavras dele entravam por um ouvido e saíam pelo outro. A vampira não mudaria de ideia por nada desse mundo. Dessa forma, assim que desembarcaram no aeroporto, Augusto prometeu a si mesmo que sua prioridade seria proteger Samantha e que o Conselho viesse depois.

O casal entrou em um táxi e se dirigiram para o hotel indicado por Miguel. Durante o trajeto, Samantha não tirava os olhos da janela, admirando a cidade. Augusto sorriu de canto de boca por causa do entusiasmo dela e se sentiu culpado por nunca tê-la levado para viajar. Deveria ter feito tudo diferente. Só que agora não podia mais e ainda por cima a vida dela estava em risco do mesmo modo que a sua. Decidiu não pensar mais sobre aquilo e resolveu contar à sua amada das vezes que já viera a Londres.

O trajeto demorou alguns minutos e assim que chegaram ao hotel de destino, já foram encaminhados para seus aposentos no andar que Miguel mandara reservar. O rapaz que levava as malas, não fora autorizado a pisar no andar, por isso os acompanhou até o elevador e quando desceram, ele os ajudou a tirar a bagagem do elevador e despediu-se. Augusto e Samantha encaminharam-se para o quarto, deixaram as malas e foram procurar por Miguel e os demais.

Adentraram num quarto adaptado para uma sala de reuniões e encontraram todos reunidos. O ex-líder de Leme alarmou-se ao avistar um vampiro que nunca vira antes, porém acabou não dando tanta importância. Agora, com a chegada de Samantha e Augusto, eram vinte vampiros e três criaturas. Logo que os viu entrar, Kendrick sorriu largamente para Augusto. O vampiro, por outro lado, não retribuiu o afeto. Ainda se incomodava em relação às criaturas, como se estivessem aprontando algo que infelizmente ele não conseguia descobrir o quê. Até o momento as criaturas cumpriam todos os acordos e em nenhum momento ameaçaram não o fazerem. Mas a sensibilidade de Augusto o cutucava de dentro para fora, deixando-o sempre em alerta e assim o ficaria até que tudo aquilo chegasse ao fim.

Miguel indicou um lugar próximo a si para que Augusto e Samantha se acomodassem. O casal aceitou a sugestão e se sentaram à grande mesa redonda. Antes que a reunião começasse, os vampiros recém-chegados serviram-se de copos com sangue. Doses depois, Miguel falou mirando Augusto:

— Primeiro quero lhe apresentar Jean, foi ele quem me transformou — Augusto meneou a cabeça em cumprimento ao francês, que retribuiu o gesto. — Ele ficará do nosso lado, pois também não concorda com as ações do Conselho Inglês.

— E como agiremos a partir de agora? — indagou Augusto.

— Henry possui muitos subordinados humanos e vampiros — informou Jean em seu inglês com sotaque. — A maioria dos humanos estão infiltrados em cargos de poder aqui na Inglaterra, os que não estão, são aqueles que o servem diretamente, como empregados e os poucos doadores de sangue. Já os vampiros, a maioria deles têm mais de cinco séculos de existência, muito mais do que a maioria de vocês — passou os olhos pelos vampiros brasileiros. — Por isso, sugeri a Miguel que começássemos com poucos ataques, diminuindo assim a quantidade de subordinados e futuros reforços para Henry.

— Deixe-me ver se compreendi a forma de ataque — disse Endo, chefe do Paraná. — Iniciaremos os ataques em membros dispersos, matando um por vez sem deixar pistas para diminuirmos os aliados de Henry?

— Exatamente — falou Miguel. — Além de diminuirmos a quantidade de vampiros, deixaremos Henry perdido e se possível assustado por não saber onde estão seus subordinados. Jean também conhece alguns dos empregados humanos do Conselho, com isso podemos dar fim neles e deixar Henry cada vez mais vulnerável.

— E onde eles entram? — perguntou Augusto indicando Kendrick, que sorriu, Huxley e Louella.

— Assim como Jean, também sabemos quais são os subordinados humanos de Henry — avisou Louella. — Tomaremos conta dos humanos, pois nossa influência sobre eles é mais eficiente. Antes mesmo de vocês se darem conta, a maioria dos humanos não existirá mais.

— E não se esqueçam de que nós ajudaremos contra Henry e os demais vampiros, mas não possuímos influência sobre ele — ressaltou Huxley.

— Quando começaremos? — questionou Arthur passando as mãos nos cabelos castanhos e não parecendo nem um pouco preocupado.

— Amanhã mesmo — informou Miguel. — Cleiton e Isis se voluntariaram para iniciarem os ataques surpresas. Será apenas uma morte por dia, não se esqueçam — olhou para Cleiton e Isis que confirmaram com a cabeça. — Depois poderemos ir alternando as duplas.

Todos concordaram. Permaneceram mais alguns minutos sentados à mesa discutindo pontos importantes e dividindo as duplas para as próximas noites. Chegaram à conclusão de que o ideal seria uma das criaturas acompanhar cada dupla com o intuito de induzir as futuras vítimas a saírem sozinhas para que fossem mortas pelos vampiros brasileiros. Na noite seguinte, Huxley acompanharia Cleiton e Isis.

Após tudo acertado, cada um, ou casal, se direcionou para seus aposentos. Miguel acompanhou Jean pelo corredor e assim que o francês entrou em um quarto, Açucena aproximou-se de seu amado e juntos foram para seus aposentos. A índia sentou-se na cama enquanto Miguel retirava o blazer e o jogava sobre uma cadeira. Açucena o fitava com carinho e

assim que ele a encarou, ela deixou-se cair deitada sobre os lençóis com os braços esticados. Ele acomodou-se ao seu lado e a tocou no rosto.

— Você não está com uma fisionomia alegre — comentou Miguel lhe acariciando a face.

— O que foi?

— O Jean — falou ela se sentando e apoiando a cabeça no ombro do vampiro. — Estou com um mau pressentimento.

— Por quê?

— Não sei explicar, só acho que ele não está totalmente entregue a essa missão.

— O Henry o expulsou da Inglaterra e o ameaçou de morte caso voltasse a pôr os pés aqui. Ele ainda deve estar remoendo tudo isso.

— Pode ser, meu amor, mas não quero ele perto de mim — notou o questionamento no semblante de Miguel. — Sei que ele não conhece minha habilidade e nem que sou uma bruxa, e prefiro que não saiba. Me sinto mais segura assim.

— Tudo bem, faça o que você achar melhor. Eu irei com ele para os ataques, você pode ficar com o Caramuru como já havíamos decidido. Não deixarei o Jean perto de você e não permitirei que ele descubra sobre sua habilidade, pode ser?

— Muito obrigada, meu amor — beijou-lhe delicadamente. — Ainda bem que você sempre acredita nos meus pressentimentos.

— Como poderia eu não acreditar em uma bruxa? — sorriu. — Ainda mais sendo ela a minha mulher — afagou seus cabelos negros e lisos.

Foi a vez de Açucena sorrir, só que ao contrário de Miguel, seu sorriso saiu carregado de malícia. Ela colocou-se de joelhos na cama e engatinhou até o colo de seu amado, sentando-se de frente para ele. Seus lábios uniram-se em um beijo apaixonado e as mãos da índia desabotoavam lentamente os botões da camisa preta de Miguel. Ao abri-la completamente, brincou com os dedos nos pelos do peito e depois o empurrou para que se deitasse.

Miguel fixava sua amada com um olhar de admiração enquanto ela se livrava da própria roupa e envolvia seus corpos frios, porém repletos de amor um pelo outro.

Niara andava de um lado para o outro do quarto, impaciente. Sua vontade era de agora mesmo ir até os aposentos de Augusto e acabar com aquela vampira de olhos negros. Desejava mais que tudo nessa vida fazê-lo sofrer da mesma maneira que a fez quando absorveu aquele que mais amava; aquele que a defendeu quando ninguém mais o faria; aquele que quando fora amarrada no tronco e chicoteada pelo capitão do mato, entrou na frente do chicote e recebeu os ataques para que o corpo da negra não fosse mais ferido. Lorenzo foi tudo em sua vida. O filho

do fazendeiro que apaixonara-se pela escrava da fazenda e que mesmo sob ameaça do patriarca da família, fugiu com ela e lhe proporcionou os melhores momentos de sua existência, momentos estes que nunca pensou que poderia possuir e que foram eternizados quando conheceram o vampiro que os presenteou com a vida eterna. Vampiro que na época era chamado pelos mais poderosos da região como Dom Miguel, conhecido como filho de um português dono de muitas terras.

Assim que os conheceu, Miguel decidiu transformar o pobre casal, pois via neles um pouco de sua história com Açucena. Queria que o amor deles, do mesmo modo como o seu, fosse para toda a vida. Daquele dia em diante, Niara e Lorenzo dividiram o posto de chefe do Estado e firmaram residência em Salvador, em uma pequena casa próxima a praia. No entanto, as responsabilidades como vampiros vieram e com isso precisaram construir uma residência maior, que depois virou a sede do Conselho da Bahia.

Tudo corria bem até o dia em que Augusto apareceu por lá. Não fazia nem dez anos que ele absorvera Lorenzo da forma mais covarde possível: pegou-o desprevenido durante a alimentação, quando Lorenzo tinha em seus braços uma vítima humana. Augusto chegou por trás, encostou a mão na nuca dele e o absorveu tão depressa que o vampiro não soube o que lhe aconteceu. Infelizmente, Lorenzo nunca fora um vampiro poderoso, mas possuía uma regeneração invejável e era exatamente isso que Augusto almejava. Niara só ficou sabendo do ocorrido quando seu fiel amigo Abel adentrou seu quarto contando tudo o que presenciara de longe. A primeira reação da vampira foi chorar, não tinha forças para mais nada, uma parte importante de si havia sido arrancada brutalmente, deixando-a completamente na escuridão sem saber como agir. Só conseguiu pensar direito sobre o ocorrido semanas depois. Decidiu não informar ao Conselho sobre isso, só que em seu íntimo o desejo de vingança se formava. Cuidaria daquilo do seu jeito, mesmo que demorasse séculos.

Agora tinha a oportunidade, poderia pagar na mesma moeda. Já estava decidido, arrancaria o amor da vida de Augusto da mesma forma que ele fizera com ela. Mataria Samantha nem que fosse a última coisa a ser feita nessa existência que passou a não ter mais sentido após a morte de Lorenzo.

Abel entrou no quarto vendo a vampira andar de um lado para o outro e com o olhar gélido e perdido. Ele caminhou até ela e a pegou pelos ombros, fazendo com que cessasse os passos e o encarasse.

— Você está pensando em se vingar, não é? — indagou ele mantendo os olhos fixos nos da vampira. Ela não respondeu. — Já falei para você, minha nega, que isso não a levará a nada. E além do mais, você ouviu o que a Açucena disse sobre confrontos entre você e o Augusto.

— Ele vai pagar pelo que fez ao Lorenzo, não terei paz se não me vingar — soltou-se do

amigo e continuou a andar sem rumo pelo cômodo. — Vou arrancar o coração morto daquela que ele ama e lhe entregar em uma linda caixa de presente.

— Credo, Niara! Não pode simplesmente matar a moça em vez de fazer isso? E não se esqueça da Açucena.

— Não me esquecerei, Abel, não se preocupe. Açucena não ficará entre nós para sempre e quando ela não tiver mais a atenção voltada para os meus atos, me vingarei de Augusto.

— Você sabe que eu não sou a favor disso, não é? — ela assentiu. — E mesmo assim você vai continuar com isso? — assentiu novamente. Abel suspirou. — O que eu faço para conseguir colocar um pouco de luz nessa sua cabecinha dura? Já disse que você precisa arranjar um bofe? — Niara revirou os olhos. — Estou falando sério. Será a melhor coisa para você. Reparou em como aquele índio de nome Caramuru é lindo?

— E você já cresceu os olhos para ele, não é? — Abel sorriu. — Não se esqueça que o Caramuru é muito mais antigo que você e na época dele não tinha esse negócio de homossexualismo. E além do mais, ele ficou trancado em uma jaula de prata por mais de 300 anos. Acho que ele não vai entender essa sua vontade de conhecê-lo melhor.

— Calma, neguinha, eu sei disso. E estou falando isso para você. Por que não investe no índio? Deve fazer *muito* tempo que ele não tem uma mulher, se é que você me entende — piscou com o olho direito.

— Para com isso, Abel, você só pensa nessas coisas. Já disse que não quero me envolver com ninguém. Mas que coisa — escorou-se ao lado da janela e admirou a capital inglesa.

— Não falei para você se envolver e sim para se divertir um pouquinho — encaminhou-se para perto dela e lhe tocou no ombro. — Quem sabe você não esquece essa vingança.

— Nunca me esquecerei dessa vingança porque nunca me esquecerei de Lorenzo.

Abel não respondeu mesmo que a resposta contrariada tivesse parado na ponta da língua. Tentaria com todas as forças tirar aquilo da cabeça da vampira. Porém sabia que seria uma tarefa mais do que difícil. Presenciara o amor de Niara e Lorenzo e realmente fora algo lindo, que infelizmente teve um trágico fim, se bem que nenhum vampiro tem uma boa morte. Por terem enganado a morte, mantendo-se vivos por toda a eternidade, quando ela vinha os arrancavam desse mundo de formas dolorosas, sempre eram levados após sentirem muita dor. Esse era o preço por viverem mais do que o permitido naturalmente.

Abel deixou a negra próxima à janela e se acomodou em frente a uma mesa. Pegou uma bolsa de sangue, despejou uma pequena quantidade do líquido vermelho em uma taça e o sorveu calmamente enquanto seus pensamentos se perdiam pela missão que a partir da próxima noite colocariam em andamento. Torcia para que acontecesse algo com Augusto, pois somente assim Niara se esqueceria da vingança e poderia voltar a viver sua vida como vampira e chefe da

Bahia tranquilamente, e quem sabe se apaixonar novamente.

Nunca desejara mal a Augusto, mas agora as coisas mudaram. Torceria para que ele morresse e de uma forma bem trágica.

Capítulo 28

Ao sol se pôr na cidade de Londres, os vampiros começaram a despertar. Cleiton mal tinha saído do transe e Isis já batia incessantemente na porta de seu quarto. Ele sentou-se na cama, xingou a vampira em pensamento e falou que em poucos minutos estaria pronto. Levantou-se e vestiu-se. Olhou-se no espelho uma única vez para conferir o visual que nunca estaria fora do normal, nem parecia que dormira por horas. Saiu do cômodo e encontrou Isis andando de um lado para o outro no corredor. Cleiton se aproximou rindo.

— Qual a graça? — perguntou ela.

— Você está nervosa — continuou rindo. — Mas não se preocupe, estou aqui para te proteger caso algo aconteça.

— Você? Me proteger? — foi sua vez de rir. — Não fale besteira. O irresponsável aqui é você — deu-lhe as costas e começou a andar. — Vamos, Huxley está nos esperando.

— Não se esqueça que sou o seu chefe — falou alto e Isis apenas deu de ombros.

Mulher difícil, pensou enquanto a seguia. Ao chegarem à porta da sala de reuniões, Huxley os aguardava em pé ao lado da mesma com Açucena próxima a ele. Notando a aproximação do casal, a índia andou até uma pequena mesa do lado direito do aposento e separou de um arranjo de rosas vermelhas apenas uma. Encostou a flor em seus lábios e o vermelho desapareceu dando lugar ao branco. Açucena caminhou até Isis e lhe estendeu a flor.

— Escondam o corpo do vampiro e no lugar deixem essa rosa — avisou a índia que logo se afastou.

Os vampiros, acompanhados do sujeito de cabelo curto e olhos azuis, deixaram as dependências do hotel e pegaram um dos carros que Miguel mandara alugar. Ao volante foi Huxley e Isis ao seu lado. Atrás, Cleiton acomodou-se no meio do banco e esticou seus braços sobre o encosto do assento. O trajeto até a sede do Conselho Inglês foi realizado em poucos minutos. Assim que passaram na frente do imenso edifício que deveria possuir mais de vinte andares, perceberam uma grande movimentação de vampiros saindo e entrando no local. Huxley estacionou o veículo do outro lado da rua cerca de mais de cem metros de distância. Indicou para Isis e Cleiton um vampiro que vinha andando na direção deles. A criatura apontou o vampiro e fechou os olhos, que assim que foram abertos, reluziam como pedras preciosas. Nessa hora, o vampiro que se aproximava cessou seu caminhar e olhou para os lados.

— Ele está sob o meu controle — comentou Huxley.

— Então é fácil assim? — perguntou Cleiton.

— Não muito. Ele ainda possui suas vontades próprias. Quando digo que ele está sob o meu controle, quer dizer que posso induzi-lo a algumas ações, apenas isso. Vejam — mirou o

vampiro novamente com o dedo. — Agora ele vai passar por nós e virar a próxima rua à esquerda. Lá haverá um beco. Quando ele chegar até lá, achará estranha sua localização e retornará para a rua movimentada, por isso sugiro que vocês ataquem antes disso.

Ambos concordaram e ficaram em silêncio ao verem o vampiro continuar a andar na direção em que estavam. Ele passou pelo carro e não deu importância para os ocupantes do automóvel. Assim que ele se distanciou, Cleiton e Isis saíram do veículo e o seguiram. Depois de mais de cinquenta metros percorridos, o vampiro virou em uma rua à esquerda e em seguida entrou em um beco. Isis e Cleiton apertaram o passo. O vampiro inglês ainda andou despreocupado para dentro do beco, porém paralisou ao chegar perto do muro, pois não tinha mais saída. Ele enrugou a testa e se perguntou o que fazia ali. Sacudiu a cabeça e deu meia volta, só que ao fazer isso, teve seu estômago transpassado por um braço.

Cleiton acertou sua vítima bem onde queria. Aproveitando o susto do sujeito, puxou o braço fazendo com que sua mão ficasse dentro do vampiro, que começara a reagir deixando à mostra as presas e acendendo os olhos. Cleiton fechou o punho dentro dele e antes que ele pudesse ter feito algo, várias pontas afiadas surgiram de dentro para fora, formadas pelo próprio sangue do vampiro e o perfurando por todo o corpo. A vítima cuspiu sangue e perdeu as forças nas pernas, caindo aos pés de Cleiton. O chefe do Espírito Santo retirou sua mão de dentro do vampiro, as pontas desapareceram e o sangue se espalhou pelo chão. Isis aproximou-se da vítima ainda viva e puxou de sua cabeça um único fio do cabelo castanho-claro e cacheado. Agachou-se ao lado dele e sorriu antes de se levantar e soltar o fio sobre o pobre coitado que teve o corpo envolto por uma leve luz da mesma tonalidade do cabelo da vampira, e enquanto gritava de dor, foi corroído por tal luz que mais parecia ácido sobre sua pele gelada. Em poucos segundos não sobrou nada do que antes fora um vampiro.

— Sabia que às vezes você me dá medo? — brincou Cleiton. — Tinha esquecido de como essa sua habilidade é aterrorizante.

— Está com medo de mim, chefinho? — ironizou e colocou a rosa branca no chão. — Se você tem medo de mim é porque tem culpa no cartório.

— Só estava brincando, mas que sua habilidade é aterrorizante, isso é. E eu sei que você nunca faria nada comigo já que me ama — levou a mão ao rosto de Isis para tocá-lo, só que ela lhe deu um tapa na mão antes que encostasse.

— Não vai começar. Não estou com paciência para você — iniciou seu caminhar para longe dele.

Cleiton sorriu de canto de boca, fechou o punho diante do corpo e invocou sua habilidade. A água de uma poça diante de Isis elevou-se no ar fazendo com que a vampira parasse de andar. O líquido rodou à frente dela e tomou a forma de uma rosa.

— Para você ficar mais calminha — falou Cleiton.

Isis virou-se para ele e o encarou seriamente com as mãos na cintura.

— Essa sua habilidade de manipulação de objetos às vezes é ridícula.

Com um único movimento de braço fez com que a flor se desmanchasse e espirrasse água no muro. Voltou-se para frente e caminhou para fora do beco. Cleiton suspirou e repetiu para si mesmo que ainda domaria aquela mulher, já maquinava um jeito que colocaria em teste ainda naquela noite.

Huxley os esperava dentro do carro e logo que chegaram, ligou o veículo e se direcionou para outro lugar. Passaram mais uma vez diante da sede do Conselho e continuaram seguindo pela rua. Cinco quarteirões depois viraram a esquerda entrando em uma rua estreita e com muitas árvores. Percorreram-na por mais alguns minutos até estacionarem diante de uma casa de dois andares com janelas e portas brancas.

— Aqui mora um dos delegados de polícia mais influente da cidade que está sob as ordens de Henry. Ele é um dos responsáveis por abafar muitos dos assassinatos de pessoas que foram vítimas de vampiros e oferece proteção à sede do Conselho durante o dia. Sem ele, Henry ficaria sem essa proteção dos humanos, pois os policiais que montam guarda aos arredores do prédio só cumprem ordens, sendo assim o delegado o único que sabe sobre os vampiros.

— Isso quer dizer que vamos matá-lo? — indagou Isis.

— Não — negou Huxley com a cabeça. — Ele vai se matar. Sigam-me — pediu ao sair do carro.

Isis e Cleiton obedeceram e desceram do automóvel. Huxley seguiu em frente e encaminhou-se até a entrada da residência. Colocou a mão na maçaneta da porta e a forçou, com um único estampido seco abriu-se. A criatura entrou assim como Cleiton e Isis. Huxley parou próximo à escada e fechou os olhos respirando fundo. No momento que seus olhos reluziram, ouviram um grito de mulher.

— A influência que tenho nos humanos é mais eficiente — contou ele sorrindo.

No andar de cima, a esposa do delegado arrumava as roupas dentro das gavetas do guarda-roupa e ele sentava-se na cama e retirava os sapatos, pois acabara de chegar de mais um longo dia de trabalho. Assim que viu-se livre dos calçados, cogitou a hipótese de levar a esposa para jantar naquela noite, porém não conseguiu completar o raciocínio. Seus pensamentos foram impregnados por imagens horríveis que fora obrigado a presenciar na profissão. Um ódio invadiu seu corpo. As mãos começaram a tremer de raiva e a suar frio. Era tudo culpa dela! A mulher que o fazia trabalhar que nem um condenado para conseguir manter aquela casa e os caprichos e gastos dela. Até se aliar a vampiros precisou fazer para conseguir colocar mais dinheiro dentro de casa. Ela era a culpada por sua desgraça. Tudo culpa dela!

O delegado pegou o abajur ao lado da cama e caminhou até a esposa, que mantinha-se de

costas para ele. Ao sentir a aproximação do marido, ela virou a cabeça a tempo de vê-lo com o abajur no alto, pronto para o golpe. Ela gritou, mas nada nesse mundo o pararia. Acertou a esposa na cabeça e esta caiu no chão. Ele não esperou que ela reagisse e investiu novamente incessantes golpes que quebraram o objeto de porcelana. Percebendo que a mulher ainda respirava com dificuldade, pegou a pistola, que ainda carregava consigo, no coldre, e a descarregou no corpo já inerte.

Huxley e os vampiros chegaram a tempo de presenciarem os últimos tiros. O delegado os fitou com os olhos inundados de raiva e respirava pesadamente com o peito subindo e descendo sem parar. Huxley desapareceu da entrada do quarto e surgiu às costas do homem.

— É tudo culpa dela — sussurrou ao ouvido do delegado, que balançava a cabeça em concordância. — Não só dela como também de todas as outras mulheres. Lembra quando elas te rejeitaram? Você doou-se a elas e nada recebeu em troca, são todas umas ingratas. Você deveria matar todas elas — concluiu tirando das mãos dele a pistola descarregada e lhe entregando outra que também ainda estava com ele.

O delegado começou a salivar, bufar e balançar a cabeça para frente e para trás. Um sorriso diabólico se formava em seu rosto. Engatilhou a arma e saiu em disparada do quarto e em poucos segundos já ganhava a rua. Andou poucos metros antes de encontrar sua primeira vítima: uma jovem ruiva que passeava com o cachorro. Ele parou à sua frente e disparou certamente entre os olhos da moça. Ela caiu já sem vida na calçada e o delegado continuou sua missão macabra. Toda a mulher que infelizmente cruzou seu caminho teve uma bala alojada na cabeça e a vida tirada rapidamente. Quando chegou à última bala, parou de correr e ouviu ao longe as sirenes dos carros de polícia junto com os gritos horrorizados das pessoas que o viram assassinar friamente todas aquelas mulheres. Logo que o primeiro veículo virou a esquina e veio em sua direção, ele encostou o cano da arma na própria cabeça e puxou o gatilho sem titubear.

A satisfação do ocorrido percorria Huxley e lhe trazia uma imensa felicidade junto com ainda mais força. Ver os humanos se matarem era maravilhoso. Seguido por Isis e Cleiton, voltou ao veículo, ligando-o e retornando para o hotel com o primeiro dia de plano cumprido com êxito.

Logo que adentraram o andar reservado a eles, Cleiton se encaminhou à sala de reuniões encontrando a maioria dos vampiros lá. Acomodou-se em uma cadeira e relatou o que aconteceu nos mínimos detalhes. Todos o ouviam com atenção e ao terminar, notou um largo sorriso no rosto de Miguel.

— Ótimo — disse o líder brasileiro. — Henry focará toda a sua atenção para o ocorrido. E o melhor é que eles ficarão desprotegidos durante o dia de qualquer ataque externo.

— Miguel — chamou Isis. — Não seria melhor se nós matássemos mais de um vampiro por noite? Creio que podemos fazer isso sem levantar suspeitas, pois ele não vai desconfiar já que seus subordinados humanos estão morrendo. Tenho certeza de que dará mais importância a isso

do que aos vampiros desaparecidos.

— Concordo com você. A partir de amanhã mataremos mais vampiros enquanto Kendrick, Louella e Huxley cuidarão dos humanos.

Todos assentiram e com isso foi decidido que no dia seguinte duas duplas sairiam e cada uma mataria em torno de cinco vampiros. Huxley e Louella os acompanhariam e Kendrick daria fim à vida de mais subordinados de suma importância a Henry.

Isis permaneceu mais alguns minutos na sala para se alimentar de sangue das bolsas. A maioria dos vampiros retornara aos seus aposentos e ela fez o mesmo. No caminho até o quarto, farejou um cheiro familiar e teve vontade de usar mais uma vez sua habilidade. Entrou no quarto e viu Cleiton deitado em sua cama.

— Posso saber o que você está fazendo aqui? — perguntou atravessando o cômodo e se sentando em uma cadeira próxima à janela.

— Só vim te ver, não posso?

— Não — respondeu secamente. — Vá embora, Cleiton. Não sei por que você insiste nisso.

— Nisso o quê? — levantou-se para encará-la.

— Você sabe muito bem o quê — revirou os olhos.

— Não vim aqui para insistir em nada, apenas para ficar com você, conversar e essas coisas.

— O que você está armando? — enrugou a testa em desconfiança.

— Não estou armando nada — ergueu os braços em sinal de rendição. — Não posso mais querer conversar com uma amiga de anos?

Ela não respondeu, porém continuou olhando-o desconfiada. Cleiton não era assim, o conhecia muito bem e sabia quando estava aprontando algo, contudo, não conseguia perceber o que era. Respirou fundo e abaixou a guarda, deixando que ele começasse a realmente conversar com ela. Por mais que estivesse surpresa com a reação dele, não demonstrou isso.

As horas voavam e eles continuavam a jogar conversa fora. Às vezes riam juntos ou mantinham-se apreensivos ao tocarem no assunto sobre a tal missão de posse do Conselho. O sol já ameaçava surgir quando Cleiton avisou que iria para o seu quarto. Despediu-se de Isis sem nenhuma gracinha e a deixou sozinha. A vampira olhava para a porta por onde ele acabara de passar e não entendia o que acabara de acontecer. Cleiton foi um cara agradável por horas, coisa nunca antes presenciada por ela, e ainda por cima não sugeriu sequer uma única vez de transarem. Ficou abobalhada com a mudança no comportamento dele.

Cleiton ria sozinho durante o caminhar que o levou para seu aposento. Entrou e se jogou na cama ainda pensando em Isis. Finalmente encontrara um jeito de domar aquela mulher. Ela

seria sua.

Capítulo 29

A notícia já foi o suficiente para lhe tirar do sério. Quando Farell estendeu o jornal que tinha como manchete principal o ocorrido com o delegado que seguia ordens do Conselho, o sangue subiu. Abriu na página indicada e leu a reportagem. Ao chegar ao fim, amassou o jornal e o arremessou longe.

— Não acredito nisso! — falou alto. — O que aconteceu para ele surtar desse jeito e ainda por cima matar esse monte de gente?

Henry não esperou por respostas e pôs-se a andar pela grande sala de reuniões passando as mãos incessantemente pelos cabelos loiros, pensando no que faria agora que não teria mais a proteção da polícia. Precisava encontrar urgentemente humanos para lhe servirem.

Só cessou seu caminhar quando Kate adentrou a sala.

— O que houve para você mandar me chamar assim? — perguntou ela se aproximando.

— Mostre a ela — falou ele para Farell, que pegou outro exemplar do jornal diário e entregou para Kate, sempre se lembrando de não se demorar na troca de olhares.

Ela pegou o jornal e leu a manchete, espantando-se. Acomodou-se no trono que lhe era destinado e leu a reportagem atentamente. Logo nas primeiras linhas concluiu que todo o ocorrido só podia ser os primeiros ataques dos vampiros brasileiros junto com os antigos Servos do Conselho. Sentiu um arrepio na espinha ao se lembrar dos olhos azuis de Kendrick e de como ele sabia de tudo referente a ela e Farell. Tentou não pensar naquilo. Precisava fingir surpresa na presença de Henry. Ao fim da leitura, fechou o jornal, fitou o líder e suspirou antes de dizer:

— Alguma informação além dessas aqui?

— Não — voltou a andar sem rumo certo pelo cômodo. — Farell acabou de me informar do acontecido. Como não fiquei sabendo disso ontem? — passou mais uma vez as mãos pelos cabelos. — Onde está o Steven? Ele deveria estar informado disso e ter me relatado ontem mesmo. Passamos o dia todo sem proteção por causa do desleixo dele.

— Ontem, Steven ficou a noite toda no quarto das humanas. O senhor não lembra que ele lhe pediu autorização? — disse Farell.

— E por que ele ainda não apareceu? Vá chamá-lo — ordenou.

— Deixa que eu vou, Henry — Kate andou até a porta e saiu.

No caminho até o primeiro andar, seus pensamentos foram até Jean. Queria muito saber o que haviam planejado, como prosseguiriam com o plano do golpe. Desejava que tudo desse certo para que finalmente pudesse se ver livre de Henry.

Chegou até o quarto das humanas e entrou. Viu todas sentadas em camas ou em cadeiras, lendo ou fazendo as unhas. Quando ameaçou perguntar de Steven, farejou sua presença e

segundos depois ele passou por uma porta ao fundo do cômodo.

— Henry está furioso e quer falar com você — avisou Kate.

Ele meneou a cabeça positivamente e a seguiu até a sala de reuniões. Assim que adentraram o local, Henry surgiu à frente de Steven e o pegou pelo pescoço. O vampiro de olhos e cabelos negros segurou o líder pelo pulso e o apertou, só que não causou efeito nenhum.

— Você sabe o que aconteceu? — indagou Henry visivelmente irritado. — Você deveria estar por dentro dos acontecimentos — soltou Steven e distanciou-se alguns passos.

— O que houve? — perguntou ele passando a mão pelo próprio pescoço e o estralando.

— O que houve?! — repetiu em tom elevado e furioso. Pegou o jornal e o arremessou para Steven. — Houve isso.

O vampiro apenas leu a manchete antes de fechar os olhos e suspirar.

— Investigarei agora mesmo — disse calmamente e se retirou da sala.

Kate sentou-se à grande mesa de reuniões e puxou a agenda para si, pois precisava pôr em ordem os compromissos de Henry. Contudo, não conseguiu escrever sequer o primeiro nome porque Henry a pegou pelo braço a fazendo ficar em pé.

— Você vem comigo — falou secamente. Mirou Farrell. — Você também.

— Aonde vamos? — questionou Kate enquanto seguia forçosamente os passos do líder. Farrell vinha logo atrás.

— Você tem certeza de que o Jean embarcou para a França?

— Lógico que tenho — mentiu convicta. — Eu o acompanhei até quando se encaminhou para o embarque.

— Ele pode ter muito bem saído de lá quando você foi embora.

— Por que isso agora, Henry? — preocupou-se com o andar da conversa. Ele não poderia desconfiar de nada.

— Jean pode muito bem querer se vingar de mim e ter causado o incidente de ontem.

— Acho impossível isso. Ele está na França agora — ele não disse nada e continuou andando. — Aonde nós vamos?

— Quero percorrer a cidade em busca de algo de diferente, alguma anormalidade.

O trio deixou as dependências do prédio do Conselho em um carro que foi conduzido por Farrell e iniciaram uma patrulha em busca de coisas fora do normal. Kate torcia mentalmente para que não encontrassem nada.

Açucena dispensou a companhia de Louella alegando que ela e Caramuru poderiam dar um jeito nos vampiros sem que fosse preciso a influência das criaturas. A índia guardou dentro

do sobretudo a rosa branca e saiu do hotel aparentemente sozinha. Entrou em um carro e o conduziu para as proximidades do edifício do Conselho. Ao seu lado estava Caramuru, porém ele fazia uso de sua habilidade, tornando-se invisível aos olhos de todos.

Açucena estacionou o veículo um quarteirão depois da sede dos vampiros, pôs os óculos de sol e desceu do automóvel. A porta do passageiro abriu-se e fechou-se “sozinha”. Iniciou seu caminhar e sabia que Caramuru ia ao seu lado, pois ele mantinha a mão sobre seu ombro. Ela entrou em uma rua pouco movimentada, aproximou-se de uma árvore e a tocou com a mão direita fechando os olhos. A energia vital da planta envolveu seu corpo e com isso ela iniciou sua busca. Conectou-se às outras árvores e plantas da região apenas pelas suas energias e com isso conseguia sentir tudo o que as rodeava. Minutos depois, encontrou o que procurara: vampiros. Açucena retirou a mão da árvore e com um discreto movimento com o dedo indicou a direção que seguiria.

Caminhou por mais de cinco quarteirões até avistar ao longe um pequeno grupo de vampiros, quatro deles. A índia esgueirou-se à sombra de uma árvore e observou suas vítimas. Eles vinham caminhando e conversando distraidamente. Açucena olhou ao redor notando um movimento de poucos humanos. Ela fez um leve aceno com a cabeça e indicou mais uma vez o grupo. A mão de Caramuru saiu de seu ombro e ele dirigiu-se ao destino.

O índio invisível chegou bem perto dos vampiros sem ser notado. Aquele idioma que ainda não compreendia encheu seus ouvidos. A raiva que ainda sentia dos brancos colonizadores o invadiu e sem medir seus ataques segurou com força a cabeça de um dos vampiros e a rodou, separando-a do corpo. Os demais do grupo espantaram-se com o ocorrido e olharam para os lados procurando algum inimigo com suas presas à mostra e os olhos vermelhos.

Açucena balançou a cabeça negativamente em desaprovação ao ato do irmão e antes que ele pudesse cometer mais alguma coisa, ela saiu em disparada usando sua velocidade sobrenatural e assim que tocou os corpos dos vampiros restantes, eles perderam as forças e desabaram. Ainda usando sua velocidade, arrastou-os, com a ajuda de Caramuru, para os fundos de uma pequena casa que parecia vazia no momento. Jogou os vampiros na grama úmida e não deixou que eles a questionassem sobre o ato. Raízes desprenderam-se do chão, envolveram as vítimas e absorveram toda a energia que possuíam. Seus corpos foram definhando até serem completamente sugados pelas plantas sobrando no lugar apenas as roupas pretas.

— Eu falei que não era para matar daquele jeito no meio dos humanos — falou ela enquanto recolhia as roupas e deixava no local a rosa branca.

Caramuru surgiu nu ao seu lado. Pegou da mão da irmã as roupas e escolheu algumas que lhe caberiam, vestindo-as.

— Desculpe, me deixei levar.

— Não precisa se desculpar, só quero que tenha em mente que qualquer ataque impensado pode colocar tudo a perder e não quero que isso aconteça.

Começaram a andar para fora da propriedade.

— Você faz tudo por ele, não é? Por que isso, Açucena?

— Eu o amo, Caramuru, apenas isso. Amo o Miguel desde sempre, desde antes de eu ter noção que o que sentia era amor.

— Você está colocando sua vida em risco por causa de um capricho dele. E não consigo entender por que você se submete desse modo sendo que é mais poderosa que ele.

— Já disse, eu o amo — encarou o irmão e sorriu, porém seu momento de descontração durou pouco. Sentiu, vindo com o vento gelado, uma sensação ruim.

Caramuru também pressentiu algo e puxou a irmã encostando-a no muro da casa vizinha.

— Tira a roupa — murmurou ele já retirando as suas.

Açucena compreendeu rapidamente e se desfez das vestes em segundos jogando-as entre arbustos que circundavam a casa. Caramuru a abraçou fortemente ainda pressionando-a contra os tijolos da residência. Quando seu corpo começou a desaparecer, o dela também sumiu por causa do contato direto entre ambos. Poucos instantes depois viram passando apressadamente pela calçada um homem alto e loiro, seguido de perto por um casal.

— Mas que coisa, Henry, já percorremos todos os arredores e não encontramos nada. Acho que você está neurótico demais — falou Kate andando atrás de Henry.

— Tem alguma coisa, eu sei disso — comentou pensativo e entre dentes.

Kate inspirou ar para responder, só que não conseguiu, pois chocou-se com as costas de Henry quando ele parou bruscamente. O vampiro olhou para os lados e sem hesitar adentrou o gramado da residência onde anteriormente Açucena e Caramuru estavam. Henry caminhou lentamente pelo local percorrendo-o atentamente com os olhos azuis. Só parou de andar quando avistou a rosa branca. Foi até ela e a pegou. Levou a planta até as narinas e inspirou profundamente. Um odor distinto invadiu seu nariz. Estendeu a rosa para Kate.

— Está diferente — disse ele.

— A rosa? — indagou ela com o cenho franzido. Ele afirmou. Kate cheirou a planta e não notou nada de diferente. — Para mim está normal.

— Convivi muito tempo com magia — andou em direção à rua — e essa rosa está impregnada dela — passou as mãos pelos cabelos. — Faz muitos anos que não vejo uma bruxa. Será que elas estão por trás desses ataques?

— Pensei que elas estivessem extintas. Desde a Inquisição não vejo uma.

— Eu também não — parou de andar e virou-se para a vampira. Tocou-a no rosto. — Você está há muito tempo comigo — comentou acariciando sua bochecha.

Kate engoliu em seco e tentou mostrar afeto por ele, só que com Farell ao seu lado era muito difícil. Segurou sua mão e a levou aos lábios para um delicado beijo.

— Estou sim — sorriu. — Vamos parar com essa procura de algo que não existe? Vamos voltar para o Conselho, quero ficar essa noite com você.

As palavras de carinho proferidas diante de Farell a machucavam mais que qualquer coisa, porém precisava desviar o foco de Henry daquelas ações suspeitas, deixando o caminho livre para que o golpe fosse armado perfeitamente.

Henry não falou, mas meneou positivamente a cabeça e conduziu Kate pela rua. Farell, que ia atrás de ambos, engolia seu enervamento por vê-lo tocar sua mulher, o menor toque dele em sua pele já era o suficiente para fazer com que Farell tivesse vontade de socar a cara dele. No entanto, sabia que não ficaria vivo por mais um segundo se ameaçasse o líder. Fechou os olhos, respirou fundo e continuou a segui-los tentando não imaginar o que aconteceria entre eles aquela noite.

Açucena e Caramuru permaneceram escondidos por mais vários minutos até realmente terem certeza de que Henry não retornaria. Os irmãos se soltaram e recolheram as roupas jogadas.

— Ele começou a desconfiar — comentou Açucena. — Mas tenho certeza de que ele nunca chegará até nós. Nem sabe que o símbolo do nosso Conselho é a rosa branca.

— Eu me preocupo com você — abraçou-a e beijou-a na testa. — Se o Miguel não te proteger eu farei isso, dou minha vida por você.

— Não fale besteira, Caramuru, sou mais forte do que vocês dois juntos — piscou com o olho esquerdo. — Agora vamos retornar ao hotel antes que mais alguém resolva aparecer.

Caramuru concordou e juntos caminharam para o carro estacionado a mais de cinco quarteirões dali.

— Então o foco de hoje serão as humanas? — indagou Louella enquanto ela e Kendrick se dirigiam até a sede do Conselho.

— Sim — respondeu ele sorrindo. — Henry se alimenta do sangue delas quando está em Londres. Ele raramente sai para caçar, por isso ficará furioso quando elas desaparecerem.

Louella concordou e continuaram com o caminhar pela avenida movimentada. Cerca de vários minutos depois chegaram aos arredores do edifício. Pararam à frente da sede, do outro lado da rua e juntos fecharam os olhos.

No quarto povoado pelas humanas de Henry, uma inquietação acometeu as mulheres. A

raiva que guardavam em seus corações do vampiro que as usavam como simples objetos sexuais e alimento, aflorou. Correram enraivecidas pelas dependências do prédio e em pouco tempo ganharam as ruas. Duas delas vieram até as criaturas e foram atrás deles quando saíram do local. As demais jogaram-se na frente de carros, atiraram-se de prédios, da ponte de Londres e jogaram-se contra vitrines de lojas, tirando assim a própria vida. As duas que foram com Kendrick e Louella os acompanharam até o mesmo beco onde Cleiton e Isis deram cabo de sua primeira vítima. Assim que as humanas pararam de andar e se encostaram ao muro, as criaturas enfiaram as mãos em seus peitos e arrancaram seus corações ainda pulsantes. Elas não gritaram e não expressaram reação alguma, só caíram sem vida no chão. Kendrick sorriu para a companheira e abriu a boca do mesmo modo que fazia quando ainda tinha a forma horripilante. Sua boca abriu muito mais do que o normal para um humano, distorcendo sua face. Ele enfiou o órgão todo e o mastigou logo em seguida, sendo possível ouvir a veia interna estourar e ver o sangue escorrendo pela lateral de sua boca. Louella fez a mesma coisa e comeu o coração quente.

Os corpos de ambas foram abandonados ali e junto delas deixada a rosa branca. As criaturas andavam pela cidade de Londres com largos sorrisos, apenas deixando que a raiva daquelas que morreram invadissem seus corpos proporcionando a melhor sensação possível para seres de tal espécie e também a recarga de suas energias, ainda mais por terem se alimentado de corações.

Farell conduzia o veículo e assim que virou a rua de acesso ao Conselho, avistou várias sirenes de carros de polícias e ambulâncias.

— O que aconteceu? — perguntou Henry inclinando-se para frente no banco traseiro.

— Deve ter ocorrido um acidente — falou o vampiro estacionando o carro.

Mal o automóvel tinha parado, Henry já alcançava a calçada. Os policiais cercavam a rua a poucos metros do Conselho. O vampiro se aproximou e logo um oficial o proibiu de continuar. Henry sorriu para o sujeito e disse que morava em um edifício logo à frente. O homem assentiu e autorizou sua passagem, mas antes que se afastasse foi questionado sobre o que ocorrera.

— Umás mulheres se jogaram na frente de carros, mas isso é tudo o que sabemos até o momento — informou o policial.

Henry não insistiu mais no assunto e passou pela fita de contensão. Kate e Farell logo o alcançaram. Chegaram a tempo de ver os corpos sendo colocados dentro da ambulância e com isso o cheiro do sangue delas preenchia o local. O líder dos vampiros reconheceu o odor e usando

sua velocidade apareceu ao lado da ambulância. Um dos médicos assustou-se com sua presença repentina. Ele pediu para ver o rosto da moça, pois desconfiava que era uma conhecida sua. O médico descobriu o rosto dela e assim ele pôde constatar que realmente era uma de suas mulheres, porém não expressou nenhuma reação e alegou não conhecê-la. Afastou-se dali o mais rápido que conseguiu sem usar sua velocidade vampírica e se encaminhou para o prédio.

A primeira coisa que fez quando entrou foi direcionar-se para o primeiro andar. Abriu a porta do quarto das humanas e não encontrou ninguém, todas desapareceram. Socou a parede deixando ali um buraco maior que seu punho. Mais uma vez a raiva percorria seu corpo. Pegou o celular, discou o número de Steven e assim que ele atendeu, perguntou onde estava. Steven avisou que estaria no Conselho em poucos minutos e precisava conversar com ele.

Henry o esperou no último andar acomodado em seu trono de costume com Kate ao lado e Farell em pé atrás. Menos de dez minutos depois, Steven entrou na sala de reuniões e parou diante de Henry.

— Primeiro — começou ele pegando do bolso do sobretudo um bloquinho de folhas —, o delegado surtou, ninguém sabe exatamente o que houve, mas ele matou a esposa antes de assassinar as demais mulheres. Os investigadores estão supondo que ele deveria ter algum distúrbio mental que explodiu de uma hora para a outra. Na casa não foi encontrado nada suspeito, apenas a arma que ele usava no trabalho e que foi descarregada sobre a mulher — estalou o pescoço com um movimento lateral. — Não há nada de suspeito nesse caso. Porém, acho que você não vai gostar nenhum pouco do que aconteceu hoje com as humanas.

— Eu vi duas delas mortas aqui na rua. Onde estão as outras?

— Mortas também — fez uma pausa. — Nesse caso sim há alguma coisa muito errada. Elas estão por toda a cidade, mortas de vários jeitos diferentes e todos foram suicídios. Só que há duas mortes muito peculiares. Elas tiveram os corações arrancados e os órgãos não foram encontrados.

Henry apoiou a testa na mão e fitou o chão. Ficou nessa posição por alguns segundos sem nada dizer. Nenhum dos vampiros presentes se atreveu a interromper o momento de reflexão dele, pois ele era muito impulsivo e a mínima ação, a mais simples que fosse, seria motivo para ele destruir qualquer um.

O vampiro loiro levantou-se de repente e andou sem rumo pela sala com as mãos no cabelo. Pressentia que tinha algo de muito errado em tudo aquilo e o pior era que não conseguia saber o quê. Tentou juntar as poucas pistas que possuía, mas eram apenas a rosa branca impregnada de magia e a estranha morte de suas humanas, e em particular as das duas que tiveram os corações arrancados. Quem poderia estar por trás daqueles ataques? E não descartava que o surto do delegado também fora armado especialmente para atingi-lo. Parou de andar.

Lógico! Alguém queria atingi-lo assim como todo o Conselho. Primeiro tirando a proteção que os humanos lhe davam durante o dia e agora seu particular suprimento de sangue vindo direto da fonte. Como não pensara nisso antes!

— Steven — chamou Henry. — Quero que você reúna mais alguns vampiros e procurem em todos os cantos dessa cidade pelo Jean. Tenho certeza de que ele está por trás de tudo isso e quer me atingir de várias formas.

— O Jean embarcou para a França — interpôs-se Kate. Não poderia permitir que Henry fizesse aquilo.

— Ele deve ter enganado você — falou o líder voltando-se para Steven logo em seguida. — Entre em contato com todos os hotéis, ele deve estar hospedado em algum lugar dentro de Londres.

Steven concordou com um menear de cabeça e se retirou. Kate inquietou-se. Precisava avisar Jean de qualquer jeito para que se escondessem da melhor forma possível, impossibilitando assim que Steven os encontrassem. Só que na hora que pensava em ligar para o francês, Henry se aproximou, pegou-lhe pela mão e beijou.

— Agora quem quer ficar com você esta noite sou eu.

Ela sorriu não permitindo que o desgosto transparecesse e colocou-se em pé. Assim que Henry virou-se para frente caminhando para a saída da sala, Kate olhou rapidamente para Farrell e suplicou com o olhar para que ele avisasse Jean o mais rápido possível. Ele balançou discretamente a cabeça e viu sua mulher sair da sala de reuniões acompanhada daquele que mais odiava nessa vida eterna.

Capítulo 30

Farell permaneceu sozinho na sala e aproveitando que Henry ficaria ocupado nas próximas horas, foi até um computador ao canto esquerdo do local e ligou a máquina. Logo que a área de trabalho surgiu, ele acessou os dados do Conselho e com isso encontrou as tabelas com os telefones e endereços dos demais líderes. Percorreu a lista em ordem alfabética até encontrar o nome de Jean. Pegou o próprio celular e anotou o número do francês. Deligou o computador rapidamente e se encaminhou para o seu quarto. Ao entrar, sentou-se na cama e mandou uma mensagem de texto para Jean avisando de tudo que poderia acontecer. Não se identificou, mas assinou como se fosse Kate. Deixou o aparelho de lado após o envio e tentou pensar em outra coisa que não fosse nas mãos de Henry no corpo de sua amada.

Huxley retornava ao hotel depois de ter eliminado uma boa quantidade de humanos subordinados de Henry. Foram políticos, empresários, advogados e até os legistas que possuíam a obrigação de negar que os mortos encontrados foram vítimas de vampiros. Agora o Conselho Inglês tornara-se ainda mais vulnerável.

Jean e Miguel também voltavam para o hotel após darem fim à vida de mais de quarenta vampiros. Tinham a certeza de que dessa vez Henry notaria o sumiço de seus vampiros.

Chegaram ao local ao mesmo tempo que Huxley. Os três encaminharam-se para o elevador e subiram até o andar de destino. Enquanto Miguel foi procurar por Açucena, Jean direcionou-se para o seu aposento. Na hora em que entrou, seu celular tocou e com isso viu a mensagem assinada por Kate. O líder do Conselho começara a desconfiar de algo anormal e o primeiro suspeito daquela lista era ele. Jogou o aparelho em cima de uma mesa ao canto e andou de um lado para o outro. Por mais que achasse a iniciativa de Miguel digna de sua ajuda, ainda não se sentia confortável com as criaturas. Algo nelas o incomodava.

Balançou a cabeça para se livrar de tais pensamentos e resolveu avisar aos demais sobre o assunto da mensagem. Saiu de seu dormitório e andou calmamente pelo corredor. Porém, diminuiu o passo ao ouvir as vozes das criaturas vindas de um quarto com a porta entreaberta. Jean esgueirou-se pela parede e aproximou-se o mais que pôde sempre tomando cuidado para não ser percebido. Não precisava olhar para saber que ali dentro estavam Kendrick, Louella e Huxley. Por mais que o cheiro que emanava deles se assemelhasse em muito a um humano, conseguia identificar as vozes que sussurravam.

— O melhor mesmo será que a sede do Conselho seja no Brasil, só assim para podermos

agir do jeito que queremos e com eficiência — ouviu a voz de Kendrick.

— Vinte e dois anos é um bom tempo para eles se estabilizarem e acharem que tudo ficará bem — comentou Louella. — E assim que tivermos a criança, abalaremos novamente as estruturas e o equilíbrio.

— Mas não se esqueçam que precisamos ajudá-los a derrotarem Henry, isso é o principal, além de ele ser muito importante para o nosso objetivo — foi a vez de Huxley falar.

Não disseram mais nada e Jean pôde ouvir suas bocas se movendo em um sorriso. Sabia! Eles tramavam algo! Só poderia esperar aquilo de criaturas como eles. Ainda mantendo seu anonimato, o vampiro refez seus passos até o quarto. Acomodou-se em uma poltrona e pensou sobre o que acabara de presenciar. As criaturas tinham um plano em mente que envolvia a sede do Conselho que deveria ser no Brasil, mas por quê? O que haveria lá que eles queriam tanto usar? Comentaram de uma criança, só que não possuía conhecimento acerca desse assunto. Cogitou que deveria ser uma criança especial, entretanto, não se preocupou, pois não poderia permitir que eles alcançassem seus objetivos, precisava interferir de algum jeito. Mas qual?

Eles queriam derrubar Henry, isso era certo, e só tinha um modo de impedir o avanço daquele plano: não deixar Henry ser derrubado. Por mais que desejasse que o vampiro inglês pagasse pelos seus atos, preferia ficar ao lado dele à de tais seres. Preferia aliar-se ao Conselho Inglês em vez do Brasileiro.

Decidido! Daria um jeito naquilo.

Para não deixar vestígios dos seus atos, absorvia todos os vampiros. A maioria deles não era tão forte assim, se bem que não sabia exatamente, pois sua habilidade era de um vampiro muito antigo. No entanto, Samantha ferira-se com as investidas sobre as vítimas e Augusto ficou louco com aquilo. Se ela já se machucava com o contato com simples vampiros, como seria quando dessem de frente com Henry e os mais poderosos? Não permitiria que nada acontecesse com ela e por isso achou melhor aumentar ainda mais sua força absorvendo todos que conseguia.

Após mais uma absorção, ele tocou a mulher amada no rosto, em cima de um ferimento que teimava em não se curar. Passou a língua pelo local limpando-o do sangue que escorria. Samantha sorriu com o carinho e beijou Augusto em seguida.

— Viu como você é vulnerável? — disse ele afagando os cabelos negros dela.

— Foi só um arranhão — encostou os dedos no ferimento. — Daqui a pouco já desaparece.

— Já era para ter sumido — falou com pesar. — E não foi só esse, você se machucou demais, perdeu muito sangue e por isso não consegue se recuperar — levou o próprio pulso à

boca e o mordeu. Estendeu-o para a vampira com o sangue espesso escorrendo. — Beba.

— Não precisa disso, Augusto, eu estou bem — ela deu um passo para trás e ele um para frente ainda insistindo.

Samantha percebeu a preocupação no olhar dele e suspirou. Deixou-se convencer. Pegou o pulso dele e lambeu o sangue antes perfurá-lo com as presas. Era a primeira vez que bebia daquele sangue como vampira. Só o provaria uma única vez quando foi transformada e lógico que o gosto não era agradável ao paladar de uma humana, porém, agora as coisas mudaram. O sangue de seu amado descia por sua garganta e chegava até o estômago causando conforto, isso sem comentar o gosto delicioso.

Soltou-se dele quando sentiu-se realmente recuperada dos ferimentos e até aquele que estava em seu rosto desaparecera. Augusto a olhou com carinho e beijou seus lábios vermelhos por causa do sangue.

— Vamos voltar — começou ele. — Não sei por que, mas estou com um mau pressentimento.

— Você deve ter alguma bruxa na sua família para ser tão sensetivo assim — sorriu.

— Quem sabe, não é? — sorriu para ela e a segurou pela mão conduzindo-a pela rua deserta até o carro estacionado não muito distante.

O caminho para o hotel foi realizado em menos de vinte minutos pela falta de veículos nas ruas por causa da hora avançada. No entanto, logo que entraram na rua do destino, o mau pressentimento de Augusto adquiriu maiores proporções. Ele parou o automóvel em frente a outro edifício e não no estacionamento do hotel.

— O que foi? — perguntou Samantha não entendendo nada.

Ele colocou o dedo indicador nos lábios e pediu silêncio. Segundos depois, avistaram um veículo parar à frente do hotel e dele descer cinco vampiros. Augusto não gostou daquilo e decidiu agir. Mandou Samantha ficar no carro e saiu velozmente. Assim que chegou à entrada, cumprimentou o manobrista e antes que ele pudesse ter respondido ao cumprimento, foi tocado no ombro pelo vampiro e desmaiou. Augusto o arrastou e o escondeu ao lado de um prédio vizinho, entre os sacos de lixo. Tocou mais uma vez o homem e tomou sua forma física, além das roupas. Correu para a entrada do hotel e adentrou o recinto a tempo de ver os demais vampiros questionando a recepcionista sobre os hóspedes. Sabia que ela fora proibida de dizer qualquer coisa sobre o andar reservado para eles, mas ela abriria a boca se os vampiros pegassem mais pesado.

A mulher já tremia dos pés à cabeça e seguranças se aproximaram dos vampiros pedindo para que se retirassem. Augusto, o manobrista, se aproximou parando diante de Steven. O vampiro o encarou com raiva e o empurrou para longe. Só que até ele o afastar, Augusto já

ativara sua habilidade de confusão. Não era possível confundir Steven o suficiente a ponto de controlar seu corpo, ele deveria ser muito poderoso, porém, tentou fazê-lo desistir de procurar naquele hotel pelo menos por enquanto.

Os seguranças continuaram a pedir para que os homens se retirassem e a recepcionista repetiu que não havia nenhum Jean Pierre hospedado ali. Steven xingou e sem pensar muito se retirou seguido de seus capangas.

Augusto respirou aliviado ao vê-los entrarem no carro e saírem de lá. Não poderiam sofrer um ataque assim do nada. E agora era do seu conhecimento que eles desconfiavam de Jean. Após os nervos se acalmarem entre os funcionários do lugar — o que demorou vários minutos — voltou para seu automóvel estacionado não muito longe e o adentrou sem o visual do manobrista.

— O que houve? — indagou Samantha.

— O Conselho está desconfiado do Jean. Preciso avisar isso ao Miguel o mais rápido possível.

Logo que ligou o veículo olhou para frente e viu a alvorada mais próxima do que queria, o céu já começara a perder toda aquela escuridão. Alarmou-se e em poucos minutos o carro era colocado no estacionamento. Subiu apressadamente até o andar de destino, porém não conseguiu fazer mais nada já que a luz do dia começava a entrar pela janela ao fim do corredor. Ao percebê-la, puxou Samantha para o lado a encostando na parede e não permitindo que a fraca luz a atingisse. Usando sua velocidade entrou em seu quarto e fechou as grossas cortinas da janela, causando assim alguns ferimentos no rosto e mãos.

A pele branca da vampira ficara avermelhada pelo mínimo contato com o sol e Augusto se preocupou com aquilo, não se importando com os próprios ferimentos.

— Você precisa se alimentar — disse ele conduzindo-a até o frigobar para apanhar uma bolsa de sangue.

— Olhe para você, Augusto — parou de andar e o tocou no rosto. — Esses ferimentos não estão curando, você precisa de mais cuidados do que eu.

— Não se preocupe. Já fui queimado pelo sol várias vezes — rasgou a bolsa com os caninos. — Beba.

— Só depois de você — cruzou os braços à frente do corpo e fechou a cara. Ele ainda insistiu, mas ela negou.

Deu-se por vencido e sorveu o líquido vermelho fazendo seus machucados desaparecerem instantaneamente. Secou a bolsa e depois pegou outra para sua amada, que não recusou dessa vez. Após a refeição, o casal se conduziu para a cama e se aninharam esperando pelo transe vampírico que não tardou a vir.

A única coisa que Augusto tinha em mente era o ocorrido há pouco. Necessitava contar

aquilo para Miguel, só que no momento ele já deveria ter se recolhido, podendo vê-lo apenas depois que o sol não mais iluminasse aquele país. Ajeitou-se melhor ao lado de Samantha e deixou que o cheiro inebriante de seus cabelos o invadissem, levando-o não para o transe, mas para um sono tranquilo no qual sonhou, algo que não fazia há muito tempo, com uma mulher de cabelos ruivos. Ela o encarava com ódio transbordando dos olhos amarelos.

Ele não a conhecia e demoraria duas décadas para associar a imagem do sonho com a pessoa certa.

A tempestade que chegou a Londres naquele dia fez com que os raios do sol fossem embora mais cedo e com isso os vampiros despertaram. Jean pulou da cama assim que abriu os olhos. Arrumou suas coisas na pequena mala e sequer saiu pela porta do quarto, em vez disso, pulou pela janela. Dez andares nunca seriam problemas para vampiros, ainda mais um tão antigo quanto ele. Alcançou a parte lateral do edifício rapidamente e assim que chegou até a rua movimentada, fez sinal para um táxi. Encharcado pela chuva, entrou no veículo e deu o endereço da sede do Conselho Inglês.

Capítulo 31

Mal tinha despertado e aberto os olhos, sentiu alguém lhe acariciando a bochecha. Kate sorriu ainda sem enxergar quem a acariciava e sem pensar muito sussurrou o nome de Farell.

— Do que você me chamou? — Henry sentou-se na cama e pegou a vampira pelo braço. Seus olhos azuis já revelavam a fúria.

— Eu não sei — mentiu a vampira parecendo perdida. Como foi chamá-lo de Farell? — Eu ainda estava sonolenta, não me lembro — ele apertava mais forte seu braço.

— Você me chamou de Farell! — alterou o tom de voz.

— Me desculpa, não foi minha intenção. Não sei por que falei isso — o medo percorria seu corpo.

— Kate, se você ainda tiver alguma coisa com ele, eu o mato na sua frente e depois acabo com a sua vida — ameaçou encostando seus rostos.

— Não, Henry, não tenho nada com ele, eu juro. Eu te amo.

Ele a encarou desconfiado e com a testa enrugada. Ela pensou que Henry fosse dizer ou fazer algo, contudo, antes disso, foram surpreendidos por batidas na porta.

— Henry, preciso falar com você, é urgente — ouviram a voz de Steven.

— Entre — ordenou o líder.

Nessa hora, Henry a soltou e ela puxou o lençol até o pescoço para cobrir o corpo nu. Steven adentrou o quarto e parou próximo à cama enquanto Henry se vestia.

— O que aconteceu? — perguntou o vampiro loiro.

— Jean está aí embaixo e quer falar com você.

Henry o mirou surpreso e Kate prendeu a respiração. O líder calçou os sapatos e apanhou a camisa antes de sair do quarto. Kate ainda falou que iria junto, mas ele não permitiu, mandou que ficasse. Assim que os vampiros deixaram o aposento, ela pegou seu celular sobre o criado-mudo e mandou uma mensagem para Farell pedindo para que a mantivesse informada do que ocorreria na conversa entre Henry e Jean. Jogou-se deitada na cama. Mas que merda o Jean estaria fazendo ali, queria ser morto?

Farell recebeu a mensagem segundos antes de Henry mandar uma ordenando-o a comparecer imediatamente na sala de reuniões. Antes de qualquer um, adentrou o cômodo das reuniões e aguardou seus superiores. Henry apareceu seguido de Steven e se acomodou em seu trono.

— Mande-o subir — falou ele para Steven.

O vampiro assentiu e ligou para a recepção do prédio. Poucos minutos se passaram que mais pareceram horas. Henry inquietava-se e balançava incessantemente o pé. Farell respirava pesadamente, só que não permitiu que o líder percebesse seu nervosismo.

Jean entrou no local pouco depois e ninguém viu quando Henry saiu de seu assento e pegou o francês pela garganta.

— Eu não mandei você sumir daqui? — seus olhos azuis tornaram-se vermelhos.

As presas de Jean apareceram, porém ele não disse nada e simplesmente desapareceu das mãos de Henry, tornando-se uma fina fumaça escura.

— Eu sabia que você me receberia com toda a cordialidade do mundo — falou Jean passando novamente pela porta. — Por isso achei melhor fazer uso da minha habilidade — os olhos de Henry pareciam chamas. — Eu só retornei porque tenho um assunto muito sério a tratar com você. Tem a ver com a sua posição de líder do Conselho, os vampiros brasileiros e os antigos Servos do Conselho.

Há séculos ninguém mencionava os Servos e isso o fez se acalmar e autorizar Jean a falar.

— Os ataques que sofri tem algo a ver com tudo isso? — questionou ele ao francês.

— Com certeza — fez uma pausa e encarou os presentes na sala. Ainda bem que Kate não estava entre eles. Suspirou ao pensar que teria de entregá-la.

Contou em poucas palavras o que o Conselho Brasileiro planejava e que eles possuíam apoio dos antigos Servos criados por Henry para servir o Conselho. Disse também que todos os ataques ocorreram por intermédio deles e, além do mais, os demais vampiros ingleses começavam a serem mortos.

— Eu não acredito! — gritou Henry dando passos sem rumo pelo ambiente. — Eu? Vítima de um golpe?! Ridículo!

— E mais uma coisa, Henry. Assim como eu, Kate sabia de tudo desde o começo. Só que eu me redimi e pretendo te ajudar daqui para frente, já ela... — deixou a frase morrer.

Henry mirou o francês e passou as mãos no cabelo para conter a raiva. Kate, sua mulher, sabia de tudo e não contou. Ela realmente queria que ele morresse, desejava se livrar dele.

— Maldita! — socou a mesa. — Vou acabar com ela — sua voz saiu entredentes e ele encaminhou-se para fora da sala com o destino já traçado.

Farell desesperou-se e correu atrás do líder. Quando o viu entrar no elevador, direcionou-se para a escada e não pensou duas vezes em ligar para sua amada.

— Fuja! — falou assim que ela atendeu. — Henry está indo te matar. O Jean contou tudo a ele e disse que você sabia do golpe desde o começo. Vá embora, meu amor, por favor!

Kate não respondeu, paralisou dos pés à cabeça. Jean dera com a língua nos dentes. Por quê? Só voltou a si ao ouvir Farell lhe chamando desesperadamente pelo aparelho celular. Só que ela continuou a não responder e o desligou guardando-o no bolso do sobretudo. As mãos que abriram a janela tremiam de medo. Pulou sem titubear e em poucos segundos alcançou a rua não muito movimentada por causa da forte chuva. Ainda ouviu Henry gritando seu nome quando já virava a esquina e se esgueirava na sombra de uma árvore. Se seu coração pulsasse, estaria extremamente acelerado naquele momento.

Respirou fundo e correu como se sua vida dependesse daquilo, e realmente dependia. Era de seu conhecimento que se Henry a encontrasse, a morte seria certa. Precisava se proteger o mais rápido possível e só via uma chance de sobrevivência: os vampiros brasileiros. Infelizmente não sabia onde encontrá-los. Nessa hora o celular tocou. Parou de correr e procurou abrigo da chuva debaixo do toldo de um pequeno estabelecimento. Pegou o aparelho e leu a mensagem de Farell, na qual via-se o nome do hotel de Miguel e os demais. Ela sorriu e abraçou o celular imaginando ser seu amado. Ele provavelmente ouvira Jean contar e também pensou que eles seriam a única chance dela se proteger de Henry. Agradeceu mentalmente Farell e correu, dessa vez em direção à sua salvação.

— Jean não está no quarto — avisou Miguel assim que saiu do aposento do francês e encontrou Açucena no corredor.

A índia achou aquilo estranho e decidiu averiguar com seus próprios olhos. Entrou no quarto e examinou tudo com cuidado. Foi até o guarda-roupa e não se deparou com nada que pertencia ao vampiro. De repente a ficha caiu e seus pressentimentos acerca de Jean se fizeram claros.

— Ele foi embora — encarou Miguel. — Ele nos traiu.

— O quê? Como assim? Isso não faz sentido.

— Eu sei, Miguel, mas o Jean e nem suas coisas estão aqui. Ele foi para algum lugar que não podia nos contar — sentou-se na cama com as mãos na cabeça. — Ele foi atrás do Henry.

— Não! — alarmou-se. — Impossível!!

Açucena negava com a cabeça e não se pronunciava sobre aquilo. As ideias reviravam em sua mente e pela primeira vez sentiu medo de perder Miguel. Levantou-se e foi até ele para abraçá-lo.

A troca de afeto não durou muito, pois Louella adentrou o aposento.

— Mudança de planos — informou ela. — Descobrimos que o Jean nos traiu e correu

para o lado de Henry. E agora ele já sabe de tudo. Venham! — chamou enquanto saía do quarto.

O casal a seguiu até o cômodo que usavam como sala de reuniões. Ao entrarem avistaram uma Kate toda molhada sentada em uma cadeira.

— A encontrei lá embaixo na hora em que ia saindo — disse Louella. — Ela nos contou tudo o que aconteceu.

— Eu não acredito que o Jean fez isso — Miguel passou as mãos no rosto e se aproximou da vampira. — O que houve exatamente? — perguntou em inglês.

— Eu não sei. Farell me avisou de que Henry estava vindo atrás de mim para me matar quando descobriu que eu sabia de tudo. Não tive tempo de averiguar a situação. Mas agora Henry sabe de tudo.

— Droga! — xingou o líder brasileiro.

— Miguel, precisamos sair daqui o quanto antes — falou Açucena. — Ele virá até nós para nos matar.

— Você tem razão. Vamos avisar os demais e deixar esse hotel agora mesmo antes que seja tarde demais.

Farell escorava-se no corrimão da escada e pensava em Kate. Torcia para que ela encontrasse os vampiros brasileiros o quanto antes. Cogitou a hipótese de ligar e perguntar se estava tudo bem, mas não chegou a uma conclusão, pois ouviu passos apressados chegando perto.

Steven apareceu à sua frente, pegou-o pelo colarinho e o arrastou para o corredor iluminado. Pressionou-o contra a parede e apertou sua garganta.

— Você informou a Kate, não é? — Farell não conseguia responder por causa da pressão em seu pescoço. Steven sorriu. — Não precisa me contar, eu sei que foi você. Na verdade sei muito mais do que você pensa. Não sou cego como o Henry que não vê o que acontece debaixo do seu nariz. Sempre soube do envolvimento de vocês, mas como isso não me dizia respeito, deixei as coisas como estavam, só que agora o rumo dos acontecimentos mudou, não é mesmo? — apertou mais forte a garganta dele. — Você também sabia de tudo, não é? Com certeza ela te contou. Mas agora ela não está aqui para te proteger de outro golpe do Henry — gargalhou. — Vamos. Ele quer te ver.

Arrastou Farell até a sala de reuniões e o jogou lá dentro, fazendo-o cair no chão. Farell pôs-se de pé ao ver a feição em cólera de Henry.

— Então esse é o Farell, eu não tinha associado o nome à pessoa até então — admirou-se Jean andando até ele. — Kendrick comentou de você para a Kate quando o encontramos — fixou Henry. — Eles devem estar envolvidos há muito tempo e aposto que ele também sabia do plano

do golpe, não é mesmo? — mirou Farell, que não respondeu.

— Vocês me enganaram por todos esses anos — Henry se aproximou. — Aquela maldita, vagabunda.

Farell foi pego pelo pescoço mais uma vez e erguido do chão. Tentou se soltar do líder, mas suas investidas eram vãs. Por fim, Henry o arremessou do outro lado da sala.

— Sabe, Farell — começou o vampiro loiro. — Você foi um bom servo durante todos esses anos e agora consigo ver porque me serviu sem reclamar. É que tinha uma recompensa! — alterou o tom vocal e chutou o vampiro caído.

Não foi apenas um único chute e sim vários que fizeram com que sangue fosse expelido por sua boca. Não tentou lutar porque sabia que não teria chances contra Henry, por isso aceitou os golpes sem contestar e esperou pela morte. Porém, o líder cessou os ataques antes que a vida dele estivesse ameaçada.

— Se você acha que irei te matar, está muito enganado — falou ele colocando o cabelo para trás. — Você ainda vai sofrer muito e aquela vagabunda também — puxou Farell pelo braço para cima. — Quero que ela te veja sofrer e só depois desaparecer — murmurou em seu ouvido.

Henry colocou a mão no bolso da calça dele e pegou o celular. Farell sempre apagava as mensagens enviadas para Kate, no entanto, não conseguira fazer aquilo com as últimas. Henry o soltou e leu a mensagem com o nome do hotel onde os vampiros brasileiros hospedavam-se e viu que a última ligação feita fora para ela. Por fim, estraçalhou o aparelho nas mãos e encarou Steven.

— Prepare o arsenal de balas de prata, hoje iremos à caça.

— Vai matá-los? — indagou Jean.

— Não — negou com a cabeça e sorriu maliciosamente. — Miguel precisa de uma lição e o quero vivo para recebê-la — fez uma pausa para colocar as ideias em ordem. — Eles tiraram todas as minhas mulheres, meus brinquedinhos. Farei o mesmo com eles. Sei que Miguel tem um grande apreço por aquela índia que não conheço o nome. Ela ficará linda do meu lado — riu maldosamente.

Jean também riu e na companhia de Steven encaminharam-se para o elevador, sempre lembrando de levar Farell junto. No primeiro andar, Steven destrancou uma porta e entrou em uma pequena sala onde se via as paredes forradas de armas de todos os calibres e muita munição de bala de prata sobre as mesas. Enquanto Jean e Henry pegavam um revólver cada um, Steven convocou todos os vampiros presentes no edifício para a missão de caça.

Os vampiros convocados receberam as ordens e não demoraram em também se armarem e se dirigirem para o estacionamento do prédio. No subsolo, equiparam um pequeno

caminhão com jaulas de prata.

Tudo estava pronto para o contra-ataque.

Os vampiros brasileiros guardavam suas coisas nas malas apressadamente. Não poderiam enfrentar todo o Conselho Inglês daquele jeito. Eram em menor número e não haviam traçado nenhum plano de ataque. Enquanto os vampiros apressavam-se com as coisas, as criaturas do submundo montavam guarda à frente do hotel, garantindo a segurança de todos.

As malas foram jogadas dentro dos carros de aluguel e logo todos ocupavam os veículos. Deixaram o estacionamento em alta velocidade. As criaturas não precisavam dos meios de transporte, pois podiam percorrer curtas distâncias sem problemas.

Quando o último automóvel saiu do estacionamento, Kendrick sentiu a presença daquele que tanto odiava. A criatura correu até a beirada da calçada, esticou os braços e fechou os olhos — Louella e Huxley repetiram seus movimentos. Todos os humanos que percorriam a rua, tanto a pé quanto em algum veículo, foram induzidos a se jogarem diante daqueles que pararam à frente do hotel. Os carros desgovernados conduzidos pelos humanos se chocaram com os dos vampiros e até atropelaram vários. Porém, muitos permaneceram em pé e as criaturas foram alvejadas por balas de pratas.

Kendrick riu. Nada naquele mundo os podia ferir. Henry desceu do carro e gritou para que cessassem o tiroteio e fossem atrás daqueles que realmente importavam. Os vampiros obedeceram e em segundos não estavam mais ali. Henry andou a passos firmes até Kendrick e parou bem perto dele.

— É bom revê-lo, milorde — cumprimentou a criatura sorrindo e inclinando o corpo para frente em uma reverência.

— Vocês vão pagar caro pelo o que fizeram — a voz de Henry saiu abafada pela raiva.

— Tenho certeza de que sim — Kendrick ainda sorria.

— Um dia darei um jeito de acabar com cada um de vocês.

— Você nos criou, Henry, e agora quer acabar conosco? — ironizou Kendrick.

O vampiro não respondeu e deu as costas às criaturas. Andou de volta ao carro conduzido por Steven e deixaram o local.

— Eles irão atrás do Miguel — comentou Louella.

— Isso já saiu da nossa alçada — Huxley deu de ombros. — Mas não se preocupe, pelo que conheço do Henry, ele não vai se contentar com a morte deles. Henry é muito vingativo.

— E previsível — riu Kendrick.

As criaturas riram juntas e iniciaram um caminhar tranquilo pelas ruas de Londres.

O carro conduzido por Miguel em alta velocidade quase se chocava com os demais nas ruas. Precisavam se afastar do Conselho o máximo possível para despistá-los. Infelizmente ainda não tinham ideia de aonde iriam.

Ao lado dele acomodava-se Açucena e atrás Augusto, Samantha e Rafaela. Conseguiram se afastar do centro da cidade, porém, assim que viraram a esquerda em uma rua qualquer, foram surpreendidos por um comboio os esperando. Sem que pudessem sequer pensar, foram alvejados por balas de prata que primeiro atingiram a lataria do automóvel para só depois chegarem no para-brisa. Entretanto, Miguel conseguiu parar o tempo antes que as balas encostassem em suas peles frias. Com os projéteis a poucos centímetros de suas carnes, ele pulou sobre Açucena e juntos saíram do carro. Augusto puxou para fora Samantha e Rafaela, já que ambas foram congeladas junto com o tempo.

Jean conduzia aquele batalhão de vampiros e por ser mais poderoso que Miguel, a habilidade de sua cria não o atingiu. Percebeu alguns dos vampiros ingleses estagnados, no entanto, a maioria tinha consciência do ambiente. Ordenou que atirassem novamente e assim foi feito.

Dessa vez Miguel não conseguiu parar as balas e elas atingiram em cheio suas pernas, fazendo-o ir ao chão. Augusto, usando a habilidade de Nelson, protegeu Samantha, colocando-a dentro da esfera luminosa. Só que ao perder tempo protegendo a amada, também foi baleado no braço. A prata corroía sua pele rapidamente, mas por sorte, absorvera Lorenzo anos atrás e sua recuperação era instantânea. Enfiou a mão no ferimento e retirou o projétil antes de virar-se de frente para aqueles que os perseguiram e esticar os braços, chamando uma terrível tempestade, com direito a raios e fortes ventos. As descargas de energia elétrica foram direcionadas para os vampiros ingleses, que caíram um a um com as peles escuras e cheirando a carne queimada.

Enquanto Augusto cuidava dos problemas, Miguel se contorcia de dor e Açucena tentava retirar as balas de prata de seu corpo, impedindo que elas comessem ainda mais seus músculos. Quando retirou o último objeto de prata, ajudou seu amado a ficar em pé, só que no instante seguinte, ele foi atingido de novo, dessa vez pelas costas. Miguel caiu nos braços da índia que olhou para além da rua e avistou a silhueta de Henry. Pensou em correr, entretanto os movimentos dele foram mais rápidos e eficazes. A vampira teve os dois braços arrancados na altura dos cotovelos e o sangue espesso escorreu em abundância, fazendo-a soltar Miguel e também cair ao chão.

Henry mirou Augusto e usou sua habilidade, que não surtiu efeito por causa da barreira

luminosa que o protegeu. O líder do Conselho Internacional não gostou nem um pouco de ver seu poder ser anulado tão facilmente. Aplumou-se e ordenou que seus homens não parassem de atirar um minuto sequer.

Augusto agachou-se no asfalto e onde colocava as mãos, tirava uma lança formada pelo mesmo material da rua, e em seguida arremessava em direção ao batalhão de vampiros.

A tempestade caía intensamente dificultando a visão de todos.

Jean guardou a pistola que portava no cós da calça e concentrou-se em sua habilidade de criação de clones. De repente, mais dois Jeans surgiram e cada um pegou um revólver. O francês original continuou em sua posição e os outros dirigiram-se sorratamente até Augusto, este continuando a ser alvejado por balas e com sua visão do arredor prejudicada pela tempestade. Sua única certeza era de que Samantha estava segura e que acertava certamente uma boa quantidade de vampiros, os deixando fora da batalha.

Os clones de Jean esgueiraram-se pelas laterais da rua, um de cada lado. Aproximaram-se de Augusto e quando atingiram uma boa distância, atiraram ao mesmo tempo. A bala da direita foi defendida automaticamente pela habilidade que pertencera a Nelson, mas a da esquerda o atingiu na orelha, fazendo-o inconsciente na mesma hora, antes que o corpo alcançasse o chão.

Provavelmente nem Nelson conhecia essa falha em sua habilidade.

Capítulo 32

A esfera que cercundava Samantha desapareceu. Ela olhou para os lados vendo Miguel e Açucena sangrentos e fora de combate, e mais à frente seu amado completamente sem reação. Gritou pelo nome de Augusto e correu até ele. A fumaça negra e fétida desprendia-se de sua cabeça bem no orifício que se formara. Lágrimas de sangue brotaram nos olhos de Samantha, mas não lhe foi permitido chorar, pois caiu agonizando de dor quando seus membros inferiores foram arrancados pela habilidade de Henry. Seu corpo de vampira de pouco mais de 30 anos não aguentou e desfaleceu por causa da grande perda de sangue. Caiu com os braços estirados sobre o peito de Augusto.

— Coloque-as nas jaulas — mandou Henry andando calmamente pelo asfalto molhado pela chuva e agora com grandes poças de sangue.

Homens se aproximaram e conduziram Açucena e seus membros soltos para um caminhão estacionado a poucos metros. Fizeram o mesmo com Samantha. Os dois vampiros foram deixados onde estavam e assim Henry e seu bando foram embora com seus prêmios da noite.

Rafaela, no entanto, escondia-se sob a sombra de uma grande casa. Logo que o efeito da habilidade de Miguel passou, ela correu o mais rápido que pôde e se salvou, sempre lembrando de esconder sua presença para não ser descoberta. Quando viu os vampiros ingleses se retirarem da área de luta e teve certeza do afastamento deles, voltou à rua e a primeira coisa que fez foi tirar a bala de prata da cabeça de Augusto, senão ele morreria. Em seguida, também se desfez das balas nas costas de Miguel.

A vampira puxou-os para outro canto escuro e ali os escondeu, pois os humanos começavam a aparecer no local para averiguar o acontecido. Esperou vários minutos para que os humanos fossem embora e desistissem de entender o ocorrido. E quando viu apenas uma única pessoa por ali, atacou-a. Arrastou a vítima já sem vida até Miguel e Augusto e lhe arrancou os membros, podendo desse modo alimentar a ambos.

O primeiro a despertar foi Miguel, que ao se pôr em pé clamou por sua amada. Rafaela contou o que acontecera e viu um Miguel com o olhar mais desolador que já presenciara. E ainda por cima, uma lágrima de sangue desprendeu-se de seus olhos azuis. Ele ajoelhou-se e com as mãos nos cabelos, gritou desesperado pelo nome de Açucena, não concebendo que ela fora levada de si e ainda por cima por Henry. Onde estava com a cabeça quando achou que tal missão seria fácil ou que poderia ter chances de vitória?

— Eles não a mataram, Miguel — Rafaela tentou consolar. — Provavelmente irão usá-la para te atingir já que deixaram você e o Augusto para trás.

— Eles vão matá-la — murmurou de olhos arregalados, parecendo perder a cada segundo um pouco de sua sanidade.

A vampira não respondeu e concentrou-se em dar mais sangue a Augusto. O ex-líder da cidade de Leme acordou no minuto seguinte, também perguntando sobre sua amada. Só que diferente de Miguel, ele não expressou nenhuma reação quando ficou sabendo do ocorrido. Rafaela viu em seus olhos castanhos algo mudar, mas não soube definir se era raiva, tristeza ou um misto de ambos.

— Vou entrar em contato com elas — falou Augusto indicando a própria cabeça.

Fechou os olhos e lembrou-se das feições de Açucena e Samantha para conseguir ligar suas mentes. Todavia, não as encontrava, não era possível entrar em contato, deveriam ainda estar desacordadas. Deu um soco em um muro próximo para aliviar a frustração e a preocupação. Sabia que não seria uma boa ideia trazer Samantha consigo.

— Tente falar com os outros — sugeriu Rafaela tomando cuidado com as palavras que usava.

Augusto respirou fundo e fez o indicado. Em segundos os rostos dos vampiros brasileiros surgiram e as conexões mentais foram feitas, porém não com todos que ele imaginara.

— Estão me ouvindo? — perguntou ele em voz alta. Miguel e Rafaela também ouviram em suas mentes.

Várias vozes em confirmação tomaram suas cabeças.

— *Eles a levaram* — pronunciou-se Cleiton. — *Eu estava com a Isis e com a Rosário. Não conseguimos impedir.*

— *A Michele e a Karen também foram levadas quando tentávamos despistá-los* — contou Endo.

— *A Cristiane e a Kate não foram pegas, porém eles conseguiram a Niara* — contou Arthur. — *O que está acontecendo?*

— *Eles querem nos atingir* — disse um Miguel de voz fraca. — *Eles estão com a Açucena e com a Samantha também.*

Ninguém se pronunciou sobre aquilo, pois era do conhecimento de todos os chefes de Estados que Açucena sempre foi mais poderosa que Miguel, e se ela fora capturada, as chances que possuíam de vencer Henry começavam a se esvaír.

Endo quebrou o silêncio:

— *Eu e Caramuru estamos em uma casa abandonada à margem do Tâmisia, ao leste da cidade. Acho melhor nos reunirmos para pensar melhor sobre como procederemos a partir de agora.*

Todos concordaram e a ligação mental foi desfeita. Miguel saiu do seu canto escuro e

sem pensar duas vezes, andou pela rua e parou diante de um carro que vinha em sua direção. O ocupante do veículo conseguiu frear a tempo de não atingir o sujeito. Ainda o xingou, mas assim que viu aqueles olhos vermelhos engoliu em seco. Mais uma vez o tempo foi parado e Miguel arrancou de dentro do veículo o humano. Cravou suas presas na jugular pulsante e jogou o corpo inerte no chão antes de entrar no automóvel. Augusto e Rafaela o seguiram e assim encaminharam-se para o local indicado por Endo, com um Miguel que cortava a cidade em alta velocidade não respeitando nenhuma sinalização e quase causando graves acidentes.

Sua sanidade o abandonava do mesmo modo que sua amada fora tirada de si.

Depois que deixaram a zona urbana da cidade de Londres, percorreram por um longo tempo uma estrada de duas vias e, após, entraram em uma estreita estrada de terra. Desse modo, não demoraram a avistar na margem do Tâmsa uma velha casa de madeira. Na frente da propriedade encontravam-se mais alguns carros. Miguel estacionou o veículo ao lado dos outros e desceu com Augusto e Rafaela em seu encaço.

A residência de madeira escura e gasta pelo tempo era de dois andares, de janelas que antes foram brancas e porta da mesma cor. Subiram os degraus que os levaram até a entrada e adentraram o local, que era iluminado por tocos de velas com muita cera em volta. Os demais vampiros brasileiros acomodavam-se em sua maioria no chão e alguns em pé.

Logo que Miguel colocou os pés no assoalho, Caramuru o encarou e em menos de um segundo o pegou pelo pescoço e apertou. Os olhos do índio queimavam de ódio.

— Você deveria protegê-la! — disse com a voz rouca e com as presas à mostra. — Ela fez tudo por você e nem para protegê-la você serve! — apertou mais forte a garganta dele.

Miguel irritou-se com o ato e usando sua força afastou Caramuru de si com um empurrão. Seus olhos também acenderam.

— Você acha que eu queria que isso acontecesse? — gritou e se aproximou do índio quase encostando seus rostos.

— Você sempre a coloca em más situações! — empurrou-o. — Desde quando ela era só uma menina!

— E você fez o que por ela? — seus nervos se alteravam. — A tirou de mim quando ficaríamos juntos e a fez perder o próprio filho! — apontou o dedo em sua cara. — Se não fosse por você, nunca teríamos virado vampiros e nós poderíamos ter vivido uma vida curta, mas feliz em vez de estarmos aqui, nesse inferno!

— Você a teria matado de qualquer jeito. Acha mesmo que sua família permitiria que vivesse com uma índia?

— Não tem como você saber!

— Nem você!

Caramuru deu um tapa na mão estendida de Miguel. O líder do Conselho não gostou da afronta e acertou um soco no rosto dele. Caramuru endireitou o corpo e revidou com uma sequência de socos que fez com que seu oponente chocasse as costas com a parede ao lado da entrada.

Miguel não deixou que mais golpes o acertassem e escapou das garras do índio, alvejando-o em seguida com socos e chutes.

Os dois vampiros engalfinharam-se pelo ambiente arrancando sangue um do outro até que os demais presentes os separassem. Augusto pegou Miguel pelas costas e o afastou. Arthur puxou Caramuru.

— Se ela morrer a culpa será sua! — esbravejou Caramuru não lutando para se soltar de Arthur. — Esse seu capricho matará a mulher que diz amar tanto!

— Eu a amo mais que tudo! — sua voz saiu entrecortada e elevada.

— Se minha irmã morrer, eu te mato em seguida e acabo com isso que você chama de Conselho — falou sério e não tirando os olhos de Miguel por nada.

O vampiro de olhos azuis não respondeu e fitou o chão. Não queria que sua amada morresse, mas também não tinha um plano para trazê-la de volta, tirá-la das mãos de Henry. Sentiu-se um bosta, impotente com tudo aquilo. Açucena deveria estar ali com ele e não como refém.

Kate olhava a discussão e não entendia nada, pois não sabia falar português. Quando perguntou em voz alta o que acontecia, olhos raivosos a miraram e ninguém traduziu nada. Se ela queria tanto assim ter o conhecimento, que aprendesse o idioma deles.

— Miguel — arriscou Augusto tocando-o no ombro. — Isso não vai nos levar a nada, precisamos nos acalmar e planejar algo para resgatar nossas mulheres e dar fim na existência de Henry e desse Conselho.

— Não me diga o que fazer — saiu de perto de Augusto e limpando o rosto do sangue, andou de um lado para o outro. De repente parou e encarou a todos. — Onde estão as criaturas? — todos negaram com as cabeças. — Era só o que me faltava — irritou-se.

Os vampiros ali presentes olharam em direção à porta quando se abriu e por ela passaram Kendrick, Louella e Huxley.

— Calma, Miguel — Kendrick sorria largamente. — Estamos aqui para ampará-los.

— Onde vocês estavam quando eles nos atacaram? — foi até eles.

— Avisamos desde o começo que não podemos fazer nada contra Henry, mas não se preocupe, tem certeza de que ele não matará as vampiras, esperará que você vá buscá-las.

— E você pode me dizer como vou enfrentar sozinho um vampiro com mais de 2 mil anos? — alterou-se mais uma vez.

— Não se exalte, Miguel — pronunciou-se Augusto. — Precisamos reconstruir nossa estratégia e tenho certeza de que Kendrick e os demais irão nos ajudar, não é? — encarou aquelas criaturas de olhos azuis-petróleo.

Kendrick sorriu e meneou positivamente a cabeça. Fez-se silêncio e quem o quebrou foi Rafaela.

— Bom, já que vamos nos reorganizar precisamos ter em mente algumas coisas. Primeiro, Açucena e Samantha foram colocadas dentro de jaulas de prata e tenho certeza de que as demais também. Com isso, elas não conseguirão sair por conta própria e teremos que resgatá-las. Segundo, Henry já conhece nosso plano e estamos em desvantagem por conta disso. Alguém tem alguma ideia de como poderemos proceder daqui para frente?

— Desculpe interromper — interveio Endo —, mas já interrompendo, creio que não temos muito tempo. Henry provavelmente está possesso porque matamos suas mulheres humanas e pretende se vingar com a prisão de Açucena e as outras.

— Você está certo — comentou Kendrick. Nessa hora Louella sentou-se ao lado de Kate para traduzir a conversa. — Henry é muito vingativo e ele quer dar o troco, principalmente em Miguel já que é o líder. Ele vai usar Açucena de alguma forma para nos atingir — virou-se para o líder do Conselho. — Por isso sugiro que você mantenha a calma e não faça nada precipitadamente. Ela não será morta de imediato, é importante demais.

Miguel não respondeu e caminhou lentamente de um lado para o outro.

— E como vamos fazer a partir de agora? — indagou Cristiane.

— Louella, Huxley e eu continuaremos com os ataques, porém serão apenas nos vampiros. Acabaremos com a maioria deles, mas vocês não terão muito tempo. Eles irão caçar vocês por todo o lugar. Sugiro que fiquem escondidos por enquanto pensando em como resgataremos as vampiras e destruiremos Henry, porque temos que fazer isso no mesmo momento.

Ninguém se pronunciou, no entanto, concordaram com as palavras de Kendrick. Agora que o jogo virara, necessitava muito mais atenção e cuidado. Mais nada seria como antes e a vida de todos corria perigo. Principalmente daquelas que estavam em jaulas de prata.

As criaturas se organizaram entre si para irem até a cidade, vigiarem os vampiros e agirem da melhor forma possível. Possuíam vantagem sobre os noturnos, pois o sol não as afetavam, podendo assim transitar sem problemas.

Quando eles deixaram a residência, Augusto os acompanhou e os fixou com o olhar até desaparecerem de sua vista, como se fossem tragados pela terra. O ex-líder de Leme andou pela

grama até chegar à margem do Tâmisia. Mirou o céu nublado e sentiu o ar frio tocar sua pele de mesma temperatura. Sentou-se ali e seus pensamentos procuraram por Samantha. Ainda tentou entrar em contato com ela, só que não obteve êxito. Pegou um maço de cigarros do bolso interno do paletó e acendeu um. Tragou e soltou a fumaça lentamente enquanto uma grossa lágrima vermelha desprendia-se de seu olho esquerdo.

Ao tomar consciência de si, virou-se para o lado sentindo dor pelo corpo todo. Apoiou-se nas mãos e cuspiu sangue. Niara limpou a boca e se segurou nas grades de prata para conseguir se sentar. Mirou seus membros superiores e inferiores percebendo que estavam enfaixados bem no local onde foram arrancados. Agora conseguia mexê-los. Olhou ao redor notando outras várias pequenas jaulas que não permitiam que seus ocupantes ficassem em pé. Na jaula ao lado, viu uma Isis escorada respirando fundo e passando as mãos nos cabelos. Do seu lado esquerdo avistou Samantha e na seguinte, Açucena, ambas desacordadas.

Niara recostou-se às grades e continuou tossindo sangue, deveria ter ferido algum órgão interno. As outras vampiras foram despertando aos poucos, sendo a última a companheira do líder do Conselho Brasileiro.

Açucena desesperou-se por se ver presa e a primeira coisa que passou por sua cabeça foi o bem-estar de Miguel. Será que fora morto? Balançou a cabeça para não pensar naquilo e arrastou-se passando a mão pelas barras de prata para alcançar o piso. Tocou o chão e tentou invocar sua habilidade, porém ela não veio. Droga! A prata a anulava. Mesmo sendo bruxa não conseguia driblar as fraquezas vampirescas.

Todas endireitaram-se quando a porta do grande salão se abriu. Por ela surgiram Henry, Jean e Steven puxando Farrell.

— Vejo que todas acordaram — comentou Henry. — Sejam bem-vindas ao Conselho Inglês — fixou Açucena. — Não preciso dar as boas-vindas a você, não é? Já estive aqui antes.

Ela não respondeu e sustentou o olhar dele. Henry saiu de perto da entrada e veio andando calmamente pelo salão de piso escuro e paredes vinho, pilastras estendiam-se por todo o cômodo. Ele parou em frente à jaula da Índia e agachou-se.

— Então você é o brinquedinho do Miguel? — ela continuou quieta. — Nunca te vi falar algo das vezes que veio com ele para cá — Açucena não expressava nenhum sentimento. — Ainda deve ser tão selvagem que nem inglês sabe falar.

O comentário a irritou e em resposta cuspiu na cara dele.

— Falo mais idiomas do que você, seu maldito — pronunciou-se em um inglês quase livre de sotaque.

Henry passou a mão no rosto e livrou-se da saliva que escorria. Limpou a mão na manga da camisa e colocou-a dentro da jaula podendo pegar Açucena pelo pescoço.

— Só não te mato agora porque quero que Miguel ainda sofra muito só por ter cogitado a hipótese de me tirar do posto de líder — soltou a índia, levantou-se e olhou para Steven. — Ela está muito arisca, deixe-a mais calma.

O vampiro concordou e saiu do cômodo. Cerca de poucos segundos depois, retornou com um estojo no qual havia seringas dentro. Colocou o objeto sobre uma mesa ao canto e assim que pegou uma seringa em mãos caminhou tranquilamente na direção de Açucena. A vampira acuou-se ainda mais nas grades, porém isso não impediu que Steven puxasse seu braço e aplicasse o conteúdo de alho.

Perdeu as forças no corpo logo que o líquido entrou em contato com sua corrente sanguínea. A visão escureceu e ela caiu deitada.

Henry chegou perto mais uma vez e mandou Steven abrir a jaula. O cadeado também de prata foi destrancado e Henry arrastou a índia para fora. Segurou-a pelo maxilar e a fez fitá-lo.

— Olha aqui, indiazinha, eu posso acabar com você e com toda aquela corja em um piscar de olhos, por isso sugiro que nunca mais me enfrente.

— Vá se foder — xingou com dificuldade. — Miguel e os outros vão acabar com você.

O sangue de Henry ferveu mais uma vez e com isso acertou um tapa no rosto da vampira, que foi jogada a metros de distância. Ela tentou se levantar, mas o corpo debilitado pelas dores, e agora pelo alho, não permitia. Henry aproximou-se novamente e a pegou pelos cabelos negros e lisos.

— Todos vocês vão pagar caro por tudo que fizeram — sussurrou ele em seu ouvido. — Não passam de simples insetos.

Arrastou-a pelo chão e a arremessou para dentro da jaula. Steven voltou a trancá-la.

— Aplique alho em todas elas — ordenou Henry. — Quero-as inconscientes — avisou antes de sair.

O vampiro obedeceu e enquanto preparava as seringas, Samantha esticou o braço para além das grades e tocou no ombro de Açucena. Não perguntaria se ela estava bem, pois sabia que não. Com o gesto só queria consolá-la e transmitir suas esperanças de que Miguel e Augusto as tirariam daquele lugar. A índia a encarou e esboçou um leve sorriso antes de fechar os olhos e parecer cair em sono profundo.

Samantha continuou com a mão nela e só retirou quando Steven se aproximou. Não lutou contra a aplicação do alho, mas no fundo desejava que Augusto aparecesse o mais rápido possível e arrancasse a cabeça de cada um presente ali. Perdeu a consciência sem que desse tempo de alguma lágrima de sangue escorrer, entretanto, tinha em mente de que, se fosse

preciso, daria sua vida para que seu amado deixasse Londres vitorioso.

Era a única coisa que poderia fazer por ele para compensar todo o mal que causara. Se não fosse por ela, nada daquilo estaria acontecendo.

Capítulo 33

As criaturas se separaram e cada uma foi por um caminho diferente até os arredores do Conselho Inglês. Louella colocou na cabeça o capuz do casaco que usava e óculos de sol. Por mais que a luz solar não os matasse da mesma forma que os vampiros, ela os incomodava. Ainda bem que em Londres os raios vinham com menos intensidade.

Caminhou tranquilamente e quando atingiu o destino, esgueirou-se pelos prédios ao redor. O edifício do Conselho encontrava-se com a porta lacrada e com três homens de ternos pretos parados à entrada, provavelmente fazendo a segurança. Louella os mantinha sob sua vista e assim permaneceu por muitos minutos. Eles não arredaram o pé de lá. Ela respirou fundo e decidiu usar seu poder sobre eles, mesmo sabendo que as mortes seriam trágicas e chamariam atenção.

Seus olhos, escondidos pelos óculos escuros, brilharam intensamente e no segundo seguinte os sujeitos se encararam. Um deles retirou a arma da cintura e atirou sem titubear no companheiro ao lado, que caiu sem reação. Depois alvejou o outro com mais tiros matando-se com um balaço na cabeça logo após.

Louella sorriu com a cena e aguardou pacientemente que os policiais e a ambulância viessem, levando assim os defuntos. Quando a entrada estava livre, saiu da sombra de uma árvore à frente e encaminhou-se até a porta trancada. Com um simples movimento com as mãos, puxou a porta de vidro escuro, quebrando a fechadura e adentrou o saguão rapidamente. Não se via ninguém por toda a extensão do local, mas ela sentia o cheiro asqueroso dos vampiros.

Achou melhor começar o ataque por cima e iniciou a subida dos vinte andares. Entrou no elevador e apertou o botão com o número dezanove; não iria ao vinte, pois esse era o andar do quarto de Henry, queria apenas diminuir seu exército. Ao descer do elevador, um extenso corredor escuro e com inúmeras portas surgiu. Louella parou diante da primeira porta e forçou a maçaneta, destrancando-a. O quarto sem luminosidade apareceu e ela viu um vampiro deitado no meio da cama de casal. Os olhos da criatura brilharam mais uma vez e ela saiu do aposento assim que o vampiro sentou-se na cama. Enquanto Louella escorava-se na parede do corredor, o vampiro andou pelo cômodo sem destino e de uma hora para a outra decidiu que queria ver o sol. Foi até a janela e puxou a cortina com força, tirando-a do varão. Os raios solares entraram e queimaram a pele branca do noturno, que parecia não sentir os ferimentos e continuou ali parado. O fedor invadiu todo o ambiente e ele perdeu as forças nas pernas, caindo no chão ainda sendo consumido pelas crateras que se formavam em seu corpo. Contudo, logo pegou fogo e teve seus restos mortais extintos. Apenas sobraram poucas cinzas.

A cada morte causada, Louella sentia-se revigorada. Sorriu e continuou seu caminho

sempre causando mortes por onde passava. Os vampiros mais poderosos, que não seriam induzidos por seu poder, eram deixados de lado, depois os vampiros brasileiros dariam jeito neles.

Kendrick e Huxley chegaram mais tarde e também fizeram parte da matança dos vampiros ingleses. Duas horas depois, mais da metade dos vampiros fora extinta, sobrando apenas os mais antigos e poderosos, que infelizmente não eram afetados por seus poderes.

A partir daquele momento não poderiam mais ajudar Miguel e os demais com o Conselho Inglês. Saíram sorratamente do prédio e tomaram o caminho do esconderijo para avisar o que tinham feito. Agora, acomodar-se-iam nas arquibancadas para observar os vampiros gladiarem entre si.

Miguel despertou do transe e a primeira coisa que fez foi se levantar e andar de um lado para o outro impacientemente à espera das criaturas do submundo. Os demais vampiros acordaram e Caramuru não tirava os olhos do cunhado. Culpava-o por tudo o que acontecera com sua irmã. A raiva que sempre sentiu dos colonizadores, e também de Miguel por ser filho de um deles, veio com tudo e sua vontade era de acabar com a raça dele, e o faria se Açucena nunca mais voltasse.

O olhar de Caramuru pesava e Miguel conseguia captar o sentimento que ele exalava, deixando-o ainda mais fora de si. Parou de andar abruptamente e encarou o índio raivosamente.

— O que você quer que eu faça, caralho? — esbravejou para Caramuru. Seus cabelos já estavam desarrumados.

— Queria que você morresse — falou calmamente. — Só assim para desaparecer da vida da minha irmã.

— Então venha aqui e acabe comigo — bateu no próprio peito com o punho fechado. — Não é isso que você sempre quis? O que tentou fazer nesses 300 anos que ficou preso? — o índio não respondeu, porém seus olhos diminuíram e a feição mudou. — Vamos lá, Caramuru. Venha matar o branco, o filho do colonizador que destruiu sua aldeia! — provocou.

Os lábios dele contorceu-se de ódio e ele desapareceu de onde estava e pegou Miguel pelo pescoço, apertando-o fortemente. O líder dos vampiros sorriu com as presas à mostra e com os olhos vermelhos. Segurou a mão de Caramuru entre as suas e o fez soltar sua garganta. O índio gritou de dor quando os ossos de seu pulso se partiram e deu um passo para trás. Miguel ria insanamente.

— Vem Caramuru, me mate, mate o homem que acabou com a vida da sua irmã — falava em voz alta e com os olhos arregalados, uma lágrima de sangue correu.

Caramuru ficou analisando minuciosamente seus atos e assim que percebeu o que

acontecia, fechou os olhos e suspirou.

— Pare com isso, Miguel. Você não está no seu juízo perfeito.

— Nunca estive melhor! — gritou indo para cima do índio e lhe acertando um soco no meio do rosto.

Caramuru foi arremessado por metros e só parou ao chocar-se com a parede. Miguel ameaçou atacar novamente o cunhado, porém foi impedido por Augusto, que o enlaçou com os braços e o jogou para o outro lado do cômodo.

— Já mandei você se acalmar! — foi a vez de Augusto falar mais alto.

Da palma de sua mão surgiu um buraco e de dentro puxou uma longa corda formada por sangue. Andou até Miguel e o amarrou com ela — os outros vampiros ajudaram a mantê-lo parado.

— Me solta! Eu sou o líder dessa porra, você deve obediência a mim! — berrava furiosamente e contorcia o próprio corpo.

— Cale-se, Miguel! Você não está em condições de mandar em nada e nem em ninguém — Augusto parou em frente a ele. Respirou fundo e disse calmamente: — Estou tão frustrado quanto você, minha mulher também está nas mãos do Henry, mas nem por isso estou agindo da mesma forma que você. Acalme-se que daremos um jeito de tirá-las de lá o mais rápido possível.

— Você não sabe o que estou sentindo... Ela é tudo para mim — abaixou a cabeça.

— Não, eu sei exatamente o que você está sentindo — fez uma pausa. — Açucena não ia querer ver você e Caramuru se enfrentando. Não foi isso o que ela tentou evitar que acontecesse por todos esses séculos? — estalou os dedos e as cordas de sangue desmancharam-se soltando o vampiro. Augusto lhe estendeu a mão. — Precisamos continuar centrados para que essa missão dê certo.

Miguel fixou atentamente os olhos castanhos de Augusto por um longo tempo. Engoliu seu orgulho, pois sabia que ele estava mais do que certo, se não se acalmasse poderia pôr tudo a perder e realmente nunca mais ter sua amada de volta. Segurou a mão do companheiro e pôs-se em pé.

Nessa hora, Kendrick e Louella entraram pela porta.

— Matamos mais da metade do exército de Henry — contou Kendrick todo orgulhoso e sorridente.

— E dessa vez ele ficará com muito mais raiva — completou Louella. — Huxley montou guarda próximo ao Conselho porque com certeza hoje eles irão caçá-los. Assim que eles deixarem o covil, vocês poderão atacar. Acho que hoje finalmente daremos fim a tudo isso.

Steven batia incessantemente na porta do quarto de Henry, que ainda demorou um pouco para despertar. Assim que foi autorizado, Steven adentrou o aposento do líder e contou sobre a morte, causada pelo sol, da maioria dos vampiros. Henry não acreditou de imediato e foi averiguar com seus próprios olhos.

Nos quartos que entrou, encontrou somente as cinzas e aquele odor fétido de quando eram expostos à luz solar. O líder do Conselho deu um soco na parede para descontar sua fúria. Era de seu conhecimento que os vampiros brasileiros não seriam capazes de provocar tal ato de seus subordinados, só podia ser obra das criaturas. Deu mais um soco. Necessitava urgentemente dar fim a existência de tais seres.

Encostou a testa na parede fechando os olhos e controlando a respiração descompassada. Pensaria calmamente em como agiria dali para frente. Ao decidir o que faria, pediu para que Steven reunisse os vampiros restantes e os mandassem ir atrás de Miguel e os demais. Steven obedeceu e encaminhou-se para o térreo, Henry foi atrás. Minutos depois, todos foram avisados e já direcionavam-se para o cumprimento das ordens. Deixaram o edifício prontos para a guerra.

Com a primeira parte do seu plano realizado, Henry andou, seguido por Steven, até o subsolo do edifício, um andar abaixo do estacionamento. Chegou até o destino e empurrou as pesadas portas que o levariam até o salão onde suas reféns aguardavam.

— Boa noite, minhas queridas — ironizou o cumprimento, aproximando-se das jaulas. — Tenho novidades: hoje vou matar todas vocês.

As vampiras se acuaram nas grades enquanto Henry sorria e atravessava a sala em direção a um par de espadas penduradas na parede. Pegou uma para si e rodou no ar como num aquecimento, primeiro com a mão direita e depois com a esquerda, por último fez movimentos segurando-a com as duas mãos.

— Pegue aquela última — ordenou indicando a jaula de Rosário.

Steven obedeceu e destrancou a jaula indicada. Mesmo com a fadiga do corpo e nitidamente a falta de sangue humano nas veias, Rosário não se deixou capturar facilmente. Aproveitou a distração de Steven e usou sua velocidade para sair da prisão e correr o mais rápido possível para fora. No entanto, não conseguiu chegar à porta, pois Henry a alcançou e com um golpe certo de espada, arrancou-lhe a cabeça, que rolou para longe.

Samantha fechou os olhos e apoiou a cabeça entre os joelhos. Lágrimas de sangue escorreram. Morreria e nunca mais veria Augusto.

— Próxima — falou Henry, apontando para Karen.

A vampira negra sequer lutou quando Steven a puxou para fora da jaula e a jogou de joelhos no piso. Não era uma noturna poderosa e por isso não resistiu. Fechou os olhos e se concentrou na sua habilidade. Em sua mente surgiu o mapa de Londres com um alcance de um quilômetro. Viu vários pontinhos vermelhos, que indicavam os humanos, alguns brancos e um único azul. Sorriu sabendo que era uma das criaturas. Abriu os olhos e piscou para Açucena e Samantha tentando dizer que tudo ficaria bem. Eles estavam a caminho.

Sua cabeça também rolou pelo chão.

— Quero aquela ali — Henry indicou Isis.

Antes que Steven viesse até ela, Isis passou as mãos nos cabelos e retirou vários fios, segurou-os firmemente. O cadeado foi destrancado e ela se deixou ser conduzida para fora. Steven a puxava pelo braço e só a soltou diante de Henry. Isis passou a outra mão nos cabelos pegando mais alguns fios que se soltaram e os jogou inocentemente para o lado, grudando-se assim na roupa de Steven. Os demais fios em sua outra mão foram jogados para cima e caíram sobre Henry. Antes que ambos pudessem entender o porquê daquilo, ela ativou sua habilidade. Os vampiros foram envoltos por uma luz castanho-claro que no mesmo instante começou a corroer suas peles e roupas.

Steven deu um passo para trás gritando de dor e Henry deixou a espada cair. Isis a pegou e correu para as jaulas, golpeando os cadeados e os abrindo. A primeira a ser liberta foi Niara e em seguida Michele. Quando foi para a prisão de Samantha, Isis sentiu seu braço arder e em seguida ser arremessado para longe. A vampira caiu no chão e Henry se aproximou. Ferimentos em carne viva cobriam o rosto, ombros e braços do líder, porém a habilidade de Isis não acabou com sua existência como deveria ter ocorrido.

Steven debilitara-se ainda mais, mas também não fora corroído por inteiro e agora, com a outra espada, mantinha Michele e Niara na sua mira. Henry apanhou a espada do chão e puxou Isis para cima pelos cabelos encaracolados.

— Sou antigo demais para sua habilidade me matar — sussurrou em seu ouvido. — E ela não me agradou — esticou os cabelos dela e com um único golpe de espada os cortou rente ao couro cabeludo.

Os olhos de Isis se arregalaram ao verem suas madeixas caírem ao chão, porém não teve tempo de reagir, pois Henry colocou-a em pé segurando-a pela cabeça e encostando a lâmina coberta de sangue em seu pescoço.

— Voltem para as jaulas — mandou ele, fitando Michele e Niara. — Ou vocês realmente querem que eu a mate?

— Você não disse que mataria todas nós? — indagou Michele com desdém.

— E vou — sorriu largamente e jogou Isis no chão. — Mas agora quero matar você.

Michele mostrou suas presas e seu corpo curvou-se um pouco para frente em modo de ataque. Os olhos antes azuis agora tinham a coloração avermelhada. Porém, antes que pudesse iniciar sua investida, o solo tremeu e caíram no piso.

O chão sacudiu pela segunda vez e com isso as paredes e pilastras racharam-se e começaram a ruir. Henry colocou-se em pé com a ajuda da espada a tempo de ver o teto desabar sobre suas cabeças e uma lufada de vento gélido entrar intensamente, trazendo consigo odor de vampiro.

Capítulo 34

Dividiram-se em dois grupos de seis logo que Huxley avisou que vampiros deixaram a sede do Conselho para procurá-los. Endo, Demétrio, Anderson, Rafaela, Arthur e Cristiane encaminharam-se a um ponto específico da cidade para chamar a atenção e terminar de exterminar os vampiros ingleses. Os demais foram para a sede do Conselho.

Nada melhor do que chamar a atenção causando problemas em pontos turísticos.

Os dois carros foram abruptamente parados de atravessado na Westminster Bridge, causando um engarrafamento no local. Os noturnos brasileiros abandonaram os veículos sem que olhos pudessem acompanhar, ficaram em pé em cima da mureta esverdeada da ponte e admiraram os humanos se matarem, chocando seus automóveis violentamente com os da frente. Do outro lado avistava-se o famoso *Big Ben* e virando a cabeça para trás, na outra margem do Tâmisa, o *London Eye*. Lugar perfeito para um pequeno show.

Anderson abriu a palma da mão e dela desprenderam-se micro bolinhas pretas que percorreram o ar e grudaram-se nos automóveis ao seu redor. Com um único estalar de dedos elas se romperam e junto com os combustíveis causaram explosões de grandes proporções, tremendo toda a estrutura da Westminster Bridge e rachando o asfalto. Não demorou muito para o odor de carne humana queimada preencher o ambiente.

Humanos que haviam saído dos veículos foram arremessados por metros pela explosão e muitos outros gritaram desesperados, correndo quando possível. Anderson soltou mais das esferas e as direcionou para as luminárias, explodindo-as e deixando o local escuro, sendo iluminado apenas pelas luzes que circundavam o *Big Ben* e pelas chamas.

— E agora? — perguntou Anderson, mirando Rafaela.

— Daqui a poucos eles irão aparecer — disse ela, trazendo a trança para frente e enrolando o dedo indicador nas pontas dos cabelos. — Tenho certeza disso.

— Preparem-se — alertou Endo.

Os vampiros desceram das muretas e observaram o fogo consumir os veículos e os corpos humanos enquanto aguardavam. Felizmente — ou não — os noturnos ingleses não tardaram a chegar. Vindos da direita, pararam no início da ponte, na esquina com a Victoria Embankment, e olharam atentamente para o ocorrido. Com isso, Cristiane subiu novamente na mureta, abaixo de uma luminária apagada, e acenou alegremente com a mão.

Os vampiros entreolharam-se e alguns pegaram celulares para avisar os demais, pois sabiam que aquilo só poderia ser uma emboscada. Mas os vampiros brasileiros não esperariam que toda a tropa se juntasse.

Endo esgueirou-se pelos carros e ao se aproximar dos inimigos — ainda mantendo a

discrição — aproveitou as sombras que eram formadas por eles graças à luminosidade do *Big Ben* e juntou as palmas das mãos. Ao fazer isso, as sombras ganharam vida e agarraram os vampiros pelos tornozelos, puxando-os bruscamente e quebrando as pernas de todos. Eles chocaram-se com o asfalto não entendendo o que acontecera e não houve tempo para isso, pois as sombras deles mesmos personificaram-se para além do chão e desferiram socos nos rostos deles, espirrando sangue para os lados e desfigurando-os, fundindo suas cabeças com o solo.

E lá se foram sete vampiros.

Mais carros estacionaram não distante de Endo e deles desceram várias mulheres e homens, todos com os olhos vermelhos. O japonês fez uso de sua habilidade novamente pegando alguns despercebidos. Os mais rápidos escaparam a tempo de não serem eliminados e correram raivosos para a ponte. O chefe do Paraná continuou escondido entre os veículos e deixou que os vampiros passassem por si.

À frente, Anderson já os esperava com as bolinhas provenientes de sua habilidade a postos. Viu-os aproximarem rapidamente e assim que pisaram nas esferas, foram aos ares. Os restos mortais caíram segundos depois no asfalto ou nas águas do Tâmisia.

Poucos humanos continuavam na ponte, restando apenas aqueles que ainda corriam para o outro lado, tentando salvar suas vidas de algo que não conheciam, mas provocara o acidente e as explosões. Uma família já chegava ao final da ponte quando deram de cara com um grande grupo de pessoas, todas vestidas com roupas pretas. Pensaram, por breves segundos, que seriam a salvação, que os ajudariam, porém, assim que notaram os olhos vermelhos e as presas pontiagudas, mudaram de ideia, pararam de correr e começaram a chorar.

Os vampiros foram para cima dos humanos e morderam-nos sem hesitar, não se importando com idade ou sexo e iniciando a carnificina. Precisavam estar bem alimentados para enfrentar tal batalha. Após a refeição avançaram, vendo à frente seus inimigos enfrentando seus aliados. Um vampiro ruivo afastou-se dos demais criando uma boa distância entre eles. Colocou as mãos no chão e o asfalto cedeu no mesmo instante, ondulando intensamente e jogando todos os automóveis para dentro do Tâmisia.

Rafaela segurou-se às muretas, no entanto, elas desmancharam ao seu toque. O melhor que poderia fazer era chegar em terra firme. Gritou aos outros para que abandonassem a ponte imediatamente. Correu em direção à rua Victoria Embankment e ao sair da Westminster Bridge, olhou para trás, vendo-a ruir bem onde estavam, jogando água para todos os lados. Viu seus companheiros se afastarem, contudo, Anderson não conseguiu a tempo e foi parar no fundo do Tâmisia.

Avistou os vampiros postados do outro lado da ponte virem em sua direção. Rafaela recostou-se à base de uma estátua de dois cavalos puxando uma biga com duas pessoas em cima,

e respirou fundo antes de invocar sua habilidade. Direcionou a vista mais uma vez pela extensão da Westminster Bridge e levantou as mãos diante do corpo. As águas do Tâmsa subiram em grande velocidade acima da rua e Rafaela cruzou os braços à frente do corpo e as águas seguiram o mesmo trajeto, chocando-se com os vampiros que corriam ou pulavam sobre a cratera aberta, arremessando-os para longe.

Os que sobraram em pé vieram em direção a ela. Rafaela deu-lhe as costas e apressou-se em fugir dali, não daria conta de tantos oponentes de uma única vez. Continuou seguindo pela rua e não muito longe de onde se encontrava presenciou um grupo de vampiros cercando Demétrio, chefe do Estado de Tocantins, que resistia bravamente aos golpes e os enfrentava arrancando cabeças a cada investida. Cogitou a hipótese de ir ajudá-lo, entretanto, foi interrompida por uma vampira que parou diante de si e a empurrou para trás. A mulher de longos cabelos castanhos balançava na mão a cabeça decapitada de Cristiane.

— Menos uma mulher no Conselho Brasileiro — falou ela sorrindo. — Agora vou matar a última — tirou do cinto da calça uma faca, jogou a cabeça de Cristiane longe e foi para cima de Rafaela.

Encostou a faca no pescoço dela e pressionou. Rafaela não deixou que ela a cortasse e a chutou, afastando-a de si. A vampira, ainda sorrindo, caiu sentada no asfalto e pegou outra faca da parte de trás da calça. Pulou sobre Rafaela e as duas se engalfinharam no chão, rolando e arrancando sangue uma da outra. A vampira de cabelos castanho-claros e trançados, foi cortada em várias partes, perdendo muito sangue. A inglesa conseguiu prender a inimiga debaixo do corpo e enfiou uma das facas em seu pescoço, atravessando-o e alcançando o asfalto. Ameaçou puxar a faca para a lateral e arrancar a cabeça dela, mas teve seu antebraço segurado por sua própria sombra.

Endo usou a sombra da vampira para prendê-la e aproximou-se apressadamente, acertando-lhe um chute no rosto com toda força e quebrando-lhe o pescoço. A vampira despencou para trás. O japonês foi até Rafaela e arrancou a faca de sua garganta. Com o objeto cortante em mãos, cortou a cabeça da vampira caída.

— Você está bem? — perguntou ele estendendo a mão para Rafaela e a ajudando a ficar em pé.

Ela pigarreou, cuspiu sangue e meneou positivamente a cabeça. Quando teve voz para falar e inspirou ar para fazer isso, Endo a puxou para baixo e ambos caíram para o lado. Assim que atingiram solo, balas de prata passaram por cima deles. Um grupo de vampiros começou a atirar sem parar e o casal levantou-se ligeiramente e correu. Endo usava as sombras dos edifícios e do próprio *Big Ben* para projetá-las além do chão e protegê-los das balas. Depois de passarem pelo grande relógio, seguiram pela calçada e viraram a direita depois de um prédio e deram de

cara com um portão.

Pensaram em pular e correr ali por dentro, porém não podiam, foi acordado anteriormente que eles deveriam eliminar todos os vampiros ingleses para que Miguel e os demais pudessem invadir o Conselho e se concentrarem apenas em Henry, que não seria fácil de lidar.

— Pode deixar que eu cuido deles — avisou Endo, colocando Rafaela atrás de si.

— Você até pode ser o chefe do meu Estado, mas não se esqueça que sou mais antiga que você — saiu de suas costas e parou ao lado. — Eu prefiro você como chefe, mas não me venha com esse cavalheirismo bobo — sorriu e olhou para frente ao perceber a aproximação dos inimigos. — Vamos cuidar disso juntos.

Endo concordou e eles aguardaram. Segundos depois, um grande grupo de vampiros apareceu e com as armas erguidas, tiraram. As sombras e a água das habilidades do casal os ajudaram a manter a prata longe de seus corpos, no entanto, não durou por muito tempo. Um projétil escapou da proteção e acertou o japonês no ombro esquerdo. Ele caiu para trás e as sombras sumiram na mesma hora. Rafaela não poderia parar, mas sua habilidade não era poderosa o suficiente para dar conta de tanta gente, ainda mais portando revólveres com balas de prata.

Ela também foi atingida e despencou. A fumaça negra e fétida desprendia-se de sua coxa direita e a dor a dominava. Achou que tudo estava perdido quando ouviu as risadas dos outros vampiros. Ao levantar a cabeça para fitá-los, uma grande explosão os consumiu e arrancou membros de todos. Rafaela virou o rosto para o lado e só voltou a olhar quando a chamaram. Viu um Anderson todo encharcado parado não muito longe dela e explodindo todos os vampiros ali presentes.

Anderson direcionava as bolinhas para as cabeças de seus inimigos e as mandava romperem-se, levando consigo a massa cinzenta. Enquanto ele tomava conta da situação, Rafaela enfiou a mão no próprio ferimento e gritando de dor arrancou a bala de prata. Arrastou-se em seguida para Endo e também o livrou daquilo que consumia seu ombro. Ajudou-o a ficar em pé e juntos testemunharam Anderson acabar com a existência dos noturnos.

— Vocês estão bem? — indagou Anderson chegando perto. Endo confirmou e Rafaela também. Anderson a encarou. — Não parece nada bem, gata — tocou-a no rosto e ela lhe deu um tapa na mão. Ele riu. — Tudo bem, vejo que está muito bem.

— Onde estão os outros? — a pergunta veio de Endo.

— Mortos — contou Anderson. — Consegui acabar com quase todos os vampiros, mas alguns fugiram.

— Então nossa parte acabou? — questionou Rafaela, dando um passo para frente e quase indo ao chão, sendo sustentada por Endo.

— Ainda não — falou baixo o japonês. — Precisamos ir até a sede do Conselho para ajudar os outros. Henry será muito mais difícil de derrubar.

— Claro, mas eu preciso de sangue humano urgentemente, não estou aguentando ficar nem em pé.

— Não se preocupe, gata — Anderson deu passos para a rua. — Vamos caçar uns humanos antes e depois voltaremos para a briga.

Anderson estendeu a mão para ela, que sorriu de canto de boca e com o apoio de Endo segurou a mão dele. Ela ficou entre os dois com os braços estendidos sobre seus ombros e sendo amparada ao caminhar. Assim que passaram ao lado do *Big Ben*, notaram vários membros pela via e corpos humanos que foram vítimas de uma briga de vampiros.

Helicópteros voavam pelos arredores com seus holofotes que cegavam momentaneamente. As autoridades humanas já se aproximavam. Sabiam que todos aqueles vampiros mortos causariam muita repercussão mundial, ainda mais por terem destruído a Westminster Bridge e tudo ao redor. Carros pegavam fogo, o asfalto rachara-se em várias partes e árvores foram arrancadas. Felizmente não destruíram o famoso relógio de Londres, isso seria uma tragédia de grandes proporções.

Os vampiros brasileiros usaram o pouco da energia que tinham e fugiram apressadamente do local da batalha. Eles se alimentariam e depois ajudariam Miguel e os outros a darem fim ao líder do Conselho Internacional dos vampiros, e assim conseguiriam a vitória.

Ou não.

Capítulo 35

Os blocos de concreto que se desprenderam do teto caíram sobre sua jaula e amassaram levemente a prata. Samantha empurrou o grande bloco a tempo de ver Augusto parado dois andares acima, olhando-a carinhosamente.

Ao lado de Augusto apareceu Miguel e no andar debaixo, onde era o estacionamento, os outros vampiros surgiram. O único não avistado foi Caramuru, que usando sua habilidade, agora chegava perto de Henry, pronto para lhe quebrar o pescoço.

O líder do Conselho Inglês sentiu uma presença próxima e se desviou antes que Caramuru o alcançasse. Aproveitando a distração, Michele saltou sobre Steven e tentou lhe tirar a espada, que não ficou na mão de nenhum deles e deslizou pelo chão até o outro lado do salão. Niara também partiu para cima de Steven e assim que encostou em sua pele, invocou a habilidade. O braço dele logo ganhou uma coloração escura e podre, e quando Michele puxou o membro, ele se soltou do resto do corpo com facilidade.

Steven caiu de costas e urrou de dor. Niara veio mais perto e se preparou para desferir o golpe final, mas foi agarrada por trás e teve os pulsos unidos e presos acima da cabeça. Jean a arrastou para longe de Steven e a encostou na parede. Do outro lado do salão, um outro Jean apanhava a espada e com um único movimento cortou a cabeça de Michele. Ele sorriu e balançou a espada para se livrar do sangue.

— Venha enfrentar aquele que o transformou, Miguel — rodava a espada no ar.

Miguel bufou de ódio e deu um passo para frente, no entanto, Augusto o segurou pelo braço e sussurrou:

— Mantenha a calma. Isso precisa ser feito sem erros.

Ele assentiu e pulou para o subsolo. Os demais vampiros repetiram a ação. Contudo, quando Henry conseguiu se livrar do braço invisível que o envolvia, mirou furiosamente o vampiro moreno, o primeiro que viu, e de uma hora para a outra a cabeça dele soltou-se do pescoço.

Donizete atingiu o solo sem vida.

Açucena desesperava-se dentro da jaula. Não poderia fazer nada estando presa e tinha certeza de que seria de grande ajuda na batalha.

Niara debatia-se para se livrar de Jean, porém ele não a soltava e continuava esticando seus braços para cima, deixando-a mais vulnerável e eles mais próximos um do outro, com seus rostos quase encostados. As presas dela brotaram para fora da boca e os olhos acenderam.

— Traidor! — falou entredentes.

— Com muito orgulho — cerrou seus olhos e sorriu de canto de boca. — Pena ter que

matar uma mulher tão linda como você. Sabia que eu prefiro as negras? Já me diverti muito pelo nordeste brasileiro ainda mais durante a escravidão — riu.

O comentário a deixou enjoada. Jean não percebeu quando ela ergueu o joelho e lhe acertou em partes íntimas com toda a força que conseguiu reunir no momento. Felizmente aquele Jean era o verdadeiro e não desapareceu como teria acontecido com um clone, e sim gritou de dor e caiu de joelhos diante da vampira. Niara chutou o rosto dele e depois desferiu golpes incessantemente. Por fim, abaixou-se para fazer uso de sua habilidade, mas não alcançou o francês, pois uma cópia dele a segurou e a arremessou para longe.

Não bateu com força no piso e sim no peito de Abel que a apanhou a tempo. Colocou Niara em pé e ambos fitaram Jean.

— Vim para te ajudar, sinhá — comentou ele piscando com o olho esquerdo.

— Guarde sua habilidade para um momento oportuno — murmurou baixo a negra. — Sei que não consegue usá-la com frequência.

— Como a sinhá desejar — curvou o corpo em uma reverência.

— E pare já de me chamar de sinhá — falou sorrindo e os dois foram para cima de Jean.

— Miguel! — gritou Açucena quando Henry se aproximou dele com a espada em mãos.

Miguel virou-se e colocou o braço à frente do rosto para se proteger do ataque. Entretanto, ele não veio, pois Augusto o envolvera com sua habilidade de proteção, repelindo Henry para longe e ainda o fazendo soltar a espada quando uma corrente elétrica a percorreu.

Henry fitou Augusto com atenção.

— Não me lembro de você — mirava-o, mas sempre mantinha-se atento para algum golpe invisível.

— Você nunca me conheceu — respondeu secamente.

— Como pode você ter tantas habilidades distintas?

— Laurent me deu a habilidade dele.

Henry se espantou com a revelação. Laurent fora o único vampiro que um dia bateu de frente com ele e cujas forças se equiparavam. Na época só não destruíra o recém-construído Conselho porque tinha ao seu lado Kendrick e os outros Servos. Mas agora as coisas mudaram.

— Interessante — disse Henry não deixando transparecer sua surpresa e preocupação. — Quem diria que Laurent daria sua preciosa habilidade para qualquer um. Francês idiota!

Henry fez uso de sua velocidade vampiresca, apanhou a espada e direcionou-se para Augusto. Golpeou onde o vampiro estava, porém não o atingiu, pois o ex-líder de Leme já desaparecera dando lugar para Caramuru, que atravessou o abdômen de Henry com o braço. O

inglês foi pego de surpresa e cuspiu sangue. Irritou-se com o ataque e com a espada golpeou o índio invisível. Caramuru foi acertado no peito e o sangue escorreu, revelando assim sua exata localização. Ao ver o líquido vermelho, Henry investiu novamente, porém, Caramuru o soltou e se distanciou. Respirou profundamente e tentou se livrar do sangue antes de continuar sua luta contra o líder.

Cleiton apanhou o braço solto de Isis e chegou perto dela, vendo-a sangrar abundantemente pelo ferimento causado pela perda do membro. Juntou-o ao corpo da vampira e o amarrou com um pedaço de tecido que arrancou da própria camiseta. Ao levantá-la do chão, notou seu rosto marcado pelas lágrimas de sangue e o cabelo espalhado pelo chão.

— Meu cabelo — ela ainda chorava e passava a mão pelos fios soltos.

Cleiton a abraçou e beijou o topo de sua cabeça.

— Vou cuidar de você, tudo bem? Não se preocupe — pegou-a no colo e a colocou ao lado da jaula de Açucena. Ao dar um passo para trás, Isis o segurou pela camiseta e o trouxe para mais perto de sua face.

— Tome cuidado, não quero perdê-lo — falou envergonhada. Ele sorriu.

— Eu sei que não — segurou-a pelo queixo e encostou levemente seus lábios. — Vou pegar a chave das jaulas e assim que conseguir jogo para você.

Isis confirmou com a cabeça e Cleiton se afastou. Avistou do outro lado do salão Steven escorado à parede se recompondo do ataque que sofrera de Niara. Não possuía mais o antebraço direito. Cleiton colocou a palma da mão no chão e em poucos segundos um bastão de concreto se formou. Apressou-se e sem que Steven visse, atingiu-o no meio do rosto, afundando-o e o desfigurando. Acertou-o mais algumas vezes para ter certeza da inconsciência causada, e sua cabeça estourou derramando uma grande quantidade de sangue no piso. Cleiton pegou o molho de chaves do cinto do defunto e as jogou para Isis, que as apanhou ainda no ar e logo foi enfiando uma no cadeado da jaula de Açucena.

Kate não foi atrás de Henry com os vampiros brasileiros, pois precisava procurar por seu amado. Eles destruíram a entrada da sede do Conselho e depois que Cleiton derrubou o piso do saguão de entrada para atingir o subsolo, ela se afastou e começou a percorrer os andares do prédio em busca de Farrell, pois sentia a presença dele longe da de Henry. Ela esgueirou-se pelas

escadas e foi subindo. Não precisou entrar em cada andar, porque seguiu a presença de Farell e quando teve certeza de sua localização, direcionou-se para a sala de reuniões.

Parou ao lado da porta e a empurrou cuidadosamente. Uma fresta se abriu e ela pôde avistar Farell envolto com correntes de prata ao trono que lhe pertencia. Assim que ela deu um passo para dentro, Farell a notou e gritou para ir embora.

Um dos clones de Jean cravou uma espada no estômago dela e puxou para a lateral, causando um grave ferimento de onde muito sangue escorreu.

— Kate! — Farell debatia-se nervosamente.

A vampira caiu de joelhos e cuspiu sangue. Jean a puxou para cima pelos cabelos curtos e castanhos. Segurou sua cabeça pelo maxilar e a fez fitar Farell.

— Henry descobriu tudo e sabia que você viria atrás dele, por isso pediu para eu ficar aqui e esperar. Você o deixou muito zangado, Kate, muito mesmo.

— Seu desgraçado. Eu confiei em você.

— Sim, confiou, mas eu não podia mais ficar ao lado do Miguel. Com certeza eles vão perder essa batalha para o Henry e também sei que as criaturas estão aprontando algo, não posso permitir que isso aconteça.

— Você é um covarde que não tem coragem de bater de frente com o Henry.

— Eu? Covarde? — gargalhou. — Quem ficou sendo a prostituta dele por séculos porque tinha medo de enfrentá-lo?

— Não fale assim com ela, seu filho da puta! — esbravejou Farell.

— O outro covarde quer me enfrentar agora? Mas não vou fazer nada com vocês, essa honra é do Henry.

Arrastou Kate até perto de Farell e pegando uma seringa sobre o trono de Henry, aplicou nela.

— Vou levá-los para o Henry — ria. — Ele ficará muito contente.

Abel e Niara enfrentavam Jean e seus clones e Cleiton foi ajudá-los. Henry desistira de sua habilidade, pois não conseguia usá-la quando Augusto protegia a si ou a Miguel com o poder drenado de Nelson. Caramuru, ainda invisível, investia sobre Henry, porém ele sentia sua presença e sempre desviava dos ataques.

Isis destrancou o cadeado de prata e Açucena saiu da jaula. Em seguida soltou também Samantha. A índia agachou-se aproximando o rosto do piso e farejou, depois o partiu, podendo penetrar o braço no solo até atingir a terra. Absorveu energia da natureza se revigorando. Em segundos estava completamente recuperada. Ainda com a mão na terra mirou Henry e sua

habilidade de bruxa e vampira veio à tona. Raízes criadas por ela saíram do piso e se enroscaram em Henry, desde seus tornozelos até os braços e pescoço.

Sua energia começou a ser sugada pelas plantas e ele não perdeu tempo em cortá-las com a espada para se livrar. Ganhou distância e viu Açucena fora da jaula.

— Vejo que a selvagem tem habilidade, quem diria — riu.

— Seu maldito! — Miguel enraiveceu com o comentário, perdendo a cabeça e indo para cima de seu oponente sem pensar em seu ato.

Augusto não conseguiu protegê-lo a tempo de ter o peito atingido pela habilidade de Henry. Um buraco enorme se formou no meio do tronco de Miguel. Seus olhos azuis se arregalaram e perderam a luz quando ele caiu para trás.

— Miguel! — Açucena gritou e correu para seu amado. Lágrimas de sangue já brotavam em seus olhos.

— Menos um — riu Henry e apontou a espada para Augusto. — Esse seu poder não é tão rápido assim quando tem que ser usado nos outros, não é? — ele não respondeu e o encarou friamente. — Eu sei que é.

Augusto não o viu desaparecer de sua visão, só tomou consciência de sua posição quando Samantha gritou às suas costas. Virou-se e viu Henry com a espada no pescoço dela.

— Se você fizer alguma coisa com ela vai se arrepender disso — os olhos de Augusto ficaram vermelhos e as presas surgiram.

— Então ela é o seu ponto fraco? — pressionou mais a lâmina cortante e sangue escorreu. — Ela não me parece ser forte. Por que a trouxe? Só para brincar quando estivesse entediado?

— Solte-a agora mesmo! — o ar dentro do recinto movimentou-se mais intensamente bagunçando os cabelos e roupas de todos os presentes. Augusto deu um passo para frente em direção a Henry.

— Mais um passo e eu arranco a cabeça dela — Samantha gritou ao sentir sua carne ser mais penetrada pela espada.

Augusto estagnou e o encarou com fúria. Não sabia o que fazer. Qualquer movimento brusco tiraria a vida daquela que mais amava nesse mundo, não poderia permitir, não queria perdê-la.

— Está pensativo, não é? — ironizou Henry. — Mas você sabe que não tem como tirá-la viva de mim. No entanto, podemos fazer um acordo.

— Acordo? Que acordo?

— Você me dá a habilidade que antes pertencia a Laurent e eu não mato seu brinquedinho.

— Não faça isso, Augusto! — falou Samantha, que teve a boca tapada por Henry.

— Quieta! Não se meta nesse assunto.

Samantha percebeu ao olhar para Augusto que ele realmente ponderava tal hipótese e era de seu conhecimento que se Henry possuísse a habilidade de Augusto tudo estaria perdido.

— Tudo bem. Passo minha habilidade para você, mas antes quero que a solte — Augusto estendeu a mão e caminhou até Henry.

Samantha desesperou-se. Não poderia permitir que aquilo acontecesse. Mordeu com força a mão de Henry e assim que ele destapou sua boca, falou:

— Eu amo você, Augusto, desde a primeira vez que o vi e sinto muito por ter causado tantos problemas, mas não posso permitir que tudo isso dê errado por minha causa — uma lágrima de sangue escorreu pelo seu rosto. — Me desculpa, meu amor, mas sei que você será de grande ajuda para Miguel e Açucena quando a sede do Conselho for no Brasil. E quem sabe um dia não se torne o líder Internacional. Adeus.

Augusto arregalou os olhos e correu na direção dela quando Samantha colocou as duas mãos sobre a lâmina da espada e as puxou contra o próprio pescoço.

Sua cabeça desprendeu-se do corpo e caiu. Um sorriso permaneceu esboçado em seus lábios sem cor.

— Ops! Ela se matou — Henry balançou negativamente a cabeça. — Nem me deixou ter esse prazer.

Augusto caiu de joelhos ao lado da cabeça de sua amada e a tocou delicadamente com a mão. Aquilo não poderia estar acontecendo. Foi sua vez de derramar lágrimas de sangue, não se importando se outros presenciavam tal cena. Sentiu um vazio no peito da mesma forma quando Henrique fora morto, mas agora era muito mais intenso. Perdera a mulher que mais amou.

Sua habilidade de proteção ativou-se sozinha na tentativa de Henry de atingi-lo. Augusto o fixou com os olhos em chamas e colocou-se em pé. Secou as lágrimas que desciam e fechou os punhos. Ele pagaria pela morte de Samantha.

Capítulo 36

Cleiton teve o estômago transpassado pelo braço de Jean e foi arremessado só parando ao se chocar com a parede. Niara e Abel não davam conta de tantos clones do francês, e agora haviam perdido de vista o original.

Niara correu entre todos os Jeans tocando-os nas cabeças, que apodreciam na mesma hora e os faziam desaparecer. Abel apanhou o bastão anteriormente criado por Cleiton e também acabou com mais uma boa quantidade de clones. Ao atingir um Jean que não desapareceu e ainda por cima revidou o ataque, deu um salto para trás não tirando os olhos dele. Acabara de encontrar o original.

Abel fixou seus olhos nos dele e invocou sua habilidade. Precisava acertar, pois não conseguiria usá-la novamente. Ao ter para si a atenção do vampiro, suas íris afinaram-se e se estenderam. Jean urrou e segundos depois o corpo de Abel caiu e o do francês ficou parado sem reação, assim como os clones.

— Estou no comando — disse Jean sorrindo e olhando para Niara.

A negra respirou aliviada e foi até ele.

— Ainda bem que você conseguiu, Abel.

— Acabe logo com ele, Niara, não vou conseguir ficar muito tempo, ele é mais poderoso do que eu e está lutando para voltar à consciência.

— Não precisa pedir duas vezes — Niara pegou-o pelo pescoço e assim todo o corpo de Jean foi ganhando a cor preta e o aspecto apodrecido.

Abel abandonou o vampiro e retornou ao seu corpo. Jean voltou a si apenas a tempo de sentir toda a dor causada pela decomposição e ver Niara sorrindo para ele.

Desmanchou-se em instantes.

Jean arrastava Kate e Farell até o térreo. Assim que chegou ao lado da grande cratera aberta no piso e olhou para baixo, empurrou Farell, que caiu como um saco de batatas no meio da batalha. Puxou Kate para fazer o mesmo, mas paralisou antes. Ela o fitava com o cenho franzido e logo ele desapareceu. A vampira se esticou para o buraco e olhou lá para baixo, vendo o corpo verdadeiro de Jean se decompor. Kate sorriu e pulou para lá.

Da palma da mão de Augusto foi retirada uma espada formada por sangue. Ele a segurou com firmeza e partiu para cima de Henry. As espadas se chocaram e ambos foram repelidos para trás. Augusto fixou os olhos azuis de seu oponente e invocou sua habilidade de confusão, mas ela não fez nem cócega em Henry.

— Não sei o que você está tentando usar em mim, mas não vai funcionar. Por causa da minha idade me tornei imune a muitas coisas.

Augusto não queria saber e envolveu seu objeto de luta com eletricidade e voltou a investir. Henry desviava ou defendia qualquer golpe dele e isso o irritava. Tomou distância e estalou os dedos. Chamas consumiram as roupas do vampiro loiro, mas logo se apagaram. Henry ria. O ex-líder da cidade de Leme olhou para uma das jaulas vazias e a moveu, jogando-a para cima de seu oponente, que desviou. Aproveitou a distração dele e surgiu às suas costas pronto para acertá-lo. Porém foi surpreendido quando ele se virou depois de ter arrancado uma grade da jaula. Enfiou-a em Augusto.

O vampiro brasileiro deu passos para trás com a prata lhe consumindo de dentro para fora e causando uma dor descomunal, toda sua força foi anulada por ela. Encarou Henry não entendendo como ele conseguira quebrar a jaula com as próprias mãos.

— Eu sei o que está se passando na sua mente. Eu aprendi muito nesses anos e uma coisa muito importante foi como driblar o efeito da prata — abriu a própria camisa e com isso Augusto pôde notar círculos prateados por toda a extensão de sua cintura. Henry pegou um com os dedos e puxou o comprido cilíndrico de dentro de si. — Criei resistência a ela — revelou ele jogando o objeto de prata em cima do outro.

Aquilo só poderia ser brincadeira. Augusto pôs as mãos sobre a barra em seu tórax e a puxou. No entanto, a dor que o acometeu foi tão intensa que não conseguiu mais prosseguir.

A vista começou a anuviar.

Açucena tinha a cabeça de Miguel em seu colo. Ela mordeu o próprio pulso e despejou seu sangue na boca dele.

— Não desista, meu amor, por favor — chorava compulsivamente.

Caramuru surgiu ao seu lado e a ajudou a abrir a boca de Miguel. Ele não respondia e a índia deixou-se cair debruçada sobre o que sobrara do peito dele. Seu irmão a segurou pelos ombros, num gesto consolador.

— Açucena — chamou o índio lentamente.

— Não! — tirou a mão dele de si. — Eu sei como trazer Miguel de volta!

Quebrou mais uma vez o piso e enfiou seu braço no solo. Ao alcançar a terra, raízes brotaram e suas pontas se fincaram no extenso ferimento do seu amado. Com as outras pontas em mãos, Açucena penetrou-as no próprio peito.

— Para com isso! — Caramuru tentou impedi-la, mas ela o afastou. — Você vai se matar por ele?

— Não vou me matar, meu irmão, só preciso reconstituir o corpo do Miguel.

Colocou mais uma vez o braço dentro do solo, drenando sua energia e a transferindo para Miguel. Contudo, ela não era o suficiente para ajudá-lo a se curar e nem trazê-lo de volta à consciência. Açucena concentrou-se ainda mais e soube quando passou do limite, pois sua pele começou a ressecar.

— Para com isso, Açucena! — esbravejou Caramuru e ao tocá-la sua energia também foi sugada.

Distanciou-se da irmã e presenciou ela se matar aos poucos.

Lágrimas de sangue ainda escorriam dos olhos da índia e ela já perdia as esperanças.

— Volta pra mim, meu amor! — gritou e como se acordasse dos mortos, um espasmo percorreu o corpo do vampiro caído.

Segundos depois o ferimento em seu peito já estava quase totalmente fechado e seus olhos azuis se abriram. Nessa hora as raízes saíram dele e Açucena caiu para o lado.

Miguel esticou a mão para tocá-la e não conseguiu se levantar, pois não se recuperara totalmente.

— O que você fez? — perguntou a ela com dificuldade.

— Trouxe você de volta pra mim, meu amor — sorriu.

— Irresponsável — falou Caramuru balançando a cabeça em negativa. Levou o pulso direito aos lábios e o mordeu, depois o colocou sobre a boca da irmã.

— Olha só quem apareceu — falou Henry abrindo os braços ao notar a presença de Kate. — A vagabunda.

A vampira parou no meio do caminho que a levaria para Farell e encarou Henry, que desapareceu de sua vista e surgiu ao lado de Farell, pisando raivosamente em cima dele.

— Pare com isso, Henry! — gritou, mas não se aproximou.

Ele cessou os golpes, colocou o cabelo para trás e puxou Farell para cima pelas correntes.

— Como você pôde me enganar desse jeito, Kate? — passou a unha na garganta de Farell. — E ainda por cima com uma merda de um vampiro. O que você viu nesse aqui? — ela ficou quieta. — Responda! — enfiou mais a unha no pescoço dele.

— Eu o amo, Henry. Só não falei antes porque sabia que você o mataria.

— E estava certa!

Usou sua velocidade e levou Farell consigo até o lado de Augusto, que ainda agonizava. Henry arrancou outra grade da jaula de prata e fincou no peito do vampiro acorrentado.

— Venha, Kate — disse ele estendendo a mão para ela. — Vamos presenciar a morte do seu amor aos poucos — pegou mais duas grades. — E antes que eu me esqueça... — apareceu ao lado de Caramuru e cravou uma grade na garganta dele e a outra no meio do estômago de Miguel. Açucena arregalou os olhos. — Ninguém mais vai te curar, selvagem.

Kate não aguentou mais ver aquilo e decidiu pela primeira vez tomar coragem e enfrentar Henry. Retirou a própria blusa e com isso foi possível ver um pequeno símbolo em formato de diamante entre os seus seios. Ela perfurou o polegar com as presas e passou o sangue pelo local.

— Faz séculos que não uso isso, Henry, você sabe disso, mas não quero mais ficar ao seu lado e te ver maltratar Farell do jeito que sempre fez — sua pele começou a escurecer.

— Você vai se matar se usar isso — avisou Henry, virando-se para ela.

— Mas levo você comigo!

A pele antes branca, agora era cinza escuro, quase preta, e tomada por grossas escamas. As orelhas ganharam um formato pontudo e todos os dentes afiaram-se, não apenas os caninos. Os dedos se alongaram e as unhas cresceram. Seus olhos antes castanhos tornaram-se brancos e com finos riscos pretos. Kate transformara-se em um monstro que urrou e partiu para cima de Henry numa velocidade nunca antes vista por nenhum vampiro. Ela o acertou com as unhas cortando seu peito e enfiando o dedo indicador em seu olho esquerdo, perfurando-o.

Henry esquivou-se dos demais ataques e se distanciou dela. *Droga! Por que ela tinha que despertar justo agora?* Pensou enquanto tomava fôlego. Viu-a se aproximar novamente e com o olho bom, usou sua habilidade e lhe arrancou o braço direito. Kate foi jogada para trás, mas logo se colocou em pé, apanhou seu membro solto e o colocou no lugar, grudando-o ao corpo num instante.

Ela mirou ferozmente Henry e atacou. O vampiro correu e pegou a espada que usara desde o início da luta e, assim que Kate investiu, enfiou-a na barriga dela. A vampira sorriu com seus dentes pontiagudos, tirou o objeto cortante de si e empurrou Henry com força para trás, fazendo-o trombar com uma das poucas pilastras que estavam em pé.

— Que droga, Kate! — zangou-se ele ficando em pé. — Mas quero só ver quanto tempo você vai aguentar manter essa forma — rasgou a camisa e começou a puxar a prata de seu corpo. — Cansei de brincar com você. Vou acabar com tudo isso.

Jogou o último cilindro longe e antes que ele chegasse ao chão, Henry acertou um soco em Kate e depois a golpeou com a espada. Porém, no segundo ataque ela segurou a lâmina entre

as mãos e deu uma cabeçada no vampiro, fazendo-o soltá-la. Kate partiu a espada ao meio e andou calmamente até Henry. Contudo, não conseguiu se aproximar, pois seus olhos tornaram-se completamente brancos e rodaram nas órbitas. Caiu de joelhos e desmaiou.

Enquanto aqueles dois se enfrentavam, Niara foi até Augusto e o livrou da prata que o consumia. Ele respirou aliviado quando a grade saiu de dentro de si. Encarou a negra surpreso com o ato.

— Ainda não gosto de você, mas creio que com Açucena debilitada você é o único que pode acabar com ele — olhou para a cabeça de Samantha e depois o fitou. — Agora você sabe o que senti quando fui privada da companhia de Lorenzo.

— Desculpe-me — falou sinceramente. Pensou em dizer algo e só não o fez porque virou-se para trás quando Kate caiu desmaiada.

— Tentarei recompor as forças de Açucena, creio que ela poderá te ajudar a enfrentá-lo. Sem que Augusto pudesse dizer algo, a negra desapareceu indo parar ao lado de Açucena, retirando a prata de Caramuru e Miguel, e dando de seu próprio sangue à índia.

Augusto colocou-se em pé e estralou os dedos e o pescoço. Estendeu os braços e o solo tremeu, trazendo a atenção de Henry para si. Blocos de terra saíram do chão e todos foram direcionados para o vampiro loiro, que desviou dos ataques e veio apressadamente para cima do vampiro. Augusto criou com seu próprio sangue uma longa lança e atingiu Henry na perna, causando um profundo corte. Depois agulhas saíram de sua boca e afundaram-se na pele do líder inglês, dissipando sua energia e o enfraquecendo.

Henry parou de andar e puxou de si as agulhas. Encarou Augusto, que já preparava outro ataque, e urrou de ódio. Maldito vampiro que não morria. Usou sua habilidade repetidas vezes, mas a proteção de Augusto a anulava.

— Maldito!

A atmosfera ao redor do vampiro intensificou-se e fez o ar se tornar mais denso. A cada passo que Henry dava, o piso se aprofundava e sua fúria era emanada em grande quantidade. Agora era a hora de eles conhecerem o poder de um vampiro com mais de 2 mil anos de idade.

Augusto não o viu desaparecer e sequer notou quando lhe enfiou as unhas no peito, cravando-as até alcançar o coração morto e retorcê-lo. Augusto não aguentou de dor e caiu de joelhos. Com sua habilidade, Henry pôde arrancar um dos braços de Augusto, este não podendo evitar tamanha a dor que o dilacerava.

— Você realmente achou que por ter o poder de Laurent conseguiria me enfrentar? Nem daqui mil anos!

— Ele não vai conseguir — dizia Niara enquanto dava de seu sangue para Açucena. A índia a sugava ferozmente e até a deixou tonta pela falta de sangue.

Açucena, com a pele ainda ressecada, colocou-se em pé e gritou para Henry:

— Por que você não vem lutar com uma vampira mais antiga? Ou está com medo de enfrentar uma selvagem?

Ele mirou-a com os olhos em chamas e largou Augusto na mesma hora. Açucena não esperou vê-lo vir atrás de si, simplesmente pulou para fora daquele cômodo destruído, chegando ao saguão do prédio e em seguida ganhando a rua. Do outro lado da via avistou um extenso gramado com várias árvores. *Chegou a hora de acabar com tudo isso*, pensou e correu para lá. Colocou a mão sobre a árvore de tronco mais largo e se desculpou antes de sugar toda a energia vital da planta. A árvore secou como também as outras ao seu redor e a grama.

Henry surgiu segundos depois. Açucena agradeceu por ele ser vingativo e impulsivo, pois aprendera a lidar com aquele tipo de pessoa durante os anos que passou ao lado de seu amado. Ela sequer deixou que Henry fizesse alguma coisa e o envolveu com raízes. Ele ainda tentou se desvencilhar, porém não conseguiu. Além das plantas o prenderem também sugavam sua energia, que já não era mais a mesma do começo da batalha.

As pontas dos dedos do vampiro já ganhavam a coloração esverdeada e a pele começava a secar. Açucena sorriu e se aproximou dele, sempre controlando as raízes que o seguravam.

— Será que a selvagem vai derrotar o líder do Conselho Internacional? — indagou com desdém.

— Vou acabar com você! — a mirou no fundo dos olhos, mas antes que cogitasse usar a habilidade, uma grossa raiz lhe cobriu os olhos.

— O que você disse mesmo? — foi a vez de Açucena rir. — Deixa eu te contar um segredinho, Henry, mas não conta para ninguém. Eu sou uma bruxa e a vampira mais poderosa do Brasil e quem sabe do mundo. Você focou na pessoa errada. Miguel pode ser forte e o líder do Conselho, porém eu que fico por trás de tudo. Você não sabia, não é? Claro que não, nunca se importou com os outros países e muito menos com um subdesenvolvido — olhou para o lado e uma roseira cresceu instantaneamente. A índia colheu uma única rosa e a beijou, deixando-a completamente sem a coloração vermelha. Colocou a flor no bolso da calça do vampiro. — Você nem sabe que o símbolo do nosso Conselho é a rosa branca — suspirou. — Mas enfim, seu reinado acaba aqui e a partir de hoje a sede do Conselho Internacional será no Brasil com Miguel como líder.

— Maldita! — esbravejou ele quase sem voz. Uma raiz entrou por sua boca e ajudou a roubar o restante de sua energia. Henry se debateu, porém as forças esvaíram, deixando-o sem mais nada e com o corpo seco como um graveto.

— Muito bem, Açucena — ela virou-se alarmada para o lado vendo Kendrick se aproximar batendo palmas. — Vejo que conseguiu dar um jeito no Henry.

— Sim — deu um passo para frente e uma tontura tomou conta de si. Só não caiu porque Huxley a amparou.

— Os outros estão vivos? — indagou Louella.

— Estão — Açucena quase fechava os olhos.

— Vamos ajudá-los — disse a criatura para Huxley, que concordou com um movimento de cabeça e com a índia nos braços foi para dentro do prédio, seguido de perto por Louella.

Kendrick continuou na rua observando um Henry morto.

— Agora entra a nossa vez, milorde — zombou sorrindo largamente e encarando o defunto. — Você será de grande ajuda para a nossa missão de vingança. Agora quem será usado será você.

Avistou ao longe três vampiros vindo. Assim que Rafaela, Anderson e Endo chegaram, foram avisados que tudo estava bem e que os demais precisavam de ajuda. Eles assentiram e adentraram o prédio enquanto a criatura de olhos azul-petróleo não os desgrudava de Henry. Um largo sorriso dominava seu rosto.

Kendrick e as outras criaturas já tinham todo o plano traçado em suas mentes, o único empecilho era de que não poderiam realizá-lo no presente momento, pois teriam que aguardar a maioria de uma pequena menininha que agora era deixada por seus pais vampiros na casa de humanos para ser criada como um. Tal atitude de Diogo e Júlia atrapalharia um pouco o andar da carruagem. No entanto, antes de saírem do submundo, Kendrick já resolvera isso, deixando para Henrique a tarefa de educar a menina.

Agora era só esperar aqueles vinte e dois anos passarem rapidamente.

Capítulo 37

Os jornais e noticiários ingleses estavam abarrotados com fotos e comentários sobre o ocorrido na Westminster Bridge. Ninguém sabia exatamente o que causou o desmoronamento da ponte, ainda mais por não haver nenhum sobrevivente. Alguns diziam que fora um atentado terrorista e outros um terremoto de grandes proporções. Contudo, não fora registrado nenhum tremor, o que deixara as coisas ainda mais estranhas e confusas, e cada vez mais gente dava credibilidade para a possibilidade de terrorismo, ainda mais pela tragédia ter sido ao lado de um dos cartões postais londrinos e por ter causado tantas mortes.

Os corpos que ficaram pelo local foram recolhidos e levados para o IML. Por sorte nada no corpo dos vampiros indicava que eles eram vampiros e com isso passaram despercebidos.

Isso é, até desaparecerem por causa da luz solar e aí sim causar pânico por todo o IML. Contudo, quem daria credibilidade para tal ocorrido? Tudo não passava de loucuras mentais daquelas pessoas que não faziam outra coisa a não ser trabalhar com defuntos.

As investigações se arrastaram por mais algumas semanas e não se chegou a nenhuma conclusão plausível.

Saiu do transe e virou-se na cama. Apoiou-se no cotovelo e perdeu a noção do tempo que ficou admirando os cabelos castanhos dela caídos sobre o travesseiro. Assim que Kate moveu levemente o rosto, Farrell colocou seu cabelo para trás da orelha e beijou carinhosamente a ponta de seu nariz.

— É maravilhoso poder dormir e acordar do seu lado — falou ele quando ela abriu os olhos.

— Digo o mesmo — sorriu e o beijou.

— Então, o que a líder do Conselho Inglês fará essa noite? — acariciou seu rosto e desceu os dedos até chegar à marca de diamante entre seus seios.

— Vou acompanhar o pessoal até o aeroporto — tirou a mão dele de sua marca e sentou-se na beirada da cama.

— Você não vai me explicar o que é isso aí? Está desviando do assunto faz tempo. Antes pensava que não era nada de mais, mas agora sei que é. Me conta o que é isso — beijou-lhe na nuca.

Kate suspirou e o encarou.

— Você já se perguntou de onde vieram os vampiros? — ele negou com a cabeça. —

Pois bem, Henry e eu somos os primeiros vampiros — Farell ficou boquiaberto. — Mas eu fui a experiência que deu errado.

— Como assim?

— O diabo queria brincar com Deus e causar desgraça aos humanos, como sempre. Com isso, ele recolheu dois humanos, Henry e eu, para essa sua brincadeira. Não sei direito como aconteceu, não me lembro, mas ele fez experiência conosco, até que nos matou e ficou com nossas almas, deixando-nos presos nesses corpos para sempre. Depois disso nos jogou de volta ao mundo humano e mandou que nós os caássemos. Mas uma coisa que ele não previu foi que desenvolveríamos fraquezas, como o alho, a prata e principalmente o sol — fez uma pausa para pensar. — Ele também queria que nós procriássemos, mas descobrimos que não nos era possível. Eu desenvolvi meus poderes muito mais rápido do que Henry, mas as coisas começaram a sair do controle. Ganhei aquela forma horrenda e comecei a matar sem piedade. No início o diabo gostou, mas em seguida, Deus criou as bruxas, energia boa para proteger os humanos de nós. E logo elas me encontraram e selaram esse meu lado. É basicamente isso — deu de ombros e tocou a marca entre os seios.

— Mas por que só você é assim?

— Eu desenvolvi. É do meu sangue que vem a habilidade dos vampiros. Henry passou décadas sem poder algum e quando reclamou disso, o diabo pegou uma boa quantidade do meu sangue e injetou nele. Se não fosse isso nem Henry e ninguém teria habilidade.

— Elas devem se desenvolver conforme a personalidade do vampiro porque isso aconteceu com você, não é? — ela deu de ombros novamente. — Mas se você está selada, como conseguiu se libertar?

— Posso fazer isso sempre que quiser porque o selo deixa essa minha parte mais fraca e com isso consigo controlá-la. Porém, o preço é muito alto e posso morrer a qualquer momento enquanto estiver usando. Por isso evito.

— Você nunca pensou em se desfazer do selo?

— Não. Eu gosto dele, me deixa sob controle — sorriu. — As bruxas fizeram um grande favor para mim.

— Só não entendo uma coisa — falou, torcendo os lábios.

— O quê?

— Por que o Henry virou líder do Conselho e você sempre teve medo dele já que era mais poderosa?

— Quem criou o Conselho foi o Henry, por isso era o líder. E com minha força selada eu não poderia bater de frente com ele e também nem queria. E eu fui criada para ser submissa a ele, como todas as mulheres da época. Só comecei a ter mais vontade própria quando conheci você. E não faz nem 100 anos que as mulheres têm voz nesse mundo.

— Mas agora você é a líder e ele morreu — beijou-lhe no pescoço.

— Não me importo tanto com isso — sorriu e lhe afagou os cabelos cacheados. — O mais importante disso tudo é que posso ficar com você por toda a eternidade.

Beijaram-se apaixonadamente e deitaram-se na cama. Agora poderiam se amar sem maiores preocupações.

Três carros deixaram o edifício do Conselho Inglês e se direcionaram para o aeroporto. Os vampiros brasileiros despediram-se de Kate e Farell e embarcaram de volta para o Brasil.

Augusto trancou-se em sua cabine da primeira classe e lá ficou por toda a longa viagem. Não queria pensar em mais nada além do vazio que o dominava interiormente. Perguntava-se se realmente tudo aquilo valera a pena já que perdera a mulher que mais amou na vida.

Agradeceu quando o transe veio e o livrou daqueles pensamentos.

Desembarcaram no Aeroporto Internacional de Guarulhos e se encaminharam para pegarem as malas e depois para o portão de desembarque. Assim que Augusto passou pelo portão e avistou pessoas os esperando, sua garganta deu um nó.

Não muito distante dele estavam Diogo, Júlia, Fábio, Leandro, Vítor e Henrique. Seu irmão acenou ao vê-lo. Augusto respirou fundo e continuou com seu trajeto. O primeiro que o abraçou foi Diogo.

— Tudo bem, Augusto? — perguntou o rapaz de olhos verdes notando algo de diferente nele.

Augusto meneou positivamente a cabeça e cumprimentou os outros. Ao chegar em Henrique, foi abraçado com força.

— Eu sei que não está nada bem, isso está estampado na sua cara — sussurrou Henrique. — O que houve? Onde está a Samantha?

Augusto encostou a testa no ombro no irmão e deixou as lágrimas de sangue virem.

— Ela morreu — contou, sendo abraçado mais fortemente por Henrique. — Eu não sei mais o que fazer daqui para frente, Henrique. Estou completamente perdido, sem chão.

— Não consegue trazê-la de volta como fez comigo?

— Não. Para isso eu precisaria de um parente de sangue bem próximo, por exemplo um filho, e ela nunca teve um.

— Sinto muito, Augusto.

— Pelo menos ainda tenho você, meu irmão.

Henrique concordou e o conduziu para fora. Uma van os aguardava e todos os vampiros

foram levados para São Paulo.

Miguel era agora o líder do Conselho Internacional dos vampiros e tal cargo requeria grandes responsabilidades, sendo a primeira delas avisar para o Conselho Francês que seu líder fora morto e para que escolhessem um novo líder e após isso, ele viesse até o Brasil para ser apresentado oficialmente aos seus superiores.

Enquanto Miguel tomava conta desses assuntos, Açucena precisou ir até Tocantins, Maranhão e Rio Grande do Sul para a escolha dos novos chefes de Estado. E depois reuniu-se com as bruxas e as ajudou com o feitiço de proteção dos vampiros e humanos contra as criaturas.

O encantamento foi realizado com sucesso e a partir daquele momento, vampiros, criaturas e bruxas poderiam viver sem maiores problemas ou preocupações.

Será?

O que nenhum vampiro sabia era que Kendrick, Louella e Huxley trouxeram consigo da Inglaterra o corpo de Henry. O defunto foi escondido na antiga morada das criaturas: o submundo. No momento eles não faziam nada com ele, mas o guardariam para a hora mais oportuna e assim poderiam ter sua vingança que fora planejada minuciosamente por décadas, começando com a morte de um vampiro de olhos verdes até o envolvimento de dois adolescentes, cujo amor gerou a arma para esse combate: uma criança nem vampira e nem humana e que não se encaixava no feitiço das bruxas. Uma criança que fugia do equilíbrio, podendo matar humanos, vampiros e bruxas.

Uma criança de olhos verde-esmeralda e cabelos avermelhados.

A autora

Jéssica Anitelli é uma leitora voraz de fantasia, mas nos últimos tempos descobriu gostar de ler de tudo um pouco, variando entre os gêneros.

Nasceu na cidade de Leme/SP em 1990 e atualmente mora em São José dos Campos/SP. É formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e escritora em tempo integral.

Escreve desde os 17 anos quando deu início aos primeiros capítulos da sua obra de estreia no mundo literário, *O Punhal*, uma história de vampiros dividida em quatro livros que tem como palco sua pequena cidade natal no interior de São Paulo.

É também autora dos romances eróticos *Volúpia*, publicado pela Editora Literata, *Notas de Luxúria* e *O Aroma da Sedução*, lançados em versão digital pela Amazon.

Outras obras da autora disponíveis na Amazon:

O Punhal (livro 1)

O Ritual (livro 2) – série O Punhal

Volúpia: do desejo ao amor – romance erótico

Notas de Luxúria – romance erótico

O Aroma da Sedução – romance erótico

Eterna Maldição – conto sobrenatural de vampiros

Entre em contato pelo e-mail jessianitelli@gmail.com